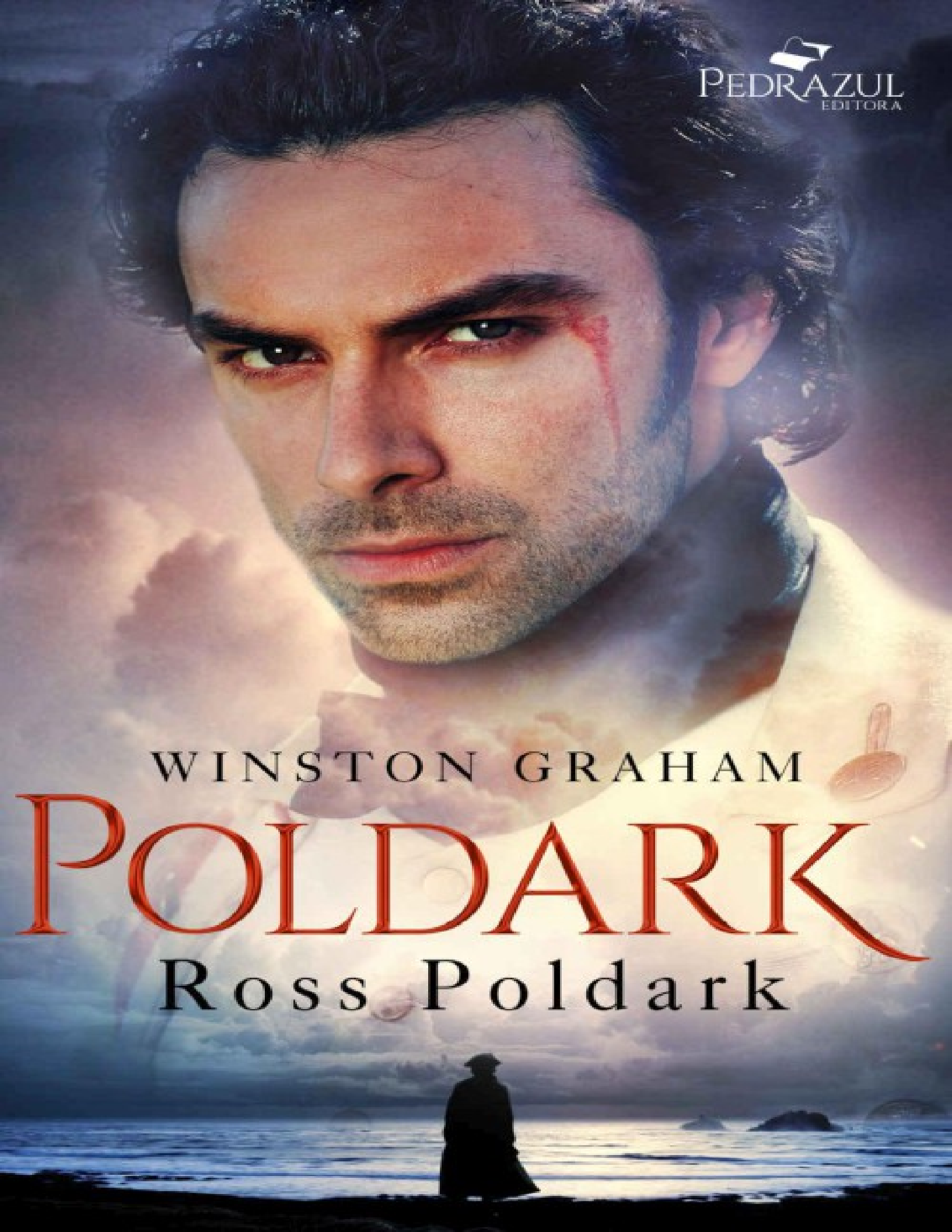
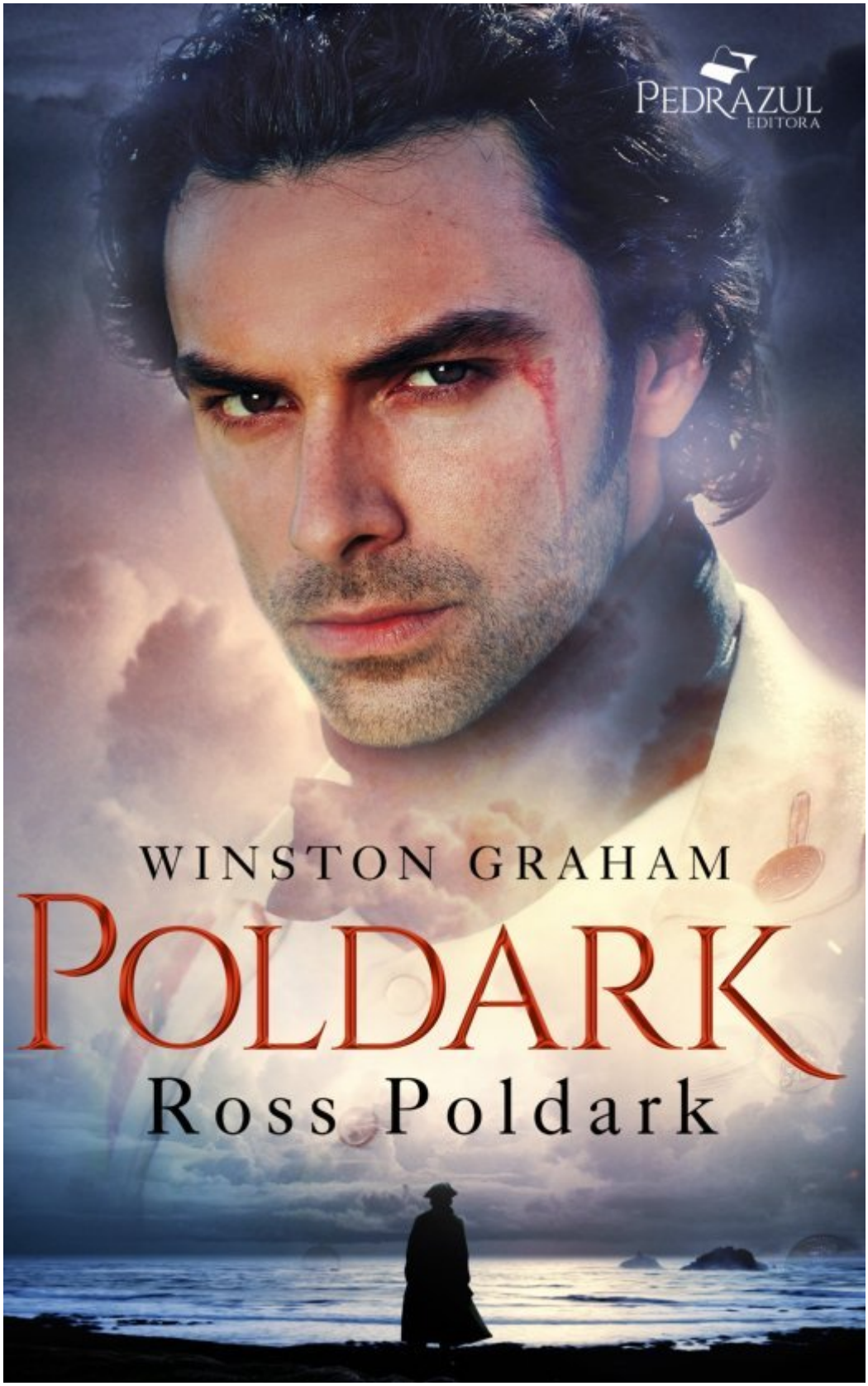

PEDRAZUL
EDITORA
WINSTON GRAHAM
POLDARK
Ross Poldark


PEDRAZUL
EDITORA
WINSTON GRAHAM
POLDARK
Ross Poldark

Sumário

Prólogo
LIVRO 1
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
LIVRO 2
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis

Capítulo Sete
Capítulo Oito
LIVRO 3
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze

Prólogo

1

Joshua Poldark morreu em março de 1783. Em fevereiro daquele ano, sentindo que seu tempo de vida estava se encurtando, ele chamou por seu irmão de Trenwith. Charles veio desequilibrando-se sobre seu cavalo de cor mesclada em uma tarde fria e cinzenta, e Prudie Paynter, gorda de cabelo escorrido e face escura, o levou diretamente até o quarto onde Joshua estava deitado, reclinando-se sobre travesseiros e almofadas numa grande cama estilo box com portas de madeira, fechando-as. Charles olhou cinicamente em volta do cômodo com seus pequenos olhos azuis claros, para a desordem e a sujeira, então tirou seu sobretudo e sentou-se em uma cadeira de vime que chiou sob o seu peso.

– Então, Joshua.

– Então, Charles.

– Este é um negócio ruim.

– Ruim, de fato.

– Quando você acha que estará de pé novamente?

– Não há como dizer. Acho que o cemitério da igreja exercerá uma atração forte.

Charles fez biquinho com seu lábio inferior. Ele teria deixado o comentário passar se não tivesse ouvido rumores sobre a possibilidade contrária. Ele estava com um pouco de soluço – cavalgar sempre o deixava com gases hoje em dia – e o assegurou de coração.

– Besteira, homem. A gota nas pernas nunca matou ninguém. É quando ela chega à cabeça que é perigosa.

– Choake me disse algo diferente, que há outra causa para o inchaço. Pela primeira vez, eu duvido se o velho tolo não está realmente certo. Apesar de que, para dizer a verdade, de acordo com todas as aparências, é você quem deveria estar deitado aqui, já que eu só tenho metade do seu tamanho.

Charles olhou para baixo para a paisagem de um colete preto bordado se estendendo debaixo de seu queixo.

– A minha é uma carne saudável. Todo homem ganha peso em seus anos intermediários. Eu não gostaria de ser uma jarda de água bombeada como o primo William-Alfred.

Joshua levantou uma sobrancelha irônica, mas não disse mais nada. Fez-se silêncio. Os irmãos haviam tido pouco a dizer um para o outro por muitos anos e neste último encontro deles não era fácil de se encontrar conversa fiada. Charles, o mais velho e mais próspero, que herdara a casa da família, as terras e a maior parte dos interesses em mineração, o chefe da família e uma figura respeitada no condado, nunca havia conseguido se livrar de uma suspeita de que seu irmão mais novo o detestava. Joshua sempre havia sido um espinho em sua carne. Joshua nunca estava satisfeito em fazer as coisas que eram esperadas dele: entrar para a Igreja ou para o Exército, ou se casar adequadamente e deixar Charles administrar o distrito sozinho.

Não é que Charles se importasse com alguns lapsos, mas havia limites e Joshua os havia ultrapassado. O fato de que ele havia se comportado nos últimos anos mais recentes não quitava as velhas queixas.

Quanto a Joshua, um homem com uma mente cínica e poucas ilusões, ele não tinha reclamações da vida ou de seu irmão. Havia vivido a primeira até o limite e ignorava o segundo. Havia alguma verdade em sua resposta ao próximo comentário de Charles de que, ‘Oras, homem, você ainda é bem jovem. Dois anos mais novo que eu, e eu estou em forma e bem. Aarf!’

Joshua disse: – Dois anos em idade, talvez, mas você só viveu com a metade da minha velocidade.

Charles chupava a ponta escura de sua bengala e olhava de lado para o quarto sob pálpebras pesadas.

– Essa maldita guerra ainda sem resolução. Os preços voando. O trigo a sete libras e oito xelins o cesto. Manteiga a nove centavos uma libra. Eu queria que o preço do cobre fosse o mesmo. Estamos pensando em cortar em um nível novo em Gramber. Oitenta braças de profundidade. Talvez isso compense o dinheiro gasto inicialmente, mas eu duvido. Você tem feito muito com seus campos este ano?

– Era sobre a guerra que eu queria falar com você – disse Joshua, se erguendo contra os travesseiros com dificuldade e com falta de ar. – Agora devem restar apenas meses até que a paz provisória seja confirmada. Depois Ross estará em casa e talvez eu não esteja aqui para recebê-lo. Você é meu irmão, apesar de nunca termos nos dado muito bem. Eu quero lhe dizer como as coisas estão e apontar você para tomar conta de tudo até que ele volte.

Charles tirou a bengala de sua boca e sorriu de maneira defensiva. Ele parecia que tinham lhe pedido um empréstimo.

– Eu não tenho muito tempo, você sabe.

– Não vai tomar muito do seu tempo. Eu tenho pouco ou nada para deixar. Há uma cópia do meu testamento na mesa ao seu lado. Leia quando quiser. Pearce tem o original.

Charles procurou com sua mão inchada e desastrada e pegou um pedaço de pergaminho da mesa instável de três pernas atrás de si.

– Quando foi a última vez que você teve notícias dele? – ele perguntou. – O que deverá ser feito se ele não voltar?

– A propriedade irá para Verity. Venda-a se encontrar algum comprador; ela atrairá poucos. Isso está no testamento. Verity ficará com a minha parte de Grambler também, já que ela é única de sua família que veio aqui desde que Ross foi embora. Joshua assoou seu nariz no lençol sujo. – Mas Ross voltará. Eu recebi notícias dele desde que as batalhas cessaram.

– Ainda há muitos perigos.

– Eu tenho um pressentimento – disse Joshua. – Uma convicção. Quer fazer uma aposta? Nós acertaremos as contas quando nos encontrarmos. Haverá algum tipo de moeda no próximo mundo.

Charles olhou novamente para o rosto amarelado e cheio de linhas que outrora fora tão bonito. Ele ficou um pouco aliviado que o pedido de Joshua não era mais do que isso, mas relaxou sua cautela devagar. E a irreverência num leito de morte o pareceu como um descuido desnecessário.

– O primo William-Alfred veio nos visitar outro dia. Ele perguntou por você.

Joshua fez uma careta.

– Eu o contei como você estava doente – Charles prosseguiu. – Ele sugeriu que embora você possa não querer chamar o reverendo Mr. Odgers, talvez você queira um consolo espiritual de alguém de sua própria família.

– O que quer dizer ele.

– Bom, ele é o único ordenado, agora que o marido de Betty se foi.

– Eu não quero nenhum deles – disse Joshua. – Embora, sem dúvida, ele tenha uma intenção bondosa. Mas, se ele pensou que me faria bem confessar meus pecados, ele achou que eu iria preferir contar meus segredos para alguém de meu próprio sangue? Não, eu preferiria falar com Odgers, mesmo ele sendo um pequeno passarinho quase esfomeado. Mas não quero nenhum deles.

– Se você mudar de ideia – disse Charles, – mande Jud vir até mim com uma mensagem.

– Aarf! – Joshua grunhiu. – Eu saberei cedo o bastante. Mas, mesmo que houvesse alguma coisa em toda aquela pompa e oração deles, eu deveria chamá-los neste momento? Eu vivi a minha vida e, por Deus, como eu a aproveitei! Não há mérito algum em ficar choramingando agora. Eu não tenho pena de mim mesmo e não quero que ninguém mais tenha. Enfrentarei o que está por vir. Isso é tudo.

Fez-se silêncio no quarto. Lá fora o vento batia e mexia com as paredes e as pedras.

– Já está na hora de eu ir embora – disse Charles. – Esses Paynters estão deixando a sua casa virar uma bagunça incrível. Por que você não arruma alguém confiável?

– Estou velho demais para trocar de burros. Deixe isso para Ross. Logo ele corrigirá as coisas.

Charles arrotou incrédulo. Ele não tinha uma opinião boa das habilidades de Ross.

– Ele está em Nova York agora – disse Joshua. – Parte das tropas de defesa. Ele já se recuperou de seu ferimento. Foi sorte ele ter escapado da tomada de Yorktown. É um capitão agora, você sabe. Ainda está no 62º regimento. Não sei onde coloquei a carta dele, senão te mostraria.

– Francis é uma grande ajuda para mim hoje em dia – disse Charles. – Assim como Ross teria sido para você, se ele estivesse em casa ao invés de ficar perseguindo os franceses e os colonizados.

– Havia mais uma coisa – disse Joshua. – Você tem visto ou soube de Elizabeth Chynoweth esses dias?

Depois de uma refeição pesada, as perguntas levavam um tempo a se transmitirem para o cérebro de Charles, e, no que se tratava de seu irmão, elas precisavam ser examinadas para encontrar motivos escondidos. – Quem é essa? – ele disse sem jeito.

– A filha de Jonathan Chynoweth. Você a conhece. Uma menina magra e bonita.

– Bom, o que tem ela? – disse Charles.

– Eu estava perguntando se você a vira. Ross sempre a menciona. Ele está contando que ela estará aqui quando ele voltar, e eu acho que é uma união adequada. Casar-se cedo irá apaziguá-lo, e ela não poderia encontrar um homem mais decente. Duas boas e antigas famílias. Se eu estivesse de pé, teria ido visitar Jonathan no Natal para definir isso. Nós já falamos disso antes, mas ele disse para esperar até que Ross voltasse.

– Está na hora de eu ir embora – disse Charles, levantando da cadeira com um chiado. –Espero que o menino se estabeleça bem quando retornar, quer ele se case ou não. Ele estava em má companhia com a qual nunca deveria ter se metido.

– Afinal, você viu os Chynoweths? – Joshua se recusou ver seu assunto ser desviado por referências às suas próprias deficiências. – Estou isolado do mundo aqui, e Prudie tem um ouvido que não escuta nada além de escândalos em Sawle.

– Ah, nós os vemos passar de vez em quando. Verity e Francis os viram em uma festa em Truro neste verão – Charles olhou pela janela. – Maldito seja se aquele não for o Choake. Bom, agora você terá mais companhia, e eu pensei que você tinha dito que ninguém nunca vinha vê-lo. Eu preciso ir.

– Ele só veio para investigar o quão mais rapidamente as suas pílulas estão acabando comigo. Ou isso, ou para falar sobre a

política dele. Como se eu me importasse se o Fox está em suas terras ou caçando galinhas conservadoras.

– Como você quiser – para alguém de seu tamanho, Charles se moveu rapidamente, pegando seu chapéu e luvas e se preparando para ir embora. Enfim ele ficou de pé sentindo-se desconfortável ao lado da cama, pensando na melhor maneira de se despedir, enquanto o ploc-ploc das ferraduras de um cavalo ecoava pela janela.

– Diga a ele que eu não quero vê-lo – disse Joshua irritado. – Diga que dê suas poções para a sua esposa tola.

– Acalme-se – disse Charles. – Tia Agatha mandou lembranças, não posso me esquecer disso; e ela disse que você deveria tomar cerveja quente, açúcar e ovos. Ela diz que isso irá lhe curar.

A irritação de Joshua desapareceu.

– Tia Agatha é um velho nabo sábio. Diga a ela que farei o que ela disse. E diga a ela que eu guardarei um assento para ela ao meu lado – ele começou a tossir.

– Tchau para você – disse Charles apressadamente e se esquivou para fora do quarto.

Joshua foi deixado sozinho.

Ele havia passado muitas horas sozinho desde que Ross se fora, mas não parecia se importar com isso até ter ficado de cama, há um mês. Agora essas horas estavam começando a deprimi-lo e a encher sua mente com ilusões. Um homem da natureza, para quem o impulso de todos os seus dias havia sido a atividade, essa vida dolorosa, sombria, confinada a uma cama não era uma vida de maneira alguma. Ele não tinha nada a fazer com o seu tempo, a não ser pensar sobre o passado, e o passado não era sempre o assunto mais elegante. Ele continuava pensando em Grace, sua esposa morta havia muitos anos. Ela havia sido o seu mascote. Enquanto ela vivia tudo havia corrido bem. A mina que ele abrira e nomeara em sua homenagem trouxera resultados ricos; a casa, começada com o orgulho e a esperança, fora construída; dois filhos fortes. Com suas próprias indiscrições deixadas para trás, ele havia sossegado, jurando rivalizar Charles de várias maneiras; ele havia construído esta casa com a ideia de que o seu próprio lado da

família Poldark teria raízes não menos seguras do que a principal árvore genealógica de Trenwith.

Com Grace, se fora toda a sua boa sorte. A casa parcialmente construída, a mina havia se esgotado e, com a morte de Grace, também se esgotara o seu incentivo para gastar dinheiro e se esforçar. A construção havia sido concluída de qualquer forma, embora muitas coisas não foram realizadas. Depois Wheal Vanity também se fechou, e o pequeno Claude Anthony morreu.

Ele podia ouvir Dr. Choake e seu irmão conversando na porta da frente: o tenor engrossado de seu irmão. A voz de Choake, profunda, lenta e pomposa. Raiva e impotência preencheram Joshua. O que diabos eles queriam perdendo tempo em sua entrada, sem dúvida falando sobre ele e assentindo com suas cabeças dizendo, bem, afinal de contas, o que mais poderia se esperar. Ele puxou a corda do sino ao lado de sua cama e esperou, enfurecido, pelo flip-flop das sapatilhas de Prudie.

Ela veio finalmente, nada graciosa e indistinta no vão da porta. Joshua olhou para ela sem enxergar direito na distância com a luz fraca.

– Traga velas, mulher. Você quer que eu morra no escuro? E diga para aqueles dois homens irem embora.

Prudie se curvou como um pássaro de mau agouro. – Dr. Choake e o senhor Charles, você quer dizer, hein?

– Quem mais poderia ser?

Ela saiu e Joshua se enfureceu novamente, enquanto havia o barulho de uma conversa baixa não muito longe de sua porta. Ele procurou sua bengala, decidido a se esforçar mais uma vez para levantar e andar até eles. Mas as vozes se levantaram novamente em despedidas e pôde se ouvir um cavalo se afastando sobre o chão de pedras em direção ao córrego.

Esse fora Charles. Agora quanto ao Choake...

Houve uma forte batida de um rebenque de montaria em sua porta e o cirurgião entrou.

Thomas Choake era um homem de Bodmin que praticava medicina em Londres, havia se casado com a filha de um cervejeiro e voltara para seu condado nativo de Cornwall para comprar uma pequena propriedade perto de Sawle. Ele era um homem alto e

desajeitado com um vozeirão, sobrancelhas grisalhas e uma boca impaciente. Em meio à *gentry* mais baixa, a sua experiência em Londres o colocara em uma posição favorável; eles achavam que ele estava à frente das noções fisiológicas mais atuais. Ele foi o médico de várias minas da região, e com a lâmina ele tinha a mesma abordagem de pescoço-ou-nada que tinha nos campos de caça.

Joshua o considerava uma fraude e pensou várias vezes em chamar o Dr. Pryce de Redruth. Somente o fato de que ele não tinha tanta confiança nem em Dr. Pryce o impedira de fazer isso.

– Bem, bem – disse Dr. Choake. – Então temos tido visitas, hein? Nós vamos nos sentir melhor, sem dúvida, com a visita de seu irmão.

– Eu tirei algumas tarefas de minhas mãos – disse Joshua. – Esse foi o meu motivo para convidá-lo.

Dr. Choake procurou o pulso do inválido com dedos pesados. – Tussa – disse ele.

Joshua obedeceu de má vontade.

– Nossa condição continua a mesma – disse o médico. – O temperamento ruim não aumentou. Nós estamos tomando as pílulas?

– Charles tem o dobro do meu tamanho. Por que você não vai medicar ele?

– Você está doente, Mr. Poldark. O seu irmão não está. Eu não prescrevo, a não ser que me chamem para fazer tal coisa – Choake puxou os lençóis e começou a inspecionar a perna inchada de seu paciente.

– É uma montanha aquele camarada – resmungou Joshua. – *Ele* nunca mais enxergará os seus próprios pés.

– Oras, vamos lá; o seu irmão não é fora do comum. Eu me lembro de quando estava em Londres...

– Urgh!

– Isso doeu?

– Não – disse Joshua.

Choake apertou novamente para se certificar. – Há uma melhora visível na condição de nossa perna esquerda. Ainda há água demais em ambas. Se nós pudéssemos fazer com que o

coração a bombeasse para fora... Lembro-me bem de quando estava em Londres e fui chamado para ver a vítima de uma briga em uma taverna em Westminster. Ele havia brigado com um Judeu italiano, que pegou uma adaga e a enfiou na barriga de meu paciente. Mas a gordura de proteção era tão espessa, que descobri que a ponta da faca não tinha nem penetrado o intestino. Um camarada de tamanho considerável. Deixe-me ver, eu lhe fiz sangria na última vez que vim aqui?

– Você fez.

– Acho que podemos não fazer desta vez. Nosso coração está propenso a se agitar. Controle a cólera, Mr. Poldark. Um temperamento equilibrado ajuda o corpo a expelir os líquidos apropriados.

– Diga-me – disse Joshua. – Você soube de algo sobre os Chynoweths? Os Chynoweths de Cusgarne, você sabe. Eu perguntei ao meu irmão, mas ele me deu uma resposta evasiva.

– Os Chynoweths? Eu os vejo de vez em quando. Acho que estão bem de saúde. É claro, eu não sou o médico deles e não nos vemos socialmente.

Não, pensou Joshua. Mrs. Chynoweth se importará com isso. – Eu farejo algo astuto em Charles – ele disse sagazmente. – Você viu Elizabeth?

– A filha? Ela está por aí.

– Havia um acordo com relação a ela entre mim e o seu pai.

– Mesmo? Eu não tinha ouvido falar.

Joshua se ergueu usando os travesseiros. Sua consciência havia começado a incomodá-lo. Estava tarde demais para o desenvolvimento dessa aptidão que há muito fora adormecida, mas ele sentia um carinho por Ross, e durante as longas horas de sua doença, ele havia começado a se perguntar se não deveria ter feito mais para manter vivos os interesses de seu filho.

– Acho que mandarei Jud ir até lá amanhã – ele balbuciou. – Pedirei a Jonathan para vir me ver.

– Eu duvido que Mr. Chynoweth esteja desocupado; as Quartas Sessões são nesta semana. Ah, que visão boa!...

Prudie Paynter entrou com duas velas se movimentando de maneira pesada. A luz amarela mostrava a sua face suada e

avermelhada com sua cortina de cabelo preto.

– Chamou o seu doutor, não é? – ela perguntou com um sussurro gutural.

Joshua, irritadiço, castigou o doutor. – Eu já lhe disse antes, Choake; pílulas eu engulo, com a ajuda de Deus, mas xaropes e poções eu não encaro.

– Lembro-me bem – Choake disse refletindo – quando era um jovem praticando em Bodmin, um de meus pacientes, um cavalheiro idoso que sofria muito de Estrangulamento e pedra na bexiga...

– Não fique parada aí, Prudie – Joshua brigou com sua serviçal. – Saia.

Prudie parou de se coçar e saiu do cômodo relutantemente.

– Então você acha que estou me curando, hein? – Joshua disse antes que o cirurgião pudesse prosseguir. – Quanto tempo até que eu esteja de pé?

– Hm, hm. Uma leve melhora, eu disse. Ainda há muitos cuidados pela frente. Faremos você ficar de pé antes que Ross retorne. Tome as minhas prescrições regularmente e verá que elas lhe consertarão...

– Como está a sua esposa? – Joshua perguntou maliciosamente.

Interrompido novamente, Choake franziu a testa. – Bem o bastante, obrigado.

O fato de que a fofa e ciciante Polly, apesar de ter metade de sua idade, não havia acrescentado uma família ao dote que ela trouxera, era uma queixa antiga contra ela. Enquanto ela fosse infértil, ele não tinha influência alguma para dissuadir as mulheres de comprarem agripalma[1] e outras infusões menos respeitáveis de ciganos nômades.

2

O médico havia ido embora, e Joshua ficou sozinho mais uma vez – desta vez, sozinho até o amanhecer. Ele podia, ao puxar o cordão do sino persistentemente, chamar um relutante Jud ou Prudie até a hora em que eles fossem para a cama, mas,

depois disso, não havia mais ninguém, e, antes disso, eles demonstravam sinais de surdez conforme a doença dele se mostrava mais clara. Ele sabia que passavam uma boa parte de todas as noites bebendo, e uma vez chegaram a tal ponto que nada conseguia movê-los. Mas ele não possuía a energia para vigiá-los como nos velhos tempos.

Teria sido diferente se Ross estivesse aqui. Dessa vez Charles estava certo, mas apenas parcialmente. Havia sido ele, Joshua, quem tinha encorajado Ross a ir embora. Ele não acreditava em manter garotos em casa como lacaios extras. Deixe que eles encontrem seus próprios estribos. Além disso, não seria digno ter seu filho criado na corte para fazer parte de um abuso sobre os homens que pagam impostos, com as acusações relacionadas sobre o conhaque abundante e todo o mais. Não que os magistrados da Cornualha tivessem sido condenados, mas a questão das dívidas de jogo poderia ter sido mencionada. Não, era Grace quem deveria estar aqui, Grace que fora arrancada dele treze anos atrás.

Bom, agora ele estava sozinho e logo se juntaria à sua esposa. Não ocorreu a ele sentir surpresa de que outras mulheres em sua vida mal tocavam seus pensamentos. Elas haviam sido peões em um agradável e emocionante jogo, quanto mais impetuosas melhor, mas eram esquecidas logo após serem vencidas.

As velas se acabavam na corrente de ar vinda por baixo da porta. O vento estava aumentando. Jud havia dito que a maré estava alta nesta manhã; após uma frente fria eles estavam voltando à chuva e tempestades.

Joshua sentiu que gostaria de mais uma visão do mar, o qual, mesmo agora, ia de encontro aos rochedos atrás da casa. Ele não tinha nenhuma noção sentimental sobre o mar; não tinha afeição por seus perigos ou suas belezas; era para ele um conhecido próximo do qual cada virtude e falha, cada sorriso e birra ele conhecia bem.

A terra também. Long Field tinha sido arado? Quer Ross se casasse ou não, haveria muito pouco para sustentá-lo sem as terras.

Com uma esposa decente para administrar as coisas... Elizabeth era filha única; uma virtude rara que valia à pena ser levada em consideração. Os Chynoweths eram um pouco pobres, mas tinham alguma coisa. ‘Olhe aqui, Jonathan’, ele diria. ‘Ross não terá muito dinheiro, mas tem as terras, e isso sempre conta a longo prazo.

Joshua adormeceu. Ele pensava que estava lá fora caminhando ao redor dos limites de Long Field com o mar à sua direita e um vento forte pressionando contra seu ombro. Um sol brilhante aquecia suas costas e o ar tinha o gosto do vinho de um celeiro frio. A maré havia baixado em Hendrawna Beach, e o sol desenhava reflexos entremeados na areia molhada. Long Field não só tinha sido arado, mas já estava semeado e brotando. Ele contornou o campo até chegar no ponto mais distante de Damsel Point, onde a colina baixa se inclinava em degraus e pedregulhos até o mar. A água se levantava e redemoinhava, mudando de cor nas estantes de rochedos molhados. Com algum propósito especial em mente, ele desceu pelos rochedos até o mar frio; a água elevou até seus joelhos, enviando uma dor através de suas pernas desconfortavelmente, como a dor que ele havia sentido por conta do inchaço nesses últimos meses. Mas isso não o deteve, e ele se permitiu entrar na água até que ela batesse em seu pescoço. Então ele se afastou da margem. Estava cheio de alegria por poder entrar no mar novamente após um afastamento de dois anos. A letargia subiu pelos seus membros. Com o som das ondas em seus ouvidos e coração ele se deixou levar e afundar na escuridão fresca e macia.

Joshua dormia. Lá fora, os últimos vestígios da luz do dia saíam do céu silenciosamente e abandonavam a casa, as árvores, o córrego e as colinas na escuridão. O vento refrescava, soprando forte e constantemente do oeste, procurando por entre as ruínas da mina no monte, fazendo assobiar os topos das macieiras protegidas, levantando uma parte de palha solta em um dos celeiros, trazendo para dentro um pouco da chuva fria através da persiana quebrada da biblioteca, onde dois ratos fuçavam em meio à madeira e poeira raspando-as com movimentos bruscos. O córrego sibilava e borbulhava na escuridão e sobre ele um portão há tempos

necessitado de um conserto balançava de um lado para o outro em suas dobradiças. Na cozinha, Jud Paynter abria uma segunda garrafa de gin e Prudie colocava uma lasca de lenha fresca no fogo.

– O vento *tá* aumentando, maldição – disse Jud. – Sempre tem ventania. Sempre que você não a quer, há ventania.

– *Vamo* precisar de mais lenha antes da manhã – disse Prudie.

– Use este banco – disse Jud. – A madeira é dura, vai arder lentamente.

– Me dê uma bebida, seu verme – disse Prudie.

– Sirva-se a si mesma – disse Jud.

Joshua dormia.

LIVRO 1

Outubro de 1783 a Abril de 1785

Capítulo Um

1

Estava ventando. O céu pálido da tarde estava cheio de retalhos de nuvens. A estrada, mais empoeirada e mais desnivelada nesta última hora, estava coberta de folhas que faziam ruídos ao serem sopradas.

Havia cinco pessoas na carruagem: um homem magro, com uma face afunilada, vestindo um terno brilhante, parecendo ser um trabalhador de escritório; sua esposa, tão gorda quanto seu marido era magro, segurava contra seu peito um embolado confuso feito de tecidos rosas e brancos, dentro do qual aparecia um bebê bem novo. Os outros viajantes eram homens, ambos jovens, um era um clérigo pelos seus trinta e cinco anos, o outro era alguns anos mais novo.

Praticamente desde que a carruagem deixara St. Austell, havia silêncio dentro dela. A criança dormia profundamente, apesar do chacoalhar do veículo, do estrondo das janelas e do *clank* metálico das barras; nem as paradas a tinham acordado. De vez em quando, o casal trocava comentários em tons mais baixos, mas o marido magro não estava disposto a conversar, pois se sentia um pouco intimidado pela classe superior perto da qual ele se encontrava. O mais novo dos dois homens lia um livro durante a jornada, o mais velho abria com uma mão a desbotada e empoeirada cortina de veludo marrom e observava a paisagem rural por onde a carruagem passava.

Este homem era um mero substituto, vestindo sua roupa preta clerical que lhe dava uma aparência severa. Seu cabelo, que estava penteado para trás, era encaracolado acima e atrás das orelhas. O tecido que ele vestia era de qualidade fina e suas meias eram de seda. Sua face era alongada, perspicaz e denotava que ele não possuía senso de humor. Seus lábios eram finos e crispados, a fronte era vigorosa, porém, dura. O pequeno funcionário conhecia aquela face, mas não sabia o seu nome.

O clérigo se encontrava na mesma posição que o outro ocupante da carruagem. Meia dúzia de vezes seu olhar havia pousado sobre o cabelo grosso e sem pó à sua frente, e sobre a face de seu companheiro viajante. Quando eles não estavam a mais de quinze minutos de distância de Truro, e os cavalos haviam diminuído a velocidade para uma caminhada subindo a colina inclinada, o outro homem levantou o olhar de seu livro e seus olhares se encontraram.

– Você irá me perdoar, senhor – disse o clérigo em uma voz vigorosa. – Suas feições são familiares, mas estou com dificuldade em me lembrar de onde nos conhecemos. Foi em Oxford?

O jovem homem era alto, magro e de ossos largos, com uma cicatriz em sua face. Ele usava um sobretudo de montaria com enchimento no peito e um corte baixo na frente para mostrar o colete e os calções robustos, ambos em uma cor marrom mais clara. Seu cabelo, que tinha um leve tom de cobre em sua cor escura, estava penteado para trás e preso na nuca com uma fita marrom.

– Você é o reverendo Dr. Halse, não é? – disse ele.

O pequeno funcionário, que estava acompanhando essa conversa, fez uma expressão facial eloquente para sua esposa. Reitor de Towerdreth, Curador de St. Erme, diretor da Truro Grammar School, alto burguês da cidade e ex-prefeito, Dr. Halse era um personagem importante. Isso explicava a sua aparência. – Então você me conhece – disse Dr. Halse com um ar gracioso. – Normalmente tenho uma memória boa para rostos.

– Você teve muitos alunos.

– Ah, isso explica. A maturidade muda o rosto. E... hum, deixe-me ver... é o Hawkey?

– Poldark.

Os olhos do clérigo se espremeram fazendo esforço para se lembrar. – Francis, não é? Eu pensei...

– Ross. Você se lembrará melhor de meu primo. Ele continuou a estudar. Eu achava, e estava muito errado, que com treze anos minha educação já tinha ido longe o bastante.

O reconhecimento veio: – Ross Poldark. Ora, ora. Você está mudado. Eu me recordo agora – disse Dr. Halse, com um toque de

humor frio. – Você era um insubordinado. Eu tinha que lhe punir em intervalos frequentes, e depois você fugiu.

– Sim – Poldark virou a página de seu livro. – Um negócio ruim. E seus calcanhares estão tão inchados quanto minhas nádegas ficavam.

Duas manchas vermelhas surgiram nas bochechas do clérigo. Ele encarou Ross por um momento e depois se voltou para olhar pela janela.

O pequeno funcionário tinha ouvido falar dos Poldarks, tinha ouvido falar de Joshua, de quem nenhuma mulher casada ou solteira estava a salvo durante os seus anos 50 e 60 anos, como diziam. Este deveria ser o filho dele. Uma face incomum com seu par de fortes maçãs do rosto, uma boca grande e dentes brancos fortes. Os olhos eram de uma cor azul-acinzentada muito clara sob as pálpebras pesadas, que davam, a muitos dos Poldarks, aquele ar de sonolência ilusória.

Dr. Halse voltou a atacar.

– O Francis está bem, eu suponho? Ele está casado?

– Não que eu saiba, senhor. Estive na América por algum tempo.

– Nossa! Um erro deplorável, essa luta. Eu fui contra ela desde o início. –

– Você viu muito da guerra?

– Eu estive nela.

Eles, finalmente, haviam chegado ao topo da colina e o cocheiro estava afrouxando as rédeas com a descida à sua frente.

Dr. Halse franziu seu nariz pontiagudo: – Você é do partido conservador?

– Um soldado.

– Bom, não foi culpa dos soldados nós termos perdido. O coração da Inglaterra não estava investido nisso. Nós temos um velho negligente no trono. Ele não durará muito tempo. O príncipe tem visões diferentes.

A estrada na parte mais íngreme da colina era cheia de sulcos, a carruagem dava solavancos e balançava perigosamente. O bebê começou a chorar. Eles chegaram ao nível do chão e o homem ao lado do cocheiro fez um estrondo com sua buzina

quando eles entraram na rua St. Austell. Era uma tarde de terça-feira e havia poucas pessoas nas lojas. Duas crianças de rua seminuas corriam pelo comprimento da rua implorando por uma moeda de cobre, mas desistiram quando a carruagem entrou no lamaceiro da rua St. Clement. Entre muitos chiados e gritos, eles fizeram a curva acentuada da esquina, cruzaram o rio através da ponte estreita, chacoalharam sobre os pedregulhos de granito, viraram e reviraram novamente e, enfim, chegaram à taverna e hospedaria Red Lion.

No tumulto que se seguiu, o reverendo Dr. Halse saiu primeiro com uma rígida palavra de despedida e se foi, andando rapidamente sobre as poças de água da chuva e urina de cavalo até o outro lado da rua estreita. Poldark se levantou para ir em seguida, e o funcionário reparou, pela primeira vez, que ele era coxo.

– Posso ajudá-lo, senhor? – ele ofereceu, colocando seus pertences no chão.

O jovem recusou com um agradecimento e, sendo ajudado pelo lado de fora por um garoto do Correio, desceu da carruagem.

2

Quando Ross saiu da carruagem, estava começando a chover, uma chuva fina levada pelo vento, antes forte e incerta no côncavo entre as colinas. Ele olhou ao seu redor e fungou. Tudo lhe era muito familiar, um retorno ao lar tão verdadeiro quanto quando ele chegasse à sua própria casa. A rua de paralelepípedos estreita com o pequeno córrego borbulhando ao longo, as casas quase coladas umas às outras, com suas janelas arredondadas e cortinas de renda, muitas delas escondendo parcialmente faces que observavam a chegada da carruagem. Até mesmo os gritos dos meninos do Correio pareciam ter ganhado um som diferente e mais familiar.

Antigamente, Truro havia sido o centro da ‘vida’ para ele e sua família.

Uma cidade portuária e de mineração de estanho, *o centro* das compras e um elegante local de encontros, a cidade havia crescido rapidamente nos últimos anos. Casas novas e imponentes

surgiram em meio ao amontoado desordenado das antigas, como se para marcar a sua adoção como uma residência urbana de inverno de algumas das famílias mais antigas e poderosas da Cornualha. A nova elite também estava deixando sua marca: os Lemons, os Treworthys e os Warleggans, famílias que haviam lutado pela ascensão de suas origens humildes apoiadas nas ondas das novas indústrias.

Uma cidade estranha. Ele sentia isso mais ainda em seu regresso. Uma cidadezinha sigilosa e importante, aglomerada nas dobras das colinas, montada sobre e cercando seus muitos córregos, praticamente contornada por água corrente e conectada ao resto do mundo por vales, pontes e passarelas. Miasmas e outras doenças eram sempre abundantes.

Não havia nem sinal de Jud.

Ele foi mancando até a hospedaria.

– Meu rapaz deveria vir me encontrar – disse ele. – Paynter é o nome dele. Jud Paynter, de Nampara.

O proprietário míope olhou para ele. – Ah, Jud Paynter. Sim, nós o conhecemos bem, senhor. Mas não o vimos hoje. Você diz que ele deveria encontrá-lo aqui? Garoto, vá e verifique se Paynter está nos estábulos ou se esteve aqui hoje. Você o conhece?

Ross pediu um copo de conhaque e, antes que o recebesse, o garoto já estava de volta para dizer que Mr. Paynter não fora visto naquele dia.

– O combinado estava bem claro. Não importa – disse Ross. – Você tem um cavalo de montaria que eu possa alugar?

O proprietário esfregou a ponta de seu longo nariz. – Bom, nós temos uma égua que foi deixada aqui há três dias. Na verdade, nós ficamos com ela para quitar uma dívida. Não acho que haveria alguma objeção alugá-la para você, se pudesse me dar alguma referência.

– Meu nome é Poldark. Sou o sobrinho de Mr. Charles Poldark, de Trenwith.

– Oh, meu caro, sim; eu deveria tê-lo reconhecido, Mr. Poldark. Mandarei que a égua seja selada para você imediatamente.

– Não, espere. Ainda há um pouco de luz do dia. Deixe-a pronta dentro de uma hora.

Lá fora nas ruas novamente, Ross entrou na estreita ruela de Church Lane. Ao final dela, manteve-se à esquerda e, depois de passar pela escola onde sua educação chegara a um fim deselegante, ele parou em frente à uma porta na qual se lia: “Nat. G. Pearce. Tabelião e Comissário de Juramentos”. Ele ficou puxando o sino por algum tempo até que uma mulher cheia de pústulas o deixou entrar.

– Mr. Pearce *num tava* passando bem hoje – disse ela. – Vou ver se vai te receber.

Ela subiu pelas escadas de madeira e, depois de um intervalo de tempo, o convidou para subir por entre os corrimões destruídos por cupins.

Ross teve um apoio instável durante a sua subida, e foi levado até uma sala de espera. Mr. Nathaniel Pearce estava sentado numa poltrona em frente a uma grande lareira com uma perna envolta em curativos em cima de outra cadeira. Era um homem grande com uma face grande, de coloração quase arroxeada pelo calor excessivo.

– Oh, agora isso é uma surpresa, devo dizer, Mr. Poldark! Quão agradável! Você vai me perdoar por não me levantar; é o velho problema; cada crise parece pior do que a última. Sente-se!

Ross apertou sua mão úmida e escolheu uma cadeira que estivesse o mais longe possível do fogo sem ser mal educado. Estava insuportavelmente quente ali, e o ar estava velho e denso.

– Você irá se lembrar – disse ele, – eu lhe escrevi que estaria voltando nesta semana.

– Ah sim, senhor – erm – capitão Poldark; tinha me esquecido por um instante; que simpático me visitar em seu caminho para casa – Mr. Pearce ajustou sua peruca que, devido à sua profissão, tinha uma testeira alta e longa. – Estou abandonado aqui, capitão Poldark. Minha filha não me oferece companhia alguma. Ela se converteu para algum tipo de crença Metodista e sai quase toda noite para um grupo de oração. Ela fala tanto de Deus que isso me deixa muito envergonhado. Você precisa tomar uma taça de vinho das Canárias.

– Minha estadia será breve – disse Ross.

Certamente precisa ser, pensou Ross, *ou eu irei evaporar em suor*. – Estou ansioso para estar em casa novamente, mas pensei em visitá-lo no caminho. Sua carta só chegou até mim uma semana antes de partirmos de navio de Nova York.

– Minha nossa, que atraso; que choque isso seria; e você foi ferido; foi algo grave?

Ross relaxou sua perna. – Vejo pela sua carta que meu pai faleceu em março. Quem tem administrado a propriedade desde então, meu tio ou você?

Mr. Pearce coçou os cachos de pelos em seu peito sem perceber e disse: – Eu sei que você gostaria que eu fosse franco contigo.

– É claro.

– Bom, quando chegou a hora de vermos os negócios dele, senhor – erm – capitão Poldark, não parecia que ele havia deixado muita coisa para que qualquer um de nós administrasse.

Um sorriso apareceu lentamente na boca de Ross; isso o fez parecer mais novo, menos insociável.

– Naturalmente, tudo foi deixado para você. Eu lhe darei uma cópia do testamento antes de você ir embora; se você falecesse antes dele, então tudo seria de sua sobrinha, Verity. Além da propriedade em si, há pouco para herdar. Ai! Esta coisa está me dando pontadas malditas!

– Eu nunca vi meu pai como um homem abastado. Contudo, eu perguntei, e estava ansioso para saber disso por uma razão especial. Ele foi enterrado em Sawle?

O advogado parou de se coçar e espiou o outro homem astutamente.

– Você está pensando em se estabelecer em Nampara, capitão Poldark?

– Estou.

– Qualquer hora em que eu puder fazer algum negócio para você ficarei muito feliz. Eu diria – Mr. Pearce se apressou enquanto o jovem se levantava. – Eu diria que você poderá encontrar sua propriedade um pouco negligenciada.

Ross se virou.

– Eu mesmo não cavalguei até lá – disse Mr. Pearce –, esta perna, você sabe, muito me incomoda; e ainda não tenho cinquenta e dois, mas meu empregado foi até lá. Seu pai estava com uma saúde falha há algum tempo, e as coisas não são mantidas tão bem arrumadas e em ordem como você gostaria quando o mestre não está por perto, não é? Seu tio também não é mais tão jovem como antes. O Paynter irá encontrá-lo com um cavalo?

– Ele deveria ter feito isso, mas não apareceu.

– Então, meu caro senhor, por que não passar a noite conosco? Minha filha chegará em casa depois de suas orações, a tempo de fazer o jantar. Nós temos carne de porco; sei que temos porco; e uma cama excelente; sim, isso me cairia bem.

Ross pegou um lenço e secou seu rosto. – É muita bondade sua. Mas sinto que, já que estou tão perto de minha casa hoje, eu preferiria chegar até lá.

Mr. Pearce suspirou e, com dificuldade, sentou-se em uma posição mais ereta.

– Então me dê uma mão, sim? Eu lhe trarei uma cópia do testamento para você ler quando chegar em casa, se quiser.

Capítulo Dois

1

O jantar estava em progresso em Trenwith House.

Normalmente já teria acabado a esta hora. Quando Charles Poldark e sua família jantavam sozinhos, a refeição raramente levava mais do que duas horas, mas esta era uma ocasião especial. E, por causa dos convidados, a refeição ocorria no salão no centro da casa, um cômodo extremamente grande e bem arejado.

Havia dez pessoas sentadas na longa e estreita mesa de carvalho. Na cabeceira estava o próprio Charles, com sua filha Verity ao lado. À sua direita estava Elizabeth Chynoweth e ao lado dela Francis, seu filho. Depois deles estavam o senhor e a senhora Chynoweth, pais de Elizabeth, e na outra extremidade da mesa tia Agatha esmigalhava a comida macia e a mastigava entre suas gengivas sem dentes. Acima, do outro lado, o primo William-Alfred estava conversando com o doutor e a senhora Choake.

O peixe, as aves e os pratos de carne haviam sido terminados, e Charles acabara de pedir os doces. Em todas as refeições ele ficava incomodado com a corrente de ar, o que era um constrangimento para as convidadas mulheres.

– Ora – disse ele no silêncio de saciedade que havia tomado conta dos convidados – eu não sei por que vocês dois pombinhos não se casam amanhã ao invés de esperarem um mês ou mais. Aarf! O que está faltando? Têm medo de mudarem de ideia?

– De minha parte eu seguiria o seu conselho – disse Francis. – Mas o dia é de Elizabeth, além de ser meu.

– Um mísero mês é bem pouco tempo! – disse Mrs. Chynoweth, tateando o medalhão na renda lindamente encrustada com brilhantes em seu vestido. Sua vestimenta fina, entretanto, era desfigurada por um nariz longo e ganancioso. Ao vê-la pela primeira vez, uma pessoa sentiria um choque por tanta beleza estragada.

– Como alguém poderia esperar que *eu* me preparasse, ainda mais essa pobre criança? No casamento de uma filha, uma mãe revive o seu próprio casamento. Eu queria que nossos

preparativos fossem ainda mais extensos – ela olhou para seu marido.

– O que ela disse? – perguntou tia Agatha.

– Bom, é isso – disse Charles Poldark. – É isso. Eu suponho que nós devemos ser pacientes já que eles são. Bom, eu lhes faço um brinde. Ao casal feliz!

– Você já brindou a isso três vezes – protestou Francis.

– Sem problema. Quatro é um número que traz mais sorte.

– Mas eu não posso beber com você.

– Silêncio, garoto! Isso não tem importância.

Em meio a alguma risada o brinde foi bebido. Enquanto as taças tilintavam de volta à mesa, as velas foram trazidas. Então a governanta, Mrs. Tabb, chegou com as tortas de maçã, o bolo de ameixa e as geleias.

– Agora – disse Charles, agitando seu garfo e faca sobre a maior torta de maçã. – Eu espero que ela prove ser tão gostosa quanto parece. Onde está o *crème*? Oh, ali. Coloque um pouco para mim, Verity, minha querida.

– Desculpe-me – disse Elizabeth, quebrando seu silêncio. – Mas não sou capaz de comer mais nada.

Elizabeth Chynoweth era ainda mais magra do que sua mãe já fora antes e em seu rosto havia a beleza que sua mãe não possuía. Conforme a luz amarelada das velas empurrava a escuridão para longe e para cima em direção ao alto teto de vigas, a brancura fina dela chamava a atenção em meio às sombras do cômodo e em contraste com a madeira escura do encosto alto da cadeira.

– Besteira, criança – disse Charles. – Você é magra como um fantasma. Precisa de um pouco de sangue dentro de si.

– De fato, eu...

– Caro, Mr. Poldark – disse Mrs. Chynoweth de maneira mordaz –, olhando para ela você não acreditaria no quão obstinada ela pode ser. Por vinte anos eu tenho tentado fazê-la comer, mas ela simplesmente recusa os melhores pratos. Talvez você consiga persuadi-la, Francis.

– Estou muito satisfeito com ela do jeito que ela é – disse Francis.

– Sim, sim – disse seu pai. – Mas um pouco de comida... Ora, isso não faz mal a ninguém. Uma esposa precisa ser forte e estar bem de saúde.

– Oh, ela realmente é muito forte – Mrs. Chynoweth apressou-se em dizer. – Você ficaria surpreso com isso também. É algo de família, nada além da família. Eu também não era frágil quando era uma menina, Jonathan?

– Sim, minha querida – disse Jonathan.

– Maldição, como o vento está aumentando! – disse tia Agatha, mastigando seu bolo.

– Isso é algo que eu não consigo entender – disse Dr. Choake. – Como sua tia, embora surda, está sempre atenta aos sons da natureza.

– Creio que, na metade das vezes, ela imagina coisas.

– Isso eu não faço! – disse tia Agatha. – Como você ousa, Charles?

– Aquilo foi alguém na porta? – Verity se intrometeu.

Tabb estava fora do cômodo, mas Mrs. Tabb não tinha escutado nada. As velas fraquejavam com a corrente de ar e as cortinas de tecido adamascado vermelhas se moviam sobre as longas janelas como se uma mão as movesse.

– Esperando alguém, minha cara? – perguntou Mrs. Chynoweth.

Verity não enrubesceu. Ela tinha um pouco da aparência bonita de seu irmão, sendo pequena, de cabelos escuros e pálida, com a boca grande que vinha em alguns dos Poldarks.

– Imagino que seja a porta do abrigo das vacas – disse Charles, bebendo um gole grande de vinho do porto. – Tabb deveria ter consertado isso ontem, mas ele cavalgou comigo até St. Ann. Eu irei castigar o jovem Bartle por não fazer o seu trabalho.

– Eles *fassem* isso – balbuciou Mrs. Choake para Mr. Chynoweth – eles *fassem* isso e é assim que o *puínssipe* vive de tal *maneia absulda*. Eu estava lendo no *Mercury sobue* como Mr. Fox havia o *puometido* uma *uenda* de cem mil *libuas* por ano, e *agoua* que está no poder é difícil convencê-lo a manter sua *puomessa.*

– Parece improvável – disse Mr. Chynoweth –, que isso preocupe Mr. Fox desnecessariamente.

Um homem de estatura pequena, com uma sedosa barba branca, a pompa dele era do tipo defensiva, adotada para esconder o fato de que nunca em sua vida ele havia se determinado quanto a algo. Sua esposa havia se casado com ele quando ela tinha dezoito e ele trinta e um anos. Tanto Jonathan, quanto o seu dinheiro haviam perdido as disputas desde então.

– E o que há de errado com Mr. Fox, eu lhe pergunto? – Dr. Choake disse profundamente por baixo de suas sobrancelhas.

Mr. Chynoweth apertou os lábios juntos. – Eu consideraria isso algo óbvio.

– As opiniões diferem, senhor. Eu poderia dizer que, se eu...

O cirurgião parou de falar quando sua esposa tomou a rara liberdade de pisar em seu dedo do pé. Hoje era a primeira vez que os Choakes e os Chynoweths se encontravam socialmente. Para ela parecia loucura começar uma discussão política com essas pessoas, *gentry* que ainda eram tão influentes.

Thomas Choake estava se virando de maneira ingrata para esmagar Polly com apenas um olhar, mas ela foi salva da pior parte de sua cólera. Dessa vez não havia dúvida de que alguém estava batendo na porta externa. Mrs. Tabb colocou a bandeja de tortas na mesa e foi até lá.

O vento fez as cortinas esvoaçarem, e escorria gordura pelo suporte de prata das velas.

– Deus me ajude! – disse a governanta como se tivesse visto um fantasma.

2

Ross chegou num grupo completamente despreparado para a sua chegada. Quando sua figura ficou visível na entrada, um após o outro à mesa começou a pronunciar palavras de surpresa. Elizabeth, Francis, Verity e Dr. Choake ficaram de pé. Charles se recostou, resmungando inerte com o choque. Primo Wiliam-Alfred limpou seus óculos de aço, enquanto tia Agatha puxava sua manga falando baixo: – O que é? O que deve se fazer? A refeição não terminou.

Ross apertou suas pálpebras até seus olhos se acostumarem com a luz. Trenwith House ficava quase em seu caminho para casa e ele não achava que fosse se intrometer em uma festa.

A primeira a cumprimentá-lo foi Verity. Ela correu até ele e pôs seus braços em volta de seu pescoço. – Ah, Ross querido! Imaginem isso! – foi tudo que ela conseguiu encontrar para dizer.

– Verity! – ele a abraçou. E então ele viu Elizabeth.

– Parem – disse Charles. – Então, finalmente você voltou, garoto? Está atrasado para o jantar, mas ainda sobrou um pouco de torta de maçã.

– Eles nos deixaram coxo, Ross? – disse Dr. Choake. – Essa varíola durante toda a guerra... Ela começou mal. Graças a Deus acabou.

Após uma breve hesitação, Francis veio rapidamente ao redor da mesa e apertou a mão do outro homem. – É bom vê-lo de volta, Ross! Sentimos sua falta.

– É bom estar de volta – disse Ross. – Ver todos vocês e...

A cor dos olhos embaixo das mesmas pálpebras cansadas era a única marca do parentesco dos primos. Francis era compacto, esbelto e bem-arrumado, com a pele fresca e as feições claras de uma bela juventude. Sua aparência refletia o que ele era realmente, despreocupado, fácil de se conviver, um jovem que nunca soube o que é estar em perigo ou com pouco dinheiro, ou o que é colocar a sua força contra a de outro homem, exceto em jogos ou apostas de cavalos. Alguém na escola havia os apelidado de “o Poldark escuro e o Poldark claro”. Eles sempre foram bons amigos, o que era surpreendente, já que seus pais não eram.

– Esta é uma ocasião solene – disse o primo Wiliam-Alfred, suas mãos ossudas apertando o encosto de sua cadeira. – Uma reunião de família que tem mais do que só o nome. Eu creio que você não está gravemente ferido, Ross. Essa cicatriz é uma desfiguração considerável.

– Ah, isso – disse Ross. – Isso não teria importância se eu não mancasse como o burro de Jago.

Ele contornou a mesa cumprimentando os outros. Mrs. Chynoweth o recebeu friamente, estendendo uma mão a certa distância.

– Conte-nos – balbuciou Polly Choake –, conte-nos algumas de suas *expeuiências*, capitão Poldark, como nós *peudemos* a *gueua*, como são esses *ameuicanos*, e...

– Muito parecidos conosco, madame. É por isso que nós perdemos.

Ele havia chegado até Elizabeth.

– Então, Ross – disse ela suavemente.

Seus olhos encontraram um banquete na face dela. – Isso é muito oportuno. Eu não poderia desejar que fosse de maneira diferente.

– Eu poderia – disse ela. – Oh, Ross, eu poderia.

– E o que você vai fazer agora, meu rapaz? – perguntou Charles. – Já está mais do que na hora de você sossegar. Uma propriedade não toma conta de si própria, e você não pode confiar em pessoas contratadas. Seu pai poderia ter usado sua ajuda nesse último ano e mais ainda...

– Eu quase fui visitá-la esta noite – disse Ross para Elizabeth, – mas deixei para amanhã. Meu autocontrole foi recompensado.

– Eu devo lhe explicar. Eu lhe escrevi, mas...

– Ora – disse tia Agatha –, maldita seja eu se não é o Ross! Venha aqui, garoto! Eu pensei que você já tinha ido fazer parte dos anjos lá em cima.

Relutantemente, Ross desceu o comprimento da mesa para cumprimentar sua tia-avó. Elizabeth ficou onde estava, segurando o encosto de sua cadeira de tal maneira que as juntas de seus dedos estavam ainda mais brancas do que sua face.

Ross beijou a bochecha áspera da tia. Em seu ouvido, ele disse: – estou feliz em ver que você continua sendo um dos anjos aqui embaixo, tia.

Ela riu com deleite, mostrando suas gengivas pálidas de um tom rosa-amarronzado. – Talvez eu não seja tão angelical assim, Ross. Mas eu não gostaria de mudar por enquanto.

A conversa se tornou genérica, e todos questionavam Ross sobre quando ele havia atracado, o que tinha feito e visto enquanto esteve fora.

– Elizabeth – disse Mrs. Chynoweth –, pegue o meu xale lá em cima, sim? Estou com um pouco de frio.

– Sim, mãe.

Ela se virou e se afastou, alta e virginal, e tateou com sua mão procurando o corrimão de carvalho.

– Aquele camarada Paynter é um patife – disse Charles, limpando suas mãos nas laterais de seus calções. – Se eu fosse você, eu o colocaria para fora e arranjaria um homem confiável.

Ross estava observando Elizabeth subir as escadas. – Ele era amigo de meu pai.

Charles deu de ombros, um tanto incomodado. – Você não encontrará a casa em um bom estado de reparos.

– Já não estava assim quando eu a deixei.

– Bom, está pior agora. Não vou lá há algum tempo. Você sabe o que seu pai costumava dizer sobre vir na outra direção: “é longe demais para caminhar e não é longe o bastante para cavalgar.”

– Coma isto, Ross – disse Verity, trazendo um prato cheio para ele. – E sente-se aqui.

Ross agradeceu a ela e tomou o assento oferecido a ele entre tia Agatha e Mr. Chynoweth. Ele teria preferido sentar-se ao lado de Elizabeth, mas isso teria de esperar. Ele ficou surpreso ao encontrar Elizabeth ali. Ela, sua mãe e seu pai nunca tinham ido a Nampara durante os dois anos em que ele a conhecera. Duas ou três vezes ele voltou seu olhar para ela enquanto comia para ver se ela também o olhava.

Verity estava ajudando Mrs. Tabb a levar alguns dos pratos usados; Francis estava de pé perto da porta da frente e cutucava seu lábio inferior; os outros estavam de volta em suas cadeiras. Um silêncio estranho pairava sobre o grupo.

– Não é um interior fácil para o qual você está retornando – disse Mr. Chynoweth, puxando sua barba. – O descontentamento é abundante. Os impostos estão altos, os salários têm diminuído. O país está exausto de suas muitas guerras; e agora os Liberais estão no poder. Eu não posso pensar em um futuro pior.

– Se os Liberais estivessem no poder antes – disse Dr. Choake, se recusando a ser cauteloso, – nada disso precisaria ter

acontecido.

Ross olhou para Francis no lado oposto da mesa. – Eu interrompi uma festa? Era para comemorar a paz ou em honra da próxima guerra?

Dessa forma, ele forçou a explicação que eles haviam hesitado em dar.

– Não – disse Francis. – Eu... erm... a reunião é para...

– Estamos comemorando algo muito diferente – disse Charles, gesticulando para que seu copo fosse cheio novamente. – Francis irá se casar. Isso é o que estamos comemorando.

– Irá se casar? – disse Ross, mexendo em seu prato. – Ora, ora; e quem...

– Com Elizabeth – disse Mrs. Chynoweth.

Houve silêncio.

Ross abaixou sua faca. – Com...

– Com a minha filha.

– Posso lhe trazer algo para beber? – Verity sussurrou para Elizabeth que tinha acabado de chegar ao pé da escada.

– Não, não... por favor, não – Elizabeth respondeu, pálida.

– Ah – disse Ross. – Com... Elizabeth.

– Estamos muito felizes – disse Mrs. Chynoweth –, que nossas duas famílias antigas se unirão. Muito felizes e muito orgulhosos. Tenho certeza, Ross, que você se unirá a nós ao desejar a Francis e a Elizabeth toda a felicidade em sua união.

Andando muito cuidadosamente, Elizabeth veio até Mrs. Chynoweth.

– Seu xale, mamãe.

– Obrigada, minha querida.

Ross continuou com sua refeição.

– Eu não sei qual é a sua opinião – disse Charles fortemente após uma pausa –, mas de minha parte eu sou ligado afetuosamente a esse vinho do Porto. Foi trazido de Cherbourg no outono de 79. Quando provei uma amostra eu disse para mim mesmo, ele é bom demais para se repetir; comprarei o lote todo. E isso nunca se repetiu; nunca se repetiu – ele abaixou suas mãos para acomodar sua grande pança contra a mesa.

– Suponho que você irá se acomodar agora, Ross, hein? – disse tia Agatha, um nariz enrugado na manga dele. – Que tal uma *esposinha* para você, hein? Isso é o que precisamos encontrar em seguida!

Ross olhou para Dr. Choake do lado oposto da mesa.

– Você atendeu o meu pai?

Dr. Choake assentiu.

– Ele sofreu muito?

– No final. Mas foi por pouco tempo.

– Foi estranho ele piorar tão rapidamente.

– Nada mais poderia ser feito. Era uma doença hidrópica que estava além do poder do homem aliviar.

– Eu cavalguei até lá para vê-lo duas vezes – disse o primo William-Alfred. – Mas lamento que ele não estivesse... hum... com um humor bom para aproveitar ao máximo o tipo de conforto espiritual que eu podia oferecer. Foi uma tristeza pessoal para mim poder ajudar tão pouco alguém de meu próprio sangue.

– Você precisa provar um pouco dessa torta de maçã, Ross – disse Verity em voz baixa atrás dele, olhando para as veias no pescoço dele. – Eu mesma a fiz nesta tarde.

– Eu não deveria ter parado. Vim apenas por alguns minutos para descansar meu cavalo, que é manco.

– Ah, mas você não precisa ir embora esta noite. Eu disse a Mrs. Tabb que preparasse um quarto. Seu cavalo pode tropeçar no escuro e derrubá-lo.

Ross olhou para Verity e sorriu. Em meio a esse grupo, nenhuma palavra privada poderia se passar entre eles.

Agora Francis, e seu pai um pouco menos, se juntaram ao argumento. Mas Francis estava constrangido, seu pai não estava sendo sincero, e Ross estava determinado.

Charles disse: – Bom, faça como quiser, garoto. Eu não gostaria de chegar em Nampara esta noite. Estará frio e úmido e, talvez, não seja muito acolhedor. Tome um pouco mais de álcool para lhe tirar o frio.

Ross fez como lhe pediram, tomando três taças seguidas. Com a quarta ele se levantou.

– A Elizabeth – disse ele lentamente –, e a Francis... que eles encontrem a felicidade juntos.

O brinde foi bebido mais quietamente do que os outros. Elizabeth estava de pé, imóvel atrás da cadeira de sua mãe; Francis tinha finalmente saído da porta para colocar uma mão atrás do braço dela.

No silêncio que se sucedeu, Mrs. Choake disse:

– Como *deue* ser bom estar em casa *nuovamente*. Eu nunca me afasto, nem que seja por pouco tempo, sem sentir aquela *guatidão* por estar de volta. Como são as colônias *ameuicanas*, capitão Poldark? Dizem que nem mesmo o sol *nashe* da mesma forma em *teuas estuangeias*.

A inanidade de Polly Choake parecia ter aliviado a tensão, e a conversa teve início novamente enquanto Ross terminava sua refeição. Havia mais de uma pessoa presente ali consciente do alívio por ele ter encarado a notícia de forma tão calma.

Ross, contudo, não iria ficar, e se despediu imediatamente.

– Você virá aqui dentro de um dia ou dois, não virá? – perguntou Francis, uma onda de afeição em sua voz. – Não soubemos de nada ainda, nada exceto os mais genéricos detalhes de suas experiências, ou de como você foi ferido, ou de sua jornada para casa. Elizabeth voltará para casa amanhã. Nós planejamos nos casar dentro de um mês. Se quiser minha ajuda em Nampara, envie uma mensagem para cá; você sabe o quanto ficarei contente em ir. Ora, é como nos velhos tempos lhe ver novamente! Estávamos preocupados pela sua vida, não é mesmo, Elizabeth?

– Sim – respondeu Elizabeth.

Ross pegou seu chapéu. Eles estavam de pé junto à porta, esperando para que Tabb trouxesse a égua de Ross. Ele havia recusado o empréstimo de um cavalo novo para as últimas três milhas.

– Ele chegará aqui agora, se conseguir lidar com ela. Eu o avisei para ser cuidadoso.

Francis abriu a porta. O vento trouxe para dentro alguns respingos de chuva. Ele foi para fora com cuidado para ver se Tabb havia chegado.

– Espero que minha ressurreição mal calculada não tenha sido uma nuvem encobrindo a sua noite – disse Ross.

A luz do interior lançou uma listra sobre a face de Elizabeth mostrando seus olhos acinzentados. Mas as sombras logo se espalharam por sua face e ela não parecia bem.

– Estou muito feliz que você esteja de volta, Ross. Eu tive medo, nós todos tivemos medo... O que você deve pensar de mim?

– Dois anos é um longo tempo, não é mesmo? Talvez longo demais – disse ele.

– Elizabeth – chamou Mrs. Chynoweth –, tome cuidado para o ar noturno não pegá-la.

– Não, mamãe.

– Adeus – ele pegou a sua mão.

Francis voltou. – Tabb está aqui agora. Você comprou a égua? Ela é uma criatura bonita, mas tem um temperamento ruim.

– O mau uso torna os mais doces de nós perversos – disse Ross. – A chuva parou?

– Não exatamente – respondeu Francis. – Você sabe o caminho?

Ross mostrou seus dentes. – Cada pedra. Ele mudou?

– Nada que lhe confundirá. Não atravesse o rio Mellingey pela ponte, pois a tábua do meio está podre.

– Já estava assim quando eu parti.

– Não se esqueça – frisou Francis. – Esperamos por você de volta em breve. Verity irá querer saber mais de você. Se ela tiver tempo, cavalgaremos até lá amanhã.

Mas apenas o vento e a chuva o responderam, e o barulho dos cascos conforme a égua pisava ressentida ao longo do caminho.

3

A escuridão havia se estabelecido, embora um pouco de luz evanescente ainda brilhasse no oeste. O vento soprava com mais força, e a chuva fina atingia sua cabeça em pequenas enxurradas. Seu rosto não era fácil de ler e não se conseguiria perceber que, durante a última meia hora, ele havia sofrido o pior choque de sua

vida. Exceto pelo fato de que ele não assobiava mais com o vento, ou conversava com sua égua temperamental, não havia nada que o mostrasse.

Desde muito jovem, ele havia herdado de seu pai uma visão de mundo que não tomava as coisas como certas na vida, mas, no que dizia respeito a Elizabeth Chynoweth, ele caíra numa armadilha que tal visão de mundo o teria ajudado a evitar. Eles estiveram apaixonados desde que ela tinha dezesseis anos e ele mal tinha feito vinte. Quando suas próprias desventuras ousadas pesaram sobre seus ombros, ele pensara que a solução de seu pai com uma comissão no exército fosse uma boa ideia enquanto os problemas se acalmavam. Ele tinha ido embora ansioso por novas experiências e certo da única circunstância de seu retorno que realmente importava.

Não havia dúvida alguma em sua mente e ele não procurava nenhuma dúvida na dela.

Depois de ter cavalgado por algum tempo, as luzes da Grambler Mine se mostraram à frente. Esta era a mina ao redor da qual as fortunas variadas da principal parte da família Poldark se concentravam. Das flutuações de seus lucros dependiam não apenas a mera prosperidade de Charles Poldark e sua família, mas a subsistência de uns trezentos mineradores e suas famílias espalhadas em cabanas e chalés perto da paróquia. Para eles, a mina era como um Moloque[2] benevolente que eles alimentavam com as vidas de suas crianças desde que eram novas, e de quem eles recebiam seu sustento diário.

Ele viu luzes que se moviam se aproximando, e entrou no acostamento da estrada para deixar uma carroça de mulas passar com os cestos de minério de cobre pendurados em ambos os lados das costas dos animais. Um dos homens liderando olhou para ele de maneira suspeita, e depois gritou em saudação. Era Mark Daniel.

Os principais prédios da mina estavam todos próximos dele agora, a maioria deles aglomerados e indistintos, mas, em alguns pontos, os andaimes firmes para a chapelaria de proteção e as grandes casas-de-máquinas construídas na rocha se destacavam. Luzes amarelas apareciam nas janelas arcadas dos andares

superiores das casas-de-máquinas, quentes e misteriosas em contraste com o céu noturno. Ele passou perto de uma delas e ouviu os barulhos metálicos da grande bomba retirando água dos lugares mais profundos da terra.

Havia mineradores em grupos e um grande número de lampiões. Vários homens olharam para cima para a figura no cavalo e, embora muitos tenham dito “boa noite”, ele pensou que nenhum deles o havia reconhecido.

Então um sino tocou em uma das casas-de-máquinas, um som não muito desagradável; era a hora de trocar de tarefas; esse era o motivo de haver tantos homens passando por ali. Eles estavam se reunindo para descerem. Outros homens estariam subindo, subindo como formigas por centenas de degraus em escadas instáveis, cobertos de suor e com as marcas empoeiradas do minério ou da fumaça negra da pólvora. Levaria meia hora ou mais para que eles chegassem à superfície carregando suas ferramentas, e, durante todo o tempo, eles seriam atingidos e ensopados pela água das bombas com vazamentos. Ao chegar à grama, muitos ainda teriam uma caminhada de três ou quatro milhas atravessando o vento e a chuva.

Ele seguiu em frente. Volta e meia suas emoções se tornavam tão fortes que ele poderia ter ficado fisicamente enjoado.

O rio Mellingey foi contornado; a égua e o cavaleiro começaram a subir cansadamente pela estrada estreita em direção ao último amontoado de figueiras. Ross inalou profundamente o ar, que estava carregado com a chuva e impregnado com o cheiro do mar. Ele imaginava que conseguia ouvir as ondas se quebrando. No topo da subida a égua, tendo desaparecido todo o temperamento ruim dela, tropeçou novamente e quase caiu, então Ross desmontou desconfortavelmente e começou a caminhar. De início, ele mal conseguia colocar seu pé no chão, mas recebeu de bom grado a dor em seu tornozelo, pois esta ocupava os pensamentos que poderiam estar em outro lugar.

Numa parte podada do bosque, a escuridão era total e ele teve que tatear ao longo de um caminho onde a vegetação havia crescido parcialmente. Do outro lado, as construções em ruínas de

Wheal Maiden o saudaram – uma mina que havia sido utilizada por quarenta anos. Quando era garoto, ele havia brigado e brincado perto do molinete e do cabrestante movido à força animal abandonados; havia explorado o túnel de acesso raso que atravessava a colina e saía perto do córrego.

Agora ele sentia que realmente estava em casa. Dentro de um instante, estaria em sua própria terra. Naquela tarde, ele se enchera de prazer ao pensar nisso, mas nada mais parecia importar agora, exceto que sua jornada havia terminado e que ele deitaria e descansaria.

No topo do vale, o ar estava parado. O gotejar e borbulhar do córrego Mellingey haviam se perdido, mas agora isso vinha aos seus ouvidos novamente como os resmungos de uma velhinha magra. Uma coruja chirriou e se mexeu silenciosamente diante de seu rosto no escuro. A água escorria pela borda de seu chapéu. À frente, na escuridão suave e suspirante, ficavam os traços sólidos de Nampara House.

Ela lhe pareceu menor do que ele se lembrava, mais baixa e mais comprimida; ela se dispersava como uma fileira de chalés de trabalhadores. Não havia luz alguma a ser vista. Ao chegar na árvore lilás, agora tão grande que ela encobria as janelas atrás, ele amarrou a égua e bateu com seu chicote de quitação na porta da frente.

Chuva pesada havia caído ali; a água escorria do telhado em vários lugares e formava poças no caminho de areia. Ele empurrou a porta para abri-la; ela se abriu para trás com um chiado, empurrando um monte de lixo à sua frente, e ele olhou o corredor baixo de vigas irregulares.

Apenas a escuridão veio recebê-lo, uma escuridão mais intensa que fazia a noite parecer cinzenta.

– Jud! – ele chamou. – Jud!

A égua lá fora relinchou e bateu seus cascos no chão; algo se mexia furtivamente ao longo do lambril. Então ele viu olhos. Eles eram cintilantes, de uma cor verde-dourada e o observavam sem piscar da parte de trás do salão.

Ele entrou mancando na casa, sentindo folhas e sujeira no chão. Foi tateando seu caminho ao redor dos painéis nas paredes

pela direita, até chegar a uma porta que dava para o salão de entrada. Levantou a tranca e entrou.

No mesmo instante houve ruídos de tumulto e o som de animais sendo incomodados. Seu pé escorregou em algo gosmento no chão e, ao estender sua mão, ele derrubou um castiçal. Ele o pegou, colocou-o de volta em seu suporte e tateou para achar sua pederneira afiada e a espada. Depois de duas ou três tentativas, uma faísca se formou e ele acendeu a vela.

Este era o maior cômodo da casa. Era parcialmente coberto por painéis de mogno escuro, e, no canto mais distante, ficava uma grande e extensa lareira que tomava metade do comprimento do cômodo, construída em um recuo, arredondada e baixa. Este era o cômodo onde a família sempre ficava, grande e arejado o bastante para as companhias mais desordeiras nos dias mais quentes, mas que ainda possuía cantos e mobília aconchegantes para driblar as correntes de ar do inverno. Tudo isso, porém, havia mudado. A lareira estava vazia e galinhas ciscavam entre as pedras. O chão estava imundo com palha velha e fezes. Do braço de um candelabro, um galo o observava com um olhar visceral. Em um dos assentos nas janelas, havia duas galinhas mortas.

Saindo do salão à esquerda ficava o quarto de Joshua; ele tentou ir lá. Sinais de vida: roupas que nunca pertenceram ao seu pai, anáguas sujas de tão velhas, um tricórnio desgastado, uma jarra de vidro sem tampa na qual ele sentia o cheiro de gin. Mas a cama estava com as portas de madeira fechadas e os três tordos capturados em uma gaiola não o diziam nada sobre o paradeiro do casal que ele procurava.

No canto mais distante do quarto ficava outra porta que levava até aquela parte da casa que nunca fora concluída, mas ele não entrou lá. O lugar a ser vasculhado era o quarto no andar de cima, na parte traseira da casa, onde Jud e Prudie sempre dormiam.

Ele se virou novamente para a porta e parou ali para escutar. Um som peculiar chegou aos seus ouvidos. As aves haviam se aquietado, e o silencio, como uma cortina entreaberta, estava caindo sobre a casa. Ele pensou ter ouvido um ranger das escadas estreitas, mas, quando espiou com a vela, não conseguiu ver nada.

Aquele não era o som que ele estava tentando escutar, nem o movimento dos ratos, nem o sibilar fraco do córrego lá fora, nem o chiado de papel queimado sob suas botas.

Ele olhou para o teto, mas as vigas e as tábuas de madeira estavam intactas. Algo se esfregava contra sua perna. Era o gato, cujos olhos brilhantes ele havia visto antes; a gatinha de seu pai, Tabitha Bethia, mas que havia crescido e virado um grande animal cinza com manchas leprosas de sarna. Ela parecia reconhecê-lo, e ele estendeu sua mão para os bigodes investigativos dela com gratidão.

Então o som recomeçou, e, desta vez, descobriu de onde vinha. Ele foi até a cama box e abriu as portas. Sentindo um cheiro forte de suor e gim; ele introduziu a vela. Desacordados de tão bêbados e presos um nos braços do outro, estavam Jud e Prudie Paynter. A mulher vestia uma longa camisola de flanela, sua boca estava aberta e suas pernas cheias de varizes esparramadas. Jud não havia conseguido se despir propriamente, mas roncava ao lado dela em seus calções e meias longas.

Ross os observou por alguns instantes.

Depois ele se retirou e colocou o castiçal no grande e baixo baú perto da cama. Saiu do quarto e foi até os estábulos no canto leste da casa. Ali, ele encontrou um balde de madeira e o levou até a bomba. Encheu-o e o trouxe pela casa, através do salão, até o quarto, e despejou a água na cama.

Ele saiu novamente. Algumas estrelas se mostravam no oeste, mas o vento estava refrescante. Nos estábulos, ele reparou, havia apenas dois cavalos quase mortos de fome. Ramoth; sim, um deles ainda era o Ramoth. O cavalo tinha doze anos de idade e era parcialmente cego quando ele foi embora.

Trouxe um segundo balde pelo corredor, até o quarto, e o despejou na cama.

A égua relinchou quando ele passou. Ela preferia mesmo a companhia dele à escuridão e o jardim desconhecido.

Quando ele trouxe o terceiro balde, Jud estava gemendo e resmungando e sua cabeça estava na abertura das portas da cama. Ross o concedeu esse balde todo para si mesmo.

Quando ele havia retornado com o quarto balde o homem tinha saído da cama e estava tentando tirar a água que escorria de suas roupas. Prudie mal começava a se mexer, então Ross dedicou essa água a ela. Jud começou a praguejar e procurou por seu canivete. Ross o golpeou no lado da cabeça e o deixou desacordado. Então ele foi buscar outro suprimento de água.

Com sua quinta aparição, havia um pouco mais de inteligência nos olhos do criado, embora ele ainda estivesse no chão. Ao vê-lo, Jud começou a xingar e fazer ameaças. Mas, depois de um instante, um olhar de perplexidade tomou conta de sua face.

–...Pela minha vida! É você, mestre Ross?

– Vindo do túmulo – disse Ross. – E há um cavalo que precisa de cuidados. Levante-se, antes que eu lhe mate.

Ele fez o homem ficar de pé pegando-o por sua gola e o atirou na direção da porta.

Capítulo Três

1

Uma noite molhada de outubro é deprimente, mas ela encobre, com algumas sombras suaves, as pontas afiadas da ruína e da decadência.

Mesmo no ápice de sua mineração, Joshua sempre havia mantido alguns campos bem-cuidados, a casa continuava limpa e acolhedora, bem mobiliada e bem estocada, considerando a miséria do distrito. Depois de uma inspeção que durou das oito até as dez, Ross botou os Paynters para fora da casa e ficou de pé, com as pernas espaçadas, olhando para eles. Eles estavam inquietos e desconfortáveis sob o olhar perscrutador dele.

Jud era o mais baixo dos dois por uns dez centímetros. Ele era um homem no início de seus cinquenta anos cujas pernas tortas davam uma aparência da força de um cavalo ou de um buldogue. Durante os últimos dez anos, sua natureza irônica havia tonsurado sua cabeça como a de um frei. Ele tinha vivido no distrito toda a sua vida, primeiro como cobrador tributário na Grambler Mine, depois em Wheal Grace, onde Joshua o contratou, apesar de suas falhas. Há dez anos ele tinha encontrado Prudie em Bedruthan. Seu primeiro encontro fora uma das coisas sobre a qual Jud segurava sua língua mesmo depois de ter bebido. Eles nunca se casaram, mas ela havia tomado o nome dele por uma questão de praticidade. Ela tinha quarenta anos agora, um metro e oitenta de altura, com aquele cabelo no estilo espanhol, sem volume, incuravelmente sujo; e tinha ombros largos, com um corpo poderoso que protuberava em todos os lugares onde, esteticamente, não deveria.

– Você está cansado depois de uma manhã de trabalho duro – disse Ross.

Jud olhava para ele desconfortavelmente debaixo de sobrancelhas sem pelos. Com Joshua, ele sempre teve que ficar atento à sua conduta, mas, de Ross, ele nunca tivera medo. Não havia o que temer em um adolescente volúvel, alto e esguio. Mas dois anos trabalhando como soldado haviam mudado o garoto.

– Tá tão limpo quanto um lugar novo em folha pode ficar – disse Jud em um tom ressentido. – Estivemos trabalhando por duas horas direto. Estou cheio de farpas daquele chão velho, maldito. Talvez tenha me envenenado o sangue. Corre em você pelos seus braços, é sim. Sobe por suas veias e então *phift, tá* morto.

Ross voltou seus olhos sonolentos, mas inquietos para Prudie. – Sua mulher não sofreu com o molhado? É bom para não se esquecer da sensação e do gosto da água. Muito pouca água é usada na prisão.

Jud olhou para cima determinado. – Quem falou em prisão? Prudie não vai *pra* prisão. O que ela fez?

– Não mais do que você fez. Uma pena que vocês não possam dividir a mesma cela.

Prudie deu uma risadinha. – Você *tá* brincando.

– A brincadeira – disse Ross – foi sua na noite passada, e pelas cinquenta noites anteriores.

– Você não pode conseguir que nós dois *seja* condenados por *ficá* um pouco bêbados – disse Jud. – *Num* é a lei. *Num* é certo. *Num* é justo. *Num* faz sentido. *Num* é amigável. Sem contar tudo que fizemos por você.

– Você era o criado pessoal de meu pai. Quando ele morreu você foi deixado em um cargo de confiança. Bom, você deveria pagar um guinéu por cada campo com ervas daninhas e malcuidado, o mesmo vale para um celeiro ou estábulo que não esteja caindo aos pedaços e precisando de reparos imediatamente. Até as maçãs no pomar estão apodrecendo em meio às folhas mortas por falta de alguém que as colhesse.

– Foi um verão ruim *pras* frutas. As maçãs caindo podres com vespas nelas. Foi um choque. Não se pode fazer nada a uma maçã quando há vermes nela. Nada além de matar o verme e comer a maçã, e há um limite para o que dois corpos *aguenta* comer.

– Foi sorte de eu não ter engolido uma daquelas vespas – disse Prudie. – Pois eu estava mastigando bem esperta como se faz. Então do nada, assim que cravei meus dentes em uma, eu ouço um ‘zum-zum’. E, meu santo, lá estava ela! Você não consegue ver a parte da frente, mas a traseira estava lá se mexendo como o rabo

de um carneiro, todas as suas pernas se mexendo e listrada como uma bandeira. Se eu não tivesse ouvido...

– Teria uma delas na tua garganta – disse Jud tristemente. – Elas sairiam depois de te picar e *phift,* tá morta.

– Preguiçoso em tudo – disse Ross –, menos na busca por desculpas. Como dois porcos velhos em seu chiqueiro, lentos até para se mover de seu próprio monte de sujeira.

Prudie pegou seu avental e começou a limpar seu nariz.

Ross ficou tocado com compaixão. Ele aprendeu sobre o abuso com um superior e teve ainda mais experiências enquanto estava fora. Ele também conhecia seus ouvintes. – Eu suspeito que seja mais fácil converter um bom estoque para gin barato – ele concluiu. – Homens foram enforcados por menos que isso.

– Nós achávamos, havia rumores – Jud chupou seu lábio hesitando. – As pessoas diziam...

– Que eu estava morto? Quem disse isso?

– Era conhecimento comum a todos – disse Prudie gravemente.

– E, contudo, eu só ouço isso perto de minha própria casa. Foram vocês que começaram essa história?

– Não, não; *num* é verdade. De maneira alguma. É a nós que você devia agradecer por transformar essa história em mentira. Acabamos com ela, eu diria. Cortamos o mal pela raiz, eu digo. Eu tinha uma convicção firme, eu digo; e Prudie é minha testemunha. Nós acreditamos nessa mentira asquerosa, Prudie?

– Pela minha vida, não! – disse Prudie.

– Meu tio sempre os achou vagabundos e parasitas. Acho que posso conseguir que o caso de vocês seja julgado por ele.

Eles ficaram parados mexendo seus pés, meio ressentidos, meio alarmados. Ele não entendia a suas dificuldades e eles não tinham palavras para explicá-las. Qualquer culpa que pudessem sentir havia sido substituída há muito tempo por essas explicações que eles não podiam provar. O sentimento deles agora era de revolta ao serem atacados tão severamente. Tudo fora feito, ou deixado sem ser feito, por um motivo muito bom.

– Nós somos apenas dois pares de mãos – disse Jud.

O senso de humor de Ross não estava ativo, ou ele poderia ter sido derrotado com esse comentário.

– Há muitas pestes nas prisões este ano – disse ele. – A falta de gin barato não será a sua única dificuldade.

Ele se virou e os deixou aos seus próprios medos.

2

Na escuridão dos estábulos de Red Lion, ele pensara que sua égua alugada havia danificado uma articulação, mas a luz do dia o mostrou que a manqueira não era nada mais que uma ferradura muito mal colocada. A égua tinha um pé chato e largo, e a ferradura fora fixada muito curta e apertada. Ele cavalgou até Truro no dia seguinte, no quase cego Ramoth, para ver se conseguia fazer negócios com o proprietário do Red Lion. O proprietário estava um pouco duvidoso de que havia passado tempo o suficiente para ele desistir do seu penhor; mas a legislação nunca fora um ponto forte de Ross, e ele conseguiu o que queria. Enquanto estava na cidade, ele fez uma retirada no banco de Pascoe e gastou um pouco de seu capital magro em dois bois que ele arranjou para que Jud buscasse. Se os campos fossem trabalhados de alguma forma, deveria haver alguma despesa com a força animal.

Com algumas coisas menores penduradas em sua sela, ele estava de volta pouco depois de uma da tarde, e encontrou Verity esperando por ele. Por um instante fugaz, ele pensou que fosse Elizabeth.

– Você não foi me visitar, primo – disse ela –, então eu esperei por você. Cheguei há uns quarenta minutos.

Ele se inclinou e beijou a bochecha dela. – Você deveria ter mandado avisar que viria. Jud teria lhe dito. Eu estive em Truro.

– Sim. Ele me ofereceu uma cadeira no jardim, mas eu fiquei com medo de sentar e ela se quebrar sob o meu peso. Oh, Ross, pobre casa!

Ele olhou para cima, em direção à construção. A conservatória estava sufocada por trepadeiras gigantes, que haviam se enrolado sobre ela, dado flores, e estavam começando a apodrecer.

– Ela pode ser consertada.

– Estou envergonhada – disse ela – por não termos vindo lhe visitar, por eu não ter vindo aqui mais vezes. Esses Paynters...

– Vocês estiveram ocupados.

– Oh, nós estivemos. Só agora que as colheitas foram trazidas é que nós tivemos tempo para dar uma volta. Mas isso não é desculpa.

Ele olhou para baixo em direção à ela quando ela estava ao seu lado. Pelo menos ela não havia mudado, com sua figura pequena, compacta e cabelo desarrumado e uma boca grande e generosa. Ela veio de Trenwith em seu vestido de trabalho, sem chapéu e com sua capa cinza jogada descuidadamente sobre seus ombros. Eles foram andar pelos estábulos.

– Eu acabei de comprar uma égua – disse ele. – Você precisa vê-la. O velho Squire está irreconhecível e o grande Ramoth não tem mais olhos para desviar das pedras e raízes.

– Conte-me sobre o seu ferimento – disse ela. – Ainda dói agora? Quando isso ocorreu?

– Ah, faz tempo. Foi no Rio James. Não foi nada.

Ela olhou para ele. – Você sempre teve o costume de esconder a sua dor, não é mesmo?

– Essa é a égua – disse ele. – Eu acabei de pagar quinhentas e vinte guinés por ela. Um ótimo negócio, não acha?

Ela hesitou. – Ela não manca também? Francis estava dizendo… E aquela perna direita, que ela repuxa?

– Irá se curar mais rápido do que a minha. Eu queria que desse para curar todo o ferimento apenas trocando de ferradura.

– Qual é o nome dela?

– Ninguém sabe. Esperei você para batizá-la.

Verity colocou seu cabelo para trás e franziu uma sobrancelha. – Hm… Eu a chamaria de Darkie.

– Por algum motivo?

– Ela tem uma mancha preta bonita. E também é um tributo ao novo dono dela.

Ele riu e começou a tirar a sela do animal e esfregá-lo, enquanto sua prima recostava na porta do estábulo e conversava. O pai dela sempre reclamava que ela “não tinha graciosidades”, o que

queria dizer que ela era incapaz daquela conversinha sem importância, fútil, das damas de modo geral, porém, a conversa de Verity era agradável e acrescentava muito à vida. Mas, com Ross, ela nunca ficava de língua presa. Ele a convidou para jantar, mas ela recusou.

– Eu preciso ir embora logo. Tenho muito mais afazeres agora que meu pai não é mais tão ágil.

– Caminhe comigo até o mar antes de ir. Podem se passar dias até que você venha novamente.

Ela não discutiu, pois era agradável para ela sentir que sua companhia era desejada. Eles foram de braços entrelaçados como faziam quando crianças, mas daquele jeito a coxeadura de Ross era perceptível demais e ele soltou o braço dela e colocou sua mão ossuda em seu ombro.

A maneira mais próxima de se chegar ao mar era escalar um muro de pedra e cair na praia de Hendrawna, mas eles subiram pelo Long Field atrás da casa e caminharam do jeito que Joshua havia feito em seu sonho.

– Meu querido, você terá um trabalho muito árduo para deixar as coisas em forma – Verity falou, olhando ao seu redor. – Você precisa de ajuda.

– Tenho o inverno inteiro para isso.

Ela tentou ler a expressão dele. – Você não está pensando em ir embora de novo, Ross?

– Muito em breve, se eu tivesse dinheiro e se não estivesse coxo; mas com os dois juntos...

– Você continuará com Jud e Prudie?

– Eles concordaram em trabalhar sem serem pagos. Eu os manterei até que eles coloquem um pouco daquele gin para fora através do suor. E nesta manhã eu também contratei um menino chamado Carter, que veio aqui pedindo trabalho. Você o conhece?

– Carter? Um dos filhos de Connie Carter, de Grambler?

– Acho que sim. Ele esteve em Grambler, mas o trabalho subterrâneo era pesado demais. Não há ar o bastante no nível de sessenta braças para liberar a pólvora das explosões, e ele diz que começou a tossir um catarro negro pela manhã. Então ele tem que fazer trabalho ao ar livre.

– Ah, então esse seria o Jim, o filho mais velho. Seu pai morreu cedo.

– Bom, eu não posso pagar inválidos, mas ele parece ser um garoto aceitável. Ele começa amanhã às seis.

Eles chegaram à beirada da colina onde estavam a vinte ou vinte e cinco metros acima do mar. À esquerda, as colinas escorregavam até o recuo da Caverna Nampara, então subiam novamente mais íngremes em direção a Sawle. Olhando para o leste, sobre a praia de Hendrawna, o mar estava muito calmo: um cinza nublado com algumas manchas de tons violeta e de um verde vivo, que se mexia, aqui e acolá. As ondas eram sombras, cobras sobre uma manta, vindo quase sem serem vistas até que emergiam em ondulações leitosas na beirada da água. A gentil brisa do mar se movia contra a face de Ross mal tocando em seus cabelos. A maré estava abaixando. Enquanto eles olhavam, o verde do mar se movia rapidamente sob as nuvens que se reuniam. Ele não tinha dormido bem na noite anterior. Sendo visto deste lado com os olhos azuis-acinzentados pálidos, semiabertos, e a cicatriz branca sobre a bochecha marrom, toda a sua face parecia ter uma inquietação estranha. Verity desviou o olhar e disse abruptamente: – Você ficaria surpreso ao descobrir... Ao descobrir sobre Francis e Elizabeth...

– Eu não tinha chance com a garota.

– Foi estranho – ela continuou pausadamente –, o modo como aconteceu. Francis mal a tinha visto até este último verão. Eles se conheceram na casa dos Pascoes. Depois ele não conseguia... não conseguia falar de mais nada. Naturalmente eu o contei que você já fora... muito amigo dela. Mas ela já o tinha dito isso.

– Bondade dela... – disse ele, amargurado.

– Ross... eu estou certa de que nenhum deles queria fazer nada injusto. Foi apenas uma dessas coisas que acontecem. Não se discute com as nuvens, ou com a chuva, ou com o relâmpago... Bom, foi como isso. Algo externo a eles. Eu... Conheço o Francis e ele não pôde evitar.

– Como os preços subiram desde que fui embora – disse Ross. – Paguei trinta e três a jarda pelo linho de Holland hoje. Todas as minhas camisas foram comidas pelas traças.

– E depois – disse Verity –, veio o rumor de que você fora morto. Eu não sei como ele surgiu, mas acho que os Paynters são os que tinham mais a ganhar com isso.

– Não mais do que Francis.

– Não – disse Verity. – Mas não foi ele.

Ross manteve seus olhos torturados no mar. – Esse não foi um pensamento bonito – disse ele após um instante.

Ela apertou o seu braço. – Eu queria poder ajudá-lo, meu querido. Você não irá nos visitar frequentemente? Por que você não janta conosco todos os dias? Minha comida é melhor do que a de Prudie.

Ele balançou a cabeça. – Preciso encontrar o meu próprio jeito de sair dessa. Quando eles se casarão?

– Primeiro de novembro.

– Tão cedo? Achei que fossem esperar mais de um mês.

– Eles decidiram ontem à noite.

– Ah. Entendi...

– Será em Trenwith, pois é melhor para todos nós. Cusgarne está quase caindo aos pedaços, cheia de correntes de ar e vazamentos. Elizabeth, sua mãe e pai virão em sua carruagem pela manhã – ela continuou falando, ciente de que Ross mal prestava atenção, mas ansiosa por ajudá-lo a superar esse período difícil. Ela ficou em silêncio imediatamente e seguiu o seu exemplo ao olhar para o mar.

– Se – Verity disse –, se eu soubesse que certamente não te atrapalharia neste inverno eu viria quando pudesse. Se...

– Isso – disse ele – ajudaria mais do que qualquer outra coisa.

Eles começaram a andar de volta para a casa. Ele não viu o quanto ela corou, enrubescendo até as raízes de seu cabelo. Então seria dia primeiro de novembro, dali a menos de duas semanas. Ele caminhou um pouco com sua prima e, quando se despediram, ele ficou parado na beira do bosque de pinheiros e a observou, andando rápida e firmemente na direção de Grambler. A fumaça e o vapor da mina flutuavam em uma nuvem, atravessando o matagal desolado e cheio de pedregulhos em direção a Trenwith.

3

Além da elevação na costa sudeste do vale de Nampara, havia uma depressão na qual um aglomerado de chalés conhecido como Mellin se encontrava. Eram terras Poldark, e nesses seis chalés, construídos em um ângulo reto para que todos pudessem observar com mais facilidade os afazeres alheios, viviam os Triggses, os Clemmows, os Martins, os Daniels, e os Viguses. Ross foi em busca de trabalho barato.

Os Poldarks sempre mantiveram uma relação boa com seus inquilinos. A distinção de classes não era ausente; era compreendida tão claramente que ninguém precisava enfatizá-la; mas, nos distritos onde a vida girava em torno da mina mais próxima, as convenções educadas não eram permitidas no caminho do senso comum. Os proprietários pequenos com seus vastos pedigrees e baixas rendas eram vistos como parte das terras que possuíam.

Em seu caminho até os Martins, Ross teve que passar por três dos chalés, e, na porta do primeiro deles, Joe Triggs estava sentado tomando sol e fumando. Triggs era um minerador na metade da casa dos cinquenta anos, atacado por reumatismo e sustentado por sua tia que ganhava uma pequena renda na pescaria competitiva em Sawle. Não parecia que ele tinha se movido desde que fora embora há vinte e oito meses atrás. A Inglaterra perdera um império no oeste, reforçara sua hegemonia imperial no leste e lutara sozinha contra os americanos, os franceses, os holandeses, os espanhóis, e contra Hyder Ali do reino de Mysore na Índia. Governos, frotas de navios e nações haviam lutado, se erguido e sido derrotados. Balões haviam ascendido na França, o *Royal George* dera meia volta em Spithead, e o filho de Chatham assumira seu primeiro cargo oficial no Gabinete. Mas para Joe Triggs, nada tinha mudado. Exceto que este joelho ou aquele ombro estavam mais ou menos doloridos, cada dia era tão parecido que eles se fundiam em um padrão imutável e se passavam despercebidamente.

Enquanto falava com o velho, os olhos de Ross se desviaram para o restante dos chalés. O mais próximo estivera vazio desde

que a família inteira morrera de varíola em 1779, e agora ele tinha perdido parte de seu teto. Outro mais além, o dos Clemmows, parecia um pouco melhor. O que se poderia esperar? Eli, o mais novo e mais inteligente, fora embora para algum trabalho como lacaio em Truro, deixando para trás apenas Reuben. Os três chalés do ângulo oposto estavam todos bem reparados. Os Martins e os Daniels em particular eram seus amigos. E Nick Vigus cuidava bem de seu chalé, apesar de ser um vagabundo trapaceiro.

No chalé Martin, Mrs. Zachy Martin, de rosto achatado, com óculos e bem-disposta, o conduziu até o único cômodo escuro no andar debaixo com seu piso de terra batida no quais três bebês pelados rolavam e balbuciavam. Havia dois rostos novos desde que Ross fora embora, formando um total de onze, e Mrs. Martin estava grávida novamente. Quatro meninos já trabalhavam no subterrâneo de Grambler, e a filha mais velha, Jinny, lascava o minério na mina. As três crianças mais novas seguintes, de idades dos cinco anos para cima, eram precisamente o tipo de trabalho barato que Ross precisava para arrumar os seus campos.

Naquela manhã ensolarada, com as vistas, os sons e os cheiros de sua própria terra o rodeando, a guerra da qual ele fizera parte parecia inconsequente e muito distante. Ele se perguntava se o mundo real era do tipo onde os homens brigavam por políticas e princípios, e morriam ou viviam gloriosamente – ou miseravelmente na maioria dos casos – por causa de uma palavra abstrata como patriotismo ou independência, ou se a realidade pertencia aos humildes e à terra compartilhada.

Parecia que nada poderia interromper a fala de Mrs. Zacky, até que sua filha Jinny voltou de seu turno na mina. Ela parecia estar sem fôlego e prestes a dizer alguma coisa quando abriu a porta do chalé, mas, ao ver Ross, ela entrou, fez uma reverência envergonhada e ficou com a língua presa.

– Minha mais velha – disse Mrs. Zacky, cruzando seus braços sobre seu peito largo. – Fez dezessete há um mês. O que se deve fazer, criança? Esqueceu-se do mestre Ross?

– Não, mãe. Não, senhor. De maneira alguma – ela foi até a parede, desamarrou seu avental, e tirou seu grande chapéu de linho.

– Ela é uma bela garota – disse Ross, inspecionando-a sem se dar por conta. – Você deveria ter orgulho dela.

Jinny corou. Mrs. Zacky estava encarando sua filha. – É o Reuben que tem mexido com você novamente?

Uma sombra cruzou a porta e Ross viu a figura alta de Reuben Clemmow andando em direção ao seu chalé. Estava vestido em seu casaco azul de escavação úmido, calças, e o chapéu velho com sua vela presa à frente com argila. Ele carregava quatro ferramentas de escavação, uma delas era uma broca de ferro pesada usada para a perfuração.

– Me segue todo dia – disse a garota, com lágrimas de irritação em seus olhos. – Me incomodando *pra* andar com ele; e quando ando ele não diz nada, só olha. Por que ele não me deixa em paz!

– Ora, *num* fique assim – disse sua mãe. – Vá dizer *pros* três diabinhos entrarem aqui se quiserem alguma coisa *pra* comer.

Ross viu sua oportunidade de sair, e se levantou assim que a garota correu do chalé e chamou em uma voz clara e estridente pelas três crianças Martin que estavam trabalhando em uma pequena plantação de batata.

– É uma das minhas principais preocupações – disse Mrs. Martin. – Ele a segue *pra* todo lado. Zacky já o alertou duas vezes.

– Ele mantém o chalé dele em um estado incomumente ruim. Você deve sentir o fedor horrível quando o vento vem nesta direção.

– Ah, nós não ligamos *pra* nada disso. É com a menina que nos preocupamos.

Ross podia ver Reuben Celmmow de pé na porta de seu chalé observando Jinny, seguindo-a com seus olhos pálidos, pequenos, e seu olhar fixo desconcertante. Os Clemmows sempre foram um problema para a vizinhança. O pai e a mãe Clemmow estavam mortos havia alguns anos. O pai Clemmow era um surdo-mudo e tinha convulsões; as crianças zombavam dele por causa de sua boca retorcida e dos barulhos que ele fazia ao engolir. A mãe Clemmow era agradável de se olhar, mas havia algo de podre nela; ela não era uma mulher que se satisfazia com os pecados humanos comuns da copulação e da bebedeira. Ele se lembrava de vê-la sendo chicoteada publicamente no mercado de Truro por vender

pós-abortivos venenosos. Os dois Clemmows se encontravam em confusões volta e meia, mas Eli sempre pareceu ser o mais difícil.

– Ele lhes incomodou enquanto estive longe?

– Reuben? Não. Exceto que ele defecou na cabeça de Nick Vigus um dia no último inverno quando ele o estava perturbando. Mas eu não o culparia por isso, pois eu mesma poderia ter feito isso várias vezes.

Ross pensou: não era uma fuga voltar para a vida simples do camponês. Neste caso, ele havia trocado o comando de seu grupo de infantaria por essa preocupação implícita com o bem-estar das pessoas vivendo em suas terras. Ele poderia não ser um fidalgo rural no sentido completo da palavra, mas as responsabilidades não o intimidavam.

– Você acha que ele quer fazer mal a Jinny?

– Isso não sabemos dizer – disse Mrs. Zacky. – Se ele fizesse qualquer coisa, ele nunca iria para uma corte de justiça. Mas é preocupante *pra* uma mãe, meu caro, você deve reconhecer.

Reuben Clemmow, por sua vez, viu que ele mesmo estava sendo observado. Ele encarou diretamente as duas pessoas na entrada do outro chalé, então, virou-se e entrou em seu próprio chalé, batendo a porta atrás de si. Jinny e as três crianças estavam voltando. Ross olhou para a garota com mais interesse. Jeitosa e elegante ela era; uma coisinha bonitinha. Aqueles bons olhos castanhos, a pele pálida com algumas sardas no nariz, o cabelo grosso castanho-avermelhado, haveria muitos admiradores entre os homens jovens do distrito. Não era de se admirar que ela empinasse seu nariz para Reuben, que tinha quase quarenta anos e era fraco da cabeça.

– Se Reuben incomodá-la novamente, – Ross disse – envie uma mensagem para mim e eu virei falar com ele.

– Obrigada, *sinhô*. Estaremos em dívida. Talvez se você falar com ele, ele pare com isso.

4

Em seu caminho para casa, Ross passou pela casa dos motores de Wheal Grace, aquela mina da qual tinha vindo toda a

prosperidade de seu pai e para a qual ela havia retornado. Ficava na colina do outro lado do vale com relação à Wheal Maiden, e, conhecida como Mina Trevorgie, ela havia trabalhado de maneira primitiva há séculos, e Joshua havia usado um pouco do trabalho anterior e renomeado a mina em homenagem à sua esposa. Ross pensou em reabri-la, pois qualquer preocupação era melhor do que ficar se lastimando dia após dia.

Na tarde seguinte, ele vestiu um macacão das roupas de mineração de seu pai, e estava prestes a sair da casa, seguido por resmungos de Prudie sobre as tábuas apodrecidas e ar infectado, quando viu um cavaleiro cavalgando pelo vale e soube que era Francis. Ele estava sobre um belo cavalo ruano e vestido de maneira elegante, com calções cor de couro, um colete amarelo, e um sobretudo de veludo marrom-escuro afinado na cintura com uma gola alta. Ele parou diante de Ross e o cavalo se ergueu com a parada.

– Ei, Rufus, fique quieto, menino! Ora, ora, Ross.

Ele desmontou, seu rosto sorridente e amigável. – *Quieto*, menino! Bem, o que é isto? Vai fazer uma homenagem a Grambler?

– Não, eu decidi examinar Grace.

Francis ergueu suas sobrancelhas. – Ela era como uma velha meretriz. Você não tem esperanças de recomeçá-la?

– Até meretrizes têm seu uso. Eu estou fazendo uma vistoria de tudo que possuo, seja com ou sem valor.

Francis enrubesceu um pouco. – Bastante sensato. Talvez você possa esperar uma hora.

– Desça comigo – Ross sugeriu. – Mas talvez você não goste mais de tais aventuras, com essas roupas.

A vermelhidão de Francis se intensificou. – É claro que eu irei – ele disse rapidamente. – Me dê um macacão velho de seu pai.

– Não há necessidade. Eu irei outro dia.

Francis entregou seu cavalo para Jud, que acabara de vir dos campos. – Nós podemos conversar no caminho. Será interessante para mim.

Eles foram para dentro, e Ross procurou entre os pertences de seu pai que os Paynters não tinham vendido. Quando coisas em condições aceitáveis foram encontradas, Francis tirou suas roupas

finas e as vestiu. Eles saíram da casa, e, para superar suas inibições, Ross se forçou a falar sobre suas experiências na América, onde ele fora enviado como uma insígnia muito nova depois de apenas um mês com seu regimento na Irlanda. Sobre aqueles primeiros meses atarefados sob o comando de lorde Cornwallis, quando quase todas as batalhas que ele vira tinham ocorrido; sobre o avanço em direção a Portsmouth e o ataque repentino dos franceses enquanto eles cruzavam o rio James; sobre o caminho por Lafayette; sobre uma bala de mosquete em seu tornozelo; sobre ter sido enviado para Nova York, escapando, assim, da tomada de Yorktown; e sobre um corte de baioneta em sua face durante um conflito local, enquanto os artigos preliminares sobre a paz estavam sendo assinados.

Eles chegaram à mina e à casa de motores, e Ross cutucou um junco alto por alguns minutos; então foi até seu primo, que espiava o comprimento do mastro.

– A qual profundidade eles a levavam? – Francis perguntou.

– Não mais do que trinta braças, creio eu; e a maior parte disso estará debaixo d'água. Mas eu ouvia meu pai dizer que a maior parte dos trabalhos em Trevorgie já a drenava por si só.

– Nós começamos um nível de oitenta braças em Grambler, e isso promete coisas grandiosas. Há quanto tempo essa escada não é utilizada?

– Dez anos, eu suponho. Dê-me cobertura, pois não?

A brisa forte dificultava o acendimento das velas de cânhamo. Com uma vela à frente de cada chapéu de proteção eles começaram a descer a escada. Francis teria ido primeiro, mas Ross o parou.

– Espere. Eu vou testá-la.

Os primeiros doze degraus pareciam firmes o bastante, então Francis começou a segui-lo. Esta era um abertura razoavelmente ampla, a escada pregada às laterais e apoiada em plataformas de madeira em alguns intervalos. Alguns dos aparelhos de bombear ainda estavam em posição; mais para baixo, porém, eles haviam caído. Conforme abandonavam a luz do dia, o cheiro forte e úmido de água parada subia para encontrá-los. O primeiro nível foi alcançado sem incidentes. Com a luz fraquejante em seu

chapéu soltando fumaça, Ross espiou dentro da estreita abertura do túnel e decidiu tentar ver o nível seguinte. Comunicou isso ao homem acima dele e, então, seguiram descendo. Quando Francis deslocou uma peça, esta bateu na plataforma seguinte e caiu com um *plop* escorregadio na água que não se via ainda abaixo. Agora os degraus se mostravam mais traiçoeiros. Vários tinham que ser pulados, e então um cedeu assim que Ross colocou seu peso sobre ele completamente. Seu pé se apoiou no próximo degrau que estava firme.

– Se algum dia eu abrir uma mina – ele chamou, sua voz ecoando ao redor do espaço confinado –, colocarei escadas de ferro descendo da abertura principal.

– Quando os tempos estiverem melhores pretendemos fazer isso em Grambler. O pai de Bartle se foi desse jeito.

Os pés de Ross ficaram frios. Ele inclinou sua cabeça para espiar a água escura de óleo que barrava o seu caminho. A altura da água havia diminuído durante os últimos meses, pois em todo lugar ao seu redor as paredes estavam cobertas com lodo verde. Sua respiração subiu em forma de vapor se juntando à fumaça da vela. Ao seu lado, aproximadamente sessenta centímetros abaixo d'água, ficava a entrada para o segundo nível. Essa era a parte mais profunda da velha Mina Trevorgie. Ele desceu mais dois degraus até a água ficar acima de seus joelhos, e então saiu da escada para entrar no túnel.

– Eca! Que fedor – veio de Francis. – Eu imagino quantos pivetes indesejados foram jogados aqui.

– Acho que este nível corre para o leste por baixo do vale, na direção de Mingoose.

Ele seguiu para dentro do túnel. Um *splash* atrás de si o revelou que Francis havia descido da escada e o seguia. Aqui as paredes estavam escorrendo água em tons de marrom e verde, e em alguns lugares o teto era tão baixo que eles tinham que se abaixar para poder passar. O ar era fedido e úmido, e, uma ou duas vezes, as velas fraquejaram como se estivessem prestes a apagar. Francis alcançou seu primo onde o túnel se estendia formando uma caverna. Ross estava inspecionando a parede onde uma escavação havia começado.

– Veja isto – Ross disse, apontando.

– Eles escolheram o nível de maneira errada. Nós sabemos como os intervalos eram maiores em Grambler – Francis molhou seu dedo na água e esfregou a rocha onde as manchas dispersas de estanho se mostravam.

– Veja esta veia de estanho aparecendo em meio à decomposição mineral – disse Ross.

– Mas e daí? Você não viu as nossas planilhas de custos em Grambler desde que voltou? Os lucros têm um tímido capricho de pularem para o lado errado do registro.

– Em Grambler – disse Ross –, vocês foram fundo demais. Aqueles motores custavam uma fortuna quando eu parti.

– Eles não queimam carvão – disse Francis. – Eles o comem como um macaco come morangos. “Mastigam” rapidamente e já estão zurrando pedindo mais.

– Aqui um motor pequeno bastaria. Dá para se trabalhar neste nível mesmo sem bombeamento.

– Não se esqueça de que estamos no outono.

Ross se virou e encarou a água fedida e escura acima de seus joelhos, então olhou novamente para o teto. Francis estava certo. Eles somente conseguiram chegar tão longe assim por causa da secura do verão. A água estaria subindo agora. Dentro de alguns dias, ou talvez até horas, não seria mais possível voltar.

– Ross – disse o outro homem. – Você ouviu dizer que me casarei semana que vem, não ouviu?

Ross desistiu de observar e se endireitou. Ele era uns oito centímetros mais alto que seu primo. – Verity me contou.

– Um. Ela disse que você não queria comparecer ao casamento.

– Ah... Não é bem assim. Mas é que com uma coisa e outra... Minha casa parece a destruição de Cartago.[3] Além disso, eu nunca fui de cerimônias. Vamos avançar aqui um pouco. Eu me pergunto se não seria possível tirar a água de todos esses mecanismos antigos usando um acesso feito pelo chão de nível baixo depois de Marasanvose.

Alguns segundos depois, Francis seguiu seu primo. A luz fraquejante de ambas as velas dançava, jogando a escuridão para

lá e para cá, despejando sombras fumegantes para serem seguidas e fazendo reflexos estranhos e grotescos na água escura. Logo o túnel se contraiu até tomar o formato de um ovo, com aproximadamente um metro e quarenta centímetros de altura e não mais do que noventa centímetros de extensão na parte mais larga. Na verdade, ele foi cortado justamente para ser grande o bastante para permitir a passagem de um homem empurrando um carrinho de mão e inclinando sua cabeça sobre ele. A água ficava logo abaixo da parte mais larga do ovo, e as paredes haviam sido polidas até ficarem suaves com o esfregar de cotovelos há muito tempo esquecidos. Francis começou a sentir a necessidade de ar, a necessidade de esticar suas costas curvadas, o peso de milhares de toneladas de rocha sobre sua cabeça.

– Você precisa vir ao casamento, claro – disse ele, elevando sua voz. Sua vela estava crepitando com uma gota de água que havia caído nela. – Nós ficaremos muito chateados se você não vier.

– Besteira. O interior logo se cansará de falar sobre isso.

– Você está sendo demasiado ofensivo hoje. É o nosso desejo que você compareça. O meu e...

– E o de Elizabeth?

– Ela pediu especialmente que você viesse.

Ross impediu uma frase que estava em sua língua. – Muito bem. Que horas?

– Meio-dia. George Warleggan será meu padrinho.

– George Warleggan?

– Sim. Se eu soubesse que você...

– Você está vendo, o chão está se elevando um pouco. Estamos indo para o norte agora.

– Nós não queremos um casamento grandioso – Francis disse. – Somente nossas famílias e alguns amigos. Primo William-Alfred irá oficiar a cerimônia e Mr. Odgers o assistirá. Ross, eu queria explicar...

– O ar está melhorando aqui – Ross disse gravemente, forçando seu caminho em volta de um canto estranho do túnel apertado e trazendo abaixo uma cascata de pedras soltas que caíam na água com um plop.

Eles subiram por alguns metros e estavam quase livres da água. À frente, havia um brilho de luz. Ainda subindo, eles chegaram a uma abertura de ar, uma das inúmeras galerias escavadas até lá embaixo para tornar as condições de trabalho meramente suportáveis. Assim como a abertura principal, ela era ainda mais profunda; estava cheia de água até alguns metros de distância deles, e era atravessada por uma ponte estreita feita de tábuas. Não havia escada para subir nesta abertura.

Eles olharam para cima para o pequeno círculo de luz do dia acima deles.

– Onde fica isso? – disse Ross. – Deve ser aquele ao lado da estrada para Reen-Wollas.

– Ou aquele na beirada das dunas de areia. Olhe, Ross, eu queria explicar. Quando conheci Elizabeth nesta última primavera não havia nenhum pensamento em minha mente sobre me intrometer entre você e ela. Foi como um raio que veio do nada. Tanto ela, quanto eu...

Ross se virou, sua expressão facial muito contorcida e perigosa. – Em nome do *diabo*! Já não é o bastante...

Tal foi a expressão dele que Francis deu para trás na ponte de madeira cruzando a galeria. A ponte se partiu em pedaços como uma bolacha e ele ficou se debatendo na água. Isso aconteceu tão rapidamente que, por um segundo, nada poderia ser feito. Ross lembrou-se que Francis não sabia nadar. Na escuridão parcial, ele conseguiu chegar à superfície de algum jeito, um braço, cabelos claros, o chapéu de proteção flutuando, suas roupas foram um auxílio antes de ficarem pesadas com a água. Ross se deitou de barriga para baixo, se inclinou na beirada, quase perdeu o equilíbrio, mas não conseguiu alcançá-lo; um rosto em desespero; a água era viscosa. Ele puxou uma parte da ponte apodrecida, a atirou, e um grande prego de ferro se prendeu no sobretudo de seu primo. Ele puxou e o casaco rasgou; uma mão pegou a ponta da madeira e Ross puxou novamente. Antes da madeira se desfazer, eles conseguiram se encontrar. Ross tencionou seus músculos contra o chão de rocha escorregadio e tirou seu primo de dentro do buraco. Eles ficaram ali sentados por alguns instantes, Francis ofegante e cuspindo a água suja.

– Por Deus! Qual foi o motivo de você ter ficado tão agressivo? – ele disse com raiva.

– Por Deus, por que você não aprende a nadar? – Ross disse.

Houve outro silêncio. O acidente havia liberado algumas emoções dentro deles; elas ficaram suspensas no ar por algum tempo como um gás perigoso, impossíveis de serem ignoradas. Enquanto estavam sentados, Francis, às vezes, olhava de lado para seu primo. Na primeira noite do retorno de Ross, ele esperava e compreendia a decepção e o ressentimento dele. Mas com seu jeito casual e tranquilo, ele não fazia ideia de quão profunda era a emoção por trás da expressão treinada no rosto de Ross. Agora ele sabia. Ele também sentiu que o acidente de sua queda não era o único perigo no qual ele se encontrara; no qual, talvez, ele ainda se encontrasse. Ambos haviam perdido suas velas e não tinham trazido reservas. Francis olhou para o disco de luz muito acima deles. Pena que não havia uma escada aqui. Seria uma jornada de volta desagradável passando por todo o caminho que eles haviam feito, tateando no escuro. Depois de um minuto, ele sacudiu um pouco da água em seu sobretudo e iniciou o caminho de volta. Ross o seguiu com uma expressão que agora era metade sombria, metade irônica. Para Francis, o acidente havia revelado a profundidade do ressentimento de seu primo, mas Ross sentiu que os limites desse sentimento também deveriam ter sido demonstrados.

Isso ocorrera com ele, pelo menos.

Capítulo Quatro

1

Na semana anterior ao casamento, Ross só deixou sua propriedade uma vez, para visitar a igreja de Sawle. Joshua desejara ser enterrado no mesmo túmulo de sua esposa, então havia pouco a ser visto.

'*Sagrado em memória de Grace Mary: amada esposa de Joshua Poldark, que deixou esta vida no nono dia de maio, 1773, aos 30 anos de idade*. *Quid Quid, Amor Jussit, Non Est Contemnere Tutum.*'[4]

Abaixo, Charles entalhara: '*Em memória, também, de Joshua Poldark, de Nampara, no condado de Cornwall, advogado, que morreu no décimo-primeiro dia de março, 1783, aos 59 anos.*'

A única outra mudança era que as mudas as quais Joshua plantara tinham sido removidas, e a terra estava coberta por uma grama fina. Ao lado desta, em uma pequena lápide adjacente, lia-se: '*Claude Anthony Poldark, morto em 9 de Janeiro, 1771, no sexto ano de sua vida.*'

Quatro dias depois, Ross voltava à igreja para enterrar as esperanças que carregara consigo por mais de dois anos. O tempo todo pensava que, de alguma forma, o casamento não ocorreria. Era tão difícil de acreditar quanto se alguém tivesse lhe dito que ele iria morrer.

A igreja de Sawle ficava à meia milha de distância do vilarejo de Sawle, no início da estrada que levava até o vilarejo. O altar estava decorado com crisântemos dourados, e quatro músicos tentavam tocar os cânticos em violinos e violas de gamba. Havia vinte convidados; Ross se sentou perto da frente em um dos bancos de encosto alto bem convenientes para se dormir, e olhava

fixamente para as duas figuras ajoelhadas no altar, escutando o zumbido da voz de William-Alfred forjando a união legal e espiritual.

Logo depois, e parecia não ter se passado tempo algum para uma questão tão crucial, eles estavam no jardim da igreja novamente onde estavam reunidos quatro dúzias de moradores dos vilarejos de Sawle, Trenwith e Grambler. Eles ficaram a uma distância respeitável e deram vivas de maneira contida, porém, espontânea quando a noiva e o noivo apareceram à porta.

Era um dia claro de novembro com áreas de céu azul, um sol intermitente, e monumentos de nuvens brancas e cinzas se movendo sem pressa diante do vento fresco. O véu de renda antiga de Elizabeth voava em ondas na frente de sua figura, fazendo-a parecer intangível e celeste. Ela poderia ser uma das nuvens menores que se perdera no caminho e ficara presa na procissão humana. Logo eles estavam na carruagem, chacoalhando na estrada irregular, enquanto seus convidados seguiam atrás a cavalo.

Elizabeth, seu pai e sua mãe tinham saído de Kenwyn na carruagem da família Chynoweth, sacudindo e fazendo barulho ao longo dos caminhos desnivelados e deixando para trás uma névoa de poeira cinza que caíam sobre os observadores que se reuniam para vê-los, pois o aparecimento de tal veículo naquele interior árido era um evento de primeira importância. Cavalos e carroças de mulas eram os meios de transporte invariáveis. As notícias sobre a vinda deles correram mais rápido do que suas grandes rodas vermelhas com bordas de ferro poderiam carregá-los, de modo que mineradores peneirando estanho nos córregos próximos, moradores dos chalés e suas esposas, trabalhadores rurais, mineradores de folga, e os restantes das congregações de quatro paróquias apareceram para vê-los passar. Cachorros latiram e mulas relincharam e crianças nuas corriam atrás, gritando em meio à poeira.

Quando chegaram à estrada, o cocheiro colocou os cavalos para trotarem. Bartle no banco de trás tocou sua corneta, e eles chegaram à frente de Trenwith House em um estilo elegante com vários dos cavaleiros que os seguiam trotando e gritando ao redor.

Na casa, havia sido preparado um banquete que colocava todos os outros nas sombras. Todos os que estiveram ali na noite do retorno de Ross estavam presentes novamente. Mrs. Chynoweth, bela como uma águia bem-alimentada; Dr. Choake e sua bela e tola esposa; Charles, se elevando de acordo com a situação através de uma grande peruca nova, com um sobretudo de veludo marrom e renda fina nos punhos, e um colete vermelho. Verity passou menos da metade de seu tempo à mesa, estava constantemente para cima e para baixo a fim de conferir se as coisas corriam bem. Seu cabelo escuro encaracolado ficava mais desarrumado conforme a tarde avançava. Primo William-Alfred – magro, pálido e difícil de se aproximar – conferiu alguma solenidade e restrição aos procedimentos. Sua esposa Dorothy não estava presente, pois estava doente com a mesma velha queixa, que era a gravidez. Tia Agatha, tomando seu lugar de costume ao pé da mesa, usava um vestido de veludo de estilo antiquado com uma crinolina de osso de baleia e um chapéu de renda fina sobre sua peruca empoeirada.

Entre os recém-chegados estava Henshawe, capitão de Grambler, um grande e jovem homem com o mais claro dos olhos azuis e mãos e pés pequenos, estes que o permitiam se mover facilmente apesar de todo o seu peso. Mrs. Henshawe sentia-se deslocada, pausando de vez em quando sua maneira excessivamente elegante de comer para olhar desconfortavelmente para os outros convidados; mas seu marido, embora trabalhasse dentro de uma mina desde os oito anos de idade e não soubesse ler nem escrever, estava acostumado a se misturar com qualquer classe, e logo já estava palitando seus dentes com o garfo das frutas cristalizadas. Em frente a eles, tentando não ver isso, estava Mrs. Teague, a viúva de um primo distante com uma pequena propriedade perto de St. Ann; e espalhadas pela mesa em um terceiro lugar sem importância estavam suas cinco filhas solteiras: Faith, Hope, Patience, Joan e Ruth. Ao lado dela, estava certo capitão Blamey, a quem Ross não conhecia, um homem quieto e apresentável de uns quarenta anos, mestre de um dos navios que circulavam entre Falmouth e Lisboa. Durante toda a longa refeição, Ross viu o marinheiro falar apenas duas vezes, e era com Verity,

para agradecê-la por mais alguma coisa que ela havia trazido. Ele não bebeu nada.

O outro clérigo não ajudou primo William-Alfred com os dignitários do dia. Ao reverendo Mr. Odgers, um homenzinho seco, foram confiadas as paróquias dos vilarejos de Sawle e Gramble, e por isso, o reitor, que morava em Penzance, o pagava quarenta libras por ano. Com isso, ele mantinha uma esposa, uma vaca e dez filhos. Ele tomou seu lugar no banquete vestindo um terno que estava quase verde devido ao uso frequente e uma peruca desbotada de pelo de cavalo. Ele estendia constantemente uma mão, na qual havia sujeira incrustada e cujas unhas estavam quebradas, para se servir novamente de outro prato enquanto sua mandíbula trabalhava para se livrar do que ainda estava diante dele. Havia alguma semelhança com um coelho nos movimentos rápidos e furtivos: mastiga, mastiga, antes que alguém apareça para me assustar.

Completando a companhia estavam os recém-ricos do condado, os Warleggans: pai, mãe e filho. Eram os únicos representantes dessa classe. O pai do Warleggan sênior havia sido um ferreiro rural que tinha começado a fundição de estanho em pequena escala; o filho do fundidor, Nicholas, se mudou para Truro e iniciou os trabalhos de fundição. Dessas raízes, vieram todos os tentáculos de sua fortuna. Mr. Nicholas Warleggan era um homem com um lábio superior grande, olhos de basalto e mãos quadradas ainda marcadas com o trabalho desde jovem. Há vinte e cinco anos ele se casara com uma Mary Lashbrook, de Edgecumbe, e o primeiro fruto da união estava presente agora em George Warleggan, um jovem que se tornaria famoso nos círculos de mineração e finanças, e que já estava estabelecendo sua presença onde o pai não havia se firmado.

George tinha um rosto grande. Todas as suas feições estavam na mesma escala: o nariz decisivo um pouco arrebitado nas narinas como se estivesse preparado para a oposição, os grandes olhos castanhos determinados, que ele usava mais do que seu pescoço quando procurava pelo que não estava à sua frente – uma característica que Opie havia capturado quando pintou o retrato dele mais cedo naquele ano.

Quando o banquete, finalmente, havia terminado, a mesa grande foi empurrada para longe do caminho e os convidados exaustos se sentaram em uma roda para assistir a uma briga de galos.

Verity e Francis protestaram que essa forma de entretenimento não era apropriada, mas Charles os ignorou. Mal se conseguia uma oportunidade para um torneio em sua própria casa; normalmente ele precisava cavalgar até Truro ou Redruth, algo cansativo que ele estava se tornando cada vez menos disposto a fazer. Além disso, Nicholas Warleggan havia trazido Red Gauntley, uma ave de reputação, e ele queria vê-lo lutar contra todos os outros. Os galos do próprio Charles se enfraqueceriam sem ter sangue fresco para si. Um criado de um dos Warleggans trouxe o Red Gauntlet e outra ave, e no instante seguinte Dr. Choake retornou com alguns de seus próprios competidores, seguido pelo garoto Bartle com algumas das aves de Charles.

Em meio à confusão, Ross procurava por Elizabeth. Ele sabia que ela odiava brigas de galos; e assim ela havia fugido para o final do corredor e estava sentada em um sofá perto das escadas tomando chá com Verity. Primo William-Alfred, que desaprovava o esporte baseado em princípios Cristãos avançados, e franzia a testa sobre a cena, havia se retirado para um recuo do outro lado das escadas, local onde ficavam os retratos da família sobre uma mesa de mogno de três pernas. Ross o ouviu conversando com reverendo Mr. Odgers sobre a condição preocupante da igreja de Sawle.

Uma leve vermelhidão coloriu a pele de Elizabeth quando Ross se aproximou dela.

– Bom, Ross – disse Verity –, ela não está um amor em seu vestido de casamento? E não foi tudo um grande sucesso até então? Esses homens e suas brigas de galos! A comida não se acomoda em suas barrigas até que eles vejam sangue escorrendo em algum passatempo bobo. Você quer chá?

– Um banquete maravilhoso. Meu único desejo é dormir depois disso – disse Ross.

– Bom, eu preciso ir encontrar Mrs. Tabb, ainda há muito a se fazer. Metade de nossos convidados passarão a noite aqui.

Verity os deixou e eles ficaram ouvindo as brigas e as conversas que se passavam na roda que fora aberta. Tendo o esporte em mente, o grupo se recuperava rapidamente da exaustão da comida.

– Você está entre aqueles que ficarão aqui? – perguntou Ross.

– Hoje nós ficaremos. Amanhã iremos para Falmouth por duas semanas.

Ele a observava fixamente enquanto ela olhava entorno do salão. Seu cabelo claro estava preso na nuca, com as orelhas à mostra e apenas um cacho na frente de cada uma. O resto estava encaracolado e arrumado no topo de sua cabeça, com um pequeno adereço de cabelo no formato de uma única fileira de pérolas. Seu vestido tinha uma gola alta e mangas balonê de renda fina. Ele esperara tanto por este encontro e, agora, não sabia o que dizer. Havia sido assim muitas vezes quando eles tinham acabado de se conhecer. A doçura frágil dela o deixara, frequentemente, com a língua presa, até ele descobrir como ela realmente era.

– Ross – disse ela –, você deve se perguntar por que eu queria que você viesse hoje. Mas você ainda não tinha vindo falar comigo e eu sentia que precisava conversar com você – ela parou por um momento para morder seu lábio inferior e ele observou a coloração desaparecer e reaparecer nele. – Hoje é o meu dia. Eu quero estar feliz e sentir que todos aqueles à minha volta também estão. Não há tempo para explicar tudo, e talvez eu não conseguisse explicar, mesmo que houvesse. Mas eu quero que você tente me perdoar por qualquer infelicidade que eu possa ter lhe causado.

– Não há nada para se perdoar – disse Ross. – Não havia nenhum acordo formal.

Ela olhou para ele por um instante com olhos cinzentos que pareciam demonstrar um pouco de indignação.

– Você sabe que não era só isso...

A primeira luta terminou em meio à gritaria e aplausos e a ave derrotada, perdendo sangue e penas, foi resgatada de dentro da arena.

– Ora, isso não foi uma luta! – disse Charles Poldark. – Aarf! Eu raramente vi cinco guinés serem ganhos tão rapidamente.

– Não – disse Dr. Choake, cujo pássaro havia derrotado o dos Warleggans.

– Paracelsus subestimou seu oponente. Um erro fatal.

– *Fashilmente*! – disse Polly Choake, acariciando a cabeça do vencedor enquanto o criado o segurava. – O vencedor não *pauece* tão raivoso até seu *tempeuamento* ser *atishado*. As pessoas dizem que eu sou *ashim*!

– Ele não venceu intacto, madame – disse o criado. – A senhora irá sujar suas luvas.

– Bom, *agoua* eu *podeuei compuar* um par novo! – disse Polly. Houve alguma risada depois disso, apesar de seu marido franzir suas sobrancelhas com tal falta de classe.

– Foi um espetáculo ruim de qualquer forma. Há muitos mais jovens que poderiam ter feito melhor. Meu Duque Real poderia engolir qualquer um dos dois, e ele é pouco mais do que um adolescente! – disse Charles.

– Vamos ver esse Duque Real – disse Mr. Warleggan educadamente. – Talvez você gostaria de colocá-lo contra Red Gauntlet.

– Contra quem? O quê? – perguntou tia Agatha, secando um pouco de baba de seu queixo. – Não, isso seria uma pena, seria sim.

– Pelo menos assim poderíamos ver se o sangue dele é realmente azul – disse Mr. Warleggan.

– Uma batalha real? – disse Charles. – Não sou contra. Qual é o peso de sua ave?

– Dois quilos, exatamente.

– Então venha para dentro! Duque Real tem um quilo e oitocentos gramas. Traga-o e veremos!

As duas aves foram trazidas e comparadas. Red Gauntlet era pequeno para seu peso, uma criatura má com cicatrizes e fortalecida depois de vinte lutas. Duque Real era um pássaro jovem que havia lutado apenas uma ou duas vezes e apenas localmente.

– E as apostas? – disse George Warleggan.

– O que você quiser – Charles olhou para seu convidado.

– Cem guinés? – disse Mr. Warleggan.

Houve um momento de silêncio.

–…E todas as colunas apoiando o telhado – disse Mr. Odgers –, estão unidas apenas por barras e junções de ferro que constantemente precisam ser reforçadas. As paredes leste e oeste estão quase cambaleando.

– Sim, sim, darei apoio à minha imaginação – gritou Charles. – Comece logo a luta.

Os preparativos foram iniciados com mais atenção aos detalhes do que de costume. Quaisquer que fossem os hábitos de Mr. Nicholas Warleggan, não era costume dos escudeiros locais do status financeiro de Mr. Poldark apostar tanto.

–...Você sabia que não era só isso – Elizabeth repetiu em um tom mais baixo. – Havia um entendimento entre nós. Mas éramos tão jovens...

– Eu não vejo como – disse Ross – explicações ajudariam. O dia de hoje deixou claro...

– Elizabeth – disse Mrs. Chynoweth, se intrometendo no meio deles de repente. – Você deve se lembrar de que hoje é o seu dia. Você precisa participar e não se isolar dessa maneira.

– Obrigada, mamãe. Mas você sabe que eu não gosto disso. Certamente não sentirão a minha falta até que a luta acabe.

Mrs. Chynoweth corrigiu sua postura e seus olhos se encontraram. Mas sentiu a determinação na voz fraca de sua filha e não forçou essa questão. Ela olhou para Ross e sorriu sem afeição.

– Ross, eu sei que você não tem interesse no esporte. Talvez você me explique as sutilezas dele, então – disse Mrs. Chynoweth.

Ross sorriu em resposta. – Estou convencido, madame, de que não há sutilezas nesse combate sobre as quais eu poderia lhe dar qualquer informação útil.

Mrs. Chynoweth olhou para ele rigidamente. Então ela se virou. – Mandarei Francis vir até você, Elizabeth – ela disse enquanto os deixava.

Houve um silêncio antes do início da luta.

– E tem mais – disse Mr. Odgers –, o jardim da igreja é o pior de tudo. Tão cheio de túmulos que mal se pode abrir o chão sem

revirar cadáveres podres ou crânios ou esqueletos! Temos medo de enfiar uma pá.

– Como você ousou dizer aquilo para a minha mãe! – Elizabeth disse.

– A honestidade é sempre ofensiva? – Ross respondeu. – Me desculpe.

Um murmúrio pronunciado informou-os de que a briga havia começado. Desde o início, Red Gauntlet tinha a vantagem. Com seus pequenos olhos brilhando, ele atacou três ou quatro vezes, indo ao encontro de seu oponente, derramando sangue, e sabendo exatamente quando recuar antes que a outra ave pudesse usar suas próprias armas. Duque Real era um bom jogador, mas de uma classe diferente.

Foi uma luta longa e todos que a assistiam ficaram empolgados. Charles e Agatha lideraram um coro de encorajamento e de oposição. Duque Real caiu em um bater de asas com Red Gauntlet em cima de si, mas miraculosamente se esquivou do golpe fatal e ficou de pé lutando novamente. Finalmente, eles se separaram para brigar com um pouco de distância, cabeças abaixadas e penas do pescoço eriçadas. Até mesmo Red Gauntlet estava cansado, e Duque Real estava em um estado de dar pena. Red Gauntlet conseguia fazer de tudo, menos acabar com ele.

– Desista! – gritou tia Agatha. – Charles, desista! Temos um campeão aí. Não deixe que ele seja mutilado em sua primeira briga!

Charles puxou seu lábio inferior e ficou indeciso. Antes que pudesse tomar uma decisão, eles estavam se atacando novamente. E, de repente, surpreendendo bastante a todos, Duque Real tomou iniciativa. Ele parecia ter usado as reservas frescas de sua juventude triunfante. Red Gauntlet, esgotado e tomado de surpresa, caiu.

George Warleggan apertou o braço de seu pai, desequilibrando sua caixinha de fumo. – Parem a briga! – ele disse gravemente. – As garras estão na cabeça de Gauntlet.

Ele foi o primeiro a ver o que todos viam agora, que o Duque, apenas pelo poder de resistência e com alguma sorte, havia ganhado a luta. Se Warleggan não intervisse imediatamente, Red Gauntlet não poderia mais lutar. Ele estava se contorcendo dando

voltas e mais voltas no chão em um esforço desesperado e fraquejante para tirar a outra ave de cima de si. Mr. Warleggan chamou seu criado de volta, se inclinou, pegou sua caixa de fumo e a guardou. – Deixe que eles continuem – ele disse. – Eu não encorajo aposentados.

– Nós temos um campeão! – gritou tia Agatha. – Ecod, nós temos um campeão com certeza. Bom, a briga não acabou? A ave está acabada. Deus nos ajude, ele parece estar morto para mim! Por que eles não os pararam?

– Eu lhe darei meu saque de mil guinés – Warleggan disse a Charles com uma firmeza que não enganava a ninguém. – E, se você quiser se livrar de sua ave, me dê preferência. Acho que poderia se fazer algo dela.

– Foi um golpe de sorte – disse Charles, sua face grande e vermelha brilhando com suor e prazer. – Um golpe de sorte raro. Eu raramente vi uma briga melhor ou um final mais surpreendente. Seu Gauntlet era uma ave acostumada a lutar.

– De fato – disse Mr. Chynoweth. – Uma batalha real como você disse, Charles. Quem vai lutar em seguida?

– Aquele que briga e depois foge – disse tia Agatha, tentando ajustar sua peruca –, vive para lutar num outro dia – ela deu risada. – Não contra o nosso Duque! Ele mata antes que eles possam ser separados! Devo dizer que vocês todos foram fatalmente lentos. Ou teimosos. Vocês estavam sendo teimosos? Maus perdedores perdem mais do que o necessário.

Felizmente, ninguém estava dando atenção a ela e outros dois galos foram trazidos à frente.

– Você não tem o direito – disse Elizabeth –, você não tem o direito ou motivo para insultar a minha mãe. O que eu fiz, eu fiz porque quis e de minha própria consciência. Se você quiser criticar alguém, critique a mim.

Ross olhou para a garota ao seu lado e a raiva subitamente saiu dele, deixando apenas a dor de que tudo estava terminado entre eles.

– Eu não critico ninguém – disse ele. – O que está feito, está feito, e eu não quero estragar a sua felicidade. Tenho a minha própria vida para viver e... Nós seremos vizinhos. Iremos nos ver...

Francis se retirou da multidão e limpou um pouco de sangue de sua meia de seda.

– Algum dia – disse Elizabeth em voz baixa –, espero que você me perdoe. Nós éramos muito jovens. Mais tarde...

Com a morte em seu coração, Ross observou o marido dela se aproximar.

– Não está acompanhando isso? – Francis disse a seu primo. Seu belo rosto estava avermelhado por causa da comida e do vinho. – Eu não o culpo. Foi um anticlímax depois da outra luta. Aquela foi uma performance impressionante. Bem, minha querida, você está se sentindo negligenciada no dia de seu casamento? É vergonhoso de minha parte e isso será remediado. Que eu murche e apodreça se abandoná-la novamente hoje.

2

Quando Ross saiu de Trenwith muito mais tarde naquela noite, ele montou e cavalgou por milhas, cega e obstinadamente, enquanto a lua subia no céu, até que Darkie, por fim, mostrou sinais de estar coxeando novamente, já que ainda não estava recuperada de seu ferimento. Até então, ele estava muito longe de sua própria casa, num interior varrido pelo vento e desconhecido para ele. Ele deu a volta em sua égua e permitiu que ela encontrasse o caminho para casa. Ela falhou em fazer isso lamentavelmente, e a noite já tinha terminado há muito tempo quando a chaminé quebrada de Wheal Grace o mostrou que ele estava em suas próprias terras. Ele cavalgou até o vale, tirou a sela de Darkie e entrou na casa. Bebeu um copo de rum, foi para o seu quarto, e se deitou na cama completamente vestido e de botas. Mas seus olhos não estavam fechados quando o amanhecer começou a iluminar os vidros quadrados das janelas. Esta era a hora mais sombria de todas.

Capítulo Cinco

1

O início do inverno durou uma eternidade para Ross. Durante vários dias seguidos, a névoa preencheu cada canto do vale até que as paredes de Nampara House escorressem de umidade e o córrego causasse uma enchente. Depois do Natal, as geadas limparam a atmosfera, enrijeceram a grama alta nas beiradas das colinas, embranquecendo os rochedos, e os montes de rochas descartadas pela mineração, endurecendo a areia e pintando-a com as cores do sal até que ela fosse lambida pelo mar inquieto.

Apenas Verity ia a Nampara visitá-lo frequentemente. Ela era o seu contato com o restante da família, trazendo-o fofocas e companhia. Eles caminhavam juntos por milhas, às vezes em baixo de chuva, ao longo das colinas, quando o céu estava carregado de nuvens baixas e o mar estava enfadonho e taciturno como qualquer apaixonado rejeitado. Às vezes pela areia à beira-mar, quando as ondas vinham lentas e pesadas, levantando névoas de iridescência com suas cabeças quebradas. Ele caminhava em frente, escutando-a. Raramente ele falava, enquanto ela caminhava rapidamente ao seu lado, com seu cabelo voando pelo rosto. Um dia, pela metade de março, ela foi e ficou por mais tempo que o normal, observando-o martelar um suporte para uma das vigas da sala de estar.

– Como está o seu tornozelo, Ross?

– Eu mal o sinto – não era bem a verdade, mas perto o bastante disso para outras pessoas. Depois de ter se forçado a andar corretamente, ele quase não mancava, mas a dor estava sempre presente.

Verity havia trazido alguns vidros com suas próprias compotas e agora começava a tirá-los de suas prateleiras e arrumá-los novamente.

– O pai diz que se você estiver com pouco alimento para seu gado, pode pegar um pouco do nosso. E também que nós temos sementes de rabanete e de cebola francesa, se você quiser.

Ross hesitou por um momento.

– Obrigado – disse ele. – Plantei ervilhas e feijões na semana passada. Temos espaço suficiente.

Verity olhava fixamente para uma etiqueta com sua própria escrita.

– Você acha que consegue dançar, Ross? – perguntou ela.

– Dançar? Como assim?

– Oh, não a quadrilha escocesa ou a dança da gaita de foles, mas uma dança formal de baile, como aquele que haverá em Truro na próxima segunda-feira de Páscoa.

Ela o observou por um instante antes de falar novamente. Depois de todo o seu trabalho árduo naquele inverno, ele estava mais magro e pálido. Ele também estava bebendo e pensando demais. Ela se lembrava de quando ele fora um garoto agitado, de coração leve, cheio de conversa e diversão. Naquela época, ele costumava cantar. Esse homem esquelético e melancólico era um estranho para ela, apesar de todos os seus esforços para conhecê-lo. A culpa era da guerra, assim como de Elizabeth.

– Você ainda é jovem – disse ela. – Ainda há muita vida na Cornualha, se você a quiser. Por que não vem?

– Então você irá?

– Se alguém me levar.

Ross se virou. – Esse é um novo interesse. E Francis e Elizabeth não estarão lá?

– Eles iam, mas decidiram não ir mais.

Ross pegou seu martelo. – Ora, ora.

– É um baile de caridade – Verity disse. – Será nos salões públicos. Você pode encontrar amigos lá que não vê desde que voltou. Seria uma mudança de todo esse trabalho e solidão.

– Certamente, seria.

A ideia não o atraía, mas ele respondeu: – Ora, ora, talvez eu pense no caso.

– Talvez não... Talvez não tenha muito problema – disse Verity, corando –, se você não dançar tanto, isto é, se seu tornozelo estiver dolorido.

Ross foi cuidadoso para não ver o rubor dela. – Você terá uma longa cavalgada para casa no escuro, especialmente se estiver molhada.

– Oh, me ofereceram de passar a noite em Truro. Joan Pascoe, a quem você conhece, me acomodará. Eu lhes enviarei uma mensagem para acomodarem você também. Eles ficariam muito felizes.

– Você planeja rápido demais – disse ele. – Eu não disse que irei. Há muito a ser feito aqui.

– Sim, Ross – disse ela.

– Mesmo agora, já estamos atrasados para plantar sementes. Dois dos campos estão debaixo d'água. Eu não posso confiar em Jud para fazer o trabalho sozinho.

– Não, Ross – disse ela.

– De qualquer forma, eu não poderia passar a noite em Truro, pois planejei de cavalgar até Redruth para a feira na terça-feira de manhã. Quero mais gado.

– Sim, Ross.

Ele examinou a alavanca de suporte que havia colocado embaixo da viga. Ainda não estava firme. – Que horas devo ir buscá-la? – ele perguntou.

Naquela noite, ele foi pescar com varas na praia de Hendrawna com Mark, Paul Daniel, Zacky Martin, Jud Panter e Nick Vigus. Ele não gostava da maneira antiga, mas a mudança de circunstâncias estava levando-o de volta a isso.

O tempo estava frio e impróprio, mas os mineradores estavam demasiado acostumados a roupas molhadas e temperaturas extremas para se importarem muito com isso, e Ross nunca prestava atenção ao clima. Eles não pegaram peixe algum, mas a noite foi passada agradavelmente, pois, com as madeiras flutuando na praia, eles fizeram uma grande fogueira em uma das cavernas, sentaram-se ao redor dela e contaram histórias e beberam rum, enquanto a caverna escura ecoava com os barulhos.

Zacky Martin, pai de Jinny e dos outros dez, era um homenzinho quieto e dedicado, com olhos engraçados e uma barba rala em seu queixo. Como sabia ler e escrever, ele era conhecido como o acadêmico da vizinhança. Há uns vinte anos, ele tinha vindo para Sawle, um 'estranho' de Redruth, e superara preconceitos locais para se casar com a filha do ferreiro. Enquanto estavam na caverna, ele chamou Ross para um canto, e disse que Mrs. Zacky

lhe contara incansavelmente sobre alguma promessa que Ross fizera quando estava em seu chalé, logo depois de voltar para casa. Era sobre Reuben Clemmow e a maneira como ele estava assustando a jovem Jinny, tornando sua vida um tormento, seguindo-a por aí, observando-a, tentando afastá-la de seus irmãos e irmãs para falar a sós com ela. É claro, ele não havia *feito* nada ainda: eles mesmos lidariam com isso se ele fizesse algo; mas eles não queriam que isso acontecesse, e Mrs. Zacky continuava dizendo que se o senhor Ross falasse com ele, talvez o fizesse tomar juízo.

Ross olhava fixamente para a cabeça careca de Jud, que estava começando a balançar com os efeitos do rum e do fogo quente. Ele olhou para a face de Nick Vigus cheia de pústulas brilhando, vermelha e demoníaca através das chamas, para as costas compridas e poderosas de Mark Daniel enquanto ele se inclinava sobre a aparelhagem de pescaria.

– Lembro-me muito bem da oferta – ele disse a Zacky. – Eu o verei no domingo. Tentarei colocar juízo nele. Se não, eu o expulsarei de seu chalé. Eles não são uma família saudável, os Clemmows; nós ficaríamos melhor sem eles.

2

A segunda-feira de Páscoa chegou antes que Ross tivesse cumprido sua outra promessa. Mas, por impulso, ele se comprometera a acompanhar Verity no baile e, por afeição a ela, precisava fazê-lo. Os salões públicos estavam cheios de gente quando Ross e Verity chegaram. Muitos da elite da sociedade de Cornwall estavam presentes naquela noite. Quando Ross e Verity entraram, a banda já estava começando a tocar para a primeira dança. O salão estava iluminado por grupos de velas arrumados ao longo das paredes. O murmurinho das vozes os encontrou, trazido por uma onda de ar quente na qual cheiros e perfumes estavam fortemente misturados. Eles fizeram seu caminho atravessando o cômodo em meio a grupos que conversavam, saltos que faziam barulho, caixinhas de fumo fazendo cliques, e o ruído dos vestidos de seda.

Como era de seu costume, quando estava entre pessoas de sua própria classe, Ross havia se vestido cuidadosamente; e Verity, de maneira um pouco inesperada, também fora atenciosa consigo mesma. A cor viva de seu vestido vermelho de brocado acendia e suavizava o bronzeado de sua face simples e agradável. Ela estava muito mais bonita do que ele já havia visto. Esta era uma Verity diferente daquela que arava a terra enlameada de Trenwith em calções e blusões largos, indiferente à chuva e ao vento.

Mrs. Teague e suas cinco filhas eram membros dispersos de um grupo organizado por Joan Pascoe, ao qual era esperado que Ross e Verity se juntassem. Enquanto cumprimentos educados estavam em progresso, Ross voltou seu olhar melancólico para cada uma das cinco garotas, e se perguntou por que nenhuma delas era casada. Faith, a mais velha, tinha pele clara e era bonita, mas as outras quatro eram progressivamente mais escuras e menos atraentes, como se a virtude e inspiração tivesse saído de Mrs. Teague enquanto as produzia. Pelo menos, havia homens suficientes dessa vez, e Mrs. Teague, com uma nova peruca encaracolada e brincos de ouro, contemplava a cena com olhos complacentes. Havia meia dúzia de outros na festa, e Ross era o mais velho entre eles. Ele sentia isso: eles eram tão jovens, com seus modos artificiais e cumprimentos de papagaio. Eles o chamavam de “capitão Poldark” e o tratavam com um respeito que ele não buscava. Isso é, todos, exceto Whitworth, um rapaz bonito e jeitoso, vestido no extremo da moda, usando um fraque bordado com flores de seda. Whitworth estava em Oxford fazendo nada e com um plano de entrar para a igreja. Ele falava com a voz mais alta e claramente queria controlar a festa, um privilégio que Ross permitiu a ele.

Já que estava ali para agradar Verity, ele decidiu entrar no espírito da noite o máximo possível, e se movia de uma garota para outra oferecendo os cumprimentos esperados e recebendo as respostas esperadas.

Ele se encontrou conversando com Ruth Teague, a mais nova e menos atraente do quinteto de Mrs. Teague. Ela tinha ficado um pouco afastada de suas irmãs e, por enquanto, se mantinha fora do alcance de sua mãe controladora. Era o seu primeiro baile, e ela

parecia solitária e nervosa. Com um ar de preocupação, Ross ergueu sua cabeça e contou o número de homens jovens que os Teagues haviam trazido. Afinal de contas, havia apenas quatro deles.

– Eu poderia ter o prazer das duas segundas danças? – perguntou ele.

Ela ficou muito vermelha. – Obrigada, senhor. Se mamãe me permitir.

– Estou ansioso por isso – ele sorriu e se afastou para cumprimentar lady Whitworth, a mãe do *belo* partido. Alguns instantes mais tarde, ele olhou para Ruth e viu que agora ela estava branca. Ele era tão assustador assim com sua cicatriz no rosto? Ou era a reputação de seu pai que se grudava ao seu nome como um odor de iniquidade? Ele viu que outro homem havia se juntado ao grupo e estava falando com Verity. Havia algo familiar naquela figura cansativa, vestida de maneira quieta com o cabelo em um rabo de cavalo modesto. Era Andrew Blamey, o capitão do circular de Falmouth, que ele conhecera no casamento.

– Bem, capitão – disse Ross –, que surpresa vê-lo aqui.

– Capitão Poldark – a mão de Ross foi apertada, mas o outro homem parecia ter a língua presa. Eventualmente, ele conseguiu dizer: – Não sou um homem que dança bem, realmente.

Eles conversaram por alguns instantes sobre navios, capitão Blamey falando a maior parte em monossílabos, olhando para Verity. Então a banda finalmente começou a tocar e ele pediu licença. Ross iria ser o parceiro de sua prima. Eles entraram em formação para começar. As pessoas com títulos estavam em alguma ordem de precedência.

– Você vai dançar a próxima com o capitão Blamey? – Ross perguntou.

– Sim, Ross. Você se importa?

– De maneira alguma. Estou prometido a Ruth Teague.

– O quê? A menor de todas elas? Quanta consideração a sua!

– O dever de todo cavalheiro inglês – disse Ross. Então, quando estavam prestes a se separar, ele acrescentou um grunhido

e uma imitação bem passível: – Não sou um homem que dança bem, realmente.

Verity encontrou o olhar dele. A dança formal continuou. A suave luz amarelada das velas tremulava sobre as cores dos vestidos, o dourado e o creme, o salmão e o amora. Ela tornava as pessoas bonitas ainda mais graciosas e encantadoras, e as sem graça e não charmosas, toleráveis. A luz uniformizava as espalhafatosas e criava sombras suaves de um tom cinza que caíam bem em todos. A banda continuava a tocar, as figuras piruetavam, se movendo, se curvando e pisando, virando nos calcanhares, segurando mãos, formando e reformando desenhos complexos de luz e escuridão, sol e sombra, como uma pintura graciosa das curvas e tramas da vida, nascimento e morte, um lento entremeado dos padrões eternos.

Chegou a hora da dança com Ruth Teague. Ele encontrou sua mão fria através de uma luva de renda rosa. Ela ainda estava nervosa e ele se perguntava como poderia tranquilizá-la. Uma pobre criaturinha sem graça, mas, observando melhor – e ela lhe deu todas as oportunidades para isso ao manter seus olhos voltados para baixo –, ela tinha algumas feições que mereciam atenção: uma curva teimosa em seu queixo arrebitado, um brilho de vitalidade sob sua pele amarelada e o formato de amêndoas dos olhos, que davam um toque de originalidade à sua aparência. Com a exceção de sua prima, ela era a primeira mulher com quem ele havia conversado que não dependia de um cheiro forte para abafar os odores do corpo. Ao encontrar uma garota que tinha um cheiro tão limpo quanto o de Verity, ele sentiu um impulso de amizade. Ross tentou praticar tanta conversa fiada quanto era capaz, e, enfim, teve sucesso em fazê-la sorrir. Perdido nesse novo interesse, ele se esqueceu da dor em seu tornozelo. Eles dançaram a terceira dança juntos, e as sobrancelhas de Mrs. Teague se levantaram. Ela havia esperado que Ruth passasse a maior parte da noite ao seu lado, como uma filha mais nova obediente tinha toda a obrigação de fazer.

– Que festa elegante – disse lady Whitworth, sentando-se ao lado de Mrs. Teague. – Estou certa de que nossos filhos estão se

divertindo. Quem é o homem alto dando atenção a Ruth? Não ouvi o seu nome.

– Capitão Poldark. Um sobrinho de Charles.

– O quê? O filho de Mr. Joshua Poldark? E eu não o reconheci! Não se parece nada com o pai, não é? Não é tão bonito. Mesmo assim... Impressiona de seu próprio jeito, com cicatriz e tudo. Ele está interessado?

– Bom, é assim que o interesse começa, não é mesmo? – disse Mrs. Teague, sorrindo docemente para sua amiga.

– É claro, minha querida. Mas que constrangedor para as suas duas mais velhas, se a Ruth se unir antes delas. Eu sempre achei uma pena a etiqueta da debutante não ser seguida mais rigidamente neste condado. Mas em Oxfordshire, nenhuma garota teria a permissão de seus pais para ser tão livre quanto Patience, Joan e Ruth são até que Faith e Hope estivessem bem resolvidas. Eu admito que cria um pouco de ressentimento na família. Bom, imagine, aquele é o filho de Mr. Joshua e eu não o reconheci. Pergunto-me se são parecidos em seus comportamentos. Eu me lembro bem de Mr. Joshua...

Depois dessa dança, Ruth foi se sentar ao lado delas. Sua face foi de muito pálida a avermelhada com o movimento da dança. Mrs. Teague estava se coçando para fazer perguntas, mas nada poderia ser dito enquanto lady Whitworth estivesse irritantemente perto o bastante para ouvi-las. Mrs. Teague conhecia a reputação de Joshua tão bem quanto lady Whitworth. Ross poderia ser um partido excelente para a pequena Ruth, mas seu pai tivera um hábito deplorável de pegar a isca sem se prender ao anzol.

– Senhorita Verity está muito sociável esta noite – disse Mrs. Teague para distrair a atenção de lady Whitworth. – Creio que ela está mais vivaz do que já a vi antes.

– A companhia dos jovens, sem dúvida – disse sua amiga secamente. – Vejo que o capitão Blamey também está aqui.

– Um primo dos Roseland Blameys, pelo que eu sei.

– Ouvi dizer que eles preferem que pensem que ele é um primo de segundo grau.

– Ah, é mesmo? – Mrs. Teague atentou suas orelhas. – E por que isso?

– Ouvimos alguns rumores – lady Whitworth balançou sua mão coberta em uma luva indiferentemente. – Mas é claro, não se repete rumores quando há orelhas jovens que possam escutá-los.

– O quê? – Er... não, não, é claro que não.

Capitão Blamey estava fazendo uma reverência para sua parceira.

– Quente aqui – disse ele. – Talvez... Um refresco?

Verity assentiu com a cabeça, sua língua tão presa quanto à dele. Durante a dança eles não tinham conversado nada. Foram para a sala dos refrescos e encontraram um canto escondido por samambaias. Nessa área afastada, ela bebericava clarete francês e observava as pessoas que passavam para lá e para cá. Ele bebia somente limonada.

Eu devo pensar em algo para dizer, pensou Verity; *ora, será que eu não consigo ter uma conversa fiada como as outras garotas? Se eu pudesse ajudá-lo a falar ele gostaria mais de mim*; *ele é tímido como eu, eu devo tornar as coisas mais fáceis, não mais difíceis. Tem o assunto da fazenda, mas ele não se sentiria atraído por meus porcos e galinhas. Não me interesso em mineração tanto quanto ele. Do mar, eu não sei nada além de barcos patrulhas e barcos de pesca e outras embarcações pequenas. O naufrágio do mês anterior... Mas talvez esse não seja um assunto de bom gosto para se discutir. Por que eu não consigo simplesmente dizer, la, la, la, e rir e ser cheia de caprichos? Eu poderia comentar como ele dança bem, mas isso não é verdade, pois ele dança como aquele urso grande e amigável que vi no Natal passado...*

– Mais fresco aqui – disse o capitão Blamey.

– Sim – respondeu Verity agradavelmente.

– Um pouco acalorado por ter dançado lá. Acho que uma fresta ou duas de ar fresco não fariam mal algum ao salão.

– O clima está bem agradável, é claro. Atípico para a estação.

– Como você dança graciosamente – disse o capitão Blamey, suando. – Nunca conheci alguém tão, bom... er... hm...

– Eu gosto muito de dançar – disse ela. – Mas tenho poucas oportunidades para isso em Trenwith. Esta noite é um prazer especial.

– Para mim também. Para mim também. Não me lembro de nunca ter gostado tanto de algo...

No silêncio que se seguiu a esta troca, eles ouviram a risada das garotas e os homens flertando na alcova ao lado. Eles estavam se divertindo muito.

– Que coisas tolas esses jovens estão dizendo – Andrew Blamey falou abruptamente.

– Ah, você acha mesmo? – ela respondeu com alívio.

Agora eu a ofendi, ele pensou. *Não foi bem dito. Eu não quis dizer nada sobre ela. Como os ombros dela são bonitos. Eu preciso usar esta oportunidade para contar tudo a ela; mas que direito tenho eu de imaginar que ela se interesse? Além disso, eu a contaria de maneira tão desajeitada que ela já ficaria afrontada com as primeiras palavras. Como a pele dela é bonita! Ela é como uma brisa do oeste na aurora, rara, refrescante, e boa quando entra em nossos pulmões e em meu coração!*

– Quando é a próxima vez que você vai para Lisboa? – ela perguntou.

– Com a maré da tarde na sexta-feira.

– Eu fui a Falmouth três vezes – ela o disse. – Um bom porto.

– O melhor ao norte do equador. Um governo que olhasse adiante poderia convertê-lo para seu uso apropriado como uma grande base e depósito naval. Tudo está favorável. Nós ainda precisaremos de um porto assim.

– Para quê? – perguntou Verity, observando o seu rosto. – Nós não estamos em paz?

– Por pouco tempo. Um ano ou dois, talvez; mas haverá problemas com a França novamente. Nada está definido propriamente. E quando a guerra vier, o poder naval a decidirá.

Enquanto isso no outro salão:

– Ruth – disse Mrs. Teague. – Vejo que a Faith ficará de fora nesta dança. Por que você não vai fazer companhia a ela?

– Muito bem, mamãe – a garota se levantou obedientemente.

– Que tipo de rumores você quis dizer? – perguntou sua mãe, quando ela estava fora de seu campo de audição.

Lady Whitworth ergueu suas sobrancelhas preenchidas.

– Sobre quem?

– Capitão Blamey.

– Sobre o capitão Blamey? Ora, eu não acho cortês dar muito crédito a histórias sussurradas, você não?

– Não, não, certamente não. Eu mesma sou determinada não dar atenção a elas.

– Veja bem, ouvi isso de uma boa autoridade, se não eu não consideraria repetir para você – lady Whitworth levantou seu leque, que era feito de pergaminho de pele de galinha, pintado delicadamente com querubins. Atrás desta tela ela começou a falar em voz baixa para o brinco de pérola de Mrs. Teague.

Os olhos negros de botões de Mrs. Teague ficaram menores e mais arredondados conforme a história prosseguia; as rugas em suas pálpebras desciam como pequenas venezianas que haviam se entortado.

– Não! – ela exclamou. – É mesmo! Ora, nesse caso, ele não deveria ser permitido entrar no salão! Eu considerarei ser meu dever alertar Verity.

– Se você o fizer, minha querida, por favor, deixe isso para outra ocasião. Eu não quero ser envolvida na discussão que pode se seguir. Além disso, minha querida, talvez ela já saiba. Você sabe como são as garotas hoje em dia: loucas pelos homens. E, afinal de contas, ela tem vinte e cinco anos, a mesma idade de sua mais velha, minha querida. Ela não terá muito mais chances.

Em seu caminho para se juntar à sua irmã, Ruth foi interceptada por Ross. Era para convidá-la para a dança que estava prestes a começar, *a gavota*, uma variação de um dos seus minuetos favoritos. Desta vez, ele descobriu que ela sorria mais facilmente, com menos restrição. Ficou levemente assustada com suas atenções, mas não demorou muito para ela ficar lisonjeada. Uma garota com quatro irmãs solteiras não vem ao seu primeiro baile com expectativas extraordinárias. Ser escolhida por um homem de alguma distinção era a mesma coisa que tomar vinho forte, e Ross deveria ter sido mais cuidadoso com suas doses. Mas, em sua boa natureza, ele ficava simplesmente contente, encontrando prazer ao tornar a noite de alguém um sucesso. Para a sua própria surpresa, ele descobriu que estava gostando da dança; havia um prazer em se misturar com as pessoas apesar de ter

tentado desprezar isso. Conforme se separavam e se encontravam novamente, ele continuava sem interromper sua conversa sussurrada com ela, e ela dava risada abruptamente, recebendo um olhar de reprovação de sua segunda irmã que estava no quadrado seguinte dançando com dois homens mais velhos e uma lady que possuía um título.

Na sala dos refrescos, capitão Blamey tinha produzido um esboço.

– Agora, você vê, esse é o mastaréu, o mastro grande, e a mezena. No mastro frontal fica a vela principal, a...

– Você desenhou isso? – Verity perguntou.

– Sim. É um esboço do navio de meu pai. Era um navio de linha. Ele morreu há seis anos. Se...

– Está muito bem desenhado, extraordinariamente bem.

– Ah, isso. Nós nos acostumamos ao lápis. Você vê, o mastaréu e o mastro grande têm aprestos quadrados; o que quer dizer que eles carregam as retrancas... Ao longo do comprimento do navio. A mezena tem alguns arestos quadrados, mas ela carrega uma vela houari e uma retranca da ré, e a vela se chama vela da ré. Antigamente, ela era chamada de vela latina. Agora, isso é o gurupés. Não aparece neste esboço, mas se põe a vela do gurupés abaixo dele, então... Miss Verity, quando poderei vê-la novamente depois desta noite?

Suas cabeças estavam próximas e ela olhou para cima rapidamente, para os olhos dele castanhos atentos.

– Eu não saberia dizer, capitão Blamey.

– É só isso que eu quero planejar.

– Oh! – disse Verity.

... No mastaréu fica a vela principal. Depois, vêm as velas centrais mais baixas e as mais altas. Esse acessório no gurupés é o mastro de popa, e...

– Para que serve o mastro de popa? – Verity perguntou sem fôlego.

– É o... Er... Eu ouso ter esperanças... Se eu pudesse ter esperanças de que meu interesse é minimamente recíproco... Se isso fosse possível...

– Eu acho que é possível, capitão Blamey.

Ele tocou os dedos dela por um instante. – Miss Verity, você me dá uma esperança, uma perspectiva que inspiraria qualquer homem. Eu sinto... Eu sinto... Mas, antes de ver seu pai, eu devo lhe dizer algo que apenas o seu incentivo me daria forças de arriscar...

Cinco pessoas entraram na sala de refrescos e Verity se endireitou apressadamente, pois viu que eram os Warleggans, com Francis e Elizabeth. Elizabeth a viu subitamente e sorriu, acenou e veio até ela. Ela usava um vestido de musselina cor de pêssego, com um turbante de crepe branco ajustado em sua cabeça.

– Não tínhamos intenção alguma de vir, minha querida – disse ela entretida com a surpresa de Verity. – Como você está bonita. Como vai, capitão Blamey?

– Seu servo, madame.

– Realmente, foi culpa de George – Elizabeth continuou, animada e, portanto, radiantemente linda. – Estávamos ceando com ele e acredito que ele achou nosso entretenimento difícil.

– Palavras cruéis de seus lábios bondosos – disse George Warleggan. – A culpa é de seu marido por querer dançar essa écossaise bárbara.

Francis veio até eles. Sua face estava avermelhada da bebida e o efeito nele também era de acentuar sua boa aparência.

– Não perdemos nada importante – disse ele. – Toda a diversão ainda está por vir. Eu não poderia ficar parado nem que toda a Inglaterra dependesse disso.

– Nem eu – disse Elizabeth. Ela sorriu para capitão Blamey. – Espero que nossos espíritos barulhentos não o perturbem, senhor.

O marinheiro inspirou profundamente. – De maneira nenhuma, madame. Eu mesmo tenho todos os motivos para estar alegre.

No salão de baile, Ruth Teague voltara e lady Whitworth tinha ido embora.

– Então, o capitão Poldark finalmente a deixou, criança! – disse Mrs. Teague. – Qual explicação ele lhe deu para tal conduta?

– Nenhuma, madame – disse Ruth, se abanando animadamente.

– Bom, é gratificante ser escolhida por um homem tão fino, mas há motivos para todas as coisas. Você deveria restringir o seu

comportamento, se ele não o fizer com o seu próprio. As pessoas já estão comentando.

– Estão? Oh, não. Eu não posso recusar dançar com ele; ele é muito educado e agradável.

– Sem dúvida, sem dúvida. Mas não é bonito se vender barato demais. E você também deveria pensar em suas irmãs.

– Ele me chamou para a próxima dança depois dessa.

– O quê? E o que você disse?

– Eu o prometi.

– Uff! – Mrs. Teague estremeceu de maneira enfadonha, mas não estava tão descontente quanto parecia. – Bom, uma promessa é uma promessa; pode ir dançá-la agora. Mas você não deve jantar com ele e deixar Joan sozinha.

– Ele não me convidou.

– Você é muito livre com suas respostas, criança. Eu acho que as atenções dele devem ter lhe subido à cabeça. Acho que darei uma palavrinha com ele depois do jantar.

– Não, não, mamãe, você não deve fazer isso!

– Bom, nós veremos – disse Mrs. Teague, quem não tinha realmente a menor intenção de desencorajar um bom partido. O protesto dela era simbólico para satisfazer o seu julgamento do que era correto e apropriado, de como ela se comportaria se tivesse apenas uma filha e uma com uma fortuna de dez mil libras. Com cinco filhas no registro e nenhum dote para qualquer uma delas, isso limitava o alcance de sua visão.

Mas ela não precisava se preocupar. Quando o intervalo para o jantar chegou, Ross havia desaparecido sem explicações. Em sua última dança com Ruth, ele estava rígido e preocupado, e ela se perguntava furiosamente se as críticas de sua mãe tinham alcançado seus ouvidos de alguma maneira. Assim que a dança acabou, ele saiu do salão de baile e caminhou na noite parcialmente nublada. Ao ver Elizabeth inesperadamente, sua diversão de mentirinha havia se despedaçado. Ele quis sair da vista dela mais do que tudo. Esqueceu-se de suas obrigações como acompanhante de Verity e como membro do grupo de Miss Pascoe.

Havia duas ou três carruagens com lacaios no lado de fora, e também uma liteira aberta. As luzes das janelas anguladas das

casas na praça iluminavam os paralelepípedos irregulares e as árvores do jardim da igreja de St. Mary. Ele virou naquela direção. A beleza de Elizabeth o atingiu novamente. O fato de que outro homem estaria a aproveitando por completo era como a tortura da condenação eterna. Continuar flertando com uma menininha camponesa sem graça estava fora de questão.

Quando sua mão se fechou sobre os corrimões embaixo das árvores, ele lutou para superar sua inveja e sua dor como alguém lutaria contra uma sensação de desmaio. Dessa vez, ele precisava acabar com aquilo de uma vez por todas. Ou ele faria isso, ou deveria sair do condado novamente. Ele tinha sua própria vida para viver, seu próprio caminho para seguir; havia outras mulheres no mundo, talvez fossem feitas do barro comum, mas seriam charmosas o bastante com seus modos elegantes e corpos macios. Ou pôr um fim à sua paixão por Elizabeth, ou se retirar para alguma parte isolada do país, onde comparações não pudessem ser feitas. Uma escolha fácil. Ele continuou andando, dispensando um pedinte que o seguiu com um conto de pobreza e necessidade. Ele se encontrou diante da taberna Bear Inn, abriu a porta e desceu os três degraus até a taberna com seus barris fechados com latão empilhados até o teto e suas mesas de madeira e bancos baixos. Como era a noite de segunda-feira de Páscoa, o salão estava muito cheio, a luz fraquejante das velas em seus castiçais de ferro não lhe mostrou logo de início onde se poderia encontrar um assento. Ele pegou um em um canto e pediu um pouco de conhaque. O garçom arrumou seu topete e pegou um copo limpo em honra de seu cliente inesperado. Ross percebeu que um silêncio se iniciara quando ele entrou. Seu terno e linho eram vistosos em meio a aquele grupo de bebedores vestindo trapos e mal alimentados.

– *Num* tolerarei mais essa conversa aqui – disse o bartender desconfortavelmente –, então é melhor você sair de seu poleiro, Jack Tripp.

– Ficarei onde estou – disse um homem alto e magro, melhor vestido que a maioria dos outros, com um terno esgotado alguns tamanhos acima do dele.

– Deixe-o ficar – disse um homem gordo na cadeira seguinte. – Num se nega nem às vacas seus penicos.

Houve uma risada, pois a comparação fora muito justa.

A conversa foi reiniciada quando se tornou claro que o novato estava absorto demais em seus próprios pensamentos para dedicar algum tempo aos de outras pessoas. Seu único sinal de vida era para pedir ao garçom que enchesse seu copo novamente volta e meia. Jack Tripp foi permitido permanecer em seu poleiro.

– É muito bonito se dizer isso, amigo, mas todos nós homens não nascemos de mulheres? Será que altera nossa entrada ou saída do mundo se nós formos produtores de milho ou pedintes? Dizer que é o plano de Deus que alguns se afundem em riquezas enquanto outros passam fome é uma baita trapaça. Isso é o plano dos homens, escutem-me, o plano dos mercadores ricos e dos outros, para mantê-los onde eles estão e as outras pessoas em correntes. É muito bom e bonito falar de religião e subornar o clero com comida e vinho...

– Deixe Deus em paz – disse uma voz vinda dos fundos.

– Não tenho nada a dizer contra Deus – resmungou Jack Tripp. – Mas não apoio o Deus que o produtor de milho escolheu. Cristo não pregou justiça para todos? Onde está a justiça ao deixar mulheres e crianças passarem fome? O clero está recheado de comida enquanto nossas mulheres vivem de pão negro e folhas de faia, e suas crianças murcham e morrem. E há milho em Penryn, amigos!

Houve um rosnado de aprovação.

Uma voz falou no ouvido de Ross. – Pague uma bebida para uma lady, pois não, meu lorde? Não dá sorte beber sozinho. O diabo entra no conhaque quando se bebe sozinho.

Ele encarou os olhos escuros e audaciosos de uma mulher que havia mudado sua posição para se sentar ao lado dele. Ela era alta, magra, tinha por volta dos vinte e quatro ou vinte e cinco, vestida em um terno de montaria meio masculino que outrora já fora elegante, mas agora estava muito desleixado; talvez tivesse sido obtido de segunda ou terceira mão. O tecido estava sujo e a frente de renda torta. Ela tinha as maçãs do rosto altas, uma boca larga, dentes brilhantes, olhos grandes, atrevidos e obstinados. Seu cabelo escuro fora pintado de vermelho acobreado de maneira desleixada.

Ele fez um sinal para o barman indiferentemente.

– Obrigada, meu lorde – disse ela, se espreguiçando e bocejando. – À sua saúde. Você parece saudoso. Em sua boca, você sabe. Um pouco de companhia não lhe faria mal.

– Sim, há milho em Penryn! – disse Jack Tripp com a voz rouca. – E *pra* quem será? Não *pr'aqueles* como nós. Não, não, vendem a comida para o exterior: essa é a moda. Eles não se preocupam em nos manter vivos. Por que não há trabalho nas minas? Porque os preços do estanho e do cobre estão muito baixos. Mas por que eles estão tão baixos, amigos? Porque os vendedores e fundidores decidem os preços entre si para atender aos seus interesses. Que os mineradores apodreçam! Por que os mercadores se importariam? O mesmo com os donos de moinhos. O mesmo vale para todos!

Ross mudou de apoio com seu cotovelo. Esses agitadores de tabernas. Sua plateia gostava que falassem assim com eles; isso dava voz a queixas que eles mal haviam começado a formar.

A mulher colocou sua mão na dele. Ele a sacudiu para longe e terminou seu conhaque.

– Sozinho, meu lorde; isso é o que te aflige. Deixe-me ler a sua mão – ela estendeu sua mão novamente e virou a palma dele para cima para examiná-la.

– Siiim, siiim. Foi decepcionado no amor, isso é o que é. Uma mulher bonita foi falsa com você. Mas há uma mulher morena aqui. Olhe – ela apontou com um longo dedo indicador. – Veja, ela está perto de você. Bem perto de você. Ela te dará conforto, meu lorde. Não que nem essas madames frágeis que tem medo de um par de calças. Eu gosto da sua aparência, desculpe a expressão. Aposto que você sabe dar satisfação a uma mulher. Mas cuidado com algumas coisas. Cuidado ao ser muito exigente, se não essas damas frágeis o farão pensar que o amor é um jogo de salão. O amor não é um jogo de tabuleiro, meu lorde, como você sabe muito bem.

Ross pediu outra bebida.

– Ora, e o que houve com a pobre Betsey Pydar? – Jack Tripp disse, gritando para vencer a conversa que havia aumentado. – O que houve, eu os pergunto, amigos? O que, *vocês* não ouviram

falar de Betsey Pydar? Caçada pelos encarregados e morrendo de fome...

A mulher virou seu copo, mas não soltou a mão dele.

– Eu vejo um chalé pequeno e aconchegante perto do rio. Eu gosto de você, meu lorde. Eu sinto algo incomum. Acho que você é o tipo de homem que sabe o que é o quê. Eu tenho talento para ler o caráter, como pode ver.

Ross a encarou, e ela encontrou o olhar dele audaciosamente. Apesar de terem acabado de pôr os olhos um no outro, foi como se um desejo tremendo por ele tivesse se inflamado nela. Não era uma questão financeira de jeito algum.

– E o que o pastor Halse disse quando o contaram? – perguntou Tripp. – Ele disse que Betsey Pydar havia causado isso a si mesma ao desobedecer as leis do país. Esse é o clero de vocês!

Ross se levantou, tirou sua mão, colocou uma moeda na mesa para o garçom e procurou seu caminho até a porta.

Lá fora, a noite estava muito escura e uma chuva fraca caía. Ele ficou parado por um instante, indeciso. Enquanto se virava para ir, ele viu a mulher sair da taberna. Ela o alcançou rapidamente e caminhava ao seu lado, alta e forte. Então ela pegou sua mão novamente. Seu impulso era puxá-la para longe dela e pôr fim ao seu incômodo. Mas no último instante sua solidão e tristeza o preencheram como uma névoa lentamente venenosa. O que vinha depois da rejeição? O que havia para ele buscar depois da rejeição? Voltar para o baile?

Ele se virou e foi com ela.

Capítulo Seis

1

Foi sorte Verity ter arranjado de passar a noite com Joan Pascoe, pois Ross não apareceu mais no baile. Do chalé da mulher, Margaret, ele cavalgou diretamente para casa, chegando à Nampara quando os primeiros raios da luz do dia abriam as nuvens aglomeradas da noite.

Era terça-feira, o dia da feira de Redruth. Ele tirou suas roupas, foi até a praia e correu para as ondas. A água fria e barulhenta tirou alguns dos odores da noite. Enquanto saía da água, as colinas do lado mais distante da praia perdiam sua escuridão, e o céu no oriente havia se iluminado com um amarelo brilhante de cádmio. Ele se secou e se vestiu, acordou Jud e eles tomaram café da manhã com o primeiro sol se inclinando através das janelas.

Eles chegaram à Redruth pouco antes das dez, desceram a estrada íngreme e escorregadia até a cidade, chegaram à capela, cruzaram o rio e subiram a outra colina até os campos onde a feira estava acontecendo. Os negócios do dia já estavam em progresso com a compra e venda de gado, produtos do cultivo e laticínios.

Ross levou algum tempo até encontrar o que ele queria, pois não tinha dinheiro para ser desperdiçado, e já era tarde quando terminou. No segundo campo, todos os vendedores do distrito tinham erguido um estande; os comerciantes maiores e de classes mais altas, com sua selaria, roupas, botas e sapatos, fixavam-se na parte mais alta do campo. Conforme a inclinação descia mais, avistavam-se os quiosques de bolos de especiarias e frutas caramelizadas, o fazedor de cordas, o consertador de cadeiras, o afiador de lâminas, as barracas mistas oferecendo lampiões e fósforos de enxofre, cera para selar envelopes e fivelas de prata, pulseiras de cabelo trançado, perucas e caixas de fumo de segunda mão, mantas e penicos.

Levaria algumas horas até que Jud levasse os bois novos para casa. Então, com tempo de sobra, Ross passeou para ver tudo que havia para ser visto. Os comerciantes substanciosos estavam

ausentes do terceiro campo: esta era a província dos apanhadores de ratos profissionais, dos vendedores ambulantes, das apresentações por um centavo. Um canto deste campo pertencia aos boticários e herboristas. Os homens agachavam-se no chão e gritavam diante de placas mal escritas anunciando seus produtos, que eram as curas mais recentes e infalíveis para todas as doenças do corpo. Gotas para o peitoral, perfume de charme, gotas para o nervosismo, licor de benjamin, pomadas, pó contra a febre, gotas dos jesuítas. Ali você poderia comprar plantas herbáceas e azeites para salada, água dos anjos, a planta cicuta para tumores escrofulosos, e frutos espinhentos de bardana para o escorbuto.

No último campo, o qual era o mais barulhento de todos, ficavam as performances laterais e os tocadores de realejo, o estande da Lilly-banger, onde você poderia jogar os dados por um bolo de Páscoa. Como algum tipo de reação à amargura e aos excessos da noite passada, ele encontrou alívio ao misturar-se com seus homens, em aceitar a simplicidade de seus prazeres. Ele pagou seu um centavo e viu a mulher mais gorda da terra, que não era tão gorda quanto a do ano anterior, como o homem sentado ao seu lado reclamando. Por outro centavo ela oferecia levá-lo para trás de uma tela e colocar sua mão em um lugar macio; mas o homem ao seu lado disse que, depois da primeira vez, não caía mais nessa, porque tudo que ela fazia era colocar sua mão em sua própria testa.

Ross ficou em uma tenda escura por quinze minutos assistindo um grupo de atores mascarados interpretar uma mímica sobre São Jorge e o Dragão. Ele pagou um centavo para ver um homem que teve suas mãos e pés comidos por um porco na infância, e que desenhava de maneira bastante impressionante com um giz em sua boca. Pagou outro centavo para ver uma mulher louca em uma gaiola sendo atormentada pela plateia.

Depois de ter visto esses shows, sentou-se em um bar e bebeu um copo de rum e água. As palavras do fomentador Jack Tripp vieram à sua mente enquanto observava as pessoas que passavam. Em sua maioria, elas estavam fracas, fedendo, raquíticas, com pústulas, vestindo trapos – em condições muito piores que as dos animais das fazendas sendo comprados e

vendidos. Era uma surpresa que as classes superiores se vissem como uma raça distinta. Contudo, os sinais que ele tinha visto de um modo de vida diferente na América o tornaram impaciente com essas distinções. Jack Tripp estava certo. Todos os homens nasciam da mesma forma: não existia nenhum privilégio que não fosse criado pelo próprio homem.

Ross havia escolhido o último dos bares, no canto extremo do terreno. O barulho e o cheiro aqui eram menos fortes; mas enquanto pedia outra bebida, um tumulto começou atrás da loja, e um grande número de pessoas se aproximou do canto para ver o que estava acontecendo. Algumas delas começaram a rir. A confusão de gritos estridentes e berros continuava. Ele se levantou e espiou por cima das cabeças das pessoas mais próximas. Atrás da barraca de gin ficava uma clareira, onde algumas ovelhas foram reunidas mais cedo. Agora ela estava vazia com a exceção de um grupo de meninos maltrapilhos assistindo um confuso monte de pelos rolando no chão. Isso se mostrou ser uma gata e um cachorro, que os garotos haviam prendido rabo a rabo. Os dois animais não eram muito diferentes em tamanho e, depois de uma briga, na qual nenhum ganhou vantagem, eles agora queriam se separar. Primeiro o cachorro puxou e a gata se estirou no chão, cuspindo; depois a gata se levantou com dificuldade e, com movimentos lentos e convulsivos, cravando suas garras no chão, arrastou o cachorro para trás.

Os espectadores berravam de tanta risada. Ross sorriu rapidamente e estava prestes a se sentar quando um garoto menor se soltou de dois outros que estavam segurando-o e correu em direção aos animais. Ele empurrou um dos outros meninos que tentou pará-lo e chegou às criaturas, ajoelhou-se e tentou afrouxar o cordão amarrado entre seus rabos, ignorando os arranhões da gata. Quando se notou o que ele estava fazendo, houve um murmúrio da multidão, que percebeu que seriam roubados de um entretenimento gratuito. Mas esse murmúrio se perdeu em meio a um grito de fúria dos outros meninos, que correram de uma vez e se jogaram sobre o estraga-prazeres. Ele tentou resistir na briga, mas logo caiu.

Ross estendeu o braço para pegar sua bebida, mas continuou de pé enquanto bebericava. Um homem grande, tão alto

quanto ele, aproximou-se e bloqueou a visão.

– Pelos raios – disse alguém, – eles vão aleijar o garoto, *chutando ele* desse jeito. Já passou de uma brincadeira, esses vermes jovens.

– E quem dirá não a eles? – perguntou um pequeno comerciante com um olho tapado. – São tão selvagens quanto gatos. É uma desgraça para a cidade o modo como se comportam.

– Quebram suas vidraças se você reclamar – disse outro. – E gostarão de ter essa desculpa. Tia Mary Treglown, ela tem um chalé perto de Pool...

– É, eu sei...

Ross terminou sua bebida e pediu outra. Depois mudou de ideia e entrou na multidão.

– Deus nos guarde! – disse uma dona de casa de repente. – É numa garota que eles estão batendo? Ou eu *tô* enganada. Nenhum de vocês vai *parar eles*?

Ross tirou seu chicote de montaria de sua bota e entrou na arena. Três dos pivetes o viram se aproximar; dois fugiram, mas o terceiro se manteve ali, mostrando os dentes. Ross o acertou na face com o chicote, e o garoto gritou e correu. Uma pedra voou pelo ar.

Havia outros três garotos, dois sentados sobre a pessoa e o terceiro a chutava nas costas. Esse último não viu o inimigo se aproximar. Ross o acertou na lateral da cabeça e o deixou desacordado. Ele levantou um dos outros pelo assento de seus calções e o jogou em uma tina de água próxima. O terceiro fugiu e deixou a pessoa estraga-prazeres deitada com seu rosto no chão.

As vestes eram certamente de menino; uma camisa larga e um casaco, calças grandes demais que terminavam frouxas abaixo do joelho. Um chapéu preto arredondado estava na poeira; o cabelo emaranhado parecia longo demais. Uma pedra acertou o ombro de Ross.

Com o dedão de sua bota ele empurrou a figura de costas. Poderia ser uma menina. A criança estava consciente, mas exausta demais para falar; cada respiração era, em parte, um gemido.

Um grande número de pessoas havia entrado na clareira, mas, conforme as pedradas se tornavam mais frequentes, elas se

afastavam novamente.

– Eles te machucaram, criança? – Ross perguntou.

Com uma mexida convulsiva, ela puxou seus joelhos para perto de si e se sentou.

– Judas, por Deus! – ela finalmente conseguiu falar. –...Que as suas tripas sujas apodreçam!...

A chuva de pedras estavam se tornando mais precisa e outras duas o atingiram nas costas. Ele guardou seu chicote e a levantou; ela não pesava quase nada. Enquanto a carregava em direção à loja de bebidas, ele viu que alguns fazendeiros haviam se reunido e corriam atrás dos garotos com varas.

Ele a colocou na ponta da mesa de tripé que deixara recentemente. A cabeça dela caiu para frente na mesa. Agora que o perigo de mísseis havia passado, as pessoas se aglomeraram ao redor.

– O que fizeram com *tu*, minha querida?

– Golpearam *tu* na costela, não foi?

– Ela ficou acabada, pobre menina.

– Eu os amarraria…

Ele pediu dois copos de rum. – Deixem a criança respirar – ele disse impacientemente. – Quem é ela e qual é o seu nome?

– Num vi nunca antes – disse um deles.

– Certeza que ela veio de Roskear, aposto – disse outro.

– Eu *a conheço* – disse uma mulher espiando. – É filha do Tom Carnes. Eles moram perto de Illugan.

– Então, onde está o pai dela?

– Embaixo de uma mina, eu espero.

– Beba isto – Ross colocou o copo em frente ao cotovelo da garota, e ela o pegou e bebeu de uma vez. Ela era um espantalho magro de uma criança de onze ou doze anos. Sua camisa estava suja e rasgada; o emaranhado de cabelo escuro escondia sua face.

– Você está com alguém? – Ross perguntou. – Onde está a sua mãe?

– Ela *num* tem mãe – disse a mulher, falando com um bafo de gin velho sobre seus ombros. – *Tá* no túmulo faz seis anos.

– Bom, isso *num* é minha culpa – disse a garota ao encontrar sua voz.

– Nem eu nunca disse que era – disse a mulher. – E o que você *tá* fazendo com as roupas do seu irmão, jovem moleca? Vai levar uma cinta por isso.

– Vá embora, mulher – disse Ross, irritado. – Vão embora, todos vocês. Não têm nada melhor para se amontoarem em volta? – ele se voltou para a garota. – Não há ninguém com você? O que você estava fazendo?

Ela se sentou. – Onde está o Garrick? Eles *tava* atormentando ele.

– Garrick?

– Meu cachorro. Onde está o Garrick? Garrick! Garrick!

– *Tá* aqui – um fazendeiro empurrava os outros para abrir caminho. – Eu o peguei *pra* você. *Num* foi fácil.

Ela levantou-se para receber um enrolado preto que se contorcia e caiu no banco novamente com ele em seu colo. Ela se inclinou sobre o filhote para ver se ele estava machucado, tornando suas mãos ainda mais sangrentas do que já estavam. De repente, ela olhou para cima com um gemido, seus olhos flamejando em meio à sujeira e ao cabelo.

– Judas, por Deus! Aqueles ratos sujos! Eles cortaram fora o rabo dele!

– Eu fiz isso – o fazendeiro disse com muita compostura. – Acha que eu ia arranhar minhas mãos por causa de um vira-lata sarnento? Além disso, já estava praticamente arrancado, e ele ficará melhor sem ele.

– Termine isso – disse Ross para a garota. – Depois, se você conseguir falar, me dirá se sente que eles a deixaram com algum osso quebrado.

Ele deu seis centavos ao fazendeiro e a multidão, percebendo que o show havia terminado, começou a se dispersar, apesar de alguns ficarem a uma distância respeitável por algum tempo, interessados no cavalheiro

O cachorro era um vira-lata filhote emaciado, de uma cor preta enlameada, com um pescoço longo e comprido, e coberto por alguns pelos cacheados em locais escassos pela cabeça e corpo. Sua filiação era inimaginável.

– Use isto – disse Ross, oferecendo-a o seu lenço. – Limpe seus braços e veja se os arranhões são profundos.

Ela olhou para cima depois de cutucar seu corpo e encarou o quadrado de linho duvidosamente.

– Irá estragá-lo – disse ela.

– Eu percebi isso.

– Talvez não saia depois de lavar.

– Faça o que lhe foi mandado e não discuta.

Ela usou um canto do lenço em um cotovelo ossudo.

– Como você veio para cá? – ele perguntou.

– Caminhei.

– Com seu pai?

– O pai *tá* na mina.

– Você veio sozinha?

– Com Garrick.

– Você não pode caminhar de volta assim. Tem amigos aqui?

– Não – ela interrompeu subitamente sua limpeza superficial. – Judas, me sinto estranha.

– Beba um pouco mais disto.

– Não... Parece que nada...

Ela se levantou e foi mancando sem equilíbrio até o outro canto da loja de bebidas. Lá, para a diversão e contentamento dos fiéis espectadores, ela colocou para fora o rum que havia bebido de maneira penosa. Depois ela desmaiou, então Ross a levantou e colocou-a de costas para a loja. Quando ela se recuperou, ele a levou para a próxima barraca e lhe deu uma refeição completa.

2

A camisa que ela vestia possuía buracos tanto velhos como novos; os calções eram de um veludo canelado desbotado; seus pés estavam descalços e ela havia perdido o chapéu arredondado. Sua face era alongada e branca, e seus olhos, de um castanho muito escuro, eram grandes demais para ela.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

– Demelza.

– Mas, e o seu nome de batismo?

– Como?

– O seu primeiro nome.

– Demelza.

– Nome estranho.

– Era o nome da minha mãe, também.

– Demelza Carne. É isso?

Ela suspirou e assentiu, pois agora estava bem alimentada; e o cachorro embaixo da mesa grunhiu com ela.

– Eu venho de Nampara. Além de Sawle. Você sabe onde fica?

– Depois da igreja de St Ann?

– Estou indo para casa agora, criança. Se você não conseguir andar eu a levarei primeiro para Illugan e a deixarei lá.

Uma sombra passou pelos seus olhos e ela não falou nada. Ele pagou o que devia e pediu que seu cavalo fosse selado.

Dez minutos mais tarde, eles estavam prontos e em seu caminho. A garota estava sentada em silêncio, montada à frente dele. Garrick os seguia de maneira inconstante, volta e meia arrastando seu traseiro na poeira, ou olhando em volta desconfiado para ver o que tinha acontecido àquela coisa que ele às vezes caçava, e muitas vezes abanava, mas que agora não conseguia localizar.

Eles atravessaram os campos alagados por uma estrada de terra batida que fora endurecida, aprofundada e pisoteada pela passagem de gerações de mulas. O interior por ali era completamente abandonado à busca por minerais. Todas as árvores, exceto algum ocasional pinheiro irregular, foram cortadas para se vender lenho, todos os córregos foram descoloridos, manchas de terra cultivada se espremiam em meio a acres de entulho das minas e montanhas de pedras. Barracões com os motores, guindastes de madeira, placas cunhadas de minas, cabrestantes e molinetes movidos a cavalo eram os seus adereços. Trincheiras e galerias de acesso apareciam nos jardins de trás dos pequenos chalés e cabanas; batatas eram cavadas com enxadas e cabras pastavam em meio aos córregos e ao entulho. Não havia nenhuma cidade, mal havia um vilarejo, apenas uma distribuição ampla e irregular de trabalhadores.

Era a primeira vez que ele ia a Illugan por aquele caminho. Com a melhoria do motor de bombear e as novas veias de estanho e cobre disponíveis, a mineração da Cornualha havia seguido em frente até a crise econômica dos últimos anos. As pessoas haviam emigrado para esses distritos bem-aventurados onde as veias eram mais ricas, e a população local aumentara rapidamente. Agora, com a crescente crise do início dos anos oitenta, muitos dos trabalhadores estavam sem emprego e surgia a dúvida se a população conseguiria se manter. O perigo não era imediato, mas o fantasma estava presente.

A garota à sua frente deu uma sacudida.

– *Tu* pode me deixar descer aqui? – ela disse.

– Você ainda está na metade do caminho para Illugan.

– Eu sei. Duvido que vou pra casa por enquanto.

– Por que não?

Não houve resposta.

– O seu pai não sabe que você saiu?

– Sim, mas me emprestaram a camisa e calções do meu irmão. O pai diz que eu deveria ir pra feira de qualquer jeito, então disse que eu podia pegar emprestado as roupas de domingo do Luke.

– Então?

– Então, eu não tenho o que fui pegar. E as roupas do Luke estão todas acabadas. Então eu acho...

– Por que você não foi vestida em suas próprias roupas?

– O pai *rasgou elas* noite passada quando me deu uma surra.

Eles seguiram em frente por alguma distância. Ela se virava e olhava para trás para se certificar que Garrick os seguia.

– Seu pai lhe bate com frequência? – Ross perguntou.

– Só quando ele bebe demais.

– Com qual frequência isso acontece?

– Ah… umas *duas vez* na semana. Menos quando ele *num* tem dinheiro.

Fez-se silêncio. Era o final da tarde e faltavam cerca de duas horas para escurecer. Ela começou a mexer na gola de sua camisa e desamarrou o cordão. – Você pode ver – disse ela. – Ele usou o cinto na noite passada. Puxe minha camisa *pra* trás.

Ele o fez, e a camisa caiu de um ombro. Suas costas estavam marcadas com vermelhidões e muito inchadas. Em algumas partes, a pele fora rompida, e essas estavam parcialmente cicatrizadas, com sujeira grudada nelas e piolhos nas extremidades. Ross levantou a camisa novamente.

– E esta noite?

– Ah, ele me daria outra surra hoje à noite. Mas vou ficar do lado de fora e não vou entrar até ele ir trabalhar de novo.

Eles continuaram cavalgando.

Ross não era muito sensível aos animais: não fazia parte de sua geração ser assim, apesar dele mesmo raramente bater em um; mas crueldade injustificada a crianças o ofendia.

– Quantos anos você tem?

– Treze… *sinhô*.

Era a primeira vez que ela o chamava de senhor. Ele deveria saber que esses moleques de pequena estatura e quase mortos de fome eram sempre mais velhos do que aparentavam.

– Que tipo de trabalho você faz?

– Cuidar da casa e plantar batatas e alimentar o porco.

– Quantos irmãos e irmãs você tem?

– Seis irmãos.

– Todos mais novos que você?

– Siiiim – ela virou sua cabeça e assobiou de maneira estridente para Garrick.

– Você ama o seu pai?

– Siiiim.

– Por quê?

Ela olhou pra ele, surpresa – Porque na Bíblia diz que a gente deve.

– Você gosta de morar na sua casa?

– Eu fugi quando tinha doze anos.

– E o que aconteceu?

– Me *trusseram* de volta.

Darkie desviou quando um furão passou pelo caminho, e Ross segurou as rédeas mais firmemente.

– Se você ficar longe de seu pai por um tempo, sem dúvida ele esquecerá o que você fez de errado.

Ela sacudiu sua cabeça. – Ele vai se lembrar.

– Então qual é o motivo de evitá-lo?

Ela sorriu com uma estranha maturidade. – Vai adiar.

Eles chegaram a uma encruzilhada na estrada. À frente ficava o caminho para Illugan; a curva à direita o levaria para os arredores da igreja de St Ann, por onde ele poderia pegar o caminho típico para Sawle. Ele parou a égua.

–Eu vou descer aqui – disse ela.

– Eu preciso de uma garota para trabalhar em minha casa. Em Nampara, depois da igreja de St Ann. Você teria alimento e roupas melhores do que tem agora. Como é menor de idade, eu pagaria o salário ao seu pai – disse Ross e acrescentou: –Eu quero alguém forte, pois o trabalho é duro.

Ela estava olhando para ele com seus olhos arregalados e uma expressão assustada neles como se ele tivesse sugerido algo imoral. Então o vento levou seus cabelos a cobri-los e ela piscou.

– A casa fica em Nampara – disse ele. – Mas talvez você não queira ir.

Ela colocou seu cabelo para trás, porém, não disse nada.

– Bom, então, desça – ele continuou com uma sensação de alívio. – Ou a levarei até Illugan, se você preferir.

– Viver na sua casa? – disse ela. – Hoje? Sim, por favor.

O atrativo, é claro, era óbvio; o atrativo imediato de perder uma surra.

– Eu quero uma serviçal para a cozinha – disse ele. – Uma que possa trabalhar e limpar, e que também consiga se manter limpa. Eu a contrataria pelo ano todo. Você ficaria longe demais para ir para casa toda semana.

– Eu não quero ir *pra* casa nunca! – disse ela.

– Será necessário ver o seu pai e conseguir o consentimento dele. Talvez isso seja difícil.

– Sou boa em esfregar – disse ela. – Eu sei limpar... *sinhô*.

Darkie estava impaciente com a parada repentina.

– Nós vamos ver o seu pai agora. Se ele puder...

– Agora não. Me leve com você. Eu sei limpar. Sou boa em esfregar.

– Há uma lei para essas coisas. Eu preciso contratá-la de seu pai.

– O pai não volta até que se passe uma hora depois do galo cantar. Depois ele vai beber antes de vir pra casa.

Ross se perguntou se a garota estava mentindo. O impulso lhe guiara até então. Ele precisava de ajuda extra tanto na casa quanto nos campos, e não gostava da ideia de devolver essa criança a um minerador beberrão. Mas ele também não queria ficar plantado em algum casebre cheio de bichos até o escurecer com crianças peladas se agarrando nele, para depois ser confrontado por um valentão regado a gin que recusaria a sua sugestão. A criança queria mesmo ir com ele?

– Sobre o Garrick. Talvez eu não possa ficar com o Garrick.

Fez-se silêncio. Observando-a de perto, ele pôde ver dolorosamente a luta que se passava por trás de suas feições magras e anêmicas. Ela olhava para o cachorro, depois olhava para ele, e sua boca se curvou para baixo.

– Ele e eu *somo* amigo – disse ela.

– Então?

Ela não falou durante algum tempo. – Garrick e eu *fazemo* tudo *junto*. *Num* posso *deixar ele* passando fome.

– Então?

– Eu *num* posso, moço. *Num* posso...

Aflita, ela começou a desmontar da égua.

De repente, Ross descobriu que aquilo que ele buscava provar havia provado algo bem diferente. A natureza humana o venceu, pois se ela não podia abandonar um amigo, ele também não poderia fazê-lo.

3

Eles ultrapassaram Jud depois de passarem pela forca em Bargus, onde quatro estradas e quatro paróquias se encontravam. Os bois estavam cansados da estrada longa, e Jud estava cansado de guiá-los. Ele não conseguia montar confortavelmente no cego Ramoth, porque quatro cestos grandes cheios de galinhas vivas

estavam pendurados na sela. Além disso, ele estava muito irritado ao ter que sair da feira antes de ficar bêbado, algo que nunca ocorrera desde que ele tinha dez anos.

Ele olhou em volta amargamente com a aproximação de outro cavalo, e então puxou Ramoth para fora da estrada para deixá-lo passar. Os bois, amarrados em uma única fileira atrás, fizeram o mesmo.

Ross explicou a presença da pirralha com três frases e deixou que Jud entendesse tudo sozinho.

Jud ergueu suas sobrancelhas sem pelos.

– Tudo bem brincar de acolhedor com um cavalo manco – ele disse com uma voz de resmungo. – Mas empregar moleques é outra coisa. Empregar moleques é tudo errado. Empregar moleques te deixa com problema na lei.

– E você é perfeito para falar da lei – Ross disse.

Jud não olhou para onde estava indo, e Ramoth tropeçou em uma raiz.

Jud disse uma palavra feia. – Maldito seja, lá *vamo* nós de novo. O que esperava de um homem que vai num cavalo cego? Pelo meu Sam, o que esperar de um cavalo, que veja aonde vai quando ele num vê nada. *Num* é da natureza das coisas. *Num* é da natureza dos cavalos.

– Eu sempre senti que ele era muito seguro – Ross disse. – Use os seus próprios olhos, homem. Ele é notavelmente sensível ao menor dos toques. Não o force a correr, esse é o segredo.

– Forçar a correr! Eu deveria é forçar a minha mão na cabeça dele na vala mais próxima, se eu forçar ele a ir mais rápido que um boi, deixando seu mijo entre uma pedra e a ôtra. Num é seguro. Um escorregão, uma queda, só isso; *cê* vai embora, cai pelas orelhas dele, cai em seu traseiro, e *phift*! *Tá* morto.

Ross tocou em Darkie e eles seguiram em frente.

– Que vadia suja para um moleque – a voz escandalizada de Jud os seguiu quando ele avistou a companhia deles. – Deus Todo-Poderoso, *vamo* adotar uma maldita pobretona agora!

Garrick ergueu um olho e bigodes para ele, e seguiu em frente. Ele sentiu que estavam falando sobre ele na encruzilhada, mas a questão fora decidida amigavelmente.

Quanto a uma coisa, Ross estava decidido: não haveria como alterar sua posição com relação à batalha dos piolhos e insetos. Há seis meses, a casa, e Prudie em particular, estavam cheios da maioria das coisas que rastejam. Ele não era fresco, mas fora rígido em relação à condição de Prudie. Enfim a ameaça de segurá-la embaixo da bomba de água e dar-lhe um banho ele mesmo teve resultados, e hoje a casa estava quase livre disso – e a própria Prudie também, exceto pelas colônias caseiras em seu cabelo preto sem vida. Trazer a criança para dentro de casa em seu estado atual ameaçaria desestabilizar a posição que ele havia adotado. Portanto, tanto a ela, quanto ao cachorro deveriam ser dados um banho e roupas novas antes de entrarem na casa. Para essa tarefa, a própria Prudie seria útil.

Eles chegaram a Nampara com o pôr do sol – uma boa meia hora antes de Jud, ele pensou –, e Jim Carter veio correndo para pegar Darkie. A saúde e a forma física do menino haviam melhorado muito durante o inverno. Seus olhos espanhóis escuros se arregalaram ao ver a carga que seu mestre tinha trazido. Mas de um jeito agradavelmente diferente dos Paynters, ele não disse uma palavra, e se preparou para levar o cavalo. A garota o encarava com olhos já bem abertos de interesse, depois se virou novamente e avistou a casa, e o vale e as macieiras e o córrego, ao entardecer, que era uma única cicatriz escarlate acima do escuro do mar.

– Onde está Prudie? – perguntou Ross. – Diga-lhe que preciso dela.

– Ela ainda não está aqui, *sinhô* – disse Jim Carter. – Ela saiu logo depois de você. Ela disse que ia até Marasanvose para ver seu primo.

Ross xingou em voz baixa. Os Paynters tinham um talento único de não estar presentes quando ele precisava deles.

– Deixe a Darkie – disse ele. – Eu a guardarei. Jud está a duas milhas de distância com alguns bois que comprei. Vá agora e o ajude com eles. Se você correr, o encontrará antes dele chegar ao cruzamento do rio Mellingey.

O menino largou as rédeas, olhou novamente para a garota, então saiu rapidamente para subir o vale.

Ross encarou o pedaço de destroços que tinha trazido para casa, na esperança de melhorá-la. Ela estava ali de pé, em sua camisa esfarrapada e calções três-quartos, seu cabelo sujo grudado em sua face e o filhote esfomeado aos seus pés. Estava com um pé virado para dentro e segurando ambas as mãos de maneira frouxa em suas costas, olhando fixamente para a biblioteca. Ele enrijeceu seu coração. Não poderia ser amanhã.

– Venha por aqui – disse ele.

Ela o seguiu, e o cachorro a seguiu, para a parte de trás da casa onde a bomba d'água ficava entre a sala de estar e o primeiro celeiro.

– Agora – disse ele –, se você for trabalhar para mim, você tem que estar limpa primeiro. Você entende isso?

– Sim… *sinhô*.

– Não posso deixar que ninguém sujo entre na casa. Ninguém trabalha para mim se não estiver limpo e não se lavar. Então tire suas roupas e fique embaixo da bomba. Eu a farei funcionar para você.

– Sim... *sinhô*.

Obedientemente ela começou a desamarrar o cordão na gola de sua camisa. Feito isto, ela parou e ergueu seus olhos para ele lentamente.

– E não coloque essas roupas novamente – disse ele. – Eu lhe encontrarei algo limpo.

– Talvez – disse ela –, eu pudesse pegar a alavanca sozinha.

– E ficar debaixo ao mesmo tempo? – ele disse bruscamente. – Besteira. E se apresse. Eu não tenho a noite toda para perder com você.

Ele foi até a alavanca da bomba e a deu uma mexida preliminar.

Ela olhou para ele nervosa por um instante, depois começou a tirar sua camisa. Feito isto, uma leve vermelhidão se tornou visível sob a sujeira em seu rosto. Então ela tirou seus calções e pulou para debaixo da bomba.

Ele impulsionava a alavanca com vigor. A primeira lavagem não poderia tirar tudo, mas pelo menos seria um início. Ela tinha um corpinho emaciado, no qual uma mulher estava apenas começando

a ser desenhada. Assim como as marcas de suas surras, ele pôde ver hematomas em suas costas e costelas, onde os garotos a tinham chutado naquela tarde. Felizmente, assim como ela, eles também estavam descalços.

Ela nunca tinha se lavado assim antes. Ela perdia o fôlego e se engasgava conforme a água caía em jatos e volumes sobre sua cabeça, jorravam sobre o seu corpo e corria para a calha de escoamento. Garrick latia, mas se recusava a se mover, então recebeu bastante água de segunda mão.

Finalmente, com medo de afogá-la, ele parou, e enquanto o rio de água se afinava até virar uma goteira ele foi até a sala de estar e pegou o primeiro pano que encontrou.

– Seque-se com isto – disse ele. – Eu lhe trarei algo para vestir.

Enquanto entrava na casa novamente ele se perguntava o que seria aquele algo. As roupas de Prudie, mesmo que estivessem limpas o bastante, engoliriam a criança como uma tenda. Jim Carter teria sido a escolha mais próxima para o tamanho, se ele tivesse alguma roupa além daquelas que estava vestindo.

Ross foi até o quarto dele e vasculhou as gavetas, se xingando por nunca pensar além do próximo passo. Não se poderia deixar a criança tremendo no quintal para sempre. Enfim, ele pegou uma de suas próprias camisas bufantes, um cinto e uma camisola de seu pai.

Quando saiu, ele a viu tentando se cobrir com pano que ele a dera, enquanto seu cabelo ainda estava disposto em camadas pretas molhadas em sua face e em seus ombros. Ele não lhe deu as roupas de uma vez, mas a chamou para segui-lo até a cozinha, onde havia uma lareira. Tendo acabado de conseguir deixar Garrick fora da casa, ele aumentou o fogo e disse para que ficasse diante dele até que estivesse seca, e para vestir as roupas improvisadas de qualquer maneira que ela quisesse. Ela piscou seus olhos molhados para ele, depois desviou o olhar e assentiu para mostrar que havia entendido. Ele saiu novamente para tirar a sela de Darkie.

Capítulo Sete

1

Demelza Carne passou a noite na grande cama box com portas de madeira, onde Joshua Poldark havia passado os últimos meses de sua vida. Não havia outro cômodo onde ela pudesse ficar imediatamente. Mais tarde, ela poderia ser colocada no quarto entre o armário de lençóis e o quarto dos Paynters, mas no momento ele estava cheio de serragem.

Para ela, que havia dormido sua vida toda em palha velha, com sacos para se cobrir, em um pequeno chalé lotado de pessoas, o quarto e a cama eram de um luxo e tamanho inimagináveis. A própria cama era quase tão grande quanto o quarto onde ela e quatro irmãos dormiam. Quando Prudie, resmungando e cambaleando, mostrou onde ela passaria a noite, Demelza imaginou que outros três ou quatro criados entrariam mais tarde para dividir a cama. Mas quando ninguém veio e pareceu que ela ficaria sozinha, passou um bom tempo antes que ela pudesse testá-la.

Ela não era uma criança que olhava muito à frente ou raciocinava muito profundamente; as circunstâncias de sua vida não lhe deram motivos para fazer nenhum dos dois. Com um chalé cheio de bebês, ela não tinha tempo para se sentar e pensar; mal tinha tempo para trabalhar e pensar. E qual era o benefício de se olhar para o amanhã quando o hoje tomava todo o seu tempo e energia e, às vezes, todos os seus medos? Tal foi que, nesta reviravolta repentina, seu instinto foi aceitar as coisas como eram e por quanto tempo fossem durar, muito contente, mas tão filosoficamente quanto ela havia encarado a briga na feira.

Foi apenas esse luxo que a assustou. Ficar ensopada debaixo da bomba tinha sido inesperado, mas a severidade e a falta de cuidado com seus sentimentos eram verdadeiramente típicas; se encaixavam com a sua experiência no geral. Se fossem dados a ela alguns sacões de tecido, e se a dissessem para ir dormir nos estábulos, ela teria obedecido sem achar que havia algo de errado. Mas esse ocorrido se parecia demais com as histórias que a Velha

Meggy, mãe de Sumpman, costumava contar para ela: tinha um pouco do clima assustador de um pesadelo, e um pouco do brilho dos contos de fadas de sua mãe, nos quais todos dormiam em lençóis de cetim e comiam em bandejas douradas. Sua imaginação podia aceitar isso facilmente em uma história, mas o seu conhecimento da vida não conseguia aceitar isso na realidade. Suas vestes estranhas tinham sido um começo; elas não cabiam direito em lugar algum, e ficavam penduradas em dobras ridículas com cheiro de lavanda sobre o seu corpo magro. Elas eram agradáveis, porém, suspeitas, assim como este quarto era agradável, contudo, suspeito.

Quando ela finalmente encontrou a coragem para testar a cama, ela o fez com sensações estranhas. Demelza tinha medo de que as grandes portas de madeira se fechassem silenciosamente e a trancassem lá para sempre. Ela tinha medo de que o homem que a levara para lá, apesar de todo o seu ar de bondade e de seus olhos gentis, tivesse algum plano maligno, que, assim que ela caísse no sono, ele entrasse no quarto com uma faca ou um chicote – ou que apenas entrasse no quarto. Diante desses medos, a atenção dela se voltava à estampa das franjas de seda penduradas na cama, ao pendão dourado do cordão do sino, à sensação de lençóis limpos sob seus dedos, às belas curvas do castiçal de bronze na mesa de vime de três pernas ao lado da cama – desse castiçal vinha a única luz que ficava entre ela e a escuridão, uma luz que já deveria ter sido apagada e que logo se apagaria sozinha.

Ela olhava fixamente para o vão escuro da lareira e começou a imaginar que a qualquer momento algo horrível poderia descer pela chaminé e cair em sua base. Ela olhou para o fole soprador, para os dois ornamentos estranhos pintados nos contornos da lareira (um deles parecia com a Virgem Maria) e para o cutelo gravado perto da porta. No canto escuro ao lado da cama ficava um retrato, mas ela não havia olhado para ele enquanto a Moça Gorda estava no quarto, e depois que a Moça Gorda tinha saído, ela não tinha ousado sair do círculo iluminado pela vela.

O tempo se passou e a vela estava aumentando sua chama antes de se apagar, fazendo cachos de fumaça subirem em direção às vigas como tufos do cabelo de uma mulher velha. Havia duas

portas, e aquela que dava para o lugar-que-ela-não-sabia continha um perigo especial, embora estivesse firmemente trancada toda vez que ela se inclinava para olhar.

Alguma coisa arranhava a janela. Ela escutou com seu coração acelerado. Então, de repente, ela percebeu algo familiar no barulho, então pulou da cama e correu para a janela. Minutos se passaram antes de ela ver como abri-la. Quando uma abertura de quinze centímetros foi criada na parte inferior, uma coisinha preta e agitada se contorceu para entrar no quarto, e ela colocou seus braços ao redor do pescoço de Garrick, quase o estrangulando de amor e ansiedade, a ponto de ele não conseguir latir.

A proximidade de Garrick mudou completamente a perspectiva dela. Com sua língua comprida e áspera ele lambeu suas bochechas e orelhas enquanto ela o carregava em direção à cama.

A chama da vela deu uma sacudida preliminar e depois se esticou por mais alguns segundos. Ela puxou com pressa a manta da lareira e outra manta que estava próxima à porta, e com estas fez uma cama improvisada no chão para si mesma e o filhote. Então, quando a luz morreu lentamente e um objeto após o outro começaram a desaparecer nas sombras, ela se deitou e se enrolou com o cachorro sentindo os seus movimentos de agitação relaxarem quando ela sussurrava carinhosamente em sua orelha.

A escuridão veio e o silêncio se estabeleceu, e Demelza e Garrick dormiram.

2

Ross dormia um sono pesado, o que não era surpreendente já que ele não dormira na noite anterior, mas vários sonhos estranhos e vívidos vinham perturbá-lo. Ele acordou cedo e se deitou na cama por um tempo olhando para a manhã clara e com vento lá fora, pensando sobre os acontecimentos dos últimos dois dias. O baile e a esquelética e selvagem Margaret: o clichê aristocrático e o clichê vergonhoso. Mas nenhum dos dois tinha sido comum para ele. Elizabeth tinha garantido isso. Margaret tinha garantido isso.

Então houve a feira e o seu resultado. Ocorreu a ele nesta manhã que a sua adoção de ontem poderia ter resultados problemáticos. Seu conhecimento da lei era vago e sua atitude com relação a ela era um pouco desdenhosa, mas ele tinha uma ideia de que ninguém poderia tirar uma garota de treze anos de seu lar sem ao menos pedir permissão ao seu pai.

Ele pensou em cavalgar e ir ver seu tio. Charles fora um magistrado por mais de trinta anos, então havia chances de ele ter algumas ideias que valesse a pena serem ouvidas. Ross também pensou bastante no cortejo intenso de Verity pelo capitão Andrew Blamey. Depois da primeira, eles haviam dançado todas as danças juntos até a hora em que ele saiu do salão. Logo todos estariam comentando, e ele se perguntou por que Blamey não fora falar com Charles antes. O sol estava alto quando ele cavalgou até Trenwith. O ar da manhã estava estimulantemente fresco e cheio de vida, e todas as cores do interior estavam em tons pastéis mais amenos. Até mesmo a área abandonada ao redor de Grambler não estava ruim de se ver depois do abandono maior ainda que ele tinha visto no dia anterior.

Quando chegou perto o bastante para conseguir ver a casa, ele refletiu novamente sobre o fracasso inevitável de seu pai em construir qualquer coisa que competisse com o acolhimento terno do estilo Tudor da casa antiga de seu tio. A construção não era enorme, mas dava uma impressão de espaço e de ter sido erguida quando o dinheiro era liberado e a mão-de-obra era barata. Foi construída em um formato quadrado ao redor de um pátio interno compacto, com o grande salão e sua galeria e escadas viradas para quem entrasse na casa, com a grande sala de visitas e biblioteca à direita, e a sala de estar e a pequena antessala de inverno à esquerda, a copa e cozinhas ficavam na parte de trás e formavam o quarto lado do quadrado. A casa estava em um bom estado para a sua idade, tendo sido construída por Jeffrey Trenwith, em 1509.

Nenhum criado veio buscar a égua, então ele a amarrou a uma árvore e bateu à porta com seu chicote de montaria. Essa era a entrada principal, mas a família usava a porta lateral menor mais frequentemente, e ele estava prestes a ir até ela quando Mrs. Tabb apareceu e fez uma reverência respeitosamente.

– Bom dia, *sinhô*. É Mr. Francis que você quer, não é?

– Não. Meu tio.

– Bom, *sinhô*, sinto muito, mas ambos estão em Grambler. Capitão Henshawe veio aqui nesta manhã e ambos foram andando para lá com ele. Você gostaria de entrar, sinhô, enquanto pergunto se eles vão demorar muito?

Ross entrou no salão e Mrs. Tabb se apressou para encontrar Verity. Ele ficou parado por um minuto observando as sombras criadas pelo sol conforme ele atingia as longas janelas divididas em seções verticais, depois caminhou em direção às escadas onde ele tinha ficado no dia do casamento de Elizabeth. Não havia nenhuma multidão de pessoas ricamente vestidas hoje, nenhuma briga de galo, nenhum clérigo falante. Ele preferia as coisas assim. A mesa comprida estava vazia, exceto pela fileira de castiçais. Na mesa da alcova, ao lado das escadas, ficava a grande Bíblia da família com acabamento de bronze, que agora raramente era usada, exceto por tia Agatha em seus momentos devotos. Ele se perguntou se o casamento de Francis já fora registrado ali, como foram todos os outros por duzentos anos.

Ele olhou para cima para a fileira de retratos na parede ao lado das escadas. Havia outros pelo corredor e muitos mais na galeria acima. Ele teria dificuldade em dar nome a mais de uma dúzia deles. A maioria dos mais antigos eram Trenwiths, e até mesmo alguns dos posteriores não tinham nome nem data. Uma pintura pequena e desbotada na alcova com a Bíblia, onde ela não deveria receber muita luz, era o retrato do fundador do lado masculino da família, um senhor Robert d'Arqué, que tinha vindo para a Inglaterra em 1572. A pintura a óleo tinha rachaduras e pouco se conseguia distinguir, exceto a face fina e estética, o nariz alongado e os ombros curvados. Depois vinha um silêncio discreto durante três gerações, até que se chegava a uma pintura atraente feita por Kneller, de Anna-Maria Trenwith, e outra do mesmo artista de Charles, Vivian Raffe Poldarque, com quem ela havia se casado em 1696. Anna-Maria era a beldade da coleção, com seus grandes olhos de um azul-escuro e seu elegante cabelo vermelho-dourado.

Bom, Elizabeth seria um acréscimo à altura, ela agraciaria o grupo se conseguissem encontrar alguém que fizesse justiça a ela.

Talvez Opie gostasse demais dos pigmentos mais escuros.

Ele ouviu uma porta se fechar e alguns passos. Ele se virou esperando ver Verity, e encontrou Elizabeth.

– Bom dia, Ross – ela sorriu. – Verity está em Sawle. Ela sempre vai lá nas quartas-feiras de manhã. Francis e seu pai estão na mina. Tia Agatha está de cama por causa da gota.

– Ah sim – disse ele rigidamente. – Eu me esqueci. Sem problema.

– Eu estou na antessala – disse ela –, se você quiser me fazer companhia por alguns minutos

Ele a seguiu vagarosamente em direção à porta da antessala; eles entraram e ela se sentou na roca de fiar, mas não continuou o que estava fazendo antes.

Ela sorriu novamente. – Nós o vemos tão pouco. Diga-me o que você achou do baile.

Ele se sentou e olhou para ela. Ela estava pálida naquela manhã, e seu vestido simples de algodão listrado enfatizava sua juventude. Ela era uma menininha com o charme de uma mulher. Linda, frágil e recomposta, uma mulher casada. Um desejo sombrio surgiu de quebrar essa compostura. Ele o controlou.

– Ficamos tão felizes que você estava lá – ela continuou. – Mas mesmo assim, você dançou tão pouco que mal o vimos.

– Eu tinha outros afazeres.

– Nós não tínhamos a intenção de estar lá – disse ela, um pouco desanimada pela severidade no tom dele. – Fomos por um grande impulso.

– Que horas Francis e Charles voltarão? – ele perguntou.

– Não voltarão por enquanto, infelizmente. Você viu como George Warleggan gostou da écossaise? Ele tinha jurado várias vezes que nada conseguiria convencê-lo a tentar dançá-la.

– Não me lembro de ter tido esse prazer.

– Você queria falar com Francis sobre algo importante?

– Não com Francis – com meu tio. Isso pode esperar.

Houve um silêncio.

– Verity disse que você estava indo para a feira de Redruth ontem. Você conseguiu todo o gado que queria?

– Um pouco. Era sobre uma questão de carga viva inesperada que eu queria ver meu tio.

Ela abaixou seu olhar e focou na roca de fiar. – Ross – disse ela em voz baixa.

– A minha vinda até aqui a incomoda.

Ela não se mexeu.

– Eu os encontrarei no caminho de volta – disse ele, se levantando.

Ela não respondeu. Ela olhou para cima e seus olhos estavam carregados de lágrimas. Ela pegou o fio de lã que estava tecendo e as lágrimas caíram em suas mãos.

Ele se sentou novamente com a sensação de que estava caindo de um penhasco.

Falando para salvar a si próprio, ele disse:

– Eu peguei uma garota na feira ontem, uma criança; ela fora maltratada por seu pai. Eu precisava de alguém para ajudar Prudie; ela estava com medo de ir para casa; eu a trouxe para Nampara. Quero mantê-la lá como ajudante na cozinha. Eu não conheço a lei nessa questão. Elizabeth, por que você está chorando?

– Qual é a idade da menina?

– Treze. Eu...

– Eu a mandaria de volta. Seria o mais seguro, mesmo se você tivesse a permissão do pai dela. Você sabe como as pessoas são julgadas duramente.

– Eu não virei aqui novamente – disse Ross. – Eu a perturbo, sem propósito algum.

– Não é a sua vinda...

– Então, o que eu devo pensar?

– Só me magoa saber que você me odeia.

Ele retorceu seu chicote de montaria de novo e de novo. – Você sabe que eu não a odeio. Meu bom Deus, você deveria saber que...

Ela partiu o fio de lã.

– Desde que a conheci – disse ele –, eu não tive olhos nem pensamentos para qualquer outra garota. Quando estava longe, nada mais me importava quanto ao meu retorno, exceto isso. Se havia alguma coisa da qual eu tinha certeza, não era do que eu

tinha sido ensinado a acreditar por qualquer outra pessoa, não era o que aprendi com outras pessoas que era a verdade, mas a verdade que eu sentia dentro de mim... Sobre você.

– Não fale mais nada.

Ela havia ficado muito branca. Mas dessa vez a fragilidade dela não o impediu. Isso tinha que sair agora.

– Não é muito bonito ser feito de tolo pelos seus próprios sentimentos – disse ele. – Pegar promessas infantis e construir... Construir um castelo com elas. E mesmo assim... Mesmo agora, às vezes, eu não consigo acreditar que todas as coisas que dissemos um para o outro foram tão triviais ou tão imaturas. Você tem certeza que sentia tão pouco por mim quanto você finge agora? Você se lembra daquele dia no jardim de seu pai, quando você fugiu deles e me encontrou na casa de verão? Naquele dia você disse...

– Você mesmo se esquece – ela sussurrou, se forçando a dizer as palavras.

– Ah, não, eu não me esqueci. Lembro-me de você.

Todos os sentimentos conflitantes dentro dela de repente encontraram uma saída. Os vários motivos para pedir que ele entrasse; o gostar, a afeição, a curiosidade feminina, o orgulho ferido; de repente eles se misturaram em uma indignação para manter algo ainda mais forte longe. Ela estava tão assustada com seus próprios sentimentos quanto indignada com ele; mas a situação precisava ser salva de algum jeito.

– Eu estava errada ao lhe pedir para ficar. Foi porque eu queria a sua amizade, mais nada – disse Elizabeth.

– Acho que você tem um controle muito bom sobre seus próprios sentimentos. Você os revira e os vê da maneira que você quer. Eu queria poder fazer isso. Qual é o segredo?

Tremendo, ela saiu da roca e foi até a porta.

– Eu sou casada – disse ela. – Não é justo com Francis que eu fale como você... Como nós estamos fazendo. Eu esperava que ainda pudéssemos ser bons vizinhos... E bons amigos. Nós moramos tão próximos... Poderíamos ajudar um ao outro. Mas você não consegue esquecer ou perdoar nada. Talvez eu esteja esperando demais... Não sei. Mas, Ross, nossa afeição era a de um menino e de uma menina. Eu gostava muito de você e ainda gosto.

Mas você foi embora e eu conheci Francis, e com Francis foi diferente. Eu o *amava.* Eu tinha crescido. Não éramos mais crianças, porém, adultos. Depois veio o boato de que você estava morto... Quando você voltou eu fiquei muito feliz; e sentia muito por não ter conseguido... Manter as esperanças quanto a você. Se houvesse alguma maneira de recompensá-lo por isso, eu o teria feito com prazer. Eu queria que nós ainda pudéssemos ser amigos próximos, e achava... Até hoje eu achava que conseguiríamos. Mas depois disso...

– Depois disso é melhor que não sejamos – disse Ross.

Ele foi até a porta e colocou sua mão nela. Os olhos dela estavam bastante secos agora e excepcionalmente sombrios.

– Isto será um adeus – disse ela –, por algum tempo.

– É um adeus – ele se inclinou e beijou a mão dela. Ela se esquivou do toque dele como se ele estivesse imundo. Ele achou que havia se tornado repulsivo para ela.

Ela foi com ele até a porta da frente, onde Darkie relinchou ao vê-lo.

– Tente entender – disse Elizabeth. – Eu amo Francis e me casei com ele. Seria melhor se você conseguisse me esquecer. Não há muito mais que eu poderia dizer além disso.

Ele montou na égua e olhou para ela.

– Sim – ele concordou. – Não há mais a ser dito.

Ele a cumprimentou e cavalgou para longe, deixando-a na escuridão da entrada.

Capítulo Oito

1

Bom, ele disse a si mesmo, havia terminado. O assunto estava encerrado. Se aquele estranho e pervertido que tinha atacado a compostura de Elizabeth com sua língua farpada – se aquilo era satisfação, então, ele tinha encontrado um pouco disso na conversa. Mas tudo que ele sentia era uma desolação com gosto de cinzas, um vazio, um desdém para consigo mesmo. Ele se comportara mal. Era muito fácil fazer o papel do apaixonado rejeitado, o homem rude, amargo e sarcástico. E mesmo que ela tivesse ficado chateada com seu ataque, a defesa dela tinha feito mais do que igualar o placar. De fato, já que as suas posições respectivas eram essas, com uma única frase ela poderia tê-lo acertado de maneira mais certeira do que ele poderia ter feito com ela apesar de toda a engenhosidade que a mágoa dele conseguiu encontrar.

Ele havia passado de Grambler e estava quase em casa antes de perceber que não havia visto nem Charles, nem Verity, e as duas perguntas que foi fazer em Trenwith permaneceram sem respostas.

Ele cavalgou descendo o vale, cheio demais de uma inércia mortal do espírito para encontrar satisfação ao ver sua terra, que finalmente começava a mostrar sinais da atenção que estava recebendo. No horizonte perto de Wheal Grace, ele conseguia enxergar Jud e o menino Carter ocupados com os seus bois amarrados ao jugo. Até então, eles não estavam acostumados a trabalhar em equipe, mas, em uma semana mais ou menos, uma criança seria capaz de guiá-los.

Na porta de Nampara, ele desceu cansado de sua égua e encarou Prudie, que estava esperando por ele.

– Ora, o que foi? – disse ele.

– Tem *três homem* aqui *pra* te ver. Eles entraram na casa sem nem pedir licença. Estão na sala de estar.

Desinteressado, Ross assentiu e entrou na sala. Três trabalhadores estavam lá, grandes, com os ombros endireitados para trás e determinados. Ele conseguiu ver que eram mineradores devido às suas roupas.

– Senhor Poldark? – O mais velho falou. Não havia deferência alguma aparente em seu tom de voz. Ele tinha uns trinta e cinco anos, um homem de um físico poderoso e peito largo, com olhos avermelhados e uma barba cheia.

– O que posso fazer por vocês? – Ross perguntou impacientemente. Ele não estava com um bom humor para receber uma delegação.

– O nome é Carne – disse o homem. – Tom Carne. Esses são meus dois irmãos.

– E? – disse Ross. E então, depois de ter dito isso, o nome mexeu com sua memória. Então o problema se resolveria sem os conselhos de Charles.

– Ouvi dizer que tu *tá* com a minha filha.

– Quem lhe disse isso?

– A viúva Richards disse que você a levou *pra* casa.

– Não conheço essa mulher.

Carne se mexeu de maneira inquieta e piscou os olhos. Ele não tinha a intenção de ser distraído.

– Onde *tá* minha filha? – ele disse severamente.

– Eles *vasculharo* a casa – veio de Prudie, que estava na porta.

– *Num* faz barulho, mulher – disse Carne.

– Com que direito você vem até aqui e fala com a minha criada assim? – Ross perguntou com uma cortesia maligna.

– Certo, por Deus! Você roubou minha filha. Você *seduziu ela*. Onde ela *tá*?

– Não faço ideia.

Carne fez bico com seu lábio inferior. – Então é melhor descobrir.

– Isso! – disse um dos irmãos.

– Para você poder levá-la para casa e bater nela? – disse Ross.

– Eu faço o que quiser com os meus – disse Carne.

– As costas dela já estão inflamadas.

– Que direito *cê tem* de ver as costas dela? Vou colocar a lei atrás de você!

– A lei diz que uma garota pode escolher sua própria casa quando fizer catorze anos.

– Ela não tem catorze.

– Pode provar isso?

Carne apertou seu cinto. – Olha aqui, homem; eu *num* tenho que provar nada. Ela é minha filha, e *num* vai virar brinquedo de um sem vergonha engomadinho, nem agora, nem quando tiver quarenta anos, *tendeu*?

– Mesmo assim – disse Ross –, talvez seja melhor do que cuidar do seu chiqueiro.

Carne olhou para seus irmãos.

– Ele *num* vai entregar ela.

– Podemos *forçar ele* – disse o segundo irmão, um homem pelos seus trinta anos com um rosto cheio de marcas de pústulas.

– Vou pegar o Jud – disse Prudie da porta, e saiu fazendo barulho com suas sandálias.

– Então, senhor – disse Carne. – Como vai ser?

– Então é por isso que trouxe a sua família – disse Ross. – Não tem a coragem de fazer isso sozinho.

– Eu poderia ter trazido duzentos homens, senhor – Carne inclinou seu rosto para frente. – Nós *num* toleramos ladrões de berço em Illugan. Acabem com ele, meninos.

Imediatamente, os outros dois se viraram; um chutou uma cadeira, o outro levantou a ponta de uma mesa onde estavam alguns copos e pratos, Carne pegou um castiçal e o estraçalhou no chão.

Ross atravessou o cômodo e tirou da parede um par de pistolas de duelo francesas. Ele começou a prepará-las.

– Eu atirarei no próximo homem que encostar-se à mobília deste cômodo – disse ele.

Houve uma pausa por um instante. Os três homens pararam, claramente sem reação.

– Onde *tá* a minha filha? – gritou Carne.

Ross se sentou no braço de uma cadeira. – Saiam de minhas terras antes que eu os condene por invasão.

– Melhor ir embora, Tom – disse o irmão mais novo. – Podemos voltar com os outros.

– A briga é minha – Carne mexeu em sua barba e encarou seu oponente sem se esquivar. – Você quer comprar a garota?

– O que você quer por ela?

Carne considerou: – Cinquenta guinés.

– Cinquenta guinés, por Deus! – gritou Ross. – Eu iria querer todos os seus sete pivetes por isso.

– Então o que vai me dar por ela?

– Um guinéu por ano enquanto ela estiver comigo.

Carne cuspiu no chão.

Ross olhou para o cuspe. – Ou uma surra então, se é isso que você quer.

Carne zombou dele. – É fácil prometer de trás de uma arma.

– É fácil ameaçar quando há três contra um.

– Não, eles *num* vão interferir se eu disser não.

– Eu prefiro esperar até que meus homens cheguem.

– Sim, pensei que você diria isso. *Bora*, meninos.

– Fique – disse Ross. – Me daria prazer torcer o seu pescoço. Tire o casaco, seu desgraçado.

Carne olhou para ele apertando os olhos, como se para decidir se ele estava falando sério. – Abaixe sua arma, então.

Ross a colocou na gaveta. Carne mostrou suas gengivas em um sorriso de satisfação. Ele virou para seus irmãos com um rosnado.

– Fiquem fora disso, viu? É minha briga. Eu *vô* acabar com ele.

Ross tirou seu casaco e colete, desatou seu lenço de pescoço e esperou. Isso, ele percebeu, era exatamente o que ele queria naquela maldita manhã; ele queria isso mais do que qualquer outra coisa na vida.

O homem foi para cima dele e, pelos seus movimentos, logo deu para perceber que era um lutador experiente. Ele foi pelo lado, agarrou a mão direita de Ross e tentou fazê-lo cair. Ross o acertou no peito e se afastou. *Controle o seu temperamento; analise o*

tamanho dele primeiro. “*Eu não o amo”, Elizabeth tinha dito; bom, aquilo estava claro; descartado com um enfeite enferrujado; jogado de lado; mulheres; agora ele fora encurralado em sua própria sala por um maldito valentão insolente de olhos vermelhos; controle o seu temperamento*. Ele estava vindo novamente e tentando a mesma manobra, desta vez agilmente com sua cabeça embaixo do braço de Ross: o outro braço estava em volta da perna de Ross e ele a levantava. Uma jogada famosa. Jogue o seu peso todo para trás; bem na hora; desvie para o lado e puxe a cabeça dele para cima de uma vez. Bom, isso foi muito bom; quebre o maldito pescoço dele. Seu punho escorregou, se firmou novamente; ambos caindo no chão fazendo barulho. Carne tentou colocar seu joelho no estômago de Ross. Punhos em seu rosto; duas vezes; estava livre agora; role para o lado e fique de pé.

O segundo irmão, com a respiração rápida, empurrou a mesa virada para longe do caminho. Brigaria com ele depois. E com o terceiro. Carne ficou de pé e agarrou a gola da camisa de Ross como um gato. O tecido não rasgou: eles cambalearam para trás e bateram em um armário, que balançou perigosamente. Bom tecido irlandês estava arruinado agora. *Ficar melancólico em um salão de baile como um bezerrinho doente de amor; sair correndo e balindo ao ver a sua dama. Procurando aquela miserável...* O material não rasgava. Levante a mão e pegue o pulso do homem. O cotovelo esquerdo desceu violentamente no antebraço de Carne. As mãos dele o soltaram, um gemido de dor. Ross agarrou o lado do homem: o outro braço agarrou o seu direito para aumentar a força do laço. Ficou com a cabeça abaixada. Carne tentou acertá-lo com o seu próprio cotovelo direito, mas eles estavam muito próximos. Depois de um tempo o minerador o chutou com suas botas, mas, da mesma forma, ele foi erguido do chão e jogado a um metro de altura contra a parede da sala. *Ao ver a miserável, ele havia encontrado o miserável: bebida e prostitutas. Deus, que solução!* Esta era melhor. Carne ficou de pé novamente e correu em frente. Dois socos inteiros não o pararam: ele agarrou Ross pela cintura.

– Agora *cê pegou* ele! – gritou o segundo irmão.

A maior força do homem estava em seus braços. Ele não tentou jogá-lo agora, mas apertou ainda mais o seu abraço e

inclinou Ross para trás. Ele tinha machucado um grande número de homens dessa forma. Ross mostrou os dentes de dor, mas suas costas eram fortes. Depois de um instante, ele parou de se inclinar mais com as costas, mas o fez com os joelhos, mãos nas canelas de Carne, seus dedos um pouco acima do chão – como se ele estivesse se ajoelhando nas coxas de Carne. Se esforçando muito. Pontinhos negros dançavam nas paredes; Carne perdeu o equilíbrio e eles caíram no chão novamente. Agarrou-o com mais força. Tirando sangue desse valentão bêbado; bater em sua própria filha até que as costas dela sangrassem; pontinhos negros e sangue; ele iria aprender uma lição; quebraria esse porco; quebre-o. Ross jogou seus joelhos para cima convulsivamente; os jogou para os lados; ficou livre. Primeiro fique de pé: quando Carne se levantou, ele o socou com toda a força de seu corpo na lateral do queixo. Carne cambaleou para trás e desabou na lareira em meio a uma confusão de ferros e pedaços de lenha. Foi um pouco mais lento ao se levantar dessa vez.

Ross cuspiu vermelho no chão. – Vamos, homem, você ainda não foi completamente surrado.

– Surrado! – disse Carne. – Por um jovenzinho pomposo que bebe mamadeira com uma marquinha chique no rosto. *Cê disse* surrado?

2

– *Tá* bem – grunhiu Jud. – *Num* consigo andar mais rápido. E o que *vamo* fazer quando chegar lá? Só tem três contra três. E um de nós é um garoto minúsculo, fino como um pé de trigo e delicado como um lírio.

– Ei, deixa disso – disse Jim. – Eu vou me arriscar.

– Tu *num vai* contar comigo não? – disse Prudie, esfregando seu grande nariz vermelho. – *Num* tem nenhum homem nascido de uma mulher que eu *num* enfrente, se quiser. Dançarinos de peito estufado, é isso que os homens são. Bata na cabeça deles com uma concha de sopa, o que acontece? Eles saem se arrastando como se você tivesse *machucado eles*.

– Eu vou correr lá – disse Jim Carter. Ele estava trazendo um chicote de couro, e começou a correr para levá-lo colina abaixo.

– Quem é o pivete? – Jud perguntou à sua esposa.

– *Num* sei. Eles vasculharam a casa antes do capitão Ross chegar. Foi surpresa *pra* mim que você *num viu eles* vindo. E foi surpresa que você *num* me ouviu agora há pouco, quando eu *tava* gritando. Até rouca fiquei.

– Num consigo *tá* em todos os lugares ao mesmo tempo – disse Jud, trocando o ombro de apoio de seu forcado comprido. – Num dá pra esperar isso *dum* homem mortal. Se tivesse quarenta e seis Jud Paynters andando pela fazenda, talvez um deles *taria* no lugar certo *pra* te agradar. Mas como só tem um, graças a Deus...

– Amém – disse Prudie.

– Certo, certo. Então *cê num pode* esperar que ele consiga ouvir toda vez que *cê* começar a gritar.

– Não, mas *num* espero que ele fique surdo de propósito, quando *tô* só no outro campo. Os joelhos da sua calça *era* tudo que eu via, mas sabia que era você pelos remendos nela e pela chaminé de fábrica soltando tanta fumaça.

Eles viram Jim Carter emergir das macieiras e correr através do jardim até a casa. Eles o viram chegar até lá e entrar.

Prudie perdeu uma de suas sandálias e teve que parar para pegá-la. Era a vez de Jud resmungar. Eles chegaram à plantação de macieiras, mas antes de atravessarem, encontraram Jim Carter voltando.

– *Tá* tudo bem. Eles *tão*... *lutando justo*... é uma boa cena de assistir...

– O quê? – disse Jud irritado. – Brigando? E nós perdemos isso?

Ele largou seu forcado, começou a correr e chegou à casa na frente dos outros dois. A sala estava em ruínas, mas a melhor parte da luta havia acabado. Ross estava tentando jogar Tom Carne pela porta da frente, e Carne, apesar de estar demasiado exausto para fazer mais mal a ele, ainda estava lutando freneticamente para se poupar da infâmia de ser expulso. Ele estava se agarrando em parte a Ross e em parte ao batente da porta com a determinação perversa de uma mula para não se admitir como derrotado.

Ross avistou seu criado e mostrou os dentes. – Abra a janela, Jud.

Jud se mexeu para obedecer, mas o irmão mais novo imediatamente se colocou no caminho dele.

– Não, *cê num vai*, não. Justo é justo. Deixe eles se resolverem.

Com essa pausa, Carne mostrou mais energia de brigar novamente e apertou a garganta de Ross de maneira selvagem. Ross afrouxou seu próprio punho que o agarrava e acertou o homem mais duas vezes. As mãos do minerador relaxaram e Ross o fez girar, pegando-o pela barba de seu pescoço e pelo assento em seus calções. Então ele saiu meio correndo, meio carregado pela porta, através do corredor, e saiu pela porta externa, empurrando Prudie para o lado enquanto ela assistia à cena sem fôlego. Os irmãos esperavam inquietos, e Jud sorriu para eles maliciosamente.

Houve um *splash* e, depois de alguns instantes, Ross voltou, com falta de ar e limpando o sangue do corte em sua bochecha.

– Ele se refrescará ali. E agora – ele encarou os outros dois com raiva. – Qual de vocês é o próximo?

Nenhum dos dois se mexeu.

– Jud.

– Sim, *sinhô*.

– Mostre a esses dois o caminho para fora da minha propriedade. Depois volte e ajude Prudie a arrumar essa bagunça.

– Sim, *sinhô*.

O segundo irmão relaxou sua postura tensa devagar e começou a torcer o seu chapéu. Ele parecia tentar dizer alguma coisa.

– Bom – ele finalmente disse. – O irmão *tá* certo, senhor, e você *tá* errado. Isso é certo. Mas apesar disso, foi uma bela *duma* briga. A melhor que já vi fora de um ringue.

– Ora – disse o mais novo, cuspindo. – Ou mesmo dentro de um. Ele já me venceu muitas vezes. Nunca pensei que veria ele sendo surrado. Obrigado, senhor.

Eles saíram.

O corpo de Ross estava começando a doer com os machucados e o esforço que fizera. Os nós de seus dedos tinham

cortes feios e ele tinha torcido dois dedos. Sua sensação, em geral, era de uma satisfação vigorosa e exausta, como se a briga tivesse drenado o mau humor dele. Fizera uma sangria, como um médico fazia em um paciente com febre.

–Aw, meu querido! – disse Prudie, entrando. – Aw! Vou buscar uns panos e um pouco de terebentina pra você.

– Nada dessa sua medicina – disse ele. – Medique a mobília. Você consegue consertar esta cadeira? E aqui há alguns pratos quebrados. Onde está a criança, Prudie? Diga-a que ela já pode sair agora.

– Ninguém sabe aonde ela foi. Ela viu o pai chegando e passou correndo por mim de supetão. Acho que ela *tá* metida em algum lugar da casa, apesar *deles terem* vasculhado tudo.

Ela foi até a porta. – *Tá* tudo bem agora, menina! Seu pai se foi. Nós *expulsamo ele*! Saia de onde você *tiver*!

Silêncio.

O corte em sua bochecha quase parara de sangrar. Ross vestiu seu colete e sobretudo por cima de sua camisa suada e rasgada, e colocou o lenço no bolso. Ele queria tomar uma bebida e, então, quando Jud veio confirmar que eles tinham ido embora, ele decidiu que iria descer e se banhar no mar. O sal garantiria que nenhum mal viesse dos arranhões e machucados.

Ele foi até o grande armário de louças que havia balançado tão perigosamente durante a briga, e se serviu de um copo de conhaque. Bebeu tudo de uma vez, e quando sua cabeça foi para trás, seus olhos encontraram os de Demelza Carne, muito escuros e dilatados, observando-o da prateleira mais alta do armário. Ele deixou escapar uma risada que se parecia com um berro, a ponto de fazer Prudie voltar correndo para o cômodo.

Capítulo Nove

1

Naquela noite, por volta das nove horas, Jim Carter voltou de sua visita à casa de Jinny Martin. Havia alguma amizade entre eles antes de ele vir trabalhar em Nampara, mas ela florescera rapidamente durante o inverno. Normalmente, ele teria ido direto para seu aposento no estábulo para dormir até o amanhecer, mas ele foi até a casa e insistiu em ver Ross. Jud, que já estava sabendo de tudo, o seguiu até a sala sem ser chamado.

– São os mineradores de Illugan – o garoto disse sem preâmbulos. – Zacky Martin ouviu de Will Nanfan que eles estão vindo esta noite para lhe dar uma retribuição por roubar a garota de Tom Carne

Ross abaixou seu copo, mas manteve um dedo em seu livro.

– Bom, se eles vierem, nós poderemos lidar com eles.

– *Num tô* muito certo disso – disse Jud. – Quando eles *tão* em grupos de um ou dois nós conseguimos lidar com eles como hoje, mas quando *tão* em centenas são como um grande dragão rugindo. É só chegar perto que eles te destroçam em pedacinhos, fácil como um arranhão.

Ross reconsiderou. Tirando a sua retórica, havia alguma verdade no que Jud disse. A lei e a ordem ficavam de lado quando uma multidão de mineradores estava possessa de fúria. Mas não era provável que eles percorressem uma distância dessas por uma questão tão pequena. A não ser que eles estivessem bêbados. Era a semana da Páscoa.

– Quantas armas temos na casa?

– Três, eu acho.

– Uma seria o suficiente. Certifique-se de que elas estarão limpas e preparadas. Não há nada a se fazer além disso.

Eles o deixaram, e ele os ouviu sussurrando seu descontentamento do lado de fora da porta. Bom, o que mais havia a se fazer? Ele não tinha previsto que sua adoção casual de uma criança para ser uma copeira produziria tais resultados, mas agora

já estava feito, e o inferno inteiro se quebraria antes que ele voltasse atrás. Dois anos no exterior o levaram a esquecer-se dos preconceitos de seu próprio povo. Para os fundidores de metal e pequenos fazendeiros do condado, alguém de duas ou três milhas de distância era um estrangeiro. Levar uma criança de seu lar para uma casa a dez milhas de distância, uma *menina* e menor de idade, não obstante o quanto feliz ela estivesse em ir embora, era o suficiente para incitar todo tipo de agitação e preconceito. Ele havia satisfeito um impulso humano e era chamado de sequestrador. *Bom, deixe que os cães ladrem*.

Ele puxou o cordão do sino para chamar Prudie. Ela entrou pensativa.

– Vá para a cama, Prudie, e veja se a menina irá também. E diga a Jud que quero vê-lo.

– Ele acabou de sair, neste minuto. Saiu com Jim Carter, os dois, foi sim.

– Então deixe para lá.

Logo ele estaria de volta, provavelmente não foi mais longe do que iluminar o caminho do garoto até seu quartinho. Ross se levantou e foi pegar sua própria arma. Era uma pistola de pederneira francesa, com carregamento da munição pela parte traseira, que seu pai comprara em Cherbourg há dez anos, e ela se mostrava ser mais confiável e precisa do que qualquer outra arma que ele já usara.

Ele separou o cano da arma se esforçou para olhar dentro dele, viu que a pederneira e o cão estavam funcionando, colocou pólvora cuidadosamente na caçoleta e fechou a tampa, depois colocou a arma no assento da janela. Não havia mais o que fazer, então se sentou para ler novamente e encheu seu copo mais uma vez.

O tempo passou e ele ficou impaciente pela volta de Jud. Havia pouco vento naquela noite e a casa estava muito silenciosa. De vez em quando, uma ratazana se movia por dentro do lambril; ocasionalmente, Tabitha Bethia, a gata sarnenta, miava e se esticava diante do fogo, ou um pedaço de lenha se mexia e se desfazia em cinzas.

Às dez e meia, ele foi até a porta e olhou para o vale. A noite estava nublada e lá fora o córrego se mexia sussurrando; uma coruja voou de uma árvore com asas furtivas.

Ele deixou a porta aberta e contornou a casa até os estábulos. O mar estava muito escuro. Uma onda negra e comprida estava vindo de maneira quieta. Às vezes uma onda batia e quebrava o silêncio com um ruído como o de um trovão. Seus lábios brancos perceptíveis no escuro.

Seu tornozelo estava muito dolorido depois da brincadeira daquela tarde, seu corpo todo estava enrijecido, suas costas doíam como se ele tivesse quebrado uma costela. Ross entrou nos estábulos e foi até o quartinho. Jim Carter não estava lá.

Ele desceu, acariciou Darkie, ouviu Garrick se mexer na caixa que tinham feito para ele, e voltou pelo mesmo caminho que havia feito. Maldito seja Jud e suas ideias. Certamente, ele tinha bom senso o bastante para não sair da propriedade depois do aviso do garoto. Certamente, ele não havia fugido.

Ross voltou para o quarto no andar debaixo. A cama envolta em cortinas estava vazia, pois Demelza havia se mudado para seu novo alojamento. Ele subiu as escadas e abriu a porta de seu quarto silenciosamente. A escuridão era total, mas ele conseguia ouvir uma respiração alta e agitada. Pelo menos ela estava ali, mas não estava dormindo. De algum jeito, ela tinha descoberto sobre o perigo. Ele não falou nada, apenas saiu novamente.

Do quarto ao lado, vinha um barulho como o de um homem muito idoso cortando lenha com uma serra enferrujada, então ele não precisou localizar Prudie. Foi para o andar inferior novamente, tentar se aquietar com seu livro. Ele não bebeu mais. Se Jud voltasse, eles dividiriam turnos de duas horas de vigília ao longo da noite; senão, a vigília deveria ser feita por uma pessoa só.

Às onze e meia, ele terminou o capítulo, fechou o livro e foi até a porta da casa novamente. A Lilás[5] movia seus galhos com uma brisa errante e depois ficou parada. Tabitha Bethia o seguiu até lá fora e esfregou sua cabeça contra as suas botas de modo a fazê-lo companhia. O córrego murmurava sua ladainha sem fim. Do aglomerado de bosques vinha o som ríspido e agudo do bacurau. Na direção de Grambler, a lua estava subindo.

Mas Grambler ficava a Sudoeste. E o brilho fraco no céu não era pálido o bastante para ser aquele de uma lua subindo ou descendo. Fogo.

Ele saiu correndo da casa e depois se forçou a parar. O sumiço de Jud e Carter significava que restava apenas ele para proteger a casa e garantir a segurança das duas mulheres. Se os mineradores de Illugan estavam realmente a caminho da guerra, seria tudo menos sábio deixar a casa desprotegida. Assumindo que o fogo tivesse alguma conexão com esses acontecimentos, ele certamente colocaria os mineradores dentro de casa se fosse lá verificar e eles estivessem vindo para cá. Alguns poderiam passar por ele despercebidos e alcançar a casa. Melhor ficar do que arriscar que a incendiassem.

Ele mordeu seu lábio inferior e xingou Jud por ser um desgraçado inútil. Ele o ensinaria a não correr com o primeiro susto. Essa deserção pesava ainda mais do que toda a negligência antes de ele retornar para a casa. Foi mancando até Long Field atrás da casa, e de lá imaginou que conseguia distinguir as labaredas do fogo. Voltou e pensou em acordar Prudie e dizer a ela que tomasse conta de si mesma. Mas a casa estava tão silenciosa – como sempre – e escura, a não ser pela luz amarela da vela que aparecia por detrás das cortinas da sala; parecia ser uma pena acrescentar medo a qualquer uma desnecessariamente. Ele se perguntou quais eram os sentimentos da criança, acordada lá no escuro.

Indecisão era uma das coisas que ele mais odiava. Depois de mais cinco minutos, ele se xingou e pegou sua arma, e subiu o vale apressadamente.

A chuva soprava contra seu rosto quando ele chegou ao pequeno bosque de figueiras depois de Wheal Maiden. Depois de atravessá-lo, parou e olhou em direção a Grambler. Conseguia avistar três incêndios. Até onde conseguia enxergar, eles não pareciam ser grandes, e ele se sentiu grato por isso. Então avistou duas figuras subindo na colina em direção a ele. Uma carregava um lampião.

Ele aguardou. Eram Jim Carter e Jud.

Eles estavam conversando, Carter animado e sem fôlego. Atrás deles, emergindo das sombras, estavam outros quatro

homens: Zacky Martin, Nick Vigus, Mark e Paul Daniel, todos dos chalés em Mellin. Enquanto chegavam à sua frente, ele avançou.

– Ora – disse Jud, mostrando suas gengivas de surpresa, – se *num* é o capitão Ross! Imagine você por essas bandas! Eu dizia a mim mesmo *num* faz nem cinco minutos: agora, digo eu, acho que o capitão Ross *tá* indo dormir tranquilo e de bucho cheio; ele *tá* esticando os pés na cama. Eu pensei que também queria *tá* na cama, ao invés de ficar perambulando pelo molhado na neblina, a uma milha do copo mais próximo de...

– Aonde vocês foram? – Ross perguntou.

– Ora, só para Grambler. *Pensamo* em visitar uns *amigo* e passar uma noite em companhia...

Os outros homens chegaram e pararam, ao verem Ross. Nick Vigus parecia estar disposto a se delongar, sua face astuta recebendo a luz do lampião e se contorcendo em um sorriso. Mas Zacky Martin puxou a manga de Vigus.

– Vamos lá, Nick. Você não estará de pé e com energia de manhã. Boa noite, *sinhô*.

– Boa noite – disse Ross, e os observou caminhar com passos pesados. Ele conseguia ver mais lampiões próximos ao incêndio agora e figuras se movendo.

– Então, Jud?

– Os fogos? Bom, ora, se quiser saber deles, foi assim...

– Foi assim, *sinhô* – disse Jim Carter, não conseguindo conter sua impaciência. – Com Will Nanfan dizendo que tinha ouvido falar que os mineradores de Illugan *tavam* vindo quebrar a sua casa por ter tomado a menina de Tom Carne, pensamos que seria bom se a gente conseguisse *deter eles*. Will diz que tem quase uma centena deles carregando varas e outras coisas. Bem, então, os homens de Grambler *tão* devendo a Illugan alguma quantia desde a última feira de São Miguel, então eu corri *pra* Grambler e *acordei eles* e disse...

– Quem *tá* contando essa história velha? – Jud disse com dignidade.

Mas, em meio à agitação, Jim havia perdido sua timidez de costume.

–...e disse *pra* eles: “O que vocês acham? Os homens de Illugan *tão* vindo pra cá querendo fazer a festa”. *Num* precisei dizer nada além disso, viu? Metade dos homens de Grambler *tava* nas ruas, tomando umas, e foi fácil criar uma briga. Enquanto isso, Jud correu *pra* Sawle e contou a mesma história. *Num* funcionou tão bem lá, mas ele voltou com uns vinte ou trinta...

– Trinta e seis – disse Jud. – Mas sete dos homens *entrou* no chalé da viúva Tregothnam, e ainda *tão* lá até onde eu sei, se afogando em bebida. Foi culpa do Bob Mitchell. Se ele...

– Eles *chegou* a tempo de ajudar a fazer três fogueiras...

– Três fogueiras – disse Jud –, e depois...

– Deixe o garoto contar sua história – disse Ross.

– Bom, então, nós fizemos três fogueiras – disse Carter –, e elas *tavam* ficando muito bonitas quando *ouvimo* os homens de Illugan chegando, quatro ou cinco bandos deles, liderados por Remfrey Flamank, bêbado como uma abelha. Quando eles se aproximaram, Mike Andrewartha subiu no muro e gritou *pra* eles: “O que *cês* querem, homens de Illugan? O que *cês* querem por aqui, homens de Illugan?” E Remfrey Flamank abriu sua camisa *pra* mostrar todo o pelo em seu peitoral e disse: “O que diabos isso tem a ver com vocês?” Depois Paul Daniel disse: “Tem a ver com a gente, cada miserável entre nós, porque *num* queremos homens de Illugan se metendo no nosso distrito”. E aí começou um grande berro geral, como se ele estivesse provocando um urso.

Jim Carter parou por um instante para recuperar seu fôlego. – Então, um homenzinho com uma verruga em seu peito do tamanho de uma ameixa gritou: “Nossa briga *num* é com vocês, amigos. Viemos *pra* levar de volta a menina de Illugan que o seu cavalheiro pomposo roubou, e ensinar uma lição que ele *num* vai esquecer, viu? Nossa briga *num* é com vocês”. Então o Jud aqui gritou: “Quem disse que tem algo errado em contratar uma menina, como todo mundo? E ele a ganhou numa briga justa, seus desgraçados. Mais do que qualquer um de vocês poderia fazer. Nunca vi um homem de Illugan que...”

– *Tá* bem, *tá* bem – interrompeu Jud subitamente irritado. – Eu sei o que eu disse, *num* é? Acha que eu mesmo *num* consigo

contar o que eu disse? – Nesta irritação ele virou sua cabeça e mostrou que um de seus olhos estava ficando preto.

– Ele disse: “Nunca vi um homem de Illugan que não fosse um vesgo filho da puta, covarde e manco que nem um cavalo que fugiu do matadouro”. Eu achei que ele falou tão bem quanto um pastor. E aí alguém o acertou no olho.

– E então, suponho que todos começaram a brigar – disse Ross.

– Quase duzentos de nós. Deus, foi um trabalho bem feito. *Cê viu* aquele camarada de um olho só, Jud? Mark Daniel *tava* correndo *pra* cima dele, quando Sam Roscollar se aproximou. E Remfrey Flamank...

– Quieto, garoto – disse Jud.

Jim finalmente se calou. Eles chegaram à casa em um silêncio que só foi quebrado uma vez pela sua risada murmurante e pelas palavras: – Remfrey Flamank bêbado como uma abelha!

– Insolência – disse Ross na porta. – Sair e se envolverem em uma briga e me deixarem na casa sozinho para cuidar das mulheres. O que vocês pensam que eu sou?

Houve um silêncio.

– Entendam, brigas que eu mesmo comprar, eu resolverei do meu jeito.

– Sim, *sinhô*.

– Bom, vão para a cama, agora já acabou. Mas não pensem que eu não me lembrarei disso.

Se isso foi uma ameaça de punição ou uma promessa de recompensa, Jud e seu parceiro não tinham certeza, pois a noite estava escura demais para ver a voz de quem falou. Havia algo estranho em sua voz que poderia ter sido causado por uma raiva pouco controlada.

Ou poderia ter sido uma risada, mas eles não pensaram nisso.

Capítulo Dez

1

Na extremidade mais ao leste das terras Poldark, por volta de meia milha de distância da casa de Nampara, a propriedade se unia àquela de Mr. Horace Treneglos, cuja casa ficava a algumas milhas para dentro da terra atrás das dunas de Hendrawna e se chamava Mingoose. No local onde as duas propriedades se juntavam, na beirada da colina, ficava uma terceira mina.

Wheal Leisure havia funcionado na época de Joshua para extrair estanho superficial, mas não para cobre. Ross fora lá durante o inverno, e o desejo de recomeçar pelo menos um dos trabalhos em sua própria terra tinha se concentrado nesta outra mina, depois de considerar Wheal Grace.

As vantagens eram que a drenagem poderia consistir em acessos percorrendo a terra até a face da colina, e que, em algumas das amostras retiradas da mina e guardadas por Joshua, havia sinais definitivos de cobre.

Mas era necessário mais capital do que ele poderia arranjar. Então, na manhã de quinta-feira da semana da Páscoa, a ele foi cavalgando até Mingoose. Mr. Treneglos era um viúvo idoso com três filhos, o mais novo na Marinha e os outros eram caçadores de raposa devotos. Ele mesmo era um acadêmico e era pouco provável que se importasse com aventuras de mineração; mas já que a mina ficava parcialmente em suas terras, era uma cortesia mínima consultá-lo primeiro.

– Me parece que você tem muito pouco aqui; quase como escavar uma terra virgem. Por que não reiniciar Wheal Grace onde já há acessos profundos? – gritou Mr. Treneglos. Ele era um homem alto e robusto, cuja surdez o tornara desajeitado. Ele estava sentado agora na beirada de uma poltrona, com seus joelhos gordos dobrados, calções apertados, uma mão acariciando o joelho e a outra atrás da orelha.

Ross deu seus motivos para preferir Wheal Leisure.

– Bom, meu caro – gritou Mr. Treneglos –, é tudo bastante convincente, eu acredito em você. Não tenho objeções quanto a você fazer alguns buracos na minha terra. Nós deveríamos ser bons vizinhos mesmo – ele levantou a voz. – Agora, financeiramente, estou um pouco apertado esse mês. Esses meus meninos e suas caçadas... Talvez mês que vem eu possa lhe emprestar cinquenta guinés. Nós deveríamos ser bons vizinhos. Poderia ser assim?

Ross o agradeceu e disse que, se a mina fosse iniciada, ele a administraria pelo sistema de registro de custos, através do qual cada um dentre um número de especuladores compraria uma ou mais ações e pagaria pelos custos.

– Sim, excelente ideia – Mr. Treneglos inclinou uma orelha para frente. – Bom, passe aqui para me ver novamente, hein? Estou sempre feliz em ajudar, meu garoto. Nós deveríamos ser bons vizinhos, e não sou contra um pouco de emoção. Talvez encontremos outra Grambler – ele se remexeu com a gargalhada e pegou seu livro. – Talvez encontremos outra Grambler. Já leu os clássicos, meu garoto? A cura para muitos males do mundo moderno. Eu sempre tentei fazer o seu pai se interessar. Como ele está, aliás?

Ross explicou.

– Ora, maldição, sim. Que horror. Era em seu tio que eu estava pensando. Era no tio dele que eu estava pensando – ele acrescentou em uma voz mais baixa.

Ross cavalgou para casa sentindo que uma promessa de Mr. Treneglos pela metade era tanto quanto ele poderia esperar naquele momento; agora só lhe restava buscar orientações profissionais. O homem a quem procurar quanto a esta questão era capitão Henshawe, de Grambler.

Jim Carter estava trabalhando em um de seus campos com as três crianças Martin mais novas. Quando Ross passou, Carter correu até ele.

– Achei que deveria lhe dar uma notícia, senhor – disse ele em voz baixa. – Reuben Clemmow fugiu.

Tanta coisa havia acontecido desde o seu encontro no último domingo que Ross se esquecera do último dos Clemmows. A conversa não fora agradável. O homem era astuto, mas

insubordinado. Ross tinha raciocinado com ele, tentando atravessar um muro de suspeita e ressentimento. Mas, mesmo enquanto ainda estava tentando, ele estava consciente de seu fracasso, e da hostilidade dirigida a ele próprio – algo que não poderia ser enfrentado ou mudado com bons conselhos ou uma conversa amigável. Tinha raízes demasiadamente profundas para isso.

– Aonde ele foi?

– *Num* sei, *sinhô*. O que *cê* disse sobre *expulsar ele* deve ter *assustado ele*.

– Quer dizer que ele não está na mina?

– Não, desde terça-feira. Ninguém *viu ele* desde terça.

– Ah, bem – disse Ross –, isso nos poupará trabalho.

Carter olhou para ele. Sua face jovem com uma estrutura óssea proeminente estava muito pálida naquela manhã. – Jinny acha que ele ainda está por aí*, sinhô*. Ela diz que ele *num* foi muito longe.

– Certamente, alguém o teria visto.

– Sim, *sinhô*, é o que eu disse. Mas ela *num* acreditou. Ela diz, *sinhô*, perdão por falar isso, *sinhô*, pra você tomar cuidado.

O rosto de Ross formou um sorriso.

– Não preocupe sua cabeça comigo, Jim. E também não se preocupe com Jinny. Está apaixonado pela garota?

Carter encontrou o olhar dele e engoliu em seco.

– Bom – disse Ross –, você deveria ficar feliz, agora que perdeu seu rival. Embora eu duvide que ele competia seriamente.

– Não desse jeito – disse Jim. – É só que nós estávamos com medo...

– Eu sei do que vocês tinham medo. Se você vir ou ouvir qualquer coisa, me avise. Se não, não veja monstros em todos os cantos.

Ele continuou a cavalgar. *Para mim, é muito fácil dizer isso*, ele pensou. *Talvez o palhaço tenha fugido para o seu irmão em Truro*. *Ou talvez não*. Não tinha como saber com aquele tipo. Seria melhor para os Martins se ele estivesse preso.

Embora tenha ido a Truro várias vezes, Ross não viu mais Margaret. Não que ele quisesse isso. Se a sua aventura com ela na noite do baile não o curara de seu amor por Elizabeth, isso tinha provado para ele que procurar por pura luxúria não era uma solução.

A criança Demelza se acomodou em sua nova casa como um filhote de gato abandonado em uma sala confortável. Sabendo da grande força dos laços familiares entre os mineradores, depois de uma semana, ele se preparara para encontrá-la espremida em um canto chorando de saudade de seu pai e suas surras. Se ela mostrasse qualquer sinal de saudades de casa, ele teria mandado-a embora de uma vez; mas ela não demonstrou isso, e Prudie testemunhou pelo bom caráter dela.

O fato de que, dentro das três primeiras horas após sua chegada, Demelza caíra nas graças da monstruosa Prudie foi outra surpresa. Talvez ela despertasse nela algum instinto materno parcialmente atrofiado, como um patinho com fome faria com um grande atobá.

Então, depois de um mês em teste, ele mandou Jim Carter – Jud não queria ir – falar com Tom Carne com duas guinés para contratar os serviços da garota por um ano. Jim disse que Carne havia ameaçado quebrar todos os ossos de seu corpo; mas ele não recusou o ouro, e isso sugeria que ele tinha se acalmado quanto à perda de sua filha

Depois de sua única invasão, os mineradores de Illugan não fizeram mais nada. Sempre havia uma chance de perigo quando o próximo dia de festas chegava, mas, até lá, a distância entre os lugares impediria conflitos acidentais. Ross suspeitava, durante algum tempo, que eles pudessem levar a criança embora à força, e disse a ela que não fosse para longe da casa. Uma noite, voltando a cavalo do vilarejo da igreja de St Ann, uma chuva de pedras caiu sobre ele detrás de uma cerca, mas aquele foi o último sinal de desagrado público. As pessoas tinham seus próprios problemas para se preocuparem.

Virando a lenha na biblioteca, Prudie encontrou um pedaço de tecido de algodão estampado e engomado, e este, depois de ser lavado e cortado, virou duas vestes para a garota que mais

pareciam sacos. Depois, um lençol velho com uma barra de renda foi cortado para se tornar dois pares de combinações. Demelza nunca havia visto nada parecido com isso antes e, quando as vestia, ela sempre tentava puxar o tecido para baixo, de modo que a renda aparecesse em baixo da barra da saia.

Indo muito contra a própria vontade, Prudie se encontrou alistada para uma campanha militar na qual ela, pessoalmente, não tinha muita fé: a guerra contra os piolhos. Era necessário explicar a Demelza frequentemente que seu novo patrão não iria tolerar corpos ou cabelos sujos.

– Mas como que ele sabe? – a garota perguntou um dia quando a chuva escorria pelo vidro verde da janela da cozinha. – Como que ele sabe? Meu cabelo é escuro e isso *num* vai mudar, *num* importa se *lave ele* ou não.

Prudie franziu suas sobrancelhas enquanto cutucava a carne que estava assando em um espeto sobre o fogo. – Sim. Mas faria uma grande diferença no número de bichinhos.

– Bichinhos? – ecoou Demelza, e coçou sua cabeça. – Ora, todo mundo tem bichinhos.

– Ele não gosta deles.

– Ora – disse Demelza seriamente –, *você* tem bichinhos. Você tem mais bichinhos *muito mais pior* que eu.

– Ele não gosta deles – disse Prudie de teimosia.

Demelza digeriu isso por um instante.

– Bom, como faz *pra* se livrar deles?

– Lava, lava, lava – disse Prudie.

– Como um maldito pato – disse Jud, que acabara de entrar na cozinha.

Demelza virou sua cabeça e o observou com seus olhos escuros interessados. Depois, olhou novamente para Prudie.

– Então, como é que você *num* se livrou deles? – ela perguntou, ansiosa para aprender.

– *Num* se lavou o bastante – disse Jud sarcasticamente. – *Num* é certo seres humanos terem pele. Eles precisam se esfregar até esfolar como um filé de carne para agradar essa gente. Mas também depende de como os bichinhos se pregam. Bichinhos é umas criaturas engraçadas e estranhas. Eles gostam de uma gente

mais do que outra. Bichinhos têm uma afinidade natural com algumas pessoas, como se fossem irmão e irmã. Outros, Deus faz eles limpos por natureza. Olhe pra mim. *Num* vai encontrar nenhum bichinho na *minha* cabeça.

Demelza o observou.

– Não – disse ela –, mas *cê num* tem nenhum cabelo.

Jud jogou no chão os torrões que tinha trazido. – Se *cê ensinasse ela* a segurar a língua – disse ele petulantemente para sua esposa –, seria algo *mais melhor* de ver do que isso. Se *cê* ensinasse modos, como falar respeitavelmente com as pessoas e responder respeitavelmente e *ser* respeitável com os idosos, seria algo *mais melhor* de ver do que isso. Depois *cê* poderia se dar um tapinha na cabeça e dizer: "Olha, *tô* fazendo um bom trabalho, ensinando *ela* a ser respeitosa". Mas o que *cê* tá fazendo? *Num* é difícil responder. *Num* é difícil de ver. *Cê* tá ensinando *ela* a ser *respondona*.

Naquela noite, Carter estava sentado no chalé dos Martins conversando com Jinny. Ele se tornara afetuosamente próximo à família dos Martins durante o inverno de seu trabalho em Nampara. Conforme sua afeição por Jinny crescia, ele via menos e menos de sua própria família. Ele sentia muito por isso, pois sua mãe sentiria falta dele, mas ele não conseguiria estar em dois lugares ao mesmo tempo, e ele se sentia mais em casa, mais livre para se abrir e conversar e se divertir no chalé tranquilo dessas pessoas que o conheciam menos intimamente.

Seu pai, um tributário experiente, havia ganhado um bom dinheiro até fazer vinte e seis anos, e então a tuberculose que o ameaçara durante anos o dominou, e, dentro de seis meses, Mrs. Carter ficou viúva com cinco filhos jovens para criar, sendo que o mais velho, Jim, tinha oito anos.

Fred Carter fizera o sacrifício de pagar seis centavos por semana para que ele fosse educado na escola de Tia Alice Trevemper, e havia rumores de que a criança continuaria a estudar lá por outro ano. Mas a necessidade dissipou tais rumores como o vento sopra a fumaça, e Jim se tornou um peneirador em Grambler. Isso era trabalho de "grama" ou de superfície, pois os mineradores da Cornualha não tratam suas crianças da mesma maneira

desalmada que as pessoas do norte da região. Mas peneirar não era ideal, já que isso significava que ele ficaria mexendo o minério de cobre na água, de pé, em uma posição curvada por dez horas por dia. Sua mãe se preocupava porque ele cuspia sangue quando chegava em casa. Mas muitos outros garotos faziam o mesmo. Uma guiné e três centavos por semana fazia diferença.

Aos onze anos, ele foi para o subterrâneo, começou trabalhando com outro homem, transportando o material para fora em carrinhos de mão. Mas ele havia herdado o talento de seu pai, e, quando fez dezesseis anos, já era um tributário independente que ganhava o bastante para sustentar a casa. Ele tinha muito orgulho disso, mas, depois de alguns anos, ele se viu perdendo tempo devido à sua saúde ruim e tomado por uma tosse espessa em intervalos como a de seu pai. Aos vinte, com um rancor profundo contra o destino, ele permitiu que sua mãe o pressionasse a sair da mina, a jogar fora todo o seu poder de ganhar uma renda boa, a ceder seu posto ao seu irmão mais novo e a tentar trabalhar na fazenda. Mesmo com o salário justo pago pelo capitão Poldark, ele ganharia menos em um trimestre do que costumava ganhar por mês; mas não era apenas a perda do dinheiro, nem mesmo a perda da posição que o deixara chateado. Ele tinha a mineração em seu sangue; ele gostava desse trabalho e o queria.

Ele havia desistido de algo que queria muito. Porém, ele já estava mais forte, mais estável. E o futuro perdera grande parte de seu medo.

No chalé dos Martins, ele se sentava em um canto e sussurrava para Jinny, enquanto Zacky Martin fumava seu cachimbo de cerâmica de um lado da lareira, lendo um jornal, e do outro lado Mrs. Martin cuidava de Betsy Maria Martin, com três anos. A garotinha estava se recuperando de um perigoso ataque de sarampo. No outro braço, a mãe tinha outra criança mais nova, um bebê de dois meses, que chorava se sacudindo. A sala estava iluminada precariamente por um lampião típico de barro, longo e fino, com dois pavios pequenos nas laterais do vão central. O vão continha óleo de sardinha e um cheiro de peixe estava no ar. Jinny e Jim estavam sentados em um tipo de móvel de madeira feito em casa, e estavam contentes com a escuridão confortável das

sombras. Jinny ainda não saía depois do escuro, mesmo tendo Jim por sua escolta – o único assunto conflitante em sua amizade – mas ela jurava que não tinha um minuto de paz quando cada arbusto poderia esconder uma pessoa agachada. Melhor ficar ali, mesmo com toda a sua família 'segurando vela'.

Com a luz fraca, apenas algumas partes do quarto apareciam, superfícies e laterais, curvas e cantos e perfis. A mesa acabara de ser limpa, depois da refeição noturna de chá, pão de cevada e pudim de ervilhas: um círculo molhado aparecia onde o velho bule de estanho tinha vazado. Do outro lado, havia uma porção de migalhas espalhadas deixadas pelas duas meninas mais novas. De Zacky, só se conseguia ver o penteado de seu cabelo vermelho-acinzentado, o ângulo proeminente de seu cachimbo, a dobra do jornal *Sherborne Mercury* recentemente impresso, preso em uma mão cabeluda como se houvesse perigo de ele sair voando. Os óculos com armação de aço de Mrs. Zacky brilhavam, e cada lado de seu rosto comum, com seus lábios assobiantes, ficavam iluminados em parte como as diferentes fases da lua, conforme ela olhava de uma criança agitada para a outra. A única coisa que se conseguia ver na pequena Inez Mary era uma manta cinza e um pequeno punho gordinho apertando e soltando o ar como se ela estivesse reafirmando sua frágil existência. Um choque de cabelo vermelho e um nariz com sardas dormiam inquietamente no outro ombro de Mrs. Zacky.

No chão, as pernas longas e nuas de Matthew Mark Martin brilhavam como duas trutas prateadas: o resto dele estava escondido na grande sombra formada pela figura de sua mãe. Na parede ao lado de Jinny e Jim, outra sombra grande se movia, aquela da gata cor de laranja, que havia subido na prateleira ao lado do lampião e fazia a luz piscar sobre a família.

Essa era a melhor semana de todas, quando o pai Zacky estava no turno da noite, pois ele deixava que seus filhos ficassem acordados até quase nove horas. Jim havia se acostumado a essa rotina pelo hábito, e ele viu o momento em que deveria ir embora se aproximar. De súbito, ele pensou em uma dúzia de coisas que queria dizer a Jinny, e estava se apressando para dizê-las, quando

veio uma batida na porta e parte de cima dela se abriu, revelando a figura magra e poderosa de Mark Daniel.

Zacky abaixou seu jornal, despertou seus olhos, e olhou para a ampulheta quebrada para se certificar de que ele não tinha ficado em seu lazer por tempo demais.

– Cedo esta noite, garoto. Entre e sinta-se em casa, se estiver com vontade. Eu ainda nem coloquei as botas nos pés.

– Nem eu – disse Daniel. – Era uma palavrinha ou duas que eu queria trocar com você, garoto, só entre vizinhos, como se diz.

Zacky derrubou seu cachimbo. – Tudo bem. Entre e sinta-se em casa.

– Era uma palavrinha a sós – disse Mark. – Pedindo licença à Mrs. Zacky. – Uma palavra em seu ouvido sobre um pequeno negócio particular. Achei que talvez *cê* quisesse ir lá fora.

Zacky ficou encarando-o e Mrs. Zacky assobiou gentilmente para suas crianças inquietas. Zacky colocou seu jornal de lado, endireitou seu cabelo, e saiu com Mark Daniel.

Jim se aproveitou dessa pausa de bom grado para acrescentar aos seus murmúrios: palavras importantes sobre onde eles se encontrariam amanhã, se ela terminasse o trabalho na mina e em casa antes do anoitecer; e ele, seu trabalho na fazenda... Ela inclinou sua cabeça para escutar. Jim percebeu que, mesmo em qualquer sombra onde eles estivessem, alguma luz se apegava à pele macia e clara da testa dela, à curva de suas bochechas. Luz, sempre havia luz nos olhos dela.

– *Tá* na hora de *cês*, crianças, *tarem* na cama – disse Mrs. Zacky, endireitando seus lábios. – Ou então, *cês* estarão de cara na cama quando *deviam* estar acordados. Vá logo, Matthew Mark. *Cê* também, Gabby. E Thomas. Jinny, minha querida: é difícil deixar seu homem assim tão cedo, mas *cê* sabe como é de manhã.

– Sim, mãe – disse Jinny, sorrindo.

Zacky voltou. Todos olharam para ele curiosamente, mas ele fingiu não perceber a atenção minuciosa. Ele voltou para sua cadeira e começou a dobrar o jornal.

– Eu *num* sei – disse Mrs. Zacky –, se concordo com conversinhas secretas entre homens adultos. Sussurrando juntos

como se *fosse* bebês. Sobre o que você *tava* suspirando, Zachariah?

– Sobre quantas manchas havia na lua – disse Zacky. – Mark disse noventa e oito e eu disse cento e duas, então a gente concordou em deixar *pra* lá até encontrarmos o pastor.

– *Num* vou aturar nenhuma de suas blasfêmias aqui – disse Mrs. Zacky. Mas ela disse isso sem convicção. Ela tinha uma fé sólida demais na sabedoria de seu marido, construída ao longo de vinte anos, para fazer mais do que um protesto simbólico contra o seu mau comportamento. Além disso, ela o faria revelar o segredo pela manhã.

Com muita ousadia em meio às sombras, Jim beijou o pulso de Jinny e se levantou. – Acho que está na hora de eu ir embora, Mr. e Mrs. Zacky – disse ele, usando o que tinha aprendido ser uma fórmula para despedidas. – E agradeço mais uma vez por ser recebido confortavelmente. Boa noite, Jinny. Boa noite, Mr. e Mrs. Zacky. Boa noite a todos.

Ele chegou até a porta, mas ali Zacky o parou. – Espere, garoto. Eu gostaria de dar uma caminhada, e temos tempo de montão. Eu darei alguns passos com você.

Um protesto de Mrs. Zacky o seguiu até a escuridão com chuva fina. Então, Zacky fechou as portas e a noite se fechou ao redor deles, úmida e macia com a chuva nebulosa e agradável caindo como teias de aranha sobre seus rostos e mãos.

Eles saíram, inicialmente tropeçando no escuro, mas logo se acostumaram, caminhando com os passos firmes de conterrâneos em um solo conhecido.

Jim ficou intrigado com seu companheiro e se sentia um pouco nervoso, pois havia algo sombrio no tom de Zacky. Como uma pessoa de boa ‘educação’, Zacky sempre fora alguém de importância aos seus olhos: sempre que Zacky pegava o *Sherborne Mercury* esfarrapado, a magnificência desse gesto atingia Jim. E, agora, além disso, ele era o pai de Jinny. Jim se perguntava se havia feito algo de errado.

Eles chegaram à beirada da colina perto dos arredores de Wheal Grace. De lá, era possível ver as luzes de Nampara House, dois borrões cor de opala no escuro.

Zacky disse: – O que eu queria lhe dizer é isso: Reuben Clemmow foi visto em Marasanvose.

Marasanvose ficava a uma milha dos chalés de Mellin. Jim Carter sentiu uma sensação desagradável de compressão tomar conta de sua pele como se ela estivesse sendo apertada.

– Quem *viu ele*?

– O pequeno Charlie Baragwanath. Ele *num* sabia quem era, mas pela descrição há pouco espaço *pra* dúvidas.

– Ele falou com ele?

– Reuben falou com o pequeno Charlie. Foi na estrada entre Marasanvose e Wheal Pretty. Charlie disse que ele está com uma barba comprida, e carrega alguns sacos sobre seus ombros.

Eles começaram a descer a colina lentamente em direção a Nampara.

– Justo quando Jinny estava começando a ficar tranquila – Jim disse com raiva. – Isso vai *deixar ela* zangada de novo se ela souber.

– Por isso eu não contei *pras* mulheres. Talvez se possa fazer algo sem elas saberem.

Apesar de toda a sua inquietação, Jim sentiu um novo impulso de gratidão e amizade para com Zacky por confiar um segredo a ele desta forma, por tratá-lo como um igual, não como uma pessoa sem importância. Esse gesto reconhecia habilmente a sua afeição por Jinny.

– O que você vai fazer, Mr. Martin?

– Ver o capitão Ross. Ele precisa saber.

– Devo ir contigo?

– Não, garoto. Eu farei do meu próprio jeito.

– Vou esperar por você do lado de fora – disse Jim.

– Não, garoto; vá pra cama. *Cê num* vai acordar cedo desse jeito. Eu conto *procê* o que ele aconselhar amanhã.

– Eu prefiro esperar – disse Jim. – Quer dizer, se você *num* se importar. *Num tô* com cabeça pra dormir agora.

Eles chegaram à casa e se separaram na porta. Zacky entrou silenciosamente e passou pela cozinha. Prudie e Demelza estavam na cama, mas Jud estava acordado e bocejando sem fim. Zacky foi levado para ver Ross.

Ross estava em sua ocupação de costume, lendo e bebendo até ir para a cama. Ele não estava sonolento demais para escutar a história de Zacky. Quando terminou, ele se levantou e andou até o fogo, ficou parado com suas costas voltadas para lá encarando o homem pequeno.

– Charlie Baragwanath teve algum tipo de conversa com ele?

– Não o que você chamaria corretamente de conversa. Foi só para passar o tempo, como se diz, até que Reuben pegou o pãozinho dele e saiu correndo. Roubar um pãozinho de um menino de dez anos!

– Homens famintos pensam diferente sobre essas coisas.

– Charlie disse que ele foi correndo para dentro da floresta deste lado de Mingoose.

– Bom, alguma coisa precisa ser feita. Podemos organizar uma caçada de homem para fazê-lo sair de seu esconderijo. A dificuldade moral é que, até agora, ele não fez nada de errado. Não podemos prender um camarada por ele ser um idiota inofensivo. Mas também não podemos esperar até que ele prove ser o oposto.

– Ele deve estar vivendo em uma caverna, ou talvez numa mina antiga – disse Zacky. – E vivendo às custas de alguém.

– Sim, há isso também. Talvez eu consiga persuadir meu tio a exagerar neste ponto e conseguir uma ordem de prisão para ele.

– Se você acha que nós estamos fazendo o certo – disse Zacky –, acho que agradaria mais ao povo se nós mesmos o pegarmos.

Ross sacudiu sua cabeça. – Deixe isso como um último recurso. Vou ver meu tio de manhã e conseguir uma ordem. Isso será melhor. Enquanto isso, assegure-se de que Jinny não saia sozinha.

– Sim, sinhô. Obrigado, sinhô – Zacky se mexeu para ir embora.

– Há uma coisa que talvez leve a uma solução, no que se trata de Jinny – Ross disse. – Estive pensando nisso. Meu garoto que trabalha aqui, Jim Carter, parece gostar muito dela. Você sabe se ela também gosta dele?

A face de Zacky maltratada pelos elementos brilhou com bom humor.

– Ambos foram mordidos pelo mesmo bicho, aposto.

– Sim, bom, eu não sei qual é a sua opinião sobre o garoto, mas ele parece ser um rapaz confiável. Jinny tem dezessete e ele vinte. Se eles se casassem poderia ser para o bem deles, e há a probabilidade de que isso curasse Reuben de suas ambições.

Zacky esfregou a barba rala em seu queixo.

– Eu gosto do garoto; não há bobagens nele. Mas é uma questão de salários e um chalé. Há pouco espaço no nosso para outra família. E, pelo trabalho, ele ganha pouco mais do que o suficiente para sustentar o aluguel de um teto, sem contar alimento para dois. Eu pensei em construir um anexo ao nosso chalé, mas mal tem espaço pra isso.

Ross se virou e chutou o fogo com o dedo de sua bota.

– Não se pode pagar um salário de minerador para um garoto de fazenda. Mas há dois chalés vazios em Mellin, na outra fileira. Eles não me dão nenhum lucro como estão, e Jim poderia morar em um deles para consertá-lo. Eu não cobraria aluguel algum enquanto ele trabalhar para mim.

Zacky piscou. – Sem aluguel? Isso faria a diferença. Já falou isso para o garoto?

– Não. Não é da minha conta controlar a vida dele. Mas converse com ele sobre isso alguma hora, se estiver disposto.

– Farei isso esta noite. Ele *tá* esperando lá fora... Não, vou esperar até amanhã. Ele virá pra nossa casa, regular como um relógio – Zacky parou. – É muita bondade sua. Se você quer vê-los juntos, então você mesmo poderia falar com eles.

– Não, não, eu não me envolverei nisso. Foi apenas uma sugestão. Mas faça planos considerando isso, se quiser.

Quando o homem pequeno foi embora, Ross encheu seu cachimbo novamente e o acendeu, e voltou para seu livro. Tabitha Bethia pulou em seu joelho e não adiantava empurrá-la para baixo. Ao invés disso, ele puxava sua orelha enquanto lia. Mas, depois de virar uma ou duas páginas, ele não tinha absorvido nada. Ross terminou sua bebida, mas não se serviu de outra. Sentiu-se justo e não teve vergonha. Decidiu ir para a cama sóbrio.

O clima molhado tinha cortado o seu contato com Trenwith House durante as últimas semanas. Ele não via Verity desde o baile, e sentia que ela o estava evitando para que ele não comentasse sobre sua amizade com capitão Blamey.

Na manhã seguinte à visita de Zacky, ele cavalgou até lá em meio à chuva para ver seu tio, e ficou surpreso ao encontrar o reverendo Mr. Johns lá. Primo William-Alfred, seu pescoço magricelo muito acima de sua gola alta, estava em posse exclusiva da antessala de inverno quando Mrs. Tabb o levou até lá.

– Seu tio está no andar de cima – disse ele, oferecendo um aperto de mão frio, porém, firme. – Ele deve descer logo. Acredito que você esteja bem, Ross?

– Bem, obrigado.

– Hum – disse William-Alfred judiciosamente. – Sim. Acho que sim. Você *aparenta* estar melhor do que da última vez que eu o vi. Menos peso embaixo dos olhos, se é que posso dizer isso.

Ross escolheu deixar isso passar. Ele gostava de William-Alfred, apesar de toda a sua devoção tranquila, porque o homem era muito sincero em suas crenças e em seu modo de vida. Ele valia três dos homens de mente política como Dr. Halse.

Ele perguntou pela esposa de seu primo, e expressou uma gratificação educada pelo fato da saúde de Dorothy estar melhorando. Em dezembro, Deus lhes dera outra filha, a bênção de outro cordeiro. Ross, então, perguntou sobre a saúde dos habitantes de Trenwith House, imaginando que a resposta pudesse explicar a presença de William-Alfred. Mas não. Todos estavam bem e não havia nada ali para trazer William-Alfred lá de Stithians. Francis e Elizabeth estavam passando uma semana com os Warleggans em sua casa de campo em Cardew. Tia Agatha estava na cozinha fazendo chá. Verity – Verity estava lá em cima.

– Você cavalgou uma longa distância em uma manhã muito desagradável – disse Ross.

– Eu vim na noite passada, primo.

– Bom, não foi melhor do que hoje.

– Eu espero ir embora hoje, se a chuva passar.

– Dá próxima vez que estiver aqui, percorra mais três milhas e visite Nampara. Posso lhe oferecer uma cama, apesar de não ser o tipo de alojamento que você tem aqui.

Charles Poldark entrou, bufando como uma baleia cachalote pelo esforço de descer as escadas. Ele ainda estava ganhando peso, e seus pés estavam inchados pela gota.

– Oh, Ross, então *você* está aqui, garoto. O que há a fazer, sua casa está flutuando para o mar?

– Há perigo disso, se a chuva continuar. Estou o interrompendo em algum assunto importante?

Os outros dois trocaram olhares.

– Você não o contou? – Charles perguntou.

– Eu não poderia fazer isso sem a sua permissão.

– Bom, vá em frente, vá em frente. Aarf! É um assunto de família e ele é da família, mesmo sendo alguém peculiar.

William-Alfred voltou seus olhos cinzas pálidos para Ross.

– Eu não vim ontem à noite para fazer uma visita social, mas para ajudar tio Charles em uma questão de enorme importância para a nossa família. Eu hesitei por algum tempo antes de interferir em um assunto que era...

– É sobre Verity e esse camarada, capitão Blamey – Charles disse brevemente. – Ora, eu não podia acreditar. Não que a garota fosse...

– Você sabe, não sabe – disse William-Alfred –, que sua prima se tornou amiga de um homem do mar, um tal de Andrew Blamey.

– Sei disso. Eu o conheci.

– Todos nós também – disse Charles explosivamente. – Ele esteve aqui no casamento de Francis!

– Eu não sabia nada sobre ele até então – disse William-Alfred. – Aquela foi a primeira vez que eu o vi. Mas semana passada, descobri a sua história. Quando soube que ele estava se tornando... de que havia rumores consideráveis ligando o nome dele ao da prima Verity, eu vim assim que pude. Naturalmente, eu me esforcei para verificar a informação que tinha chegado até mim antes de mais nada.

– Bom, e então? – disse Ross.

– O homem já foi casado. Ele é um viúvo com dois filhos. Talvez você saiba disso. Contudo, ele também é um notório beberrão. Há alguns anos, em um episódio de bebedeira, ele chutou sua esposa, que estava grávida, e ela morreu. Ele perdeu seu posto e ficou em uma prisão comum por dois anos. Quando liberto, ele viveu da caridade de seus parentes por vários anos até obter sua comissão atual. Pelo que sei, há alguma comoção se formando para boicotar o navio mensageiro que ele comanda até que a companhia o despeça.

William-Alfred terminou seu recital vazio de emoções e lambeu seus lábios. Não havia qualquer antipatia em seu tom de voz, uma circunstância que tornava a acusação pior. Charles cuspiu pela janela aberta.

Ross disse: – A Verity sabe?

– Sim, ora! – disse Charles. – Você acreditaria que a garota seria capaz disso? Ela sabe há mais de duas semanas. Diz que isso não faz qualquer diferença!

Ross foi até a janela e mordeu seu dedão. Enquanto estivera preocupado com os seus próprios afazeres do dia a dia, isso estava acontecendo.

– Mas precisa fazer diferença – disse ele, em parte para si mesmo.

– Ela diz – William-Alfred observou judiciosamente – que ele não toca em bebida de jeito nenhum agora.

– Sim, bom... – Ross pausou. – Ah, sim, mas...

Charles explodiu novamente. – Por Deus, todos nós bebemos! Não beber não é natural em um homem. Aarf! Mas nós não nos tornamos assassinos com nossos copos. Chutar uma mulher em tal condição está além do perdão. Eu não sei como ele se livrou de maneira tão leve. Ele deveria ter sido enforcado em seu próprio navio. Bêbado ou sóbrio, mal faz diferença!

– Sim – disse Ross lentamente. – Estou inclinado a concordar.

– Eu não sei – disse William-Alfred lentamente –, se casamento era a intenção dele... Mas se for, podemos deixar uma garota gentil como Verity se casar com tal homem?

– Por Deus, não! – disse Charles, ficando roxo na face. – Não enquanto eu viver!

– Qual é a opinião dela? – Ross perguntou. – Ela insiste em querer casar com ele?

– Ela diz que ele está mudado. Por quanto tempo? Uma vez um beberrão, sempre um beberrão. Esse posicionamento é impossível! Ela está em seu quarto e permanecerá lá até compreender.

– Eu me tornei muito amigo dela neste inverno. Talvez ajudasse se eu a visse e conversasse com ela.

Charles sacudiu sua cabeça. – Agora não, meu garoto. Talvez mais tarde. Ela é tão cabeça-dura quanto sua mãe. Ainda mais, para dizer a verdade, e isso é dizer muita coisa. Mas a conexão deve ser quebrada. Estou mortalmente triste pela garota. Ela não teve muitos admiradores. Mas não terei nenhum desgraçado chutador de esposas se deitando com a minha própria carne e sangue. Isso é tudo.

Então, pela segunda vez naquela primavera, Ross voltou da casa de Trenwith sem ter feito nada do que pretendia fazer.

Ele se sentia inquieto e desconfortável ao pensar na tristeza de Verity. Muito fácil para Charles dizer ‘isso é tudo’; mas ele conhecera Verity melhor do que o seu próprio pai e irmão. Suas afeições se formavam lentamente e eram difíceis de serem quebradas. Ele não estava certo de que esta seria erradicada nem mesmo com o veto de Charles. Podia ser que ela desafiasse a todos e se casasse com Blamey, e somente depois disso a afeição se quebraria.

Esta era a pior previsão de todas.

Capítulo Onze

– Está tudo pronto agora, Jim?

Uma semana se passara e eles se encontraram no estábulo. A gratidão de Jim Carter era muda. Duas ou três vezes antes, ele lutara contra sua língua, mas ela não se movia. Agora, finalmente, ele conseguiu dizer:

– É o que eu queria mais do que tudo. Eu *num* pensava nem em esperar por isso, mal comecei a ter esperança. E preciso te agradecer por isso.

– Ah, besteira – disse Ross. – Não deva sua felicidade a ninguém. Diga a Zacky esta noite que o mandado de prisão de Clemmow foi concluído. Assim que ele for localizado, nós poderemos colocá-lo em algum lugar para esfriar sua cabeça.

– É pelo chalé que tenho que te agradecer – Jim persistiu – Isso fez toda a diferença. Sabe, se não tivéssemos esperanças disso...

– Qual vocês decidiram pegar? – Ross perguntou para encurtar o agradecimento dele. – O de Reuben, ou aquele ao lado?

– Aquele ao lado, o que fica do lado de Joe e Betsy Triggs. Nós pensamos, *sinhô*, se não fizer diferença *pra* você, que é melhor não ir *pro* chalé de Reuben. Não parece muito confortável, se você me entende. E o outro está limpo o bastante depois de cinco anos. A varíola já foi embora faz muito tempo.

Ross assentiu. – E quando vocês irão se casar?

Jim enrubesceu. – O primeiro proclame será no próximo domingo. Eu nem consigo... *Vamo* começar a consertar o telhado esta noite, se o tempo melhorar. Tem bem pouco *pra* ser feito. Jinny gostaria muito de vir e te agradecer pessoalmente.

– Oh, não há necessidade disso – disse Ross preocupado. – Eu virei lhes fazer uma visita quando estiverem acomodados confortavelmente.

– E nós gostaríamos – Jim se forçou a continuar –, se pudermos, de te pagar um aluguel... Só *pra* demonstrar que...

– Não enquanto você trabalhar para mim. Mas é uma ideia bondosa.

– Jinny gostaria de continuar na mina. Pelo menos no início. Com meus dois irmãos indo bem no trabalho, minha mãe não precisa tanto da minha ajuda... Então, eu acho que nós conseguiremos...

Um espirro atraiu a atenção de Ross e ele viu Demelza atravessando o campo carregando uma pilha de lenha com seu avental. Estava chovendo e ela não usava um chapéu. Atrás dela, crescido e não muito bonito nos meados de sua fase de filhote, preto e sem rabo e com alguns pelos cacheados, saltitante como um poodle francês, vinha Garrick. Ross achou graça.

– Demelza – disse ele.

Ela parou imediatamente e derrubou um pedaço de lenha. Ela não conseguia ver de onde vinha a voz. Ele avançou e saiu da escuridão do estábulo.

– Você não está deixando Garrick entrar na casa, não é?

– Não, *sinhô*. Ele *num* passa da porta. Ele tá muito triste por *num* poder ir mais longe que isso.

Ele pegou a lenha e colocou-a de volta no monte nos braços dela.

– Talvez – disse ela –, ele pudesse entrar só na cozinha quando ele também estiver livre de bichinhos.

– Bichinhos?

– Sim, *sinhô*. Os bichinhos que andam no cabelo.

– Ah – disse Ross. – Eu duvido que algum dia ele fique livre.

– Eu esfrego *ele* todo dia, *sinhô*.

Ross observou o cachorro, que estava sentado em suas pernas traseiras e coçando sua orelha caída com uma das patas de trás. Ele olhou novamente para Demelza, que olhava para ele. – Estou contente que Prudie esteja a orientando tão bem. Creio que a cor dele está um pouco mais clara. Ele gosta de ser esfregado?

– Judas, por Deus, não! Ele se contorce que nem uma sardinha.

– Hum – Ross disse secamente. – Bom, traga-o até mim quando você achar que ele estiver limpo e eu lhe direi.

– Sim, *sinhô.*

Prudie apareceu na porta. – Ah, você *tá* aí, seu verme negro! – ela disse à garota, e depois viu Ross. Um pequeno sorriso

constrangido apareceu em sua face vermelha brilhante. – Miss Verity *tá* aqui, *sinhô*. Eu já ia dizer *pra* ela ir procurar você.

– Miss Verity?

– *Cabô* de entrar neste instante. Eu *tava* correndo pra te contar agora. *Tava* com pressa e ninguém pode dizer o contrário.

Ele encontrou Verity na sala. Ela tinha tirado sua capa cinza com capuz de pelos na parte de dentro e estava enxugando os pingos da chuva de seu rosto. A barra de sua saia estava preta devido à chuva e com respingos de lama.

– Bom, minha querida – disse ele. – Isto é uma surpresa. Você veio caminhando com este tempo?

A face dela se tornara pálida, apesar de seu bronzeado, e havia sombras pesadas embaixo de seus olhos.

– Eu precisava vê-lo, Ross. Você entende melhor do que os outros. Eu tinha que falar com você sobre Andrew.

– Sente-se – disse ele. – Eu lhe trarei um pouco de cerveja e uma fatia de bolo de amêndoas.

– Não, eu não posso ficar muito tempo. Eu... fugi. Você... foi lá na última quinta-feira, não foi? Quando William-Alfred estava lá.

Ross assentiu e esperou para que ela continuasse. Ela estava sem fôlego, quer fosse pela pressa ou pela pressão de seus sentimentos. Ele queria dizer alguma coisa que a ajudasse, mas não conseguia encontrar as palavras certas. A vida havia esmagado a sua querida e pequena Verity.

– Eles... lhe contaram?

– Sim, minha querida.

– O *que* eles lhe disseram?

Tão precisamente quanto conseguia se lembrar, ele a deu o relato de William-Alfred. Quando terminou, ela foi até a janela e começou a aquecer suas mãos.

– Ele não a chutou – disse ela. – Isso é mentira. Ele a derrubou e... e ela morreu. O resto... é verdade.

Ele olhava fixamente para os pequenos rios de água correndo pelo vidro da janela. – Eu sinto muito – foi o que Ross conseguiu dizer.

– Sim, mas... eles querem que eu desista dele, que prometa nunca mais vê-lo novamente.

– Você não acha que isso seria o melhor?

– Ross – disse ela –, eu o amo.

Ele não falou nada.

– Não sou uma criança – disse ela. – Quando ele me contou... ele me contou no dia seguinte ao baile... eu me senti tão enjoada, tão mal, tão triste... por ele. Não consegui dormir, não consegui comer. Foi tão horrível ouvir isso diretamente dele, porque eu não tinha esperanças de que não fosse verdade. Meu pai não me entende porque acha que eu não fiquei indignada. É claro que fiquei indignada. Tanto que durante dois dias eu fiquei de cama com uma febre. Mas isso... isso não faz com que eu não o ame. Como poderia? As pessoas acabam se apaixonando. Você sabe disso.

– Sim – disse ele. – Eu sei disso.

– Conhecendo-o, conhecendo Andrew, foi quase impossível de acreditar. Era terrível. Mas não se pode dar as costas à verdade. Não se pode desejar que ela desapareça, ou rezar para que ela desapareça, ou até viver de modo que ela desapareça. Ele realmente fez isso. Eu me dizia de novo e de novo aquilo que ele havia feito. E a repetição, ao invés de matar o meu amor, matou o meu horror. Ela matou o meu medo. Eu disse a mim mesma: “ele fez isso e pagou por isso. Não foi o suficiente? Um homem deve ser condenado para sempre? Por que eu vou à igreja e repito a oração do Senhor se eu não a cumpro, se não há perdão? Será que o nosso próprio comportamento deve ser superior ao do fundador do Cristianismo, para que nós imponhamos limites mais rígidos para os outros?”

Ela estava falando rápida e ardentemente. Esses eram os argumentos que seu amor havia forjado no silêncio do quarto dela.

– Ele nunca toca em bebida agora – ela concluiu, penalizada.

– Você acha que ele irá manter isso?

– Tenho certeza.

– O que você pretende fazer?

– Ele quer que eu me case com ele. Meu pai o proíbe. Eu só posso desafia-lo.

– Há maneiras de coagi-lo – disse Ross.

Ele atravessou o cômodo e colocou outro pedaço de lenha no fogo. – O Blamey conversou com Charles? Se eles pudessem

debater a questão...

– Meu pai nem considera vê-lo. É... tão injusto. Meu pai bebe. Francis aposta dinheiro. Eles não são santos. Mas quando um homem faz o que Andrew fez, eles o condenam sem ouvi-lo.

– É assim que o mundo age, minha querida. Um cavalheiro pode ficar bêbado desde que ele aguente a bebida de maneira decente, ou se esconda debaixo da mesa com ela. Mas quando um homem foi mandado para a prisão pelo que Blamey fez, então o mundo não está nem um pouco pronto para perdoar e esquecer, apesar da religião à qual nós pertencemos. Certamente, outros homens também não estão preparados para confiar suas filhas aos cuidados dele com a possibilidade de elas serem tratadas de maneira semelhante.

Ele pausou, tendo dificuldade em encontrar as palavras. – Estou inclinado a concordar com essa atitude.

Ela olhou dolorosamente para ele por um instante, depois deu de ombros.

– Então você está do lado deles, Ross.

– A princípio, sim. O que você gostaria que eu fizesse?

Ela pegou sua capa molhada, ficou parada segurando-a entre seus dedos, olhando para ela. – Eu não posso lhe pedir nada se você se sente dessa forma.

– Ah, você pode sim – ele foi até lá e tomou a capa de suas mãos e ficou ao lado dela na janela. Ele encostou-se ao seu braço. – O meu inverno, Verity, já acabou. Isso e muitas outras coisas. Sem você, eu não sei qual teria sido o final. Não teria sido este. Se... o seu inverno está vindo, eu vou lhe recusar ajuda por que tenho outra visão a princípio? Eu ainda não me convenci a gostar da ideia de você se casar com Blamey; mas isso é porque eu me importo imensamente com o seu bem-estar. Não quer dizer que eu não a ajudarei de qualquer maneira que eu puder.

Por um instante ela não respondeu. De repente, ele se odiou pelo que acabara de dizer. Uma ajuda condicional era fraca e tímida. Ou você iria completamente contra a união, ou ajudaria sem ressalvas, sem dar a impressão de sua relutância e desaprovação.

Muito difícil. Devido à sua amizade especial, a primeira opção era impossível. A segunda ia contra o seu julgamento, pois ele não

tinha um amor ou crença pessoal para sustentá-lo, exceto a sua fé em Verity.

Mas isso não era bom o bastante. A escolha era difícil, mas ele precisava enxergar mais claramente do que já havia feito. O que Verity faria se ele estivesse em seu lugar?

Ele soltou o braço dela. – Esqueça o que eu disse. Não existe o problema da minha desaprovação. De forma alguma. Eu farei o que você desejar.

Ela suspirou. – Você vê, eu vim até você porque não havia mais ninguém. Elizabeth é muito compreensiva, mas ela não pode tomar o meu lado contra o de Francis abertamente. E eu não acho que ela realmente queira isso. Além do mais... Eu pensei.... Obrigada.

– Onde está Andrew agora?

– No mar. Ele não voltará por no mínimo duas semanas. Quando ele vier… Eu pensei que poderia escrever para ele lhe dizendo para me encontrar aqui...

– Em Nampara?

Ela olhou para ele. – Sim.

– Muito bem – ele disse imediatamente. – Diga-me o dia com antecedência e eu farei os preparativos.

Os lábios dela tremeram e ela parecia que ia começar a chorar.

– Ross, querido, eu sinto muito mesmo por envolvê-lo nisto. Já há muitas coisas que... Mas eu não consegui pensar...

– Besteira. Não será a primeira vez que nós seremos conspiradores. Mas, olhe, você precisa parar com essa preocupação. Se não, ele não irá querer vê-la quando chegar. Quando menos você se inquietar, melhor as coisas se sairão. Vá para casa e siga com sua vida normalmente, como se não houvesse nada a ser feito. Finja que você não tem nada com o que se preocupar e será mais fácil continuar com isso. Deus sabe, eu não sou ninguém para dizer isso, mas é um bom conselho de qualquer forma.

– Tenho certeza que sim – ela suspirou novamente e colocou uma mão no lado de seu próprio rosto cansado. – Se eu puder vir aqui e conversar com você, isso irá me ajudar mais do que você

pensa. Ficar presa com meus pensamentos o dia todo, e cercada por pessoas hostis... Simplesmente conversar com alguém que tenha discernimento é como...

– Venha quando quiser. E com a frequência que quiser. Sempre estarei aqui. Você poderá me contar tudo que há para saber. Eu lhe trarei algo quente para beber enquanto Jud sela Darkie. Então cavalgarei com você no caminho de volta.

Capítulo Doze

1

Jim Carter e Jinny Martin se casaram à uma da tarde na última segunda-feira de Junho. A cerimônia foi presidida pelo reverendo Mr. Clarence Odgers, cujas unhas da mão ainda estavam pretas depois de plantar suas cebolas. Enquanto mantinha as pessoas esperando por alguns minutos ao colocar suas vestes, ele pensou que seria simplesmente correto não delongar mais do que era estritamente necessário devido à cerimônia em si. Portanto, ele começou:

– Caríssimos irmãos, estamos reunidos aqui às vistas de Deus e à frente desta *congregaçum,* não... hm... hm... este homem e esta mulher sagrado matrimônio; o que é um... não... estado... hm... que significa *pra* nós uma união mítica... hm... noite... muito... num... observando-se com rigor os fins para os quais o matrimônio é ordenado. Primeiramente, ele foi ordenado para a procriação de filhos a serem criados dentro da hm... ordem... Em segundo lugar, ele foi ordenado como um remédio contra o pecado... não, a fornicação... hm... membros incorruptos do corpo de Cristo. Em terceiro lugar, ele foi ordenado para a amizade, apoio e conforto mútuos, hm... perigos... adversidades... não... hm... homem... mulher... um... ou cale-se para sempre.

– Eu peço e ordeno que vocês dois... hm... hm... hm...

O cabelo castanho-acobreado de Jinny fora escovado e penteado até brilhar debaixo do capuz de musselina branca feito em casa, que estava bem no topo de sua pequena cabeça.

Ela era, de longe, a mais calma dos dois. Jim estava nervoso e tropeçava várias vezes em suas respostas. Ele estava consciente de seu próprio esplendor, pois Jinny havia trazido para ele um lenço azul que brilhava de um vendedor ambulante, e ele mesmo tinha comprado um sobretudo de segunda mão quase tão bom quanto se estivesse novo, era de uma cor quente de ameixa com botões de cor clara. Isso teria que servi-lo como o seu melhor casaco pelos próximos vinte anos.

–... e que vivam de acordo com as vossas leis; por Jesus Cristo nosso Senhor, Amém. Aqueles que Deus uniu, que nenhum homem separe. Pois como N... e N... er... pois como James Henry e Jennifer May consentiram em se unir em sagrado matrimônio e eu o testemunhei... nome... não... dado que... não... não... sim... alianças... mãos... eu vos declaro marido e mulher. Em nome do Pai, Filho, Espírito Santo, amém – em breve Mr. Odgers estaria de volta às suas cebolas.

Uma refeição foi oferecida no chalé dos Martins para todos aqueles que pudessem comparecer. Ross fora convidado, mas havia recusado alegando ter um negócio urgente em Truro, ao sentir que os presentes conseguiriam se divertir com mais liberdade em sua ausência. Como havia onze Martins sem contar a noiva e seis Carters sem contar o noivo, os lugares para aqueles restantes eram limitados. O Velho Greet cambaleava e tagarelava em um canto perto da lareira, e Joe e Betsy Triggs o faziam companhia. Mark e Paul Daniel estavam lá, e Mrs. Paul, e Mary Daniel. Will Nanfan e Mrs. Mill estavam presentes como tio e tia da noiva; Jud Paynter havia tirado a tarde de folga para ir. Prudie estava deitada com um joanete, e de algum jeito Nick Vigus e sua esposa haviam encontrado um jeito de se espremer lá dentro, como sempre conseguiam fazer quando qualquer coisa era oferecida de graça.

O cômodo estava tão cheio que todas as crianças tiveram que se sentar no chão, e os jovens, aqueles de nove a dezesseis anos, foram distribuídos aos pares na escada de madeira que levava até o quarto – ‘assim como os animais na arca’, como Jud os disse bondosamente. O banco de madeira que Jim e Jinny usaram na maioria das escuras e silenciosas noites do inverno foi elevado ao *status* de poltrona de casamento, e nele os recém-casados estavam empoleirados como passarinhos apaixonados onde, pela primeira vez, todos conseguiam vê-los.

O banquete era uma mistura de comidas que tinha a intenção de tentar o apetite e aborrecer a digestão, e o vinho do porto e o hidromel[6] eram fornecidos abundantemente para fazer tudo isso descer bem e tornar o grupo mais barulhento.

Quando a refeição terminou e Zacky fizera um discurso, Jim dissera obrigado por todas as felicitações e Jinny ficara vermelha, recusando-se a dizer uma palavra sequer. Quando, até mesmo com a porta aberta, a sala tinha se tornado insuportavelmente quente, e quase todos sofriam de câimbras; quando os bebês estavam ficando inquietos, as crianças irritadiças e os adultos sonolentos com a comida pesada e a falta de ar, então as mulheres e crianças foram se sentar do lado de fora, dando aos homens o espaço para esticarem suas pernas e acenderem seus cachimbos, e liberdade para beberem seu vinho do porto e gin, e conversarem contentes sobre como as explosões na mina haviam sido inundadas no nível 120, ou sobre as chances de uma boa temporada de sardinhas.

Os preparativos dos homens para concluírem as celebrações ao seu próprio modo foram desaprovados por Mrs. Martin e Mrs. Paul Daniel; mas Zacky, apesar de concordar que ele tinha encontrado o Senhor em um grupo de renovação da fé em St Ann alguns anos atrás, ainda se recusava a largar a bebida por consequência disso, e os outros seguiram o exemplo dele.

O vinho era algo barato pelo qual Zacky tinha pagado três xelins e seis centavos por galão, mas o gin era de qualidade. Em uma calma noite de setembro, oito deles haviam levado um barco pequeno de Sawle até Roscoff, e dentre o carregamento que trouxeram na volta havia dois grandes tonéis de gin fino. Um dos tonéis eles dividiram entre si prontamente, mas decidiram guardar o outro para uma festa. Então Jud Paynter, que era um dos oito, tinha escondido o tonel, descendo-o para o cano de escoamento quebrado ao lado da conservatória em Nampara, onde ele ficaria a salvo dos olhos curiosos de qualquer fiscal desconfiado que pudesse passar por lá. Ele permaneceu ali durante todo o inverno. Jud Paynter e Nick Vigus o trouxeram para esta ocasião.

Enquanto as mulheres, depois de ficarem barradas da casa nova a maior parte do tempo, adentravam enfim agora, com cachos de crianças se arrastando aos seus calcanhares, mas os homens se preparavam para beberem até alcançarem um torpor confortável.

– Eles dizem – veio a voz fina e macia de Nick Vigus sobre o topo de sua caneca –, que todas as minas vão ser fechadas logo, logo. Eles *diz* que um homem chamado Raby comprou todos os

montes grandes de restos de minério do condado, e que ele tem um processo de tratamento do entulho que vai dar todo o cobre que a Inglaterra vai precisar por uns cem anos.

– *Num* é possível – disse Will Nanfan, curvando seus ombros largos.

Zacky tomou um gole de gin de sua caneca. – *Num* vai precisar disso *pra* deixar a gente mal se as coisas continuarem como *tão* agora. Minas Unidas de St Day teve uma perda de quase oito mil libras ano passado, e só Deus sabe o que Grambler vai mostrar quando fizerem as próximas contas. Mas isso *num* é conversa certa *pr'uma* festa de casamento. Temos nossas bebidas e nossas casas, e o dinheiro ainda entra. Talvez num seja tanto quanto nós *gostaria*, mas tem um bando de gente pronta pra mudar...

– Que gin estranho e mortal é esse, Zacky – disse Paul Daniel, limpando seu bigode. – Nunca provei gin assim. Ou talvez uma vez... talvez uma vez...

– Bom, oras – disse Zacky, lambendo seus beiços –, se eu num tivesse tão concentrado no que estava dizendo eu poderia achar o mesmo. Agora que você falou, ele tem mais gosto de... tá mais *pra*...

– Tá mais pra terebintina – disse Mark Daniel.

– Mortal como fogo – disse o Velho Greet. – Mortal como fogo. Mas na minha época era esperado que um gole de gin te mordesse. Era o esperado. Quando eu *tava* em Lake Superior em 69, quando eu *tava* lá na esperança do cobre, tinha uma loja que vendia isso tão caro quanto a pele do seu corpo e...

Foi dado a Joe Triggs, o decano da festa, uma caneca da bebida. Todos o observaram tomar um gole e observaram a expressão em sua face velha e profundamente enrugada com seus bigodes laterais protuberantes. Ele fez bico com os lábios e os abriu com um barulho alto, depois bebeu novamente. Ele abaixou a caneca vazia.

– Num é nem de perto tão bom quanto o que trouxemos de Roscoff em Setembro – foi o veredito que ele resmungou.

– Mas é isso que ele é – dois ou três exclamaram.

Houve um instante de silêncio.

– Um tonel diferente – disse Jud. – O gosto é normal *pra* mim, mas *num* é tão maduro. É isso que *tá* errado com ele. Tinha que ter ficado guardado mais tempo. Como a vaca velha do tio Nebby – ele começou uma murmurar uma música para si próprio:

– *Havia um casal de velhos pobres,*

Lá-rá, lá-rá, lá-rá...

Parecia que a mesma suspeita terrível havia penetrado sorrateiramente na mente de todos. Eles todos encararam Jud silenciosamente enquanto ele continuava a cantarolar tentando parecer despreocupado.

Eventualmente a musiquinha chegou ao fim.

Zacky olhou para o seu copo. – É incrível de estranho – ele disse quietamente, – que dois tonéis de gin tenham sabores tão opostos.

– Incrível de estranho – disse Paul Daniel.

– Maldito de estranho – disse Mark Daniel.

– Talvez nós *fomos* tapeados – disse Jud, mostrando seus dois dentes grandes em um sorriso que não os convenceu. – Aqueles franceses são trapaceiros como um ninho de raros. *Num* dá *pra* confiar neles e ir mais longe que o seu próprio cuspe. Eu *num* daria as costas *pra* um deles de jeito nenhum. Deixa um deles zangado e vira as costas, e ele te acerta com a faca, e *phift*! Tá morto.

Zacky balançou sua cabeça. – E alguém já foi tapeado por Jean Lutté?

– Ele sempre faz a coisa correta com a gente, sim – disse Will Nanfan.

Zacky esfregou seu queixo, e pareceu se arrepender de ter se barbeado naquela manhã. – Ele me contou que tinha dois tonéis de gin bom, e ambos da mesma marca, percebam. Isso é que é incrivelmente estranho. Ambos da mesma marca. Parece que alguém mexeu com esse daqui. Eu me pergunto quem poderia ser?

– Eu faço uma maldita *duma* boa ideia – disse Mark Daniel, que já tinha bebido quase um litro e meio de vinho do porto e estava pronto para começar os trabalhos sérios da noite.

– *Num* precisa se zangar por isso – disse Jud, suando. – *Num* tem nada a ver comigo. *Num* tem provas de nada. Ninguém

pode dizer quem é o culpado. Qualquer um podia ter mexido com ele, isto é, se alguém fez isso mesmo, o que vocês acham, eu duvido. Mas eu suspeito do francês. Nunca confie num francês, eu digo. Aquele francês em Roscoff, ele parecia correto, ele falava correto; mas ele agia correto? Ele olhava nos olhos como um Cristão; mas o que isso quer dizer? Só quer dizer que ele tem duas como todo o resto, só que mais ainda.

– Quando eu era um alfaiate – disse o velho Greet, perseverante –, mandaram um gin decente para o vilarejo de Sawle, onde tia Tamsin Nanpusker vivia.
Foi ela que morreu em 58, caiu em um túnel, foi sim, depois de ter caído na bebida. E não foi surpresa quando...

– Isso. Me lembro bem da velha tia Tamsin – disse Nick Vigus, de maneira descuidada. – Ela que desceu a ruela Stippy-Stappy[7] um dia, montada nas costas de sua porca que tinha dado à luz, com todos os pequenininhos correndo atrás dela. Uma procissão comum, foi sim. A velha tia Tamsin tinha que deixar de lado toda aquela bebida...

– Maldição! – Mark Daniel berrou. – Entendi tudo agora! Foi aí que eu senti esse gosto antes. É coisa do Nick. Foi tudo coisa do Nick! Nós *tamo* suspeitando do homem errado. Vocês se lembram daquela bebida-veneno que Nick Vigus criou em sua própria cozinha usando só o diabo sabe o que, *pra* vender *pros* pobres tolos com dinheiro pra gastar na última feira de São Miguel! Gin, foi o nome que ele deu, *cês* lembram. Bom, o gosto era tão parecido com o deste que parecem gêmeos.

– Sim – disse Will Nanfan. – É, é verdade. A verdade, por Deus, pois eu mesmo bebi um pouco e desejei nunca ter encostado naquilo. Retorcia as suas entranhas, torcia como um nó de marinheiro. Nick Vigos nos enganou!

A face astuta e marcada por pústulas de Vigus ficou vermelha e branca alternadamente conforme os olhares acusatórios se concentraram nele. Mark Daniel tomou outro gole para ter certeza, e depois foi até a janela cuspir o líquido na horta de vegetais.

– Bah, é o mesmo, ou eu sou pagão. Nick Vigus, *cê* é um maldito trapaceiro rastejante e já tá na hora de *cê* aprender uma lição.

Ele começou a arregaçar suas mangas, mostrando seus grandes antebraços peludos.

Nick recuou, mas Paul Daniel bloqueou sua fuga pela porta. Houve alguns esquivos, então Mark Daniel o agarrou com firmeza, e virou Vigus de cabeça para baixo com a cabeça apoiada no chão.

– Eu *num* fiz nada – Nick gritou. – Foi Jud Paynter o culpado! Jud Paynter veio até mim na semana e me disse, ele disse que...

– Num acreditem numa palavra dele! – Jud disse com a voz elevada. – Sou um homem honesto como *cês* todos sabem bem, num gosto de brincar com a palavra da verdade. Mas Nick é um mentiroso sujo como *cês* todos sabem bem, e venderia até a sua mãe para salvar a sua própria pele. E como... como *cês* todos sabem bem...

– Sacode *ele*, Mark – disse Zacky. – Nós vamos chegar até a verdade gradualmente.

... Jud veio até mim semana passada e me disse: '*Cê* pode fazer um pouco do seu gin *pra* gente, garoto? É porque aquele tonel que eu *tava* guardando, o gin todo vazou para o solo...' Me coloque de cabeça pra cima, Mark, ou eu vou sufocar...

Mark segurou sua vítima mais firmemente pela cintura, e com um movimento amplo bateu os pés dele contra uma das vigas no teto do chalé.

– Vamos, meu caro – disse ele gentilmente. – Fale logo, se não você pode morrer sem se confessar...

– Ele disse que o gin tinha vazado todo pro solo por causa das ratazanas que roeram e fizeram um buraco no tonel... ah, ah... e como ele não queria desapontar vocês, pediu que eu fizesse... que eu fizesse...

– Pega ele, Paul! – Will Nanfan gritou, enquanto Jud Paynter, como um bulldog obediente, tentava sair despercebido.

Eles o pegaram na porta de entrada, e muita luta e grunhidos se sucederam antes que o Daniel mais velho e Will Nanfan voltassem com ele.

– *Num* é verdade! – gritou Jud, banguela de indignação. – Estão ladrando na porta errada! Por que *cês tão* acreditando na palavra dele antes da minha? *Num* é certo. *Num* é justo. *Num* é *britânico*. Eu juro que a verdade vai ser descoberta que ele roubou

metade do tonel pra si mesmo. Por que culpar um homem que *cês* sabem que não vai roubar?

– Se eu roubei metade, *cê* ficou com o resto – veio do Vigus de ponta cabeça.

– Deixa só eu pôr as mãos nele! – jurou Jud, se debatendo de repente. – Vou rasgar os calções dele. *Me* deixem encarar *ele* e acabar com ele. Seu bando de covardes: dois contra um! *Me* deixem pegar *ele*. Eu enfrento vocês, um por um, seus covardes. Tirem suas mãos de mim e eu acabo com vocês: eu *vô* acabar com vocês...

– Espere um pouco e eu mesmo acabo com você – disse Mark Daniel. – Homem contra homem como você quer, viu. Agora saiam do caminho, garotos...

Ele carregou Nick Vigus, ainda de cabeça para baixo, até a porta. Infelizmente, naquele momento algumas das mulheres, ouvindo a baderna, saíram do outro chalé e alcançaram a porta lideradas por Mrs. Vigus. Ao ver seu marido sendo apresentado a ela em um ângulo incomum, ela soltou um grito estridente e correu ao seu resgate; mas Mark a afastou e carregou Nick até o chalé de Joe e Betsy Triggs. Na parte de trás deste, havia um lago verde de lodo que continha, em meio a outras coisas, a maior parte de seus dejetos. Desde que Reuben Clemmow desaparecera, este lugar tinha o orgulho de ser o local dos cheiros mais fortes da vizinhança.

Às margens da água, Mark virou o homem quase sufocado de cabeça para cima abruptamente, o pegou novamente pelo assento de suas calças e o jogou de cara no meio do lago.

Mark respirou fundo e cuspiu em suas mãos.

– Agora vamos ao próximo – disse ele.

E Jud Paynter também parou lá em sua vez.

2

Enquanto Ross cavalgava para casa de Truro na ventania da noite, ele pensou nos dois jovens que estavam começando a vida juntos. Se a mina tivesse sido iniciada, ele ofereceria a Jim um

trabalho na superfície, talvez algum tipo de trabalho administrativo, o que daria a ele uma situação melhor.

Sua saída de hoje tinha a ver com Wheal Leisure. Após comprar coisas para a casa, farinha e açúcar, mostarda e velas, tecido felpudo grosseiro para fazer toalhas, um par novo de botas de montaria para si mesmo, e uma escova e pente, ele havia visitado Mr. Nathanial Pearce, o tabelião.

Mr. Pearce, tão falante, roxo e cheio de gota como sempre, sentado em uma poltrona cutucando o fogo com um ferro de cortina comprido, escutava com interesse. Mr. Pearce disse, ora, que agradável, e eu declaro que esta é uma sugestão muito plausível. Mr. Pearce coçava um piolho embaixo de sua peruca enquanto seus olhos se tornavam especulativos. Capitão Henshawe estava investindo um pouco de seu próprio dinheiro? Bom, Bom, ora, Capitão Henshawe tinha uma boa reputação no distrito de Truro. Ora, bom, caro senhor, falando como um tabelião pobre, pessoalmente ele só tinha um pouco de capital disponível, mas havia, como Capitão Poldark sugeriu, um certo número de seus clientes que estavam sempre à procura de um bom investimento especulativo. Ele estaria disposto a considerar o assunto um pouco mais e ver o que poderia ser feito.

Os acontecimentos se moviam devagar hoje, mas tinha movimento, e a velocidade iria aumentar. Dentro de dois meses eles poderiam estar cavando o primeiro acesso.

Enquanto levava a égua até o estábulo e soltava a sela, ele se perguntava se deveria oferecer a Charles e Francis alguma participação.

Ele tinha voltado em uma velocidade boa para alcançar a casa antes de ficar escuro, e Darkie estava quente e suada. Ele também tirara sua sela, e ela não queria ficar quieta enquanto ele a limpava.

Quanto a isso, os outros cavalos demonstravam o mesmo comportamento inquieto, Ramoth ficava mexendo sua cabeça velha e relinchando. Ele imaginou se havia uma cobra no estábulo ou uma raposa no quarto acima. O formato quadrado pequeno da porta do estábulo ainda permitia que alguma luz entrasse, mas ele não conseguia enxergar nada nas sombras. Ele acariciou o nariz velho e

macio de Ramoth e voltou para sua tarefa. Feito isso, deu a Darkie sua comida e se virou para sair.

Perto da porta ficavam os degraus para o quarto onde Carter dormira, olhou para cima, algo passou perto de sua cabeça e o acertou com um golpe potente no ombro. Ele caiu de joelhos e houve um baque contra a palha no chão. Então, ficou de pé de novo rapidamente, cambaleou até a porta, passou por ele e recostou suas costas contra ela, segurando seu ombro.

Durante alguns segundos a dor o fez ficar enjoado, mas isso começou a passar. Ele apalpou seu ombro e não conseguiu encontrar nenhum osso quebrado. O objeto que o acertara ainda estava no chão dentro do estábulo. Mas ele tinha visto o que era, e foi por isso que se moveu tão rapidamente para o ar livre. Era a broca para rochas, a barra de ferro para extração de minério que ele havia visto pela última vez nas mãos de Reuben Clemmow.

3

Todos estavam na cozinha quando ele entrou. Com um pouco de linha gasta e uma grande agulha torta, Demelza estava tentando remendar um furo em sua saia; Jud estava sentado em uma cadeira com um olhar de sofrimento paciente na parte de seu rosto que não estava escondida por um curativo enorme; Prudie estava tomando chá.

– Ora, capitão Ross – disse Jud com uma voz fraca e trêmula –, a gente *num* ouviu *cê* chegar. Quer que eu vá limpar o cavalo?

– Eu já fiz isso. Por que você voltou do casamento tão cedo? O que houve com o seu rosto? Prudie, guarde meu jantar para daqui a dez minutos. Eu tenho algo a fazer.

– O casamento acabou – disse Jud. – Foi algo ruim, algo *mais ruim* eu nunca vi. Ninguém além de Martins e Carters, todos os malditos, miseráveis, desgraçados deles, e um pouco da ralé das minas. Eu achava que Zacky não convidaria essa *gentinha* pobre. Eu *tava* fora do meu ambiente, sim...

– Tem alguma coisa errada, *sinhô*? – Demelza perguntou.

Ross a encarou. – Errada? Não, por que deveria haver algo errado?

– E no caminho de volta – Jud disse –, perto de Wheal Grace, eu prendi meu tornozelo em uma pedra e caí...

Mas Ross avançara para dentro da casa.

– É melhor *cê* ficar com a língua quieta quando ele *tiver* com um humor desses – Jud disse severamente para Demelza –, ou *num* vai ser só do seu pai que *cê* vai levar uma surra. Interromper os mais velhos mostra que *cê* foi mal criada...

Demelza o observou com os olhos arregalados, mas não respondeu. Ross não viu sua arma na sala, mas a encontrou em seu quarto. Lá, ele a carregou e preparou cuidadosamente, e destravou parcialmente a trava de segurança. Ele havia trancado a porta do estábulo, então não haveria escapatória desta vez. Ele sentia como se tivesse encurralado um cachorro louco.

Na escuridão que aumentava, ele acendeu um lampião para tempestades, e desta vez saiu da casa pela porta da frente, fazendo um circuito ao redor da construção para alcançar o estábulo. Melhor não deixar o homem sozinho por tempo demais, ou ele poderia fazer mal aos cavalos.

Silenciosamente, ele tirou a tranca da porta e esperou até que a rajada de vento diminuísse antes de puxar a alavanca. Então, ele abriu a porta completamente, entrou, colocou o lampião no chão fora do alcance da corrente de ar, e se escondeu nas sombras das divisórias do estábulo.

Darkie relinchou com esta entrada repentina. O vento soprou lá dentro, perturbando a palha e as folhas; um morcego voou para longe da luz; houve silêncio. A barra de ferro tinha desaparecido.

– Reuben – chamou Ross. – Saia. Eu quero falar com você.

Sem resposta. Ele não esperava receber uma. Você conseguiria ouvir o bater das asas do morcego conforme ele circulava na escuridão. Ele continuou adentrando o estábulo.

Quando chegou no segundo cavalo, ele pensou ouvir um movimento atrás de si e se virou rapidamente, sua arma apontada. Mas nada se movia. Agora ele desejou ter trazido o lampião mais para dentro, pois a sua luz fraca não alcançava as sombras mais ao longe.

Squire se moveu de repente, batendo seus cascos no chão. Todos os cavalos sabiam que havia algum problema por perto. Ross

esperou cinco minutos, tenso perto da divisória, sabendo que agora isso era um teste de paciência, para mostrar quem seria aquele cujos nervos se aguentariam por mais tempo. Ele tinha segurança nos seus próprios nervos, mas, conforme o tempo passava, essa segurança o instigava a se mexer. O homem poderia ter voltado para o quarto de cima com sua arma. Ele poderia estar escondido lá, preparado para passar a noite toda ali.

Ross ouviu Jud sair da casa e caminhar com passos pesados pelos pedregulhos. De início ele achou que ele poderia estar vindo para cá, mas o ouviu entrar no armário de barro ao lado. Ele voltou para a casa logo em seguida e a porta foi fechada. Ainda não havia qualquer movimento no estábulo.

Ross se virou para ir buscar o lampião, e, quando fez isso, houve uma vibração no ar atrás dele e uma batida, pois a barra de ferro foi levantada e atingiu a divisória perto de onde ele estava em pé. A madeira se partiu e ele se virou, e atirou diretamente na figura que vinha da escuridão. Algo o atingiu na cabeça e a figura estava tentando chegar até a porta. Quando os contornos do homem ficaram visíveis, ele puxou o gatilho de novo, mas dessa vez a pólvora não acendeu. Antes que ele pudesse destravar a arma, Reuben Clemmow havia sumido.

Ele correu até a porta e ficou olhando para fora. Uma figura se mexia ao lado das macieiras e ele descarregou a segunda munição de balas nela. Então limpou um pouco de sangue que escorria de sua testa e se virou em direção a casa, da qual Jud, Prudie e Demelza acabavam de sair assustados.

Ele estava com raiva e frustrado com a fuga do homem, mesmo que houvesse muitas chances dele ser encontrado pela manhã. Seria muito difícil para ele não deixar rastros.

Capítulo Treze

1

Ao nascer do sol, ele já havia saído para seguir as manchas de sangue que Clemmow tinha deixado para trás; mas, logo antes de ele chegar a Mellin, as pegadas tomaram a direção do norte, em direção às dunas de areia, e ele perdeu a trilha. Nos dias que se seguiram, não se ouviu falar mais nada sobre o homem, e a conclusão mais sensata era de que ele tinha se deitado em algum lugar daquela imensidão de areia e morrido de exaustão. Era bom, pois Ross estava finalmente livre dele e ninguém faria nenhuma pergunta. O fato de que Clemmow tinha reaparecido permaneceu em segredo, guardado pelos quatro membros da casa de Nampara e por Zacky, a quem Ross contou tudo.

A casa de Nampara quase nunca ficava sem flores durante todos os meses do verão. Isso era obra de Demelza. Ela sempre acordava ao amanhecer e, agora que o pavor de ser raptada e levada para casa para ser agredida tinha ido embora, passeava o quanto queria pelos campos e estradas com Garrick e seu andar meio torto, seguindo os seus calcanhares. Voltava com um grande punhado de flores silvestres que encontravam seus devidos lugares na sala.

Prudie tentara tirar esse hábito dela, já que não era o dever de uma copeira iluminar a casa com o que ela colhia; mas Demelza continuava trazendo as flores e sua obstinação e a inércia de Prudie decidiram a questão. Às vezes, era um punhado de flores de ulmeira e flor-de-cuco, às vezes, um braço inteiro carregado de dedaleiras, ou um pequeno ramo de relva-do-olimpo.

Se Ross reparava nisso, ele não fazia comentários.

A menina era como um animal novo que tinha passado catorze anos usando antolhos[8], limitando seu olhar ao menor círculo doméstico e aos objetivos mais primitivos. Os primeiros nove anos foram atrelados à sua mãe em uma sucessão de doenças, maus-tratos, pobreza e partos; os últimos cinco anos, enfrentado tudo sozinha, exceto a última coisa. Não era surpresa que agora ela

estivesse se expandindo de corpo e mente. Ela cresceu mais de dois centímetros em quatro meses e seu interesse em flores era um símbolo de suas visões se ampliando.

Ela havia começado a pentear seu cabelo e amarrá-lo para trás, como ele ficava algumas vezes, de tal maneira que suas feições ficavam à mostra. Ela não era uma garota feia e tinha uma pele boa e clara, uma fluidez rápida de expressões; seus olhos eram inteligentes e muito honestos. Dentro de alguns anos, outro minerador jovem como Jim Carter estaria a cortejando.

Ela aprendia muito rápido e imitava bastante, de modo que ela começou a acrescentar palavras ao seu vocabulário e a aprender como pronunciá-las. Ela também começou a abandonar certas palavras. Ross havia consultado Prudie – sempre com uma forma de abordagem aduladora – e Prudie, que conseguia xingar mais do que um soldado, viu-se comprometida à redução dos xingamentos por causa de Demelza.

Às vezes, ao se deparar com as perguntas insistentes de Demelza, Prudie se sentia como se estivesse em uma armadilha. Prudie sabia o que era correto e apropriado, e Demelza não. E talvez fosse possível ensinar certas garotas a se comportarem sem cuidar do seu próprio comportamento, mas Demelza não era uma delas. Ela era demasiado rápida em suas conclusões; seus pensamentos corriam à frente e encontravam a outra pessoa na volta. Então, este processo se tornou não apenas a educação voluntária de Demelza, mas a regeneração involuntária de Prudie. Ela descobriu que não era mais possível nem mesmo ficar bêbada da maneira habitual naqueles dias.

Ross observava se divertindo. Até mesmo Jud não estava imune, mas ele enfrentava a situação de uma forma menos graciosa que sua esposa. Ele parecia pensar que era uma queixa adicional o fato de ela não ter lhe batido com o cabo de uma vassoura por mais de dois meses.

Não era uma questão de eles serem reformados pelo contato com a pureza e o espírito doce de uma criança, pois a menina possuía tanto do pecado original quanto eles.

Se Demelza cresceu e se deselvolveu, Garrick era um pé de feijão. Quando chegou, ele estava mais para um filhote do que todos

pensavam, e com comida adequada ele aumentou de tamanho tão rapidamente que começaram a suspeitar se havia um cão de pastoreio em seus ancestrais. Os cachos pretos escassos em suas costas permaneceram, e sua falta de rabo o fez ser curiosamente desastrado e sem equilíbrio. Ele se afeiçoou muito a Jud, que não suportava vê-lo, e o feio cachorro seguia o velho patife careca para todos os lados. Em julho, Garrick foi decretado livre de parasitas e foi admitido na cozinha. Ele comemorou sua entrada ao atravessar o cômodo em direção a Jud na mesa, derrubando um caneco de cidra em seu colo. Jud se levantou coberto de cidra e de pena de si próprio, e mirou o caneco no cachorro, que saiu correndo para fora novamente, enquanto Demelza foi para perto dos laticínios e escondeu sua cabeça com as mãos em um ataque de riso.

Um dia, para a surpresa de Ross, ele recebeu uma visita de Mrs. Teague e de sua filha mais nova, Ruth. Elas haviam cavalgado até Mingoose, como Mrs. Teague explicou, e pensaram que seria sociável visitarem Nampara no caminho para casa. Mrs. Teague não visitava Nampara há quase dez anos e estava muito interessada, ela disse, em ver como Ross estava dando conta de tudo sozinho. A lavoura era um *hobby* tão exigente, Mr. Teague sempre dissera.

– Mais do que um *hobby* para mim, madame – disse Ross. Ele estava consertando a cerca que circundava parte de suas terras, estava sujo e desgrenhado. Suas mãos estavam machucadas, imundas e ásperas. Quando ele as cumprimentou na sala, seu contraste com as roupas de montaria excessivamente claras de Mrs. Teague não podia ser ignorado. Ruth também estava vestida para impressionar.

Olhando para elas enquanto bebiam o licor de frutas que ele pediu que lhes fosse servido, Ross percebeu o que era aquilo que o tinha cativado no baile: a beleza latente da boca levemente avermelhada com batom, o par incomum de olhos enviesados verde-acinzentados, a inclinação para cima de seu pequenino queixo decidido. Em um último esforço desesperado, Mrs. Teague pusera uma vitalidade em sua filha mais nova que as outras não possuíam.

Elas falaram lindamente sobre isso e aquilo. Elas tinham vindo para fazer uma visita respondendo ao convite de Mr. John

Treneglos, o filho mais velho de Mr. Horace Treneglos. de Mingoose. John era o dono do local de caça Carnbarrow Hunt, e havia expressado uma admiração suprema pelo modo como Ruth cavalgava. Ele as convidara tantas vezes que elas se sentiram, enfim, compelidas a aceitarem seu pedido. Que casa mais nobre era Mingoose, não é mesmo? O estilo gótico, e tão espaçosa, disse Mrs. Teague, olhando em volta. Mr. Treneglos era um velho cavalheiro muito encantador; não se podia deixar de reparar o quão frágil ele se tornara.

Que desapontador que capitão Poldark não cavalgasse nas caçadas! Isso não o traria imensos benefícios, se misturar com pessoas de sua própria classe e a emoção da perseguição? Ruth sempre cavalgou; era a sua maior paixão. Isso não queria dizer, é claro, que ela não fosse altamente prendada nas artes mais elegantes; era preciso provar a sobremesa cremosa dela para conhecer sua riqueza de sabor. Ela sempre acreditou, Mrs. Teague disse, em criar suas filhas para serem prendadas dentro do lar; este pedaço de renda que ela vestia com um pequeno xale ao redor do pescoço foi completamente feito por Ruth e Joan, embora Joan não tivesse a habilidade de sua irmã mais nova.

Durante tudo isso, Ruth parecia estar desconfortável, fazendo bico com sua boca e olhando em volta da sala de canto do olho, e batendo seu chicote de montaria contra um de seus pequenos pés envoltos em belos sapatos. Mas enquando sua mãe estava distraída com outras coisas, ela encontrou a oportunidade de dar a ele uns olhares espertos e convidativos. Ross pensava nas poucas horas de luz do dia que restavam, e percebeu que não completaria o reparo da cerca naquele dia.

Ele via o restante da família frequentemente? Mrs. Teague perguntou. Não havia um único Poldark no baile Lemon. É claro, não podia se esperar que Elizabeth saísse tanto como de costume agora que ela estava esperando um certo confinamento. Ruth corou, e um golpe forte de dor atingiu Ross.

Era verdade, Mrs. Teague se perguntou, que Verity ainda estava se encontrando com aquele homem, aquele capitão Blamey, em algum lugar, apesar da proibição de seu pai? Ouvia-se rumores.

Não, bom, é claro que Ross não saberia, estando muito longe para ter contato com o mundo.

Às cinco e meia, elas se levantaram para sair. Elas o agradeceram, mas não ficariam para o jantar. Foi agradável vê-lo. Ele iria visitá-las se elas o escrevessem marcando uma data? Muito bem, algum dia no início do mês seguinte. Ele havia deixado Nampara muito confortável novamente. Talvez, podia se pensar, o toque de uma mão feminina fosse necessário para deixá-la pronta, para dar a ela graciosidade e elegância. Ele não pensava nisso?

Elas foram para a porta da frente, Mrs. Teague conversando amigavelmente, Ruth taciturna e doce alternadamente, tentando olhar nos olhos dele e reestabelecer o companheirismo flerteiro do baile. O criado delas trouxe seus cavalos. Ruth montou primeiro, leve e facilmente. Ela tinha a graça da juventude e da amazona nata; ela se sentava na sela como se fosse feita para ela. Então Mrs. Teague montou, satisfeita com os olhares de aprovação dele, e ele caminhou com elas até os limites de sua terra.

Demelza passou por eles no caminho. Ela trazia um cesto de sardinhas de Sawle, onde a primeira pesca da estação acabara de chegar. Ela vestia o melhor de seus dois vestidos de algodão rosa estampado e o sol brilhava em seu cabelo solto. Uma criança, uma garota, magra e angular com passos largos; e então ela ergueu seus olhos surpresos. Demelza piscou uma vez, fez uma reverência meio torta, e continuou a andar.

Mrs. Teague pegou um lenço de renda fina e limpou um pouco de poeira de sua veste. – Ouvi dizer que você tinha... hum... adotado uma criança, capitão Poldark. É ela?

– Eu não adotei ninguém – disse Ross. – Eu precisava de uma criada para a cozinha. A criança tem idade o bastante para pensar por si própria. Ela veio. Isso é tudo.

– Que coisinha bonitinha – disse Mrs. Teague. – Sim, parece que ela tem uma mente própria.

2

A questão de Verity e capitão Blamey chegou ao ápice no final de agosto. Infelizmente, isso ocorreu no dia em que Ross

aceitara o convite de Mrs. Teague de retribuir sua visita.

Verity encontrara-se com Andrew Blamey quatro vezes em Nampara durante o verão, a cada vez que ele estava em terra firme. Ross não conseguia forçar-se a não gostar daquele homem do mar, apesar de toda a sua história. Um homem quieto sem conversa fiada, um homem de olhos controlados tomados por uma modéstia de comportamento incomum; a palavra que qualquer um escolheria instintivamente para descrevê-lo seria ‘sóbrio’. Contudo, sóbrio era a última coisa que ele já fora, se aceitassem a sua própria confissão. Às vezes, era possível sentir um conflito. Ele tinha a reputação, como Ross sabia, de ser um comandante a bordo de seu navio; e em seu autocontrole deliberado, na restrição voluntária de todos os seus movimentos, podia-se ouvir o eco de dificuldades passadas e imaginar o tamanho da vitória conquistada. Sua cortesia e ternura para com Verity eram, obviamente, sinceras.

Se havia alguma pessoa de quem ele poderia não gostar era dele próprio, e do papel que ele estava fazendo. Ele estava promovendo o encontro de duas pessoas que o senso comum diria que era melhor estarem afastadas. Se as coisas dessem errado, ele seria mais culpado do que qualquer outra pessoa. Não se poderia esperar clareza de visão de duas pessoas profundamente apaixonadas.

Ross também não estava nem um pouco confortável com a progressão dos acontecimentos. Ele não esteve presente em todos os encontros, mas sabia que Blamey estava tentando persuadir Verity a fugir com ele, e que, até então, Verity não havia chegado ao ponto de concordar, ainda esperando que pudesse haver uma reconciliação entre Andrew e seu pai. Contudo, ela tinha concordado em ir com ele para Falmouth em algum momento em breve para conhecer seus filhos, e Ross suspeitava que, se ela fosse, não retornaria. Não era possível ir tão longe dentro de alguns minutos e voltar sem que ninguém percebesse. Isso seria o limite fino da provocação. Uma vez que ela estivesse lá, ele a persuadiria a se casar com ele, ao invés de voltar e enfrentar a tempestade.

Na semana anterior, Mrs. Teague enviara uma carta através de um de seus lacaios o convidando para ‘uma pequena reunião à tarde’ que eles fariam na próxima sexta-feira, às quatro. Despejando

xingamentos sobre si mesmo, ele escreveu que aceitava o convite enquanto o homem esperava. No dia seguinte, Verity veio perguntar se poderia se encontrar com Andrew Blamey em Nampara na tarde de sexta-feira às três. Não havia necessidade de que Ross permanecesse em casa enquanto eles se encontravam, exceto por causa de uma convenção que, conhecendo Verity, ele não precisaria respeitar; então ele não fez objeções, e se atrasou apenas o suficiente para cumprimentá-los.

Depois de levá-los até a sala e dar ordens para que eles não fossem incomodados, ele pegou seu cavalo e cavalgou subindo o vale, voltando seus olhos arrependidos para todo o trabalho que ele poderia ter feito ao invés de ir para longe brincar de pompa com meia dúzia de homens, mulheres, jovens e tolos. No topo do vale, logo após Wheal Maiden, ele encontrou Charles e Francis.

Por um instante ele ficou desanimado.

– É um prazer recebê-lo em minhas terras, tio – disse ele. – Vocês estavam pensando em me fazer uma visita? Mais cinco minutos e teriam descoberto que eu saí.

– Essa era a nossa intenção – disse Francis de maneira curta.

Charles puxou a cabeça de seu cavalo para cima abruptamente. Ambos estavam com as faces vermelhas e raivosas.

– Há um rumor por aí que Verity está se encontrando com aquele camarada Blamey em sua casa, Ross. Estamos indo até lá para descobrir a verdade.

– Temo não poder oferecê-los minha hospitalidade nesta tarde – disse Ross. – Eu tenho um compromisso às quarto... e é um tanto distante.

– Verity está em sua casa agora – disse Francis. – Nós pretendemos ir até lá para ver se ela está, quer você goste disso ou não.

– Aarf! – disse Charles. – Não precisa ser desagradável, Francis. Talvez nós estejamos enganados. Dê-nos a sua palavra de honra, garoto, e voltaremos para casa sem a necessidade de uma discussão.

– Ora, mas o que ela está fazendo lá? – Francis perguntou, de maneira truculenta.

– Já que a minha palavra de honra não removeria capitão Blamey de lá, eu não a posso dar – respondeu Ross.

Ele observou a expressão de Charles mudar. – Maldito seja, Ross, você não tem noção de decência, nenhuma lealdade à sua família, deixando-a lá com aquele filho de uma puta?

– Eu disse que era verdade! – Francis exclamou e sem esperar por mais conversa, colocou seu cavalo a trotar descendo o vale em direção a Nampara.

– Eu acho que vocês julgam mal o homem – disse Ross lentamente.

Charles bufou. – Eu acho que *te* julguei mal – e ele seguiu seu filho.

Ross os observou se aproximando da casa com um mau pressentimento desagradável. As palavras e os olhares deles não deixavam dúvidas quanto à atitude que iriam tomar. Ele puxou a cabeça de Darkie e os seguiu.

3

Quando chegou à casa, Francis já estava na sala. Ele conseguia ouvir as vozes elevadas enquanto Charles descia laboriosamente de seu cavalo. Quando entraram, capitão Blamey estava de pé perto da lareira, uma mão na manga de Verity, como se fosse impedi-la de se posicionar entre ele e Francis. Ele vestia seu sobretudo de capitão de tecido azul fino com um colarinho engomado branco e um lenço preto. Ele também estava vestindo sua expressão mais contida, como se todos os sentimentos impetuosos estivessem seguramente guardados, trancados e inalcançáveis, vigiados por todos os controles de sua própria escolha e experiência. Ele parecia forte e em sua meia idade em contraste à arrogância avermelhada e velha da juventude de Francis. Ross percebeu que Charles portava seu chicote de montaria.

–... não é a maneira de se falar com a sua irmã – Blamey estava dizendo. – Quaisquer palavras duras que quiser falar, você pode dizer a mim.

– Vagabundo miserável! – disse Charles. – Agindo pelas nossas costas. Minha única filha!

– Pelas costas – disse Blamey –, porque você não quis me encontrar para conversar sobre o assunto. Você acha que...

– Conversar! – disse Charles. – Não há nada para se conversar com assassinos de esposas. Não gostamos deles neste distrito. Eles deixam um fedor nas narinas. Verity, pegue seu cavalo e vá para casa.

Ela disse com uma voz quieta: – Eu tenho o direito de escolher a minha própria vida.

– Vá, querida – disse Blamey. – Isto aqui não é um bom lugar para você agora.

Ela sacudiu a mão dele. – Eu fico.

– Então fique e maldita seja! – disse Francis. – Só há uma maneira de se lidar com o seu tipo, Blamey. Palavras e honra não contam. Talvez uma surra valha – Francis começou a tirar seu casaco.

– Não nas minhas terras – disse Ross. – Comece qualquer briga aqui e eu mesmo o expulsarei.

Houve um instante de silêncio perplexo.

– Em nome de Deus! – Charles explodiu. – Você tem a audácia de tomar o lado dele!

– Eu não tomo o lado de ninguém, mas vocês não vão mudar o problema agindo como animais.

– Um desgraçado e outro – disse Francis. – Você é pouco melhor do que ele.

– Você ouviu o que sua irmã disse – capitão Blamey interveio calmamente. – Ela tem o direito de escolher a sua própria vida. Eu não quero uma briga, mas ela virá comigo.

– Eu o encontrarei no inferno primeiro! – disse Francis. – Suas botas não vão encostar na nossa família.

De repente capitão Blamey ficou muito branco. – Seu cãozinho insolente!

– Cãozinho, é! – Francis avançou e acertou o rosto do capitão Blamey com sua mão aberta. Uma marca vermelha apareceu, então Blamey atingiu Francis com um soco no nariz e Francis foi ao chão.

Houve uma pausa breve. Verity se afastou de ambos, sua face pequena e indisposta. Francis se sentou e limpou um rastro de sangue em seu nariz com as costas de sua mão. Ele ficou de pé.

– Quando será conveniente para você me encontrar, capitão Blamey?

Tendo encontrado uma saída, a raiva do homem do mar diminuiu. Mas, de alguma forma, a sua compostura não era mais a mesma. Quer tenha sido apenas por um instante, seus controles haviam se quebrado.

– Eu irei para Lisboa com a maré alta amanhã.

A expressão de Francis foi de desdém. – É claro, isso é o que eu esperava.

– Bom, ainda temos hoje.

Charles avançou. – Não, não há porque recorrer a esses malditos métodos franceses, Francis. Vamos bater no miserável e depois ir embora.

– Também não haverá nada disso – disse Ross.

Francis passou a língua pelos lábios. – Eu exijo uma satisfação. Você não pode negar isso. O camarada uma vez se disse ser um cavalheiro. Que ele vá me encontrar lá fora... Se tiver coragem.

– Andrew – chamou Verity – não aceite nada que...

O marinheiro olhou para a garota de maneira distante, como se a hostilidade de seu irmão já tivesse os separado.

– Resolvam isso nos punhos – disse Charles com a respiração congestionada. – O vagabundo não vale o risco de levar uma bala de pistola, Francis.

– Nada mais irá fazê-lo desistir – disse Francis. – Vou precisar das suas armas, Ross. Se você as recusar, mandarei buscarem as minhas em Trenwith.

– Então mande buscá-las – Ross retrucou. – Eu não farei parte do seu banho de sangue.

– Elas estão na parede atrás de você, homem – disse Blamey, por entre seus dentes.

Francis se virou e pegou as duas pistolas de duelar de prata com as quais Ross havia ameaçado o pai de Demelza.

– Elas ainda disparam? – ele perguntou friamente, dirigindo-se a Ross.

Ross não falou nada.

– Venha para fora, Blamey – disse Francis.

– Olhe, garoto – disse Charles. – Isso é besteira. A briga é minha e...

– Nada disso. Ele me nocauteou...

– Vamos embora e não tenha luta nenhuma com o verme. Verity virá conosco, não é, Verity?

– Sim, papai.

Francis olhou para Ross. – Chame o seu criado e faça-o preparar essas pistolas direito.

– Chame-o você mesmo.

– Não há substitutos para o duelo – disse Charles. – Não temos os devidos preparativos.

– Formalidades! Ninguém precisa de formalidades quando se está caçando um corvo.

Eles foram para fora. Era fácil ver que Francis estava determinado a ter sua satisfação. Com as narinas brancas, Blamey ficou afastado, como se a questão não dissesse respeito a ele. Verity fez um último apelo ao seu irmão, mas ele gritou com ela dizendo que alguma solução deveria ser encontrada para a paixão dela, e ele tinha escolhido aquela.

Jud estava do lado de fora, então não foi preciso chamá-lo. Ele ficou visivelmente interessado e impressionado com a responsabilidade confiada a ele. Ele só tinha visto isso uma vez antes, e fora há trinta anos. Francis lhe disse para ser o juiz e contar quinze passos para eles; Jud olhou para Ross, que deu de ombros.

– Sim, *sinhô*, *cê disse* quinze.

Eles estavam no gramado aberto em frente à casa. Verity havia se recusado a ir para dentro. Ela permaneceu atrás do banco do jardim.

Os homens estavam de costas um para o outro, Francis era alguns centímetros mais alto, seu cabelo claro brilhava no sol.

– Pronto, *sinhô*?

– Sim.

Ross se mexeu para avançar, mas impediu a si mesmo de fazê-lo. O tolo obstinado deveria agir de sua própria maneira.

– Então, vamos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Conforme Jud contava, os dois homens davam passos se afastando um do outro, e uma andorinha voando mergulhou no ar entre eles.

Ao ouvir a palavra quinze eles se viraram. Francis atirou primeiro e acertou Blamey na mão. Blamey largou sua pistola. Ele se inclinou e a pegou com sua mão esquerda, e atirou em resposta. Francis colocou a mão em sua garganta e caiu no chão.

4

O pensamento de Ross enquanto ele avançava era, eu deveria tê-los impedido. O que isso significará para Elizabeth se Francis...

Ele virou Francis de costas para o chão e rasgou as dobras de sua camisa. A bala tinha entrado na base do pescoço através do ombro, mas não tinha saído novamente. Ross o levantou e o carregou para dentro da casa.

– Meu Deus! – disse Charles, o seguindo de maneira impotente juntamente aos outros. – Meu menino está morto... Meu menino...

– Besteira – Ross disse. – Jud, pegue o cavalo de Mr. Francis e vá até o Dr. Choake. Diga que houve um disparo acidental. Não diga a verdade, entenda.

– Ele está ferido... Gravemente? – capitão Blamey disse, com um lenço enrolado em sua mão. – Eu...

– Saia daqui! – bradou Charles, ficando roxo. – Como você ousa entrar nessa casa novamente!

– Não se amontoem ao redor dele – pediu Ross, depois de ter deitado Francis no sofá. – Prudie, traga-me alguns panos limpos e uma bacia de água quente.

– Deixe-me ajudar – disse Verity. – Deixe-me ajudar. Eu posso fazer alguma coisa. Eu posso...

– Não, não. Deixe-o assim.

Fez-se silêncio por alguns instantes até que Prudie voltou com pressa com a bacia. Ross havia impedido que o ferimento sangrasse excessivamente até então, pressionando sobre ele com o seu próprio lenço colorido. Agora ele removeu este e pressionou com um pano molhado em seu lugar. Francis se retraiu e gemeu.

– Ele vai ficar bem – disse Ross. – Apenas deem espaço para ele respirar.

Capitão Blamey pegou seu chapéu e saiu do cômodo. Lá fora, ele se sentou por um instante no banco ao lado da porta da frente e colocou sua cabeça em suas mãos.

– Pelo sangue de Deus, aquilo me deu um pavor – disse Charles, limpando seu rosto e pescoço e debaixo de sua peruca. – Eu pensei que o garoto estava perdido. Foi uma misericórdia que o camarada não atirou com sua mão direita.

– Talvez, dessa forma, ele teria errado de uma maneira mais limpa – disse Ross.

Francis se virou, balbuciou algo, e abriu seus olhos. Levou alguns instantes para que sua consciência voltasse completamente. O rancor havia saído de seus olhos.

– O camarada foi embora?

– Sim – disse Ross.

Francis sorriu torto. – Eu quase não o acertei. Foram as suas malditas armas de duelo, Ross. A mira delas deve estar errada. Ai! Bom, isso deve me poupar das sanguessugas por uma semana ou duas.

Lá fora, no jardim, Verity tinha se unido a Andrew Blamey.

Ele havia se perdido completamente dentro de si mesmo. Dentro do espaço de quinze minutos, a relação deles fora transformada de maneira irreparável.

– Eu devo ir embora – disse ele; e ambos perceberam de súbito o pronome.

– É melhor, antes que ele acorde.

– Oh, meu querido, se você pudesse ter... atirado para longe... ou não atirado...

Ele sacudiu sua cabeça, oprimido pelas dificuldades complexas de sua própria natureza e pela futilidade de tentar explicar.

– Isto... eu sei que foi ele quem procurou isto... toda essa briga. Mas ele é meu irmão. Isso torna muito *impossível* para mim...

Ele lutou para encontrar a esperança de argumentar. – Com o tempo irá melhorar, Verity. Nossos sentimentos não podem se alterar.

Ela não respondeu, mas se sentou com a cabeça baixa.

Ele a encarou diretamente por alguns segundos. – Talvez Francis estivesse certo. Só houve problemas. Talvez eu nunca devesse ter pensado em você... Nem olhado para você.

– Não. Francis não estava certo. Mas depois disso... Nunca poderá haver uma reconciliação.

Depois de um minuto, ele se levantou.

– A sua mão – disse ela. – Deixe-me atá-la.

– Foi apenas um arranhão. Uma pena que a mira dele não foi melhor.

– Você consegue montar? Seus dedos…

– Sim, eu consigo.

Ela o observou caminhar ao redor da casa. Seus ombros pareciam os de um idoso.

Ele voltou montado em um cavalo.

– Adeus, meu amor. Se não há mais nada a ser dito, permita-me guardar a lembrança.

Ela o observou atravessar o córrego e cavalgar vale acima lentamente até a imagem em seus olhos ficar molhada e embaçada de repente.

Capítulo Quatorze

O grupo inteiro estava de volta à mansão Trenwith. Com um curativo temporário, Francis havia cavalgado até a casa, e agora Choake estava com ele, colocando as ataduras de maneira ostentosa. Arrotando o restante de sua raiva, Charles havia voltado para o seu próprio quarto com passos pesados para vomitar e descansar até o jantar.

Elizabeth quase desmaiou ao ver seu marido. Mas, ao se recuperar, ela correu para cima e para baixo das escadas para apressar Mrs. Tabb e Bartle a fornecerem o que Dr. Choake precisasse, e para auxiliar no conforto do homem ferido. Como seria o caso durante toda a sua vida, ela tinha um estoque de energia nervosa, que ficava indisponível em ocasiões comuns, mas que poderiam servi-la em necessidades súbitas. Era uma reserva fundamental, que uma pessoa mais forte talvez nunca conhecesse.

E Verity fora para o seu quarto.

Ela sentia-se desligada da casa da qual fizera parte por vinte e cinco anos. Estava entre estranhos. Mais do que isso, eles eram estranhos hostis. Eles haviam se afastado dela, e ela deles, por falta de compreensão. Em uma tarde ela se encolhera dentro de si mesma; ali nasceria um interior de falta de amizade e isolamento.

Ela puxou a tranca através do comprimento da porta e se sentou abruptamente na primeira cadeira. Seu romance estava terminado; mesmo que ela se revoltasse contra o fato, ela sabia disso. Ela se sentia prestes a desmaiar, enjoada e desesperadamente cansada de estar viva. Se a morte pudesse vir de maneira quieta e pacífica ela a aceitaria, afundaria nela como alguém que afunda numa cama desejando apenas o sono para esquecer-se de si mesmo. Seus olhos se moveram ao redor do cômodo. Cada objeto lhe era familiar, com aquela extrema intimidade das coisas que as pessoas não costumam perceber no dia-a-dia. Através das janelas, ela havia olhado com os olhos transitórios da infância e da juventude. Havia olhado para o jardim de ervas e a cerca-viva de teixo, e para os três sicômoros curvados durante todas as estações do ano e durante todos os temperamentos do seu próprio amadurecimento. Havia visto o gelo

desenhar suas estampas em lascas nas janelas, as gotas da chuva escorrendo sobre elas como lágrimas em bochechas velhas, e o primeiro sol da primavera brilhando por entre elas e atingindo irregularmente a manta de penas de peru e as tábuas de carvalho tingidas. O antigo relógio Francês na ornamentação de pinheiro entalhada da lareira com suas figuras pintadas e de apliques de ouro, que parecia uma cortesã da época de Luis XIV, esteve no quarto durante toda a vida de Verity. Seu sino metálico fino anunciava as horas há mais de cinquenta anos. Quando ele foi feito, Charles era um risco fino de menino, e não um homem velho arroxeado interrompendo o romance de sua filha. Eles estiveram juntos, criança e relógio, menina e relógio, mulher e relógio, durante doenças e pesadelos, contos de fadas e sonhos acordados, durante toda a monotonia e todo o esplendor de sua vida.

Seus olhos foram adiante, para a mesa com o topo de vidro e as pernas entalhadas, as duas poltronas de cetim rosa do quarto, a cadeira de balanço de junco, os castiçais baixinhos de latão com as velas que subiam em degraus, a almofadinha de agulhas, a cesta de trabalho bordada, a tigela de lavar roupas com duas alças. Até mesmo as decorações do quarto, as longas cortinas de tecido adamascado, o papel de parede com suas flores vermelhas desbotadas em um fundo marfim, as rosas brancas de gesso das cornijas e do teto tinham se tornado completamente dela própria.

Verity sabia que ali, na privacidade de seu próprio quarto, onde nenhum homem exceto seu pai e seu irmão já havia entrado, ela poderia deixar transparecer, poderia se deitar na cama e chorar, poderia se abandonar à tristeza. Mas ela se sentou na poltrona e não se mexeu.

Não havia lágrimas nela. A ferida era profunda demais, ou não era da natureza dela dar vazão a isso. A dor dela seria aquela perpétua, da perda e da solidão, amansada lentamente com o tempo, até que se tornasse uma parte de seu caráter, uma amargura fraca, manchada com o orgulho murcho.

Andrew já estaria de volta em Foulmouth agora, de volta ao alojamento do qual ela ouvira falar, mas nunca tinha visto. Através da conversa calada dele, ela havia visto a desolação de sua vida no

mar, os dois quartos no alojamento do cais, a mulher enfadonha que cuidava dele.

Ela pensava em mudar tudo aquilo. Eles tinham planejado alugar um chalé com vista para a baía, um lugar com algumas árvores e um pequeno jardim que se estendesse até a praia de cascalho. Apesar de ele quase nunca falar de seu primeiro casamento, ela entendeu o bastante para ter certeza de que grande parte da culpa era dela – embora fosse injustificável a conclusão da parte dele. Ela sentia que poderia recompensá-lo por aquela primeira falha. Com suas mãos ocupadas e sua habilidade em administrar, e com o seu amor mútuo, ela teria feito para ele um lar tal como ele nunca tivera antes.

E, no entanto, este quarto, que a vira crescer até a maturidade, a veria murchando e desaparecendo. O espelho folheado a ouro no canto seria uma testemunha incompassiva. Todos esses ornamentos e mobília seriam seus companheiros durante os anos que viriam. E ela percebeu que chegaria ao ponto de odiá-los, se ela já não os odiasse, como alguém odeia as testemunhas de sua própria humilhação e futilidade.

Ela fez uma meia tentativa para se retirar desse humor. Seu pai e seu irmão haviam agido de boa fé, conforme a sua criação e seus princípios. Se, por conseguinte, ela permanecesse à disposição deles até envelhecer, não era justo culpá-los por tudo. Eles pensam ter “salvo-a de si mesma”. A vida dela em Trenwith seria mais pacífica, mais protegida do que aquela da esposa de um pária da sociedade. Ela estava entre parentes e amigos.

Os longos dias do verão seriam repletos de interesse na fazenda: a semeação, a preparação da palha, a colheita; manteiga e queijos para supervisionar, caldas doces e compotas a fazer. Os dias de inverno também seriam cheios: costura à noite, fazer cortinas e bordados e meias, fiar lã na roca e linho com tia Agatha, fermentar bebidas caseiras; jogar o jogo de cartas *quadrille* quando houvesse convidados, ajudar Mr. Odgers a treinar o coral na igreja de Sawle, medicar os criados com xaropes caseiros quando ficavam doentes...

Também haveria um novo membro da casa neste inverno. Se ela tivesse ido embora, Elizabeth ficaria duplamente perdida.

Francis, de repente, teria encontrado a rotina bem organizada da casa fora dos trilhos. Charles não teria ninguém para arrumar suas almofadas ou se certificar de que o seu caneco de metal fosse polido antes de cada refeição. Para essas e outras cem pequenas necessidades, a casa dependia dela, e se eles não a remuneravam com agradecimentos explícitos, eles demonstravam uma afeição e amizade implícitas que ela não podia desconsiderar.

E se ela não achava esses deveres repugnantes no passado, este não era apenas o primeiro choque de decepção que mostrava que eles seriam vistos assim no futuro?

Talvez ela pudesse argumentar isso, mas Andrew disse que não. Andrew, sentado neste momento com sua cabeça em suas mãos em seu alojamento solitário em Falmouth; Andrew, na semana seguinte na Baía de Biscay; Andrew perambulando nas ruas de Lisboa à noite, ou de volta ao seu alojamento no mês seguinte; Andrew comendo, bebendo, dormindo, estando acordado e *existindo*, disse não. Ele havia tomado um lugar em seu coração, ou levado uma *parte* de seu coração, e nada mais seria o mesmo novamente.

Ano passado ela se movia com uma maré de costumes e hábito. Ela poderia ter sido levada assim, sem protestar, até uma meia-idade satisfeita e sem ambições. Mas este ano, daqui em diante, ela deveria nadar contra a corrente, sem encontrar estímulo no sofrimento, mas apenas amargura, arrependimento e frustração.

Verity sentou-se ali sozinha no quarto até que a escuridão veio e as sombras do cômodo se fecharam sobre ela como braços reconfortantes.

Capítulo Quinze

1

Wheal Leisure não foi iniciada naquele verão.

Depois de alguma hesitação, Ross convidou Francis a se unir a eles. Francis recusou de maneira bastante brusca, mas algo ainda mais imponderável do que isso retardava o projeto. O preço do cobre no mercado caiu para 80 libras a tonelada. Começar um novo empreendimento aventureiro em tal época seria o mesmo que pedir por um fracasso.

Francis se recuperou rapidamente de seu ferimento no pescoço, mas a participação de Ross no caso romântico de Verity ainda estava inflamada dentro dele e de seu pai. Havia rumores de que Francis Poldark e sua jovem esposa estavam gastando dinheiro em um ritmo extravagante, e agora que Elizabeth não saía muito, Francis ia para todo lugar com George Warleggan.

Ross via Verity pouco, pois ela mal saiu de Trenwith durante o restante do verão. Ele escreveu para Mrs. Teague pedindo desculpas por sua ausência, ‘devido a circunstâncias imprevistas e inevitáveis’. Havia pouco mais que poderia ser dito. Ele não recebeu uma resposta. Depois, descobriu que a ‘pequena reunião’ era o aniversário de Ruth, no qual ele deveria ter sido o convidado de honra. Mas então já era tarde demais para complementar seu pedido de desculpas e o estrago já havia sido feito.

Depois do adiamento do empreendimento em Wheal Leisure, Jim Carter deixou seu emprego. Ele não era o tipo de jovem que seria um trabalhador de lavoura a vida toda, e Grambler o chamava de volta. Ele foi até Ross numa tarde em agosto, depois de terem passado o dia todo cortando um campo de cevada, e explicou que Jinny não poderia trabalhar em Grambler depois do Natal – pelo menos não por enquanto – e eles não conseguiriam se manter sem o salário dela. Então, já que ele nunca se sentira melhor em sua vida, ele havia aceitado o posto de contador tributário no nível quarenta da mina.

– Estou triste de verdade por sair, senhor – disse ele. – Mas é uma oportunidade boa. Eu sei disso. Com sorte, eu ganharei trinta ou trinta e cinco xelins por mês, e é nisso que temos de pensar. Se eu pudesse continuar no chalé, a gente gostaria de pagar pelo aluguel.

– Então, vocês o farão – disse Ross –, quando eu achar que vocês têm condições de pagar. Não seja tão generoso com o seu dinheiro até ver se ele dará retorno.

– Não, senhor – disse Jim sem jeito. – *Num* era bem isso...

– Eu sei, garoto, não sou cego. Nem surdo, falando nisso. Eu ouvi dizer que você esteve saindo para caçar ilegalmente com Nick Vigus na noite passada.

Jim ficou completamente vermelho. Ele gaguejou e pareceu estar prestes a negar, então disse abruptamente: – Sim.

– É um passatempo perigoso – disse Ross. – Nas terras de quem vocês foram?

– Treneglos.

Ross reprimiu um sorriso. De fato, a sua advertência era muito séria e ele não tinha a intenção de enfraquecê-la.

– Fique longe de Nick Vigus, Jim. Ele lhe trará problemas antes que você perceba.

– Sim, senhor.

– O que a Jinny diz?

– O mesmo que você, senhor. Eu… prometi a ela que não iria de novo.

– Então cumpra a sua promessa.

– Foi por ela que eu fui. Eu pensei que algo mais gostoso...

– Como ela está?

– Muito bem, senhor, obrigado. Nós *tamo* tão felizes, só nós dois, que eu queria que não fosse vir mais um... maneira de se dizer. Mesmo assim, Jinny *tá* feliz com isso também. *Num* é ela que tem medo.

2

Mudanças sutis continuavam a surgir na relação de Demelza Carne com o resto dos habitantes de Nampara. Quando a sua

mente ultrapassou a dos Paynters, ela procurou outras fontes de informação, e isso a trouxe mais contato com Ross, que encontrava algum prazer em ajudá-la. Ele queria rir dos comentários dela muito mais do que se permitia fazer.

No final de agosto, quando o milho estava sendo colhido durante a semana, Prudie escorregou e machucou sua perna, e teve que ficar deitada de repouso.

Durante quatro dias, Demelza voou pela casa e, embora Ross não estivesse lá para ver o que ela fazia, a refeição da metade do dia era sempre trazida na hora e a refeição maior da janta estava sempre pronta quando eles chegavam em casa cansados. Demelza não se agarrou à sua nova autoridade quando Prudie ficou de pé, mas a relação delas nunca mais foi aquela de governanta e copeira. O único comentário sobre a mudança veio de Jud, que disse à sua esposa que ela estava ficando mole como uma égua velha.

Ross não conversou com Demelza sobre os seus esforços durante aqueles quatro dias, mas, quando foi a Truro na próxima vez, ele trouxe para ela uma das capas vermelha-escarlate que estavam tão na moda nos vilarejos de mineração do oeste da Cornualha. Ela ficou sem palavras quando a viu – um sintoma incomum – e a levou para seu quarto para experimentá-la. Mais tarde ele percebeu que ela o olhava de uma maneira peculiar; era como se ela sentisse que fosse certo e apropriado que ela sempre soubesse dos gostos e necessidades dele – era para isso que ela estava ali, mas ele conhecer as dela não estava exatamente dentro do combinado.

No lugar de Jim, Ross contratou um homem idoso chamado Jack Cobbledick. Ele era um homem melancólico, de pensamentos e fala lentos, com um bigode ruivo-acinzentado por fazer, através do qual ele sugava toda a comida, e um caminhar de passos firmes e compridos, como se ele estivesse sempre atravessando a grama alta. Demelza quase encontrou encrenca várias vezes quando estava andando pelo quintal levantando suas próprias pernas compridas o imitando.

Em setembro, quando a temporada das sardinhas estava em seu ápice, Ross cavalgava até Sawle de vez em quando para verificar que os peixes seriam trazidos ou para comprar meio barril

de sardinha para ser salgada quando a qualidade era boa. Nisso, ele descobriu que Demelza, com sua experiência de tomar conta de uma família grande e pobre, era mais capacitada do que ele; então, às vezes, ela ia montada atrás dele em seu cavalo ou saía caminhando meia hora mais cedo. Às vezes, Jud ia até lá com alguns bois presos ao jugo de uma carroça raquítica e comprava uma parte dos peixes partidos e maltratados por meio guinéu, para enterrar na terra como adubo.

Da igreja de Sawle, se descia pela ruela Stippy-Stappy. Ao final dela, havia uma ponte estreita e arqueada e uma praça verde cercada por alguns barracos e chalés, a qual era o núcleo do vilarejo de Sawle. Dali eram apenas mais algumas jardas até a margem de cascalho e a enseada rasa da baía. Logo além da margem, ficavam duas casas que estocavam peixes e, ao redor delas, a indústria de verão do vilarejo se centrava. Lá, os peixes eram apanhados e estocados em celeiros por mais ou menos um mês até que o óleo e o sangue escorressem e eles pudessem então ser preservados e exportados em tonéis para o Mediterrâneo.

3

O filho de Elizabeth nasceu no final de outubro. Foi um parto difícil e demorado, mas ela aguentou o esforço bem e teria recuperado suas forças mais rapidamente se Dr. Choake não tivesse decidido sangrá-la no dia seguinte. Por conseguinte, ela passou vinte e quatro horas tendo desmaios repentinos que alarmaram a todos, e que necessitaram certo número de penas queimadas seguradas debaixo de seu nariz para reavivá-la.

Charles ficou deleitado com o evento, e a notícia de que era um menino o animou de seu estupor pós-janta.

– Esplêndido! – disse ele a Francis. – Muito bem, meu garoto. Estou orgulhoso de você. Então, temos um neto, hein? Ora, é justamente o que eu queria.

– Você tem que agradecer a Elizabeth, não a mim – disse Francis, pálido.

– Hein? Bom, eu espero que você tenha feito a sua parte? – Charles tremeu com uma risada subterrânea. – Deixe para lá,

garoto; estou orgulhoso de ambos vocês. Não achei que ela fosse aguentar. Que nome você dará ao moleque?

– Nós ainda não decidimos – disse Francis de maneira aborrecida.

Charles retirou o seu grande corpo da cadeira e foi de maneira desajeitada até o salão para olhar em volta. – Bom, nós temos uma bela variedade de nomes na família sem termos que ir muito longe. Vejamos, tem Robert, e Claude... e Vivian... e Henry. E dois ou três Charles. O que há de errado com Charles, hein, garoto?

– Elizabeth é quem deve decidir.

– Sim, sim, ela o fará, eu espero. De qualquer forma, espero que ela não escolha Jonathan. Nome infernal de tão tolo. Onde está Verity?

– No andar de cima agora, ajudando.

– Bom, diga-me quando o moleque estiver pronto para receber o seu avô. Um menino, hein? Parabéns, para ambos vocês.

A fraqueza de Elizabeth atrasou o batizado até o início de dezembro, e isso também aconteceu em menor escala do que Charles teria preferido. Havia apenas dezoito pessoas presentes, incluindo os familiares mais próximos. Dorothy Johns, a esposa do primo William-Alfred, estava entre duas gravidezes e o acompanhava. Ela era uma mulherzinha seca e cerimoniosa de quarenta anos, com um sorriso resguardado meio ácido e inibições que iam além de sua idade oficial. Ela nunca usava a palavra ‘intestino’ mesmo em conversas privadas, e havia assuntos que ela não mencionava de forma alguma, uma questão de espanto em meio à maioria de suas amigas mulheres. Os seus dois últimos períodos de confinamento tinham sido um grande peso sobre ela, e Ross achou que ela parecia mais exausta e enrugada. Algum dia Elizabeth teria essa aparência? Seu primeiro filho parecia tê-la deixado com uma aparência ainda melhor.

Ela estava deitada no sofá para onde Francis a tinha levado. Havia um fogo alto sobre a lenha e as chamas pulavam pela chaminé como cachorros de caça acorrentados. O cômodo grande estava quente e os olhares das pessoas estavam iluminados pelo reflexo do fogo. Lá fora, o dia frio e acinzentado se contorcia em uma névoa fina sobre as janelas. Havia flores no cômodo, e

Elizabeth estava deitada no meio delas como um lírio enquanto todos se moviam ao seu redor. Sua bela pele clara dos braços e do pescoço estava pálida, mas, em suas bochechas, havia mais cor do que de costume. Ela tinha o mesmo florescer de um lírio de estufa.

Eles nomearam o menino Geoffrey Charles. Um embolado de seda azul e renda, com uma cabecinha redonda e cabeluda, olhos azuis-escuros e as gengivas de tia Agatha. Durante o batizado, ele não protestou e depois voltou para sua mãe, sem reclamar. Um bebê exemplar, todos concordavam.

Durante a refeição que se sucedeu, Charles e Mr. Chynoweth debatiam sobre brigas de galos, e Mrs. Choake conversava com qualquer um que quisesse escutar os mais recentes boatos sobre o Príncipe de Gales.

Mrs. Chynoweth conversava com George Warleggan e monopolizava sua atenção, para a irritação de Patience Teague. Tia Agatha mastigava migalhas e fazia muito esforço para escutar o que Mrs. Chynoweth estava dizendo. Verity estava sentada em silêncio e olhava fixamente para a mesa. Dr. Choake franziu suas sobrancelhas: e por debaixo delas contou a Ross algumas das acusações que deveriam escolher fazer contra Hastings, o governador-geral de Bengala. Estando desconcertantemente perto de Ross, Ruth Teague tentava continuar uma conversa com sua mãe como se ele não estivesse ali.

Ross estava um tanto entretido pela postura de Ruth, mas um pouco perplexo com um silêncio para com ele vindo de uma ou duas das outras damas – Dorothy Johns, Mrs. Chynoweth e Mrs. Choake. Ele não tinha feito nada para ofendê-las. Elizabeth se esforçava muito para ser gentil.

E então, no meio do almoço, Charles se levantou com dificuldade para propor um brinde ao seu neto, falou por alguns instantes respirando como um buldogue, e depois bateu em seu peito, exclamando impacientemente: – Esses gases, esses gases – e escorregou de lado até o chão. Com um cuidado desajeitado, eles levantaram a montanha de carne humana, erguendo-o primeiro até uma cadeira, e depois o dando apoio degrau após degrau subindo as escadas até o quarto dele: Ross, Francis, George Warleggan e Dr. Choake.Uma vez que estava na enorme cama de dossel com

seus tecidos marrons dependurados, ele pareceu respirar mais facilmente, mas não se movia nem falava. Desperta de sua letargia, Verity se apressou para seguir as instruções do médico. Choake fez sangria nele e o auscultou, e se endireitou e coçou a parte careca atrás de sua própria cabeça, como se isso fosse ajudar.

– Hm sim – disse ele. – Acho que terminamos por aqui agora. Um enfarte. Nós devemos ser mantidos perfeitamente quietos e aquecidos. Deixe as janelas e as cortinas da cama fechadas para que não haja risco de um resfriado. Ele é tão grande, hm; devemos esperar pelo melhor.

Quando Ross retornou para os convidados cabisbaixos no andar de baixo, ele os encontrou decididos a esperar. Seria indelicado sair até que houvesse alguma notícia mais definitiva do doutor. Elizabeth ficou muito triste, disseram eles, e pediu licença.

Tia Agatha balançava o berço gentilmente e puxava os cabelos brancos em seu queixo.

– Um mau presságio – disse ela. – No dia do batizado do pequeno Charles, o Charles grande cair daquele jeito. Como um ulmeiro atingido por um raio. Espero que nada mais grave aconteça.

Ross foi para a sala maior. Não havia ninguém ali. Ele foi até a janela; o dia sombrio se tornara mais denso e mais escuro, e havia um respingo de chuva no vidro.

Mudança e decadência. Será que Charles seguiria o caminho de Joshua tão cedo? Ele vinha piorando há algum tempo, ficando mais arroxeado, mais fraco e menos capaz. A velha Agatha e seus presságios. Como isso afetaria Verity? Bem pouco, exceto pelo luto. Francis se tornaria o dono desta casa e de todas as terras. Ele teria a liberdade de se aproximar mais de Warleggan se o desejasse. Talvez a responsabilidade o tornasse mais sóbrio.

Ele saiu da sala para o cômodo seguinte, a biblioteca, que era pequena e escura, cheirava a mofo e poeira. Charles não era um leitor melhor do que o seu irmão. O pai deles, Claude Henry, havia adquirido a maior parte da coleção.

Ross olhou de relance para as prateleiras. Ele ouviu alguém entrar na sala conversando, mas não prestou atenção particularmente, pois tinha encontrado uma edição nova de *Justiça da Paz,* de Dr. Burns.[9] Ele havia aberto no capítulo sobre a loucura

quando a voz de Mrs. Teague, vinda pela porta aberta, chamou sua atenção.

– Bom, minha querida, o que mais alguém poderia esperar? Tal pai, tal filho, eu sempre digo.

– Minha *queuida* senhora – era Polly Choake – as histórias que se ouve sobre o velho *Jofhua*! Muito cômicas. Eu apenas *queuia* estar por essas bandas naqueles tempos.

– Um cavalheiro – disse Mrs. Teague – sabe quando se restringir. Com relação a uma dama de sua própria classe, as intenções dele deveriam ser estritamente honrosas. A atitude para com uma mulher de classe inferior é diferente. Afinal, homens são homens. É muito desagradável, eu sei; mas se o assunto for tratado da maneira correta e a vagabunda receber um sustento, não há motivo para que ninguém se magoe. Joshua nunca aceitava tal distinção. Era por isso que eu o desaprovava; era por isso que o condado inteiro o desaprovava e ele estava sempre brigando com pais e maridos. Ele era demasiadamente *liberal* com suas afeições.

Polly soltou uma risadinha. – *Puomíscuo*, como você *diuia*!

Mrs. Teague foi ficando mais confortável com o assunto. – As histórias que eu poderia lhe contar sobre os corações que ele partiu! Escândalo atrás de escândalo. Mas até mesmo Joshua mantinha sua própria casa livre de vagabundas e libertinas. Nem mesmo ele sequestrou uma mendiga faminta atrevida antes dela chegar à idade de poder dar o consentimento e a seduziu até a sua própria casa. E mantê-la sendo abertamente o que ela é: essa é a pior parte! Seria diferente se ele a colocasse em seu lugar. Não é bom aqueles plebeus saberem que uma de suas vagabundas está morando em posição de igualdade com um homem da classe de Ross. Isso coloca ideias em suas cabeças. Para dizer a verdade, quando fui vê-lo a última vez, apenas uma visita corriqueira, você compreende, e ainda assim muitos meses atrás, eu vi a criatura. Uma sedutorazinha. Já estava começando a se achar importante. Você sabe distinguir esse tipo em qualquer lugar.

– Mal se passa um dia – Polly Choake disse –, sem que ele venha até Sawle, com ela montada *atuás* no mesmo cavalo, toda arrumada em uma capa *veumelha*.

– Isso não é nada bom. Não é bom para a família. Surpreendo-me que eles não lhe digam que isso deve acabar.

– Talvez eles não *queiuam* – Polly riu. – Já dizem que ele é um homem de pavio *culto*. Eu mesma não *gostauia* de fazer isso, pois ele *podeuia* dar um golpe em alguém.

– Charles tem sido muito permissivo – entrou uma voz nova. Então Mrs. Chynoweth estava lá. Ela parecia estar irritada. – Quando Charles se for, Francis seguirá uma linha diferente. Se Ross se recusar a escutá-lo, ele deverá arcar com as consequências.

Polly Choake riu novamente. – Sem dúvida ela *adouauia* ser a *senhoua* de *Tuenwith* ao invés de Elizabeth. Talvez ela pudesse ajudar Francis a *melhouar* também. Meu *mauido*, Dr. Choake, me diz que ele *peudeu* cem guinéus num jogo de *cautas* noite passada.

– Apostar é o passatempo de um cavalheiro, Polly – disse Mrs. Teague.

– Possivelmente...

A risada de Polly ficou ainda mais alta. – Não me diga que levar *mulheues paua* a cama também não é!

– Fique quieta, criança; você precisa aprender a moderar sua voz. Não é...

– Isso é o que o doutor *sempue* fala...

– E está muito correto. Especialmente já que não é bem visto elevar a voz com risadas numa casa onde há doença. Diga-me, criança, quais outros rumores você ouviu sobre ele?

Capítulo Dezesseis

1

Charles teve falta de consideração o bastante para não voltar aos seus sentidos a tempo de satisfazer os convidados do batizado. Antes de partir, a última imagem que Ross teve da casa excepcionalmente silenciosa era a de tia Agatha ainda acalentando o bebê e uma pequena gota de saliva escorrendo pelas rugas em seu queixo enquanto ela murmurava: – É um mau presságio, com certeza. Imagino o que virá disso.

Contudo, não era na doença de Charles ou no futuro de Geoffrey Charles que Ross pensava no caminho para casa.

Em Nampara, eles haviam se preparado para o inverno podando alguns galhos dos ulmeiros para servirem de lenha adicional. Apenas uma árvore fora condenada, cujas raízes, no terreno macio perto do córrego, ficaram instáveis depois dos vendavais de outono. Jud Paynter e Jack Cobbledick amarraram uma corda a um dos galhos mais altos e estavam usando uma serra manual para duas pessoas no tronco. Depois de trabalharem por alguns minutos, eles se afastavam e davam um puxão na corda para ver se o tronco se desprenderia. O resto da casa tinha saído no crepúsculo da tarde para assistir. Demelza dançava ao redor tentando ajudar, e Prudie, seus braços musculosos cruzados como as raízes enlaçadas da árvore, estava de pé ao lado da ponte dando conselhos que não eram bem recebidos. Ela se virou e inclinou suas sobrancelhas pesadas para Ross.

– Vou pegar a sua égua. E como foi o batizado, hein? *Cê* tomou um bom gole de cerveja? E o pirralho, aquele queridinho; parece com Mr. Francis, é?

– É parecido o bastante. Qual é o problema de Demelza?

– Um dos seus temperamentos. Eu digo *pro* Jud, aquela garota ainda vai encontrar problemas sendo desse jeito. Ela *tá* assim desde que o pai dela foi embora.

– O pai dela? O que ele queria aqui?

– *Num* fez mais de meia hora que *cê* tinha saído, e ele veio. Sozinho dessa vez, usando suas roupas de domingo. ‘Quero ver minha *fia*’, ele disse, quieto como um urso velho, e ela veio tropeçando pela casa *pra* encontrar ele.

– E?

– *Cês deviam* puxar a árvore velha pelo outro lado – Prudie aconselhou numa voz que parecia sair de um órgão. – Ela não vai cair com vocês só brincando com ela.

A resposta de Jud foi levada rapidamente pelo vento. Ross caminhou lentamente em direção aos homens e Demelza veio correndo recebê-lo, correndo com um saltinho ocasional como ela costumava fazer quando ficava animada. Então a ausência havia amenizado o coração dela e houve uma reconciliação entre pai e filha, enfim. Sem dúvida ela iria querer voltar para casa e a fofoca tola e maliciosa perderia o seu propósito.

– Ela não quer cair – disse ela, virando quando chegou até ele e puxando para trás sua cabeleira para olhar para a árvore. – Ela é mais forte do que nós *suspeitava*.

Fofoca tola e maliciosa. Fofoca má, vazia, e suja. Ele poderia torcer o pescoço inútil de Polly Choake. Ele poderia não ter conseguido ficar com Elizabeth, mas ainda não tinha afundado tanto a ponto de seduzir sua própria cozinheira. Demelza, de todas as mulheres, cujo corpinho magrelo e sujo ele tinha encharcado com água fria quando ela chegara, ao que parecia ser tantos meses atrás. Ela havia crescido desde então. Ele supôs que as fofocas do interior não suportariam entender que o filho de Joshua vivesse uma vida celibatária. Algumas mulheres tinham mentes como um esgoto; se não houvesse um fedor elas tinham que criar um.

Demelza se mexia e olhava para ele desconfortavelmente, como se estivesse ciente do seu escrutínio. Ela o lembrava de um potro inquieto, com suas pernas longas e seu olhar de canto de olho. Quando ela estava em um de seus temperamentos, como Prudie dizia, não havia como prever o que ela faria em seguida.

– O seu pai esteve aqui – disse ele.

O rosto dela se iluminou. – Siiim! Eu fiz as pazes com ele. *Tô* muito feliz por isso! – a expressão dela mudou conforme ela tentava ler a expressão dele.

– Fiz errado?

– É claro que não. Quando ele deseja que você volte?

– Se ele quisesse isso eu *num* podia fazer as pazes, *num* é? – ela riu com prazer, uma risada contagiante. – Ele *num* quer que eu volte, porque ele se casou de novo. *Se casou* de novo na segunda! Então agora ele *tá* pronto *pra* ser amigável e eu *num* preciso mais pensar toda noite no que o irmão Luke *tá* fazendo e se o irmão Jack sente minha falta. A viúva Chegwidden vai tomar conta deles *muito mais melhor* do que eu conseguia. A viúva Chegwidden é uma *Metodisa*[10] e vai cuidar bem deles.

– Ah! – exclamou Ross. Então, ele não se livraria de sua responsabilidade afinal.

– Eu acredito que ela quer converter papai. Ela pensa que consegue *fazer ele* mudar de lado. É aí que ela está enganada, eu acho.

Os dois homens, depois de terem serrado por alguns minutos, caminharam solenemente até o final da corda e começaram a puxar. Ross se juntou a eles e acrescentou o seu peso. Um espírito perverso dentro dele ficou feliz por não ter a alternativa fácil de combater a fofoca escandalosa. *Que elas falem até que suas línguas caiam.*

Mas certamente Elizabeth não acreditaria em tal história.

Ele deu um puxão extra na corda e ela se partiu onde estava amarrada ao galho da árvore. Ele se sentou com os outros dois homens. Garrick, que tinha saído em uma caça aos coelhos privada e perdeu a diversão, voltou correndo pelo vale, e saltitava entre os três homens, lambendo o rosto de Jud quando este se ajoelhou.

– Maldito seja o cão dos infernos! – disse Jud, cuspindo.

– Esta corda que vocês estavam usando é de um material ruim – disse Ross. – Onde a encontraram?

– Na biblioteca – respondeu Jud.

– *Tava* úmida em uma ponta – disse Demelza. – O resto *tá* firme.

Ela pegou a corda e começou a escalar a árvore como um gato brincalhão.

– Volte aqui! – disse Ross.

– Ela foi quem a colocou lá em cima da primeira vez – disse Jud, posicionando-se para chutar Garrick.

– Ela não deveria ter feito isso. Mas agora... – Ross chegou mais perto.

– Demelza! Desça!

Ela o ouviu dessa vez e parou para olhar por entre os galhos: – O que devo fazer? Já *tô* quase lá.

– Então, amarre-a de uma vez e desça.

– Vou amarrar no próximo galho – ela colocou seu pé para cima e subiu mais alguns centímetros.

– Desça!

Houve um barulho ameaçador.

– Tome cuidado! – gritou Jud.

Demelza parou e olhou para baixo, parecendo com um gato mais do que nunca agora que descobriu que seu apoio era instável. Ela deu um gritinho quando a árvore começou a cair. Ross pulou para fora do caminho. A árvore caiu com um barulho prolongado exatamente como o do derrubar de uma pilha de ardósias. Em um segundo, só havia barulho, e, no outro, o silêncio completo. Ele avançou correndo, mas não conseguiu chegar muito perto devido aos galhos espalhados. Bem no meio apareceu Demelza repentinamente, escalando por entre os galhos com suas mãos parecendo patas. Prudie veio apressada dos estábulos, gritando: – Minha nossa! Minha nossa!

Jack Cobbledick alcançou a garota primeiro pelo seu lado, mas eles tiveram que cortar alguns dos galhos menores antes de conseguirem soltar suas roupas. Ela engatinhou para fora rindo. Suas mãos estavam arranhadas e seus joelhos sangrando, a batata de uma perna estava cheia de cortes, mas fora isso ela não havia se ferido.

Ross olhou para ela furioso: – Você fará o que eu disser no futuro. Não quero nenhum membro quebrado aqui.

A risada dela desapareceu sob o seu olhar. – Não – ela lambeu o sangue de uma palma, depois olhou para as suas roupas. – Minha nossa, arruinei meu vestido – ela torceu seu pescoço em um ângulo impossível para ver as costas.

– Leve a criança e dê a ela alguma coisa para esses cortes – disse Ross para Prudie. – Ela está além dos meus cuidados agora.

2

Em Trenwith House, a noite progredia em direção ao fim. Quando os convidados que não passariam a noite lá tinham ido embora, um silêncio e uma letargia recaíram sobre a casa. A ausência de vento e as cinzas reluzentes no grande fogo que queimava sobre a lenha tornaram o salão incomumente quente, e cinco cadeiras bem estofadas de encosto alto continham um semicírculo de parentes bebendo vinho do Porto.

No andar de cima, em sua grande cama acortinada e ao final de sua vida ativa, Charles Poldark arfava em respirações curtas e ansiosas no ar contaminado, que era tudo que a medicina o permitiria. Em outro cômodo mais distante, na passagem oeste, Geoffrey Charles, no início de sua vida ativa, estava tomando o alimento que sua mãe podia oferecê-lo, o qual a medicina não havia encontrado um meio de alterar.

Durante o último mês, Elizabeth havia descoberto todo tipo de sensações novas. O nascimento de seu filho fora a experiência suprema de sua vida, e olhando para baixo agora, para o topo da cabeça pálida e cabeluda de Geoffrey Charles tão perto de sua própria pele clara, ela se encheu de uma sensação assustadora de orgulho, poder e realização. No momento de seu nascimento, a existência dela fora transformada; ela aceitara, agarrara um cargo vitalício de maternidade, uma tarefa de orgulho e completamente exigente ao lado da qual os afazeres domésticos se tornavam vazios.

Depois de um longo período de grande fadiga, ela começou a se recuperar repentinamente, e, na última semana, ela se sentira tão bem como nunca antes em sua vida. Mas ela estava em um estado sonhador, indolente, contente em ficar deitada um pouco mais e pensar em seu filho e observá-lo e deixá-lo dormir na curva de seu braço. Sentir que, ao ficar na cama, ela estava colocando mais responsabilidades sobre Verity teria a perturbado muito, mas ela ainda não conseguia encontrar a determinação de quebrar o

encanto de se sentir inválida e começar a se movimentar como antes. Ela não conseguia suportar a separação de seu filho.

Nesta noite, ela estava deitada na cama e escutava aos sons de movimento pela antiga casa. Durante o seu mal-estar, ela tinha aprendido a identificar cada barulho com seus ouvidos aguçados; cada porta fazia um som diferente quando era aberta: o tremer e ranger do cobre das dobradiças sem óleo, o clicar e o raspar de trancas diferentes, a tábua frouxa aqui e o assoalho sem carpete ali, de tal modo que ela conseguia seguir os movimentos de todos na parte oeste da casa.

Mrs. Tabb lhe trouxe seu jantar, uma fatia de peito de capão, um ovo levemente cozido e um copo de leite morno. Por volta das nove horas, Verity entrou e se sentou por dez minutos. Verity havia superado sua decepção muito bem, Elizabeth pensou. Um pouco mais calada, um pouco mais preocupada com a vida dentro de casa. Ela tinha uma força de espírito e uma autoconfiança maravilhosas. Elizabeth era grata pela coragem dela. Ela pensava, e estava muito errada, que ela mesma tinha muito pouco disso, e admirava tais qualidades em Verity.

– Papai abriu os olhos uma ou duas vezes – disse Verity –, e o convenceram a engolir um bocado de conhaque.

Charles Poldark não parecia reconhecer ninguém, mas estava dormindo mais tranquilamente e Verity tinha esperanças. Ela iria ficar de vigília caso ele precisasse de algo. Ela poderia cochilar na poltrona dele.

Às dez horas, Mrs. Chynoweth subiu as escadas e insistiu em dar boa noite para sua filha. Ela falava sobre o pobre Charles com uma voz tão determinada que acordou o seu neto; depois ela continuou falando enquanto ele era alimentado, algo que Elizabeth odiava. Mas, finalmente, ela fora embora e o bebê dormira, e Elizabeth esticou seus membros na cama e escutou contente enquanto Francis se movia pelo quarto ao lado do dela. Logo ele viria dar boa noite e, então, haveria um período longo de escuridão e paz até de manhã cedo.

Francis entrou pisando com cuidado exagerado e pausando um instante para observar o bebê dormindo, depois sentou-se na beirada da cama e pegou a mão de Elizabeth.

– Minha pobre esposa, negligenciada como de costume – disse ele. – Seu pai estava falando por horas sem parar sobre suas queixas contra Fox e Sheridan, enquanto você estava aqui sozinha perdendo todos os deleites da conversa.

Em meio à sua brincadeira, havia certa dose de sentimentos reais. Francis havia ficado um pouco incomodado por ela ter ido para a cama tão cedo, mas ao vê-la, seu ressentimento desapareceu e seu amor retornou. Durante alguns minutos, eles conversaram em voz baixa, depois ele se inclinou para beijá-la. Ela lhe ofereceu seus lábios sem pensar, e foi somente quando os braços dele a envolveram que ela percebeu que, naquela noite, a pequena saudação amistosa não seria o suficiente. Depois de um minuto ele se sentou novamente e sorriu para ela de uma maneira um pouco perplexa.

– Há algo de errado?

Ela fez um gesto em direção ao berço.

– Você com certeza irá acordá-lo, Francis.

– Ah, ele acabou de comer. Ele dorme profundamente depois disso. Você mesma me disse.

– Como está o seu pai? Ele melhorou? De alguma forma não dá para se sentir bem... – disse Elizabeth, hesitante.

Francis deu de ombros, sentindo-se mal com a rejeição dela. Ele não estava feliz com o colapso de seu pai, ele não era indiferente quanto às consequências disso; mas isso era algo separado. As duas condições existiam simultaneamente. Hoje ele a tinha carregado para baixo das escadas, levantando seu peso, lamentando que ela não fosse mais pesada, mas contente por sentir a essência sob sua fragilidade. Desde aquele momento, o cheiro dela pareceu ter se prendido às suas narinas. Ao fingir-se ocupar com os convidados, ele não teve olhos para mais ninguém na realidade.

– Não estou me sentindo bem esta noite. A doença de seu pai me deixou muito triste.

Ele lutava contra seus sentimentos, tentando ser sensato. Como todo homem orgulhoso, ele odiava ser rejeitado dessa forma. Isso o fazia se sentir como um jovem libertino.

– Alguma hora – disse ele –, você irá se sentir bem novamente?

– Isso não é justo, Francis. Não é minha escolha não ser tão forte.

– Nem minha.

A lembrança de sua própria restrição durante os últimos meses borbulhava dentro dele. Isso e outras coisas. – Percebi que você não franziu o rosto ou pareceu fraca com o Ross nesta tarde.

A indignação passou pelos olhos dela. Desde o início, as coisas que Ross tinha dito encontraram desculpas e justificativas na mente dela. Ela não o via mais e sentia pena dele. Durante os meses antes de seu bebê chegar, ela pensara bastante em Ross, na solidão dele, em seus olhos pálidos e em sua face selvagem e marcada. Como todos os seres humanos, ela não podia evitar comparar, de maneira tola, o que ela tinha com o que poderia ter tido.

– Por favor, deixe-o fora disso – disse ela.

– Como eu poderia? – ele retrucou –, se você não o faz.

– O que você quer dizer? Ross não significa nada para mim.

– Talvez você esteja começando a se arrepender disso.

– Eu acho que você deve estar bêbado, Francis, para falar comigo dessa maneira.

– Uma tolice esplêndida você fez da presença dele nesta tarde. ‘Ross, sente-se aqui ao meu lado’, “Ross, o meu bebê não é lindo?’, ‘Ross, pegue um pedaço daquele bolo’. Ora, ora, que coisa.

Elizabeth disse, quase raivosa demais para falar: – Você está sendo absurdamente infantil.

Francis se levantou. – Ross, tenho certeza, não seria infantil.

Deliberadamente tentando magoá-lo de volta, ela disse: – Não, tenho certeza de que ele não seria.

Eles encararam um ao outro.

– Bom, agora está bem claro, não é mesmo? – disse ele, e a deixou.

Ele correu para seu próprio quarto, batendo a porta sem pensar no homem enfermo ou no bebê dormindo. Depois, ele se despiu de qualquer jeito, deixando suas roupas no chão, e foi para a cama. Ficou deitado com suas mãos atrás de sua cabeça e seus

olhos abertos durante uma hora ou mais antes de ir dormir. Ele estava consumido por decepção e ciúmes. Todo o amor e o desejo dentro dele haviam se transformado em amargura, aridez e desolação. Não havia ninguém para dizê-lo que ele estava errado ao ter ciúmes de Ross. Não havia ninguém para dizê-lo que outro rival mais poderoso surgira recentemente. Não havia ninguém para alertá-lo sobre Geoffrey Charles.

Capítulo Dezessete

1

No desenvolvimento da inteligência de Demelza, um cômodo em Nampara teve papel distinto. Esse cômodo era a biblioteca. Levou bastante tempo para ela superar a sua desconfiança do cômodo sombrio e empoeirado, uma desconfiança derivada da única noite que ela havia passado na (ao lado da) grande cama estilo box cercada por painéis de madeira. Ela descobriu posteriormente que a segunda porta naquele quarto levava até a biblioteca, e um pouco do medo daquela primeira hora havia se anexado ao quarto além da segunda porta.

Mas o medo e a fascinação andam de mãos dadas, e, uma vez dentro do cômodo, ela nunca mais se cansou de voltar para lá.

Desde o seu retorno, Ross tinha abandonado o local porque cada objeto ali trazia memórias de sua infância, de sua mãe e seu pai, e suas vozes e pensamentos e esperanças esquecidos. Para Demelza, não havia memórias, apenas descobertas.

Metade dos objetos, ela nunca tinha visto antes. Para alguns deles, nem mesmo o seu cérebro engenhoso conseguia inventar uma utilidade, e, já que ela não sabia ler, os papéis amarelos em pilhas, as pequenas placas e etiquetas escritas e grudadas a certas coisas não eram de ajuda alguma.

Havia o busto de Mary Buckingham, que aparecera na praia, Jud disse a ela, em 1760, três dias depois de Ross nascer. Ela gostava de seguir os entalhes desta figura com seu dedo. Havia o baú náutico esculpido da pequena embarcação de duas velas que quebrara sua popa em Damsel Point, e fora trazido até a praia de Hendrawna e escureceu as areias e as dunas com sua poeira de carvão pelas semanas seguintes. Havia amostras de latão e de minério de cobre, muitas delas sem etiquetas e todas inúteis de qualquer jeito. Havia retalhos de tecido de tela para remendar velas, e quatro baús fechados com trancas de ferro cujos conteúdos ela só podia imaginar. Havia um relógio de um avô com algumas de suas partes internas faltando – ela passou horas examinando este com

alguns dos pesos e das rodas dentadas, tentando descobrir como ele poderia ter funcionado.

Havia uma armadura de um mensageiro, terrivelmente enferrujada e antiga, duas bonecas de pano e um cavalo de balanço feito à mão, seis ou sete mosquetes inúteis, uma espineta que outrora pertencera a Grace, duas caixinhas de fumo francesas e uma caixinha de música, um rolo de tapeçaria destruída por traças de algum outro navio, uma picareta de mineração e uma pá, um lampião para tempestades, meio tonel de pólvora, um rascunho de mapa preso à parede mostrando a extensão dos trabalhos em Grambler de 1765.

De todas as descobertas, as mais animadoras para ela foram a espineta e a caixinha de música. Um dia, após remexer por uma hora, ela persuadiu a caixinha de música a funcionar, e tocou dois minuetos agudos e com tremeliques. Em sua animação e triunfo, ela dançou em volta do instrumento em uma perna só, e Garrick, pensando que isto era um novo jogo, pulava ao redor também e mordeu um pedaço de sua saia. Então, quando a música terminou, ela se apressou e se escondeu em um canto para que, caso alguém tivesse ouvido, não entrassem e os encontrassem ali. Uma descoberta maior ainda foi a espineta, mas esta tinha o lado ruim de que ela não conseguia fazer o objeto tocar uma música. Uma ou duas vezes, quando ela tinha certeza de que não havia ninguém por perto, ela se aventurava a tentar, e os sons a fascinavam mesmo quando eram desarmoniosos. Ela se descobriu perversamente atraída por tais sons e queria ouvi-los de novo e de novo. Um dia, ela descobriu que quanto mais seus dedos se moviam para a direita, mais finos os sons se tornavam, e isso pareceu solucionar o quebra-cabeça. Ela sentia que seria muito mais simples extrair músicas daquilo do que tentar compreender aqueles rastros de teia de aranha horríveis que as pessoas chamavam de escrita.

2

Charles Poldark teve uma recuperação obstinada de seu enfarte, mas ficou confinado à casa pelo resto do inverno. Ele continuava ganhando peso. Logo em seguida, tudo que ele

conseguia fazer era se esforçar para descer as escadas e se sentar ofegante, inchado e roxo em frente à lareira da sala. Ele ficava lá por horas, mal falando, enquanto tia Agatha trabalhava na roca de fiar ou lia a Bíblia para si mesma em uma voz baixa audível. Às vezes, durante as noites, ele conversava com Francis, fazendo-lhe perguntas sobre a mina, ou tamborilava levemente no braço de sua poltrona em acompanhamento suave enquanto Elizabeth tocava uma música na harpa. Ele raramente conversava com Verity, exceto para reclamar que algo não estava do seu gosto, e normalmente cochilava e roncava em sua cadeira antes de se permitir ser carregado para o andar de cima até a cama.

O bebê de Jinny Carter nasceu em março. Assim como o bebê de Elizabeth, era um menino; e ele foi batizado, com a devida permissão, de Benjamin Ross.

Uma quinzena após o batizado, Ross recebeu um visitante inesperado. Eli Clemmow havia caminhado na chuva o caminho todo desde Truro. Ross não o via há dez anos, mas ele reconheceu instantaneamente o seu andar torto. Diferentemente de seu irmão mais velho, Eli tinha um físico de uma escala estreita e econômica, com uma sugestão de ascendência mongol em suas feições. Quando falava, ele batia e enrolava a língua nos dentes como se seus lábios fossem ondas quebrando sobre as rochas na maré média. De início, ele foi se insinuando, perguntando sobre o desaparecimento de seu irmão, questionando se nenhum vestígio fora encontrado. Depois foi complacente, mencionando com satisfação o cargo bom que havia obtido. Criado pessoal de um advogado; uma libra por mês e tudo incluso; um pequeno quarto aconchegante, iluminação, um gole de ponche todo sábado à noite. Mais tarde, quando ele levantou a questão dos pertences de seu irmão, e Ross respondeu francamente que ele poderia levar o que quer que encontrasse no chalé, mas que duvidava que houvesse qualquer coisa que valesse a pena o esforço de ser carregada, os olhos de Eli revelaram a malícia que estava escondida o tempo todo por trás de seu comportamento adulador.

– Sem dúvida – disse Eli, sugando seus lábios para dentro –, todos os vizinhos já levaram qualquer coisa de valor.

– Nós não encorajamos ladrões – Ross observou. – Se quiser fazer comentários desse tipo, faça-os para as pessoas a quem você acusa.

– Bom – disse Eli piscando –, eu *num* estaria *dizeno* mais do que tenho o direito de falar se dissesse que meu irmão foi afugentado da sua casa por línguas mentirosas.

– O seu irmão deixou a casa dele porque ele não conseguiu aprender a controlar seus apetites.

– E ele fez alguma coisa?

– Alguma coisa?

– Alguma coisa errada.

– Nós conseguimos prevenir isso.

– Sim, mas ele foi afugentado de sua casa sem fazer nada, e talvez tenha morrido de fome. Nem a lei diz que *cê* pode punir um homem antes que ele faça algo errado.

– Ele não foi afugentado de sua casa, homem.

Eli mexia em seu chapéu. – Claro que todos sabem que *cê* sempre teve algo contra nós. Você e seu pai. Seu pai colocou Reuben *pra* trabalhar com o estoque ganhando quase nada. É difícil *num* lembrar disso.

Eli engoliu algo e tomou fôlego novamente. – Ora, *sinhô*, *cê acabou* de dizer que eu podia ir lá *pra* levar qualquer coisa do meu irmão que valha a pena carregar. *Cê* acabou de dizer. Isso é a justiça comum.

– Eu não interfiro na vida de meus rendeiros a não ser que eles interfiram na minha. Vá até o chalé e pegue o que quiser. Depois volte para Truro e fique lá, pois você não é bem-vindo neste distrito.

Os olhos de Eli Clemmow brilharam e ele parecia estar prestes a dizer mais, mas mudou de ideia e saiu da casa sem dizer uma palavra. E foi assim que Jinny Carter, cuidando de seu bebê perto da janela do andar de cima, viu o homem descer a colina na chuva com seu andar lento e repuxado e entrar no chalé ao lado. Ele ficou lá dentro por volta de meia hora, e depois ela o viu sair com um ou dois artigos debaixo de seu braço. O que ela não viu foi a expressão pensativa em sua face mongol e astuta. Ficou claro para

as percepções peculiares de Eli que o chalé tinha sido habitado por alguém há menos de uma semana.

3

Naquela noite, o vento aumentou com violência e soprou incansável durante o dia seguinte. Na noite seguinte, por volta das nove horas, veio a notícia de que um navio estava na baía e sendo trazido para a costa entre Nampara e Sawle. Demelza havia passado a maior parte da tarde da maneira que ela tinha começado a passar muitas tardes quando a chuva pesada parava todos os trabalhos externos, exceto os mais urgentes. Se Prudie tivesse uma mente mais hábil, ela teria ensinado a garota algo além de costurar o ponto de cruz correto, porém, primitivo como Demelza agora conhecia; e havia a tecelagem e a fiação para se aprender, a secagem e o tingimento dos juncos para se fazer os lampiões de junco. Mas essas coisas estavam além da ideia de Prudie de artesanato doméstico. Quando era impossível escapar do trabalho, ela trabalhava, mas qualquer desculpa era boa o bastante para ela se sentar e tirar seus sapatos e fazer uma xícara de chá. Então, logo depois do jantar, Demelza havia escapado para a biblioteca.

E nesta tarde, completamente por acaso, ela fez a maior descoberta de todas. Enquanto um entardecer prematuro estava se formando, ela descobriu que um dos baús grandes não estava realmente trancado, mas preso apenas por um fecho falso. Ela levantou a tampa e encontrou o interior cheio de roupas. Havia vestidos e lenços, tricórnios e luvas com interior de pelos, uma peruca para uso em tribunais e meias vermelhas e azuis, um par de sapatos femininos de renda verde com saltos azuis. Havia um lenço de pescoço de musselina e uma *pena de avestruz*. Havia uma garrafa com um líquido que cheirava a gin, o único inebriante que ela conhecia, e outra parcialmente cheia desse cheiro.

Apesar de já ter passado mais tempo lá do que de costume, ela não conseguia se forçar a sair, e ficava tocando o veludo e a renda e a seda de novo e de novo, acariciando-os e removendo os resquícios de lavanda seca. Ela não conseguia soltar os sapatos de

renda com os saltos azuis; eles eram elegantes demais para serem reais. A pena de avestruz ela cheirou e colocou contra sua bochecha. Então ela a amarrou em volta de seu pescoço e colocou um chapéu de pelos e deu piruetas para cima e para baixo na ponta dos pés, fingindo ser uma grande dama, com Garrick engatinhando aos seus pés.

Cercada pela escuridão, Demelza vivia como em um sonho, até que ela acordou e descobriu que não conseguia enxergar mais nada, que estava sozinha no cômodo sombrio, com a corrente de ar trazendo o frio e a chuva que entravam através das persianas. Assustada, ela correu até o baú, enfiou lá dentro tudo que conseguiu encontrar, fechou a tampa, e saiu pelo quarto grande, indo dali para a cozinha.

Prudie teve que acender as velas, e deu-lhe uma bronca de mau-humor, a qual Demelza, que ainda não estava ansiosa para ir para a cama, habilmente contornou a gorda mulher, até que esta se transformou na continuação da história da vida de Prudie. Dessa forma, a garota tinha acabado de subir as escadas e ainda não estava dormindo quando Jim Carter e Nick Vigus apareceram para dizer que havia um navio em apuros. Quando Ross, tirado de seu livro, se preparou para ir com eles, ele encontrou Demelza, com um lenço segurando seus cabelos e dois sacos de pano velhos sobre seus ombros, esperando para perguntar se ela poderia ir também.

– É melhor que você fique na cama – disse Ross. – Mas fique à vontade se quiser se molhar.

Eles saíram, Jud carregando uma corda forte, caso houvesse a chance de oferecer ajuda.

A noite estava tão escura a ponto de não se enxergar nada. Fora da proteção da casa, o vento dava um golpe que não era temporário, mas prolongado. Eles tentaram vencê-lo, dando passos à frente que deveriam ser um avanço. Um dos lampiões de tempestade apagou, o outro tremulava e fraquejava, emitindo um círculo de luz que dançava por eles como palhaços e mostrava suas botas pesadas fazendo barulhos molhados através da grama encharcada. Uma ou duas vezes a força do vento foi tão grande que todos eles foram interrompidos, e Demelza, lutando em silêncio ao

lado deles, teve que agarrar o braço de Jim Carter para segurar seus pés no solo.

Enquanto eles se aproximavam da colina a chuva veio novamente, os encharcando dentro de poucos segundos, respingando em suas bocas e olhos. Eles tiveram de dar as costas e se agacharem atrás de um monte até que ela passasse.

Havia pessoas na beirada da colina. Lampiões piscavam aqui e ali como vaga-lumes. Abaixo deles, alguns metros mais para baixo, mais luzes brilhavam. Eles desceram por um caminho estreito até encontrarem um grupo de pessoas em uma península ampla, todas olhando para o mar.

Antes que pudessem descobrir muita coisa, uma figura apareceu pelo caminho mais baixo, surgindo de dentro da escuridão como um demônio de um abismo. Era Pally Rogers, de Sawle, pelado e escorrendo com seu corpo peludo e sua grande barba pontuda no queixo.

– Não é nada de bom – ele gritou. – Eles bateram não faz quinze minutos...

O vento levou sua voz para longe. – Se estivesse mais *pra* dentro, nós podíamos trazer uma corda *pra* eles – ele começou a vestir suas calças.

– Você tentou ir até eles? – Ross gritou.

– Três de nós tentaram nadar. O Senhor foi contra a tentativa. Não vão durar muito agora. Pegou bem numa tábua, com água jorrando *pra* cima dela. Quando amanhecer *vai ser* só os destroços.

– Alguém da tripulação chegou às margens?

– Dois. Mas o Senhor Deus levou as suas almas. Terão mais cinco antes do sol nascer.

Nick Vigus se enfiou entre eles, e um brilho do lampião mostrou sua face rosa brilhante com sua inocência desdentada e coberta de pústulas.

– Qual carga ela trazia?

Pally Rogers torceu a água de sua barba. – Papel e lã de Padstow pelo que dizem.

Ross os deixou e desceu mais a colina com Jud. Não foi até se aproximarem do final que ele descobriu que Demelza os seguira. Ali eles estavam protegidos contra o vento, mas dentro de alguns

segundos uma onda se quebraria contra uma barreira de pedra e os inundaria com os respingos. A maré estava subindo. Abaixo deles, nos últimos metros quadrados de areia, havia um aglomerado de lampiões onde os homens ainda estavam sentados esperando por qualquer trégua do mar para arriscarem suas vidas e nadarem até o navio afundando. Era possível ver uma mancha escura que poderia ser um rochedo, mas que eles sabiam que não era. Não havia mais luzes nela e nenhum sinal de que sobrara alguém vivo.

Ross escorregou no caminho molhado e Jim Carter segurou seu braço. Ross o agradeceu. – Não há nada a ser feito aqui – ele murmurou.

– Não, senhor, acho que vou voltar. Jinny pode estar ficando nervosa.

– Tem outro chegando – gritou uma mulher velha por ali. – Olha ali, flutuando como uma rolha. Primeiro a cabeça, depois o rabo. *Vai ter* uma bela porção de achados com a maré da manhã! *Vai ter* destroços *pra* gente!

Uma nuvem de respingos caiu sobre eles como um enxame de insetos.

– Leve esta garota de volta com você – disse Ross.

Demelza abriu sua boca para protestar, mas o vento e os respingos vieram juntos e tiraram o seu fôlego. Ross os observou subindo até eles ficarem fora de sua visão, depois desceu para se juntar ao grupo de lampiões na areia.

Capítulo Dezoito

1

Jinny Carter se mexeu em sua cama. Ela estava sonhando, sonhando semiacordada que assava uma torta estrelada de sardinhas[11] e, de repente, todos os peixes piscavam seus olhos, se transformavam em bebês e começavam a chorar. Agora, desperta, o choro ainda estava em seus ouvidos. Ela se sentou e procurou escutar o seu próprio bebê no berço de madeira que Jim havia construído, mas não havia som algum. Devia ter sido a sua imaginação distorcendo o bater da chuva contra as persianas bem fechadas, o uivo da ventania conforme esta serpenteava pelos chalés e ia ferozmente para dentro da ilha. Por que Jim deixara sua cama confortável e saíra na noite selvagem com a esperança de recolher alguma porção dos destroços? Ela o pediu para não ir, mas ele não lhe deu atenção. Era assim: ela sempre o pedia para não ir, e ele sempre arrumava uma desculpa e ia. Por duas ou três noites na semana ele ficava ausente – para voltar na madrugada com um faisão ou uma perdiz gorda debaixo do braço.

Ele tinha mudado bastante nesses últimos meses. Isso começou mesmo em janeiro. Em uma semana, ele ficou afastado da mina, pois ficou de cama, tossindo, tossindo, tossindo. Na semana seguinte, ele saiu duas noites com Nick Vigus e voltou com comida para ela, algo que o fim do salário dele tornara impossível. Não adiantava nada dizer a ele que ela preferiria ficar sem comida quantas vezes fosse preciso do que arriscar que o pegassem quebrando a lei. Ele não via as coisas daquela forma, e ficava magoado e desapontado se ela não demonstrasse alegria.

Ela saiu da cama com um arrepio e foi até as persianas. Não fez esforço para abri-las, ou a chuva teria entrado com força no quarto; mas, através de uma abertura onde a chuva escorria, ela conseguiu ver que a noite estava tão escura quanto nunca. Pensou ouvir um barulho no cômodo abaixo. Toda a madeira do chalé rangia e se mexia com o esforço. Ela ficaria aliviada quando Jim estivesse de volta. Ela quase ficaria contente se Benjy tivesse chorado, pois

então haveria uma desculpa para trazê-lo para sua própria cama para aninhá-lo e sentir o aperto de suas mãozinhas predadoras. Mas o bebê estava dormindo.

Ela voltou para a cama e puxou o cobertor até o seu nariz. Os maus hábitos de Jim eram, na realidade, tudo culpa de Nick Vigus. Ele era a má influência, com o seu rosto de bebê maldoso. Ele oferecia coisas para Jim nas quais Jim nunca teria pensado, ideias sobre propriedade e o direito de pegar comida para sua própria barriga que não pertencia a ele. É claro que Nick usava tais argumentos apenas como uma desculpa para qualquer um de seus afazeres ardilosos que o levavam a infringir a lei. Mas Jim os aceitava seriamente, esse era o problema. Ele nunca teria pensado em roubar para se alimentar, mas estava começando a se sentir justificado ao roubar para alimentar sua família.

Uma rajada forte bateu contra a persiana; era como se um homem enorme estivesse se inclinando contra a casa e tentando tombá-la. Ela cochilou por um minuto, sonhando com uma vida feliz onde a comida era abundante para todos e as crianças cresciam rindo, sem a necessidade de trabalhar assim que aprendessem a andar. Então ela acordou completamente com um susto, ciente de que havia uma luz em algum lugar. Ela viu três ou quatro brilhos no chão e sentiu o prazer aconchegante de saber que Jim estava em casa. Ela pensou em descer para ver quais notícias ele trazia para ter voltado tão cedo, mas o calor de sua cama e a friagem do quarto a roubaram de sua força de vontade. Ela cochilou novamente e depois acordou com o barulho de algo caindo no cômodo abaixo.

Talvez Jim tivesse trazido algum prêmio de volta e estivesse o colocando em um canto. Era por isso que ele retornara tão cedo. Era estranho que não havia ninguém com ele, nenhuma voz de Nick ou de seu pai. Talvez eles tivessem ficado lá. Mas a melhor chance de resgatar algo viria com a luz da manhã. Ela torcia para que todos tivessem sido cuidadosos. Fazia menos de dois anos que Bob Tregea havia se afogado tentando levar uma corda até um navio – e ele deixou uma viúva e filhos pequenos.

Jim não subiu para vê-la. É claro que ele pensou que ela estivesse dormindo. Ela abriu sua boca para chamá-lo, e quando o fez teve uma sensação repentina e desagradável de aperto em seu

coração enquanto se perguntava se o homem lá embaixo era mesmo Jim. Algum movimento pesado tinha induzido a dúvida. Jim tinha pés muito leves. Agora ela se sentou na cama e escutou. Se fosse Jim, então ele estava procurando por algo, de maneira desastrada e bêbada. Mas Jim não tocava em nada além de um caneco de cerveja leve desde que se casou. Ela esperou, e uma ideia que havia vindo de algum lugar para sua mente germinou e cresceu de repente...

Para ela só parecia haver um homem que entraria assim enquanto Jim estivesse fora, que se moveria de maneira tão desastrada, que poderia subir as escadas a qualquer momento – e ele havia desaparecido há meses atrás, pensava-se que ele estivesse morto. Não era visto mais há tanto tempo que a nuvem em sua mente tinha desaparecido. Ela ficou encolhida e escutou a ventania e os movimentos do visitante. Ela não se moveu nem um centímetro com medo de fazer barulho. Era como se seu estômago e pulmões estivessem congelando gradualmente. Ela esperou. Talvez, se não houvesse barulho, ele iria embora. Talvez ele não fosse subir para encontrá-la ali sozinha. Talvez, muito em breve, Jim realmente estivesse de volta...

Ou talvez, ele ainda estivesse lá embaixo perto dos rochedos observando os esforços feitos para salvar homens que ele nunca tinha visto antes, enquanto sua esposa estava em casa, parada na cama como uma pedra, e um louco pervertido e esfomeado andava pelo cômodo abaixo.

... E o bebê começou a chorar. Jinny tentou sair da cama, mas ela havia perdido todos os ossos em seu corpo; ela não conseguia se mover e não conseguia deglutir. O bebê parou, começou novamente com mais confiança: um gemido fino comparado às rajadas de vento. Ela finalmente saiu da cama, o pegou no colo, quase o deixou cair com suas mãos incertas e apressadas.

A luz no andar de baixo crepitava e piscava. Houve um ranger nas escadas.

Ela não tinha mais palavras para rezar, nem oportunidade para se virar e se esconder. Ela ficou de pé ao lado da cama, suas costas contra a parede, a criança se mexendo de leve em seus

braços que a apertavam firmemente, enquanto a porta de alçapão do quarto foi levantada devagar. Então ela soube, assim que viu a mão segurando a madeira nodosa do chão, que seus instintos não estavam engados, que ela teria de encarar algo que nunca tinha visto antes.

2

Através da luz da vela que ele carregava, era possível ver as mudanças que meses morando em cavernas solitárias tinham causado. A carne havia se esvaído de sua face e braços. Ele estava vestido em trapos e descalço, sua barba e cabelo estavam desgrenhados e molhados, como se estivesse vindo de alguma caverna debaixo d'água. Contudo, era o mesmo Reuben Clemmow que ela sempre conhecera, com os olhos pálidos e egocêntricos, e a boca incerta, e as marcas brancas na face avermelhada pelo sol. Ela lutou contra uma onda de enjoo e o encarou.

– Onde está a minha frigideira? – disse ele. – Roubou minha frigideira.

O bebê em seus braços se contorceu e arfou querendo respirar, e começou a chorar novamente. Reuben subiu os degraus e o alçapão fechou com uma batida. Pela primeira vez ele viu o rolinho que ela segurava firme. O reconhecimento da figura dela veio lentamente. Quando veio, todo o resto veio junto, a lembrança dos danos causados a ele, do por que ele foi forçado a se afastar das pessoas e frequentar o seu chalé apenas à noite, do ferimento de dez meses atrás que ainda infeccionava em seu lado, de seu desejo por ela, de seu ódio pelo homem que havia dado a ela essa criança barulhenta, Ross Poldark.

– Lírio – ele murmurou. – Lírio branco... Pecado...

Ele havia passado tanto tempo afastado das pessoas que perdera a habilidade de fazê-las compreendê-lo. A fala era apenas para si próprio. Ele se endireitou desajeitadamente, pois os músculos haviam se contraído ao redor do ferimento. Jinny estava rezando novamente. Ele deu um passo à frente.

– Lírio puro – disse ele, e então algo na postura da garota fez seu cérebro dar um clique e pensar em uma fala esquecida de sua

infância. – ‘Por que ficas tão longe e escondes teu rosto na hora do perigo? Aqueles que não são de Deus são punidos por sua própria luxúria; que sejam apanhados pela artimanha do que imaginaram. Pois os que não são de Deus se gabam dos desejos em seus corações, e falam bem dos cobiçosos’.

Ele tirou sua faca, uma velha faca de caçador, com a lâmina desgastada até uns dez centímetros depois de anos de afiamento e uso. Durante os meses do isolamento, o desejo por ela havia se confundido com o de vingança. A luxúria sempre envolve posse e destruição. A vela começou a tremer e ele a colocou no chão, onde a ventania levou a luz pelo quarto em rajadas e fez o sebo escorrer pelas tábuas. ‘Ele fica à espreita nos cantos sombrios das ruas, e em seu covil escondido assassina os inocentes em segredo’...

Jinny perdeu a cabeça e começou a gritar. Sua voz se elevou mais e mais. Quando ele deu outro passo à frente, ela forçou suas pernas a se moverem; ela já estava na metade da cama quando Reuben a pegou e mirou a facada no bebê; ela defendeu o golpe parcialmente, mas a faca voltou vermelha. O grito da garota mudou de tom, o barulho se tornou mais animalesco. Reuben encarou a faca com um interesse bárbaro, depois se recuperou quando ela estava chegando ao alçapão. Ela se virou quando ele se aproximou correndo. Ele a atingiu dessa vez e sentiu a faca entrando nela. Então tudo que estava tenso e rígido e em chamas dentro dele, de repente foi embora através de suas veias: ele largou a faca e a observou caindo.

Uma nova rajada de vento apagou a vela. Ele berrou e tateou procurando o alçapão. Seu pé escorregou em algo oleoso e sua mão encostou num cabelo de mulher. Ele se contorceu e gritou, bateu nas tábuas do quarto, mas estava preso ali para sempre com o horror que havia criado. Ele se ergueu usando a cama, cambaleou através do quarto e encontrou as persianas da janela. Ele fez força, gritando com elas, mas não conseguiu achar a tranca. Então ele jogou todo o seu peso para frente e as fechaduras cederam diante dele. Com a sensação de estar escapando de uma prisão, ele caiu para fora da janela, livre da prisão, livre da vida, nas pedras abaixo.

LIVRO 2

Abril – maio 1787

Capítulo Um

Ao redor da mesa de jantar da sala de Nampara, numa tarde de ventania em 1787, seis cavalheiros estavam sentados.

Eles haviam jantado bem e tomado vinho, comeram parte de um bacalhau grande, um pedaço de costela de cordeiro, uma torta de frango, alguns pombos, e um filé de vitela com alguns pães doces assados; torta de damasco, uma tigela de creme doce, amêndoas e uvas passas. Mr. Horace Treneglos, de Mingoose; Mr. Renfrew, do vilarejo de St Ann; Dr. Choake, de Sawle; capitão Henshawe, de Grambler, Mr. Nathaniel Pearce, o escrivão de Truro; e seu anfitrião, capitão Poldark.

Eles tinham se reunido para aprovar os trabalhos preliminares que haviam se iniciado em Wheal Leisure, e para decidirem se o seu ouro seguro deveria ser arriscado por todos eles com o propósito de escavarem o cobre. Era uma ocasião importante, que tirou Mr. Treneglos do seu grego, Dr. Choake do campo de caça, e Mr. Pearce de sua lareira para aguentar a gota.

– Bom – disse Mr. Treneglos, que ocupava a cabeceira da mesa devido à sua posição e situação respeitosa por ser o mais velho –, bom, eu não irei contra a orientação dos profissionais. Estivemos aguardando e esperando por mais de dois anos; e se capitão Henshawe diz que deveríamos começar, bom, ora, é o dinheiro dele sendo arriscado assim como o meu, e é ele quem deve saber bem!

Houve um murmúrio de consentimento e alguns grunhidos qualificantes. Mr. Treneglos colocou uma mão atrás de sua orelha para catar as migalhas dos comentários.

Dr. Choake tossiu.

– Naturalmente, todos nós consultamos o capitão Henshawe e sua experiência trabalhando em minas. Mas o sucesso desse investimento não depende de trabalhar com o veio de minério, se não poderíamos ter começado há um ano. São as condições do mercado que devem determinar o nosso curso. Agora, só semana passada que nós fomos atender um paciente em Redruth que estava sofrendo de um abscesso. Na verdade, ele não era nosso paciente, mas Dr. Pryce nos chamou para dar

mais orientações. O pobre camarada já estava sofrendo há muito tempo quando cheguei em sua casa, que tinha uma entrada elegante e uma escadaria de mármore e outras provas do bom gosto e dos meios para satisfazê-lo. Mas, juntos, nós dois conseguimos aliviar a queixa. Esse cavalheiro era um acionista da mina Dolly Koath, e ele deixou escapar a informação de que haviam decidido fechar todos os níveis mais baixos.

Houve um silêncio.

Mr. Pearce, arroxeado e sorrindo, disse: – Bom, agora, de fato, eu ouvi muita coisa semelhante; ouvi isso na semana passada – ele parou por um instante para coçar debaixo de sua peruca, e Dr. Choake disse: – Se a maior mina de cobre do mundo está diminuindo seus trabalhos, que chance o nosso pequeno investimento tem?

– Não é necessariamente assim se as nossas despesas são menores – disse Ross, que estava no outro extremo da mesa, sua face ossuda e distinta com um leve tom avermelhado devido ao que ele havia comido e bebido. Ao deixar costeletas mais longas crescerem ele escondera parcialmente sua cicatriz, mas uma ponta dela ainda aparecia como uma linha marrom mais clara cruzando sua bochecha.

– O preço do cobre pode cair ainda mais – disse Dr. Choake.

– O que é que você disse? O que foi? – perguntou Mr. Treneglos. – Eu não consegui escutá-lo – ele explicou para si mesmo. – Queria que ele falasse mais alto.

Choake falou mais alto.

– Ou ele pode subir da mesma forma – foi a resposta.

– Eu vejo desta maneira, cavalheiros – disse Ross. Ele deu uma tragada em seu cachimbo alongado. – O momento atual, na realidade, é ruim para se começar empreendimentos grandes ou pequenos. Mas há fatores ao nosso favor que devem ser levados em consideração. A oferta e a demanda ditam os preços do minério. Duas minas grandes fecharam neste ano, e um certo número de minas pequenas. Dol Koath pode seguir o caminho de Wheal Reath e Wheal Fortune. Isso cortará pela metade a produção da indústria da Cornualha, então a oferta para os mercados será menor e o preço do cobre deve subir.

– Isso, isso – disse o capitão Henshawe.

– Eu concordo com o capitão Poldark – disse Mr. Renfrew, falando pela primeira vez. Mr. Renfrew era um vendedor de equipamentos de St. Ann e, portanto, tinha um interesse duplo neste empreendimento; mas, até então, ele estava acanhado com a presença de tantos cavalheiros na reunião.

O Henshawe de olhos azuis não tinha tal modéstia. – Nossos custos não seriam metade do que os de Wheal Reah eram para cada tonelada.

– O que eu gostaria de saber – disse Mr. Pearce de maneira depreciativa –, falando, é claro, em nome daqueles que eu represento, Mrs. Jacqueline Trenwith e Mr. Aukett, assim como em meu próprio nome, é que quantia nós deveríamos obter pelo nosso minério bruto para podermos ter qualquer tipo de lucro. O que vocês dizem quanto a isso?

Capitão Henshawe palitava seus dentes. – É praticamente uma loteria o que os rapazes encontrarem. Todos nós sabemos que as companhias de fundição de cobre pretendem comprar seu material o mais barato possível.

Ross disse: – Se conseguirmos nove libras por tonelada não teremos prejuízo algum.

– Bom – disse Mr. Treneglos –, vamos ver o seu plano no papel. Onde está o mapa dos trabalhos anteriores? Poderemos acompanhar melhor assim.

Henshawe se levantou e trouxe um grande rolo de pergaminho, mas Ross o interrompeu.

– Nós temos que limpar a mesa para isso. Ele tocou um sininho de mão e Prudie entrou, seguida por Demelza. Esta foi a primeira aparição de Demelza, e ela foi o foco de muitos olhares curiosos. Todos, exceto Mr. Trenoglos, que vivia em seu próprio mundo particular, sabiam algo sobre o passado dela e os rumores que cercavam a sua presença ali. Os boatos eram fofoca antiga agora, mas o escândalo demorava a morrer quando a sua causa não era removida. Eles viram uma garota de apenas dezessete anos, alta, com cabelo escuro e desgrenhado, e olhos escuros e grandes, que mostravam ter um brilho desconcertante quando encontravam os seus. O brilho sugeria uma vitalidade incomum e

uma impetuosidade latente. Tirando isso, não havia nada de especial para se reparar.

Mr. Renfrew a espiou com olhos astigmáticos espremidos, e Mr. Pearce, enquanto mantinha seus pés com gota fora de perigo de maneira ostentosa, se aventurou a erguer seus óculos curiosos quando pensou que Ross não estava olhando. Depois, Mr. Treneglos afrouxou o botão superior de suas calças, e eles se inclinaram para observar o mapa que o capitão Henshawe estava desenrolando sobre a mesa.

– Agora – disse Ross, – aqui temos os trabalhos anteriores em Wheal Leisure e a direção do veio de minério de estanho – ele prosseguiu explicando a posição, o ângulo dos eixos que seriam descidos, e os acessos que seriam escavados desde a cabeça da colina Leisure para drenar a água da mina.

– O que é isto aqui? – Mr. Treneglos colocou um dedo gorducho e manchado de fumo num canto do mapa.

– Esse é o limite dos trabalhos da mina Trevorgie tal como sabemos – disse Ross. – Todos os mapas precisos se perderam. Esses trabalhos eram antigos quando meu tataravô veio para Trenwith.

– Hum – disse Mr. Treneglos. – Eles sabiam o que *tavam* fazendo naquela época. Sim – ele concordou em voz baixa –, eles sabiam o que *tavam* fazendo.

– O que você quer dizer, senhor? – perguntou Mr. Renfrew.

– O que eu o quê? Bom, ora, se os homens de antigamente estavam procurando estanho aqui e aqui, eles *tavam* trabalhando na parte de trás do veio de Leisure antes dele ter sido descoberto nas minhas terras. Isso é o que eu quis dizer.

–Acho que ele está correto – disse Henshawe, com um aumento de interesse repentino.

– De que forma isso nos ajuda? – perguntou Mr. Pearce, se coçando.

– Isso só quer dizer – disse Ross –, que os homens de antigamente não teriam feito esse percurso todo em tais condições para nada. O costume deles era evitar todos os trabalhos subterrâneos, exceto os mais rasos. Eles tinham que fazer isso. Se

eles foram tão longe assim, devem ter encontrado algum retorno bom conforme prosseguiam.

– Você acha que é tudo um único grande veio, hein? – perguntou Mr. Treneglos. – Ele poderia se estender tão longe assim, Henshawe? Já se viu algum que fosse tão extenso assim?

– Nós não sabemos e não saberemos, senhor. Me parece que eles estavam seguindo o estanho e atingiram o cobre. É isso que me parece. É muito possível.

– Eu tenho um grande respeito pelos antigos – disse Mr. Treneglos, abrindo sua caixinha de fumo. – Vejam Xenófanes de Cólofon. Vejam Plotino. Vejam Demócrito. Eles eram mais sábios do que nós. Não é desgraça nenhuma seguir pelo caminho que eles foram. O que isso irá nos custar, caro garoto?

Ross trocou um olhar com Henshawe.

– Estou disposto a ser o administrador inicial e principal investidor sem receber pagamento; e capitão Henshawe irá supervisionar o início com um salário simbólico. Mr. Renfrew irá nos fornecer a maior parte dos equipamentos e aparelhagem com a menor margem de lucro para si próprio. E eu fiz um acordo com o Banco Pascoe de honrar nossas dívidas de até trezentos guinéus pela compra de molinetes e outros equipamentos pesados. Cinquenta guinéus de cada um deve cobrir as despesas dos primeiros três meses.

Houve um momento de silêncio, e Ross observou suas faces com uma leve levantada cínica de sua sobrancelha. Ele havia diminuído a soma do investimento inicial para a menor possível, sabendo que um pedido grande poderia resultar em outro impasse.

– Oito pagando cinquenta – disse Mr. Treneglos. – E trezentos de Pascoe, isso dá setecentos no total. Setecentas libras para uma entrada de apenas cinquenta me parece muito razoável, hein? Eu esperava no mínimo cem – ele acrescentou para si mesmo. Realmente esperava cem.

– Esse é apenas o primeiro investimento – disse Choake. – São só os primeiros três meses.

– É bastante razoável de qualquer forma, cavalheiros – disse Mr. Renfrew. – Vivemos em dias caros. Vocês não poderiam esperar

se tornarem investidores de um empreendimento lucrativo por menos.

– É verdade – disse Mr. Treneglos. – Bom, então, eu voto por começarmos imediatamente. Decidiremos por uma mostra de mãos, que tal?

– Esse empréstimo do Banco Pascoe – disse Dr. Choake de maneira grave. – Isso significa que todos deveríamos confiar o nosso negócio a eles? Mas o que há de errado com o banco dos Warleggans? Não poderíamos conseguir condições melhores com eles? George Warleggan é nosso amigo pessoal.

Mr. Pearce disse: – Uma questão que eu mesmo iria abordar, Sr. Agora, se...

– George Warleggan é amigo meu também – disse Ross. – Mas não acho que a amizade deveria se intrometer em uma questão de negócios.

– Não, se isso for prejudicial aos negócios, não – disse o doutor. – Mas o Banco Warleggan é o maior do condado. E o mais moderno. Pascoe tem ideias retrógradas. O Banco Pascoe não avança há quarenta anos. Eu conheci Harris Pascoe quando ele era menino. Ele é um baita teimoso e sempre foi.

Mr. Pearce disse: – Os meus clientes, creio eu, presumiram que iria ser o Banco Warleggan.

Ross encheu seu cachimbo.

Mr. Treneglos afrouxou outro botão de seus calções. – Não, um banco é a mesma coisa que o outro para mim. Desde que seja seguro, hein? Isto é o principal, não é? Eu suponho que você teve um motivo para escolher o do Pascoe, Ross, hein?

– Não há nenhum rancor entre os Warleggans e eu, pai ou filho. Mas, como uma parceria bancária, eles já têm a posse de muitas minas. Eu não quero que eles venham a possuir Wheal Leisure.

Choake curvou suas sobrancelhas grossas. – Eu não gostaria que os Warleggans o ouvissem dizer isso.

– Besteira. Eu não disse nada que todos já não saibam. Entre eles e suas companhias fantoches, eles têm a posse real de uma dúzia de minas e grandes lucros de mais outra dúzia, incluindo Grambler e Wheal Plenty. Se eles escolhessem fechar Grambler

amanhã, eles o fariam, assim como fecharam Wheal Reath. Não há nada de ilícito nisso. Mas se Wheal Leisure estiver aberta, eu prefiro manter tais decisões nas mãos dos investidores. Grandes ambições são amigas perigosas para o homem pequeno.

– Estou muito de acordo, cavalheiros – Mr. Renfrew concordou nervosamente. – Havia um pressentimento ruim em St Ann sobre o fechamento de Wheal Reath. Sabemos que não é uma mina economicamente lucrativa de se manter, mas isso não ajuda os acionistas que perderam o seu dinheiro, nem os duzentos mineradores que perderam seus empregos. Mas isso colabora para que a Wheal Plenty ofereça salários miseráveis, e dá ao jovem Mr. Warleggan a chance de mostrar um lucro bem orquestrado!

Essa questão tocara em um ponto dolorido da memória de Mr. Renfrew. Uma discussão se iniciou, com todos falando ao mesmo tempo. Mr. Treneglos bateu na mesa com sua taça. – Façamos uma votação – ele gritou. – É o único jeito sensato. Mas, primeiro, a mina. Deixemos que os corações mais fracos se declarem antes de seguirmos adiante.

A votação foi feita e todos foram a favor da abertura.

– Bom! Esplêndido! – disse Mr. Treneglos. – 'Áries *odeia aqueles que demoram*.'[12] Enfim, estamos prosseguindo. Agora, quanto a essa questão do banco, hã? Aqueles a favor do Pascoe...

Renfrew, Henshawe, Treneglos e Ross votaram pelo Banco Pascoe; Choake e Pearce pelo Banco Warleggan. Como Pearce trazia consigo os votos de seus clientes, a votação ficou empatada.

– Ora – murmurou Mr. Treneglos. – Eu sabia que aquele camarada advogado iria nos trazer um obstáculo novamente.

Mr. Pearce não pôde evitar ouvir isso e fez muito esforço para se sentir ofendido.

Mas, secretamente, ele estava procurando obter algumas ações nas administrações de terras de Treneglos e, ao descobrir que Mr. Treneglos estava firme em seu curso, ele passou os próximos dez minutos se convencendo da perspectiva do velho.

Deixado sozinho, Choake desistiu, e os Warleggans ausentes foram vencidos. Ross sabia que a aventura deles era tão pequena a ponto de não valer a atenção de uma grande firma bancária, mas,

de que eles já haviam recebido tal atenção, ele não tinha dúvidas. George ficaria incomodado...

Agora que seus obstáculos principais foram ultrapassados, o resto dos negócios procedeu bem depressa. Capitão Henshawe esticou suas pernas grandes, levantou-se e, com o consentimento de Ross, passou o decantador ao redor da mesa.

– Eu não duvido que vocês irão perdoar a liberdade, cavalheiros. Nós nos sentamos nesta mesa como iguais, e somos parceiros iguais no empreendimento. Embora seja o mais pobre, a minha parte é a maior dentre a soma total, pois a minha reputação está ali, além de meus cinquenta guinéus. Então, aqui vai um brinde. Wheal Leisure.

Os outros se levantaram e brindaram com suas taças.

– Wheal Leisure!

– Wheal Leisure!

– Wheal Leisure!

Eles esvaziaram suas taças.

Na cozinha, Jud, que estivera talhando um pedaço de lenha e cantarolando sua cantiga preferida, levantou sua cabeça e cuspiu como um profissional através da mesa até o fogo.

– Alguma coisa *tá* indo *pra* frente finalmente. Maldito seja eu se *num* parece que eles vão abrir a bendita mina afinal de contas.

– Verme preto velho – disse Prudie. – *Cê* quase cuspiu na panela de cozido da outra vez.

Capítulo Dois

1

Quando seus parceiros haviam ido embora, Ross saiu de casa e caminhou através de suas terras em direção ao local de sua mina. Ele não foi até a praia lá embaixo e atravessou as dunas de areia, mas fez um desvio semicircular que o manteve no nível elevado. Wheal Leisure ficava na primeira elevação na metade do comprimento da praia de Hendrawna, onde as dunas cediam o lugar à rocha. Ainda tinha pouco para se ver: dois túneis rasos inclinados e um número de trincheiras, tudo feito pelos homens de antigamente; um túnel novo com uma escada e algumas partes do terreno demarcadas para mostrar onde ficariam os novos trabalhos. Coelhos se esquivavam e abaixavam seus rabos quando ele se movia; um maçarico-real gritou; um vento forte murmurou rouco através da grama. Pouco para se ver, mas, até o final do verão, aquela vista estaria transformada.

Durante os anos de planejamento e frustração, ele se afeiçoara mais a essa ideia até ela se tornar o primeiro interesse em sua mente. O empreendimento teria sido iniciado há dezoito meses atrás se não fosse por Mr. Pearce, que sentia uma preocupação natural pela segurança do dinheiro de seus clientes e pelas hesitações e pessimismo de Choake, a quem Ross agora se arrependia de ter convidado. Todos os outros eram apostadores, prontos e animados para correr um risco. Apesar de todos os argumentos elegantes de agora, realmente não houve melhora alguma desde um ano atrás; mas, por acaso, Mr. Treneglos estava com um humor energético hoje e havia levado os outros junto consigo. Então, os apostadores finalmente conseguiram o que queriam. O futuro decidiria o resto.

Ele olhava fixamente para a distância, onde as chaminés dos chalés de Mellin eram pouco visíveis no vale. Ross poderia ajudar Jim Carter agora, ajudá-lo sem a suspeita de estar fazendo caridade, algo que o garoto nunca aceitaria. Como contador assistente na mina ele poderia ser incluído para ajudar Ross com

uma parte da administração e, mais tarde, quando ele aprendesse a ler e escrever, não haveria motivos para ele não ser receber quarenta xelins ou mais por mês. Isso ajudaria a ambos, Jim e Jinny, a se esquecerem da tragédia de dois anos atrás.

Ross começou a caminhar novamente pela posição onde o primeiro eixo seria escavado no subterrâneo. A ironia daquela tragédia nos chalés de Mellin era que, na verdade, fisicamente poderia ter sido bem pior. No final, apenas uma vida fora perdida, a do próprio Reuben Clemmow. O bebê Benjamin Ross sofrera um corte na cabeça e na bochecha, o que não passaria de um pequeno desfiguramento, e Jinny escapara com uma facada que por pouco não atingiu seu coração. Ela havia ficado de cama por semanas, com hemorragia interna, da qual sua mãe, esquecendo-se de seus escrúpulos metodistas, eventualmente jurava que Jinny havia curado com uma mecha de cabelo de sua avó. Mas isso fora há muito tempo, e Jinny estava bem e havia tido uma menina, Mary, desde então. Poderia ter sido muito pior. Mas assim como o bebê Benjamin sempre traria as marcas do ataque em seu rosto, parecia que Jinny também sempre as carregaria em seu espírito. Ela tinha se tornado apática, quieta, com humores imprevisíveis. Muitas vezes, nem mesmo Jim sabia o que ela estava pensando. Quando Jim estava na mina, a mãe dela vinha e passava uma hora falando sobre os acontecimentos do dia. Depois, ela beijava sua filha e caminhava os poucos passos de volta para sua própria cozinha com a sensação desconfortável de que Jinny não havia escutado nada.

Jim também havia perdido sua vivacidade devido à sensação de culpa da qual ele não conseguia se livrar. Ele nunca se esqueceria do momento em que voltou e encontrou Reuben Clemmow morrendo na entrada de sua casa, e o caminho até o seu quarto com seu filho chorando no escuro, e o peso que teve que ser empurrado para longe do alçapão. Ele não conseguia esquecer o fato de que, se ele não tivesse saído, a tragédia não teria acontecido. Ele desistiu de sua parceria com Nick Vigus e nenhum outro faisão apareceu em sua cozinha.

De fato, eles não eram mais necessários, pois a vizinhança inteira se compadeceu da situação deles. Uma petição pública apareceu e todo tipo de presentes fora enviado a eles, tal que,

enquanto Jinny estava de cama e por algum tempo depois, eles tiveram uma fartura que nunca haviam visto antes. Mas era uma fartura da qual Jim secretamente não gostava, e ele ficou aliviado quando esta diminuiu. Seu trabalho em Grambler estava dando bons resultados, e eles não precisavam de caridade. O que eles precisavam era de algo que limpasse a memória daquela noite.

Ross parou de ficar perambulando e olhou fixamente para o declinío do terreno areioso. O eterno enigma do garimpeiro o encarava: se este acre de terra continha debaixo de sua superfície riquezas ou frustração? Tempo e trabalho e paciência...

Ele grunhiu e olhou para o céu que prometia chuva. Bom, se o pior acontecesse, eles estariam dando a alguns mineradores a chance de alimentarem suas famílias. As condições, todos concordavam, não poderiam ser piores em todo o condado, ou, de fato, no país como um todo.

2

As condições não poderiam ser piores, pensaram eles, com os rendimentos de três por cento em 1756.[13]

A nação inteira caiu de queixo no chão depois da luta desigual contra a França, a Holanda e a Espanha, a guerra perversa entre irmãos com a América, e a ameaça de mais inimigos no norte. Era um lamaçal espiritual assim como material. Há vinte e cinco anos, ela fora a líder do mundo, e a queda tinha sido maior por isso. A paz vinha finalmente, mas o país estava exausto demais para se livras dos efeitos da guerra.

Um primeiro-ministro obstinado, em 1757, segurava sua posição instável apesar de todas as coalizões para desestabilizá-lo; mas as coalizões tinham esperanças. Precisava-se encontrar dinheiro, mesmo para a paz e para as reformas. Os impostos haviam subido em vinte por cento dentro de cinco anos, e os mais novos dentre esses eram perigosamente impopulares. Imposto sobre as terras, sobre as casas, sobre os criados, sobre as janelas. Cavalos e chapéus, tijolos e cerâmica, tecidos de linho e chita. Outro imposto sobre as velas atingiu os pobres diretamente. No último inverno, os pescadores de Fowley haviam salvado suas

famílias da fome alimentando-as com lapas. Levaria cinquenta anos, algumas pessoas diziam, antes que as coisas se endireitassem. Até mesmo na América, disseram a Ross, a desilusão não era menor. Os Estados Unidos haviam se unido até então apenas em seu desgosto pelo domínio aristocrático, e quando isso desapareceu e todos os problemas do pós-guerra se sucederam, eles pareciam estar a ponto de se fragmentarem em pequenas repúblicas autônomas disputando entre si infinitamente como as cidades da Itália medieval. Havia rumores que alguém ouviu Frederico da Prússia tocando seu piano com dedos de gota no palácio Sans Souci, em Potsdam, dizendo que o país era tão rebelde que, agora que tinha se livrado de George Terceiro, a única solução era nomearem o seu próprio rei. O comentário tinha chegado até os confins da sociedade da Cornualha.

Os habitantes da Cornualha também sabiam de outras coisas, ou pressentiam-nas, devido ao tráfico ilícito entre os portos franceses e os seus próprios. A Inglaterra podia ter caído de queixo no chão, mas as coisas estavam piores ainda na Europa. Cheiros estranhos de turbulências vulcânicas chegavam até eles de tempos em tempos através do canal. A aversão por um inimigo antigo assim como o idealismo de um amigo novo haviam tentado a França a despejar seu ouro e seus homens para auxiliar a liberdade americana. Agora ela se encontrava com uma dívida de guerra extra de um bilhão e trezentos milhões de livres[14], e um conhecimento da teoria e da prática da revolução deixado nas mentes e no sangue de seus pensadores e soldados. A crosta do despotismo europeu estava se enfraquecendo em seu ponto mais fraco.

Em dois anos, Ross havia tido pouco contato com sua própria família e sua classe. O que ele havia escutado na biblioteca no dia do batizado de Geoffrey Charles o enchera de desdém por eles, e, apesar de não admitir ter sido influenciado de uma forma ou outra pela fofoca de Polly Choake, o conhecimento das línguas delas se mexendo o fez tomar um desgosto pela ideia de ficar em seu meio. Uma vez por mês, por nada além de cortesia costumeira, ele ia lá visitar o inválido Charles, que se recusava a morrer ou a melhorar, mas, quando encontrava alguma companhia lá, a conversa não tocava em assuntos populares. Ele não estava tão preocupado

quanto eles com o regresso de Maria Fitzherberte do continente europeu ou com o escândalo do colar da rainha da França. Havia famílias no distrito sem pão ou batatas suficientes para mantê-los vivos e ele queria que essas famílias recebessem doações de mantimentos, para que as epidemias de dezembro e janeiro não encontrassem presas tão fáceis.

Seus ouvintes se sentiam desconfortáveis quando ele estava falando e ficavam ressentidos quando ele se calava. Muitos deles próprios foram atingidos de forma dura pela queda na mineração e pelos aumentos dos impostos. Muitos estavam ajudando aqueles casos difíceis com os quais tinham contato, e, se isso não cobrisse nem a ponta das dificuldades, eles não conseguiam enxergar o que Ross estava fazendo além deles. O que eles não estavam prontos para aceitar era que eles tivessem qualquer tipo de responsabilidade pelas misérias da época, ou que as leis pudessem ser alteradas para oferecer algum tipo de auxílio menos destruídor de almas do que as casas de trabalho forçado e os carrinhos-de-mão das paróquias[15]. Nem mesmo Francis conseguia enxergar isso. Ross se sentia como outro Jack Tripp pregando sobre reformas sociais em cima de um tonel vazio.

Ele chegou ao topo da colina no caminho para casa e viu Demelza vindo para encontrá-lo. Garrick vinha trotando em seus calcanhares como um pequeno pônei de Shetland. Ela saltitava de tempos em tempos enquanto subia.

– Jud me falou – disse ela –, que a mina vai abrir finalmente!

– Assim que conseguirmos contratar os homens e comprar os equipamentos.

– Oba! Garrick, desça. *Tô* muito feliz por isso! *A gente ficamos* tudo desapontado ano passado quando achamos que *tava* tudo pronto, *sinhô*. Garrick, fica quieto. Vai ser tão grande quanto Grambler?

– Por enquanto não – ele ficou entretido com o entusiasmo dela. – É uma mina bem pequena para se começar.

– Certeza que logo vai ser uma grandona com chaminés grandes e as outras coisas.

Eles desceram a colina caminhando juntos. Normalmente, ele não reparava muito nela, mas o interesse dos outros nela o fez

dar uma olhada lateral para ela agora. Uma menina bem crescida e se desenvolvendo, mal dava para reconhecê-la comparada a mendiga faminta que ele havia encharcado debaixo da bomba d'água.

Mais mudanças haviam ocorrido durante o último ano. Demelza agora era uma espécie de governanta geral. Prudie era indolente demais para querer administrar qualquer coisa se houvesse alguma forma de escapar disso. Sua perna tinha dado problema mais duas ou três vezes, e quando ela descia as escadas era mais fácil ficar andando pela cozinha preparando chá para si mesma e fazendo algum trabalho leve do que planejar as refeições e cozinhá-las, o que Demelza parecia gostar muito de fazer. O fardo tinha saído de seus ombros; Demelza nunca ordenava, e estava sempre disposta a continuar fazendo o seu próprio trabalho também, então o que havia para reclamar nisso?

Tirando uma discussão violenta de vez em quando, a vida na cozinha era mais pacífica do que quando Jud e Prudie a compartilhavam sozinhos. Um companheirismo bruto tinha crescido entre os três, e os Paynters não pareciam ressentir a amizade de Ross com a garota. Havia várias vezes em que ele estava solitário e ficava feliz pela companhia de Demelza. Verity não tinha mais o ânimo para ir até lá e Demelza tomou o lugar dela.

Às vezes, ela até mesmo se sentava com ele à noite. Começou com ela indo perguntar a ele as ordens sobre a fazenda, com ela se demorando para conversar; e, depois, de algum jeito, ela estava se sentando na sala com ele duas ou três noites por semana. É claro, ela era a mais agradável das companhias, ficava contente em conversar se ele quisesse conversar, ou perseverar em sua leitura se ele quisesse ler, ou estava disposta a sair de fininho rapidamente se sua presença não fosse bem-vinda. Ross ainda bebia demasiadamente.

Ela não era uma governanta tão perfeita. Apesar de chegar perto o bastante disso para as necessidades comuns, havia vezes em que o seu temperamento também tinha um papel. Os 'temperamentos' dos quais Prudie havia falado ainda tomavam conta dela. Nessas horas, ela conseguia xingar mais do que Jud, e, uma vez, quase o venceu numa briga. Sua noção de perigo pessoal

era quase inexistente, mas, algumas vezes, a sua engenhosidade era dirigida ao foco errado.

Numa manhã escura e chuvosa do outubro passado, ela decidira arrumar uma parte do abrigo para o gado, e começou a empurrar os bois para os lados quando esses ficavam no caminho. Imediatamente, um deles ficou ressentido, e ela saiu borbulhando de indignação. Demelza foi ferida de tal forma, que tornou impossível para ela se sentar durante uma semana. Outra vez, ela decidiu trocar toda a mobília da cozinha de lugar enquanto Jud e Prudie estavam fora. Mas um armário superior foi demais para sua energia e ela o derrubou sobre si mesma. Prudie voltou para encontrá-la presa debaixo dele, enquanto Garrick latia na porta demonstrando sua satisfação.

O caso da discussão com Jud teve um lado mais sério, e agora já havia sido discretamente esquecido por todos. Demelza tinha provado a garrafa de bebida que ficava na velha caixa de ferro na biblioteca e, ao gostar do gosto, terminara a garrafa. Então, ela se deparou saltitante com Jud, que também tinha vindo tomar um gole privado por má sorte. Ela o atormentou tanto que ele caiu em cima dela com alguma ideia tortuosa de puni-la. Mas ela revidou como um gato selvagem e, quando Prudie entrou, ela os encontrou lutando no chão. Prudie chegou à pior conclusão instantaneamente e atacou Jud com a pá da lareira. A chegada de Ross foi bem na hora de impedir que mais de seus criados ficassem de cama com ferimentos graves.

Uma tranquilidade fria se estabeleceu na cozinha nas semanas seguintes. Pela primeira vez, Demelza havia sentido a ferroada forte da língua de Ross, e então se encolheu e sentiu vontade de morrer.

Mas isso foi há doze meses. Era um fantasma grisalho enterrado no passado... Sem conversar mais, eles passaram pelas macieiras e caminharam em direção à casa, atravessando o jardim ao qual Demelza havia dedicado tantas horas extras no último verão. Todas as ervas daninhas foram removidas, deixando muita terra exposta e alguns resquícios pequenos das plantas que a mãe de Ross tinha plantado. Havia três arbustos de lavanda, altos e deselegantes devido à pressão das ervas daninhas; havia um pé de

alecrim, libertado de seu próprio formato enroscado e prometendo flores. Ela também havia descoberto uma rosa de damasco, com suas flores brilhantes coloridas de respingos de rosa e branco, uma beldroega e duas rosas comuns. E em seu desbravamento do interior, ela começara a trazer para casa sementes e raízes das encostas dos campos. Essas não eram coisas fáceis de cultivar: elas tinham toda a rebeldia das coisas selvagens, prontas para florescerem luxuosas em locais abandonados de sua própria escolha, mas dispostas a sofrer e morrer quando ficavam confinadas ao luxo de um jardim. Mas, no ano passado, ela conseguira cultivar lindos brotos de erva-viperina, um bocado de relva-do-olimpo, e uma fileira de dedaleiras avermelhadas.

Eles pararam agora, Demelza estava explicando o que ela propunha fazer aqui e ali, sugerindo que ela poderia trazer brotos do arbusto de lavanda e tentar enraizá-los para formar uma cerca. Ross olhou ao seu redor com olhos tolerantes. Ele não se interessava muito por flores, mas admirava a sua maneira ordenada e suas cores; e ervas que pudessem ser usadas para cozinhar ou em infusões eram úteis. Recentemente, ele havia dado a ela um pouco de dinheiro para o seu próprio uso, e, com este, ela comprou um lenço de uma cor vibrante para usar em volta de sua cabeça, uma caneta para aprender a escrever, dois cadernos para treinar, um par de sapatos com fivelas coladas no topo, uma grande tigela de barro para colocar flores, um chapéu de sol para Prudie e uma caixinha de fumo para Jud. Duas vezes ele a permitiu montar Ramoth e cavalgar com ele até Truro, e outra vez quando ele havia prometido visitar o ringue de galos e assistir o Royal Duke lutar por uma bolsa com cinquenta guinéus. Para sua surpresa e perplexidade, este tipo de entretenimento a deixou bastante enojada.

– Ora – disse ela –, não é nem um pouco melhor do que o que meu pai faz.

Ela esperava algo mais refinado de uma briga de galos patrocinada pela nobreza e pela *gentry*.

No caminho para casa, ela ficou excepcionalmente quieta. – Você *num* acha que os animais *sente* dor como nós? – ela disse finalmente.

Ross considerou bem sua resposta. Ele já tinha caído em armadilhas uma ou duas vezes antes ao dar respostas às perguntas dela sem refletir.

– Eu não sei – disse ele brevemente.

– Então, por que os porcos gritam daquele jeito quando a gente põe anéis nos narizes deles?

– Galos não são porcos. Deus fez a luta ser parte da natureza deles.

Ela ficou calada por um tempo. – Sim, mas Deus *num* deu a eles garras de metal *pra* lutarem.

– Você deveria ter sido uma advogada, Demelza – ele comentou, e com isso ela ficou em silêncio novamente.

Ele pensava nessas coisas enquanto eles conversavam no jardim. Ele se perguntava se ela sabia o que Nat Pearce e os outros estavam pensando quando a encararam na sala há algumas horas, e se ela concordava com ele que a ideia não poderia ser mais ridícula. Quando ele quisesse aquele tipo de prazer, ele poderia chamar Margaret em Truro, ou outra do tipo dela. Às vezes, ele pensava que, se o prazer estava naquela brincadeira nada sutil que uma prostituta oferecia, então ele não tinha os apetites normais de um homem comum. Bom, havia uma satisfação estranha na abstinência, um autoconhecimento e um autocontrole que iam se acumulando com o tempo. Ele pensava muito pouco nisso naqueles dias. Ele tinha outros interesses e outras preocupações em mente.

Capítulo Três

1

Antes de deixá-lo, Demelza disse que tinha visto Jinny Carter mais cedo naquele dia, e que Jim estava doente com uma pleurisia. Mas com sua saúde instável, Jim volta e meia ficava de cama por alguns dias, e Ross não se preocupou com isso. Durante a quinzena seguinte, ele ficou completamente ocupado com as questões da abertura da mina, e adiou ir visitar Jim até que pudesse oferecê-lo certas responsabilidades específicas. Ele não queria que isso parecesse algo premeditado.

A biblioteca de Nampara serviria de escritório da mina, e a vida doméstica da casa foi perturbada enquanto parte desta era limpa e consertada. As notícias de que uma mina iria abrir, ao invés de fechar, se espalharam rapidamente, e eles foram acostados por mineradores que tinham percorrido até dezoito milhas de distância, ansiosos para aceitar o emprego a qualquer preço. Ross e Henshawe tentaram fechar acordos justos para ambos os lados. Eles contrataram quarenta homens, incluindo um capitão de superfície e um capitão subterrâneo, que responderiam a Henshawe.

Ao final da quinzena, Ross se encontrou com Zacky Martin e perguntou por Jim. Jim estava de pé, disse Zacky, mas ainda não voltara à mina, já que a tosse ainda o incomodava.

Ross pensou sobre os contratos e até onde estes tinham ido. Na segunda-feira seguinte, oito homens começariam o acesso pela cabeça da colina, e outros vinte estariam trabalhando no primeiro eixo. Era hora de trazer o tesoureiro assistente.

– Diga-lhe para vir me ver amanhã, pois não? – Ross disse.

– Sim – disse Zacky. – Eu irei ver Jinny esta noite. Eu lhe direi para falar com ele. Ela não se esquecerá.

2

Jim Carter não estava dormindo e ouviu as batidas leves na porta assim que elas começaram. Com muito cuidado, a fim de não acordar Jinny ou os bebês, ele escorregou para fora da cama e começou a pegar suas roupas. Pisou em uma tábua solta no chão uma vez, e ficou parado por alguns segundos segurando uma tosse até que a respiração regular da garota o assegurasse. Então, ele vestiu seus calções e camisa e pegou suas botas e casaco.

A dobradiça do alçapão geralmente rangia quando era movida, mas ele colocara óleo nela mais cedo naquele dia e ela se abriu sem fazer barulho. Ele estava na metade do caminho para fora quando uma voz disse: – Jim.

Ele mordeu seu lábio irritado, mas não respondeu; ela podia estar apenas falando enquanto dormia. Houve um silêncio. Então ela continuou: – Jim. Você vai sair com Nick Vigus de novo? Por que você não me contou?

– Porque eu sabia que você só iria encrencar.

– Bom, você *num* precisa ir.

– Sim, preciso. Eu prometi ao Nick ontem.

– Diga a ele que você mudou de ideia.

– Eu não mudei de ideia.

– O capitão Poldark quer te ver de manhã, Jim. Você se esqueceu disso?

Eu estarei de volta muito antes da manhã chegar.

– Vai ver ele quer que você tome um posto na mina nova.

– Eu não poderia aceitar, Jinny. É uma especulação, nada mais e nada menos do que isso. Eu não poderia desistir de um emprego bom por isso.

– Um emprego bom não é nada se você tem que ficar molhado até as canelas entrando e saindo da água. Não é nenhuma surpresa a sua tosse.

– Bom, mas quando eu saio para ganhar um pouco mais, tudo que você faz é reclamar!

– A gente consegue se virar, Jim. Facilmente. Eu não quero mais. Não desse jeito. Algo fica entalado na minha garganta quando penso em como você conseguiu esse dinheiro.

– Eu *num* sou tão Metodista assim.

– Não mais do que eu sou. Mas é saber o perigo que você passou para conseguir isso.

– Não tem perigo nenhum, Jinny – ele disse em um tom mais suave. – Nada para se preocupar. Honestamente. Eu vou ficar bem.

Ouviu-se uma batida leve na porta novamente.

Ele disse: – É apenas enquanto não estou recebendo salário. Você sabe disso. Eu não ficarei passando noites em claro quando estiver de volta no meu posto. Agora, tchau.

– Jim – ela disse em um tom de urgência –, eu queria que você não fosse esta noite. Esta noite não.

– Quieta, você vai acordar os bebês. Pense neles e no outro que está vindo. Precisamos te manter bem alimentada, Jinny, minha querida.

– Eu preferiria passar fome...

As quatro palavras flutuaram até a cozinha escura enquanto ele descia as escadas, mas ele não ouviu mais nada. Ele destrancou a porta e Nick Vigus deslizou para dentro como um pedaço de borracha.

– Você demorou. Pegou as redes?

– Tudo pronto. Brrr… *tá* frio.

Jim colocou seu casaco e suas botas e eles saíram com Nick sussurrando para seu cachorro. A caminhada deles seria um tanto longa, por volta de cinco milhas em cada direção, e durante algum tempo eles andaram em silêncio. Era uma noite perfeita, estrelada e de céu claro, porém, fria, com uma brisa vinda do noroeste entrando pelo mar. Jim tremia e tossia enquanto caminhava.

O caminho deles ficava ao sudeste, contornando o vilarejo de Marasanvose, subindo a estrada principal das carruagens e depois caindo no vale fértil mais além. Eles estavam entrando nas terras Bodrugan, uma terra rentável, porém, perigosa, e eles começaram a se mover com toda a cautela. Nick Vigus liderava o caminho e o vira-lata magro formava uma segunda sombra em seus calcanhares. Jim estava a alguns passos atrás carregando uma vara de uns três metros de comprimento e uma rede caseira. Eles evitaram a estrada das carruagens e entraram em um pequeno bosque. Nas sombras, Nick parou.

– As malditas estrelas estão tão claras quanto uma lua crescente. Duvido que teremos uma rede bem cheia.

– Bom, não podemos voltar sem tentar. Parece que...

– Shh... quieto.

Eles se agacharam nos arbustos e escutaram. Depois prosseguiram. O bosque ficou menos espesso, e, alguns metros à frente, as árvores revelavam uma grande clareira de uns seiscentos metros quadrados. Contornando-a de um lado, ficava um córrego e, em volta do córrego, havia uma fileira de arbustos e árvores jovens. Era ali que os faisões ciscavam. Aqueles nos galhos mais baixos eram uma presa fácil para um homem rápido com uma rede. O perigo era que do outro lado da clareira ficava Werry House, a casa dos Bodrugans.

Nick parou novamente.

– O que *cê* escutou? – Jim perguntou.

– Alguma coisa – sussurrou Vigus. A luz das estrelas brilhava sobre sua cabeça careca rosada e fazia pequenas sombras nas entradas de sua face. Ele tinha a aparência de um querubim pervertido. – Aqueles vigias. Fazendo a ronda hoje.

Eles esperaram alguns minutos em silêncio. Jim segurou uma tosse e colocou sua mão na cabeça do cachorro. Ele se moveu por um instante e ficou quieto.

– O vira-lata *tá* bem – disse Nick. – Acho que foi um alarme falso.

Eles começaram a se mover novamente pelos arbustos. Quando se aproximaram dos limites da clareira, o problema não era mais não alertar os vigias, que talvez nem estivessem lá, mas não assustar os faisões até que fosse tarde demais para eles voarem. A claridade da noite tornaria isso difícil. Eles sussurraram juntos e decidiram se separar, cada qual pegando uma rede e cercando o bando em direções opostas. Vigus, que tinha mais prática, faria a volta mais longa. Jim tinha um dom para se mover furtivamente, e ele avançou bem devagar até que conseguisse ver os contornos escuros das aves, de pé como vagens entre os galhos e nas bifurcações mais baixas da árvore logo à frente. Ele desenrolou a rede de seu braço, mas decidiu dar outros dois minutos para Nick para não fazer a armadilha pela metade. Enquanto estava parado

ali, ele pôde ouvir o vento murmurando nos galhos acima. Na distância, Werry House parecia um amontoado escuro e estranho em meio aos contornos mais suaves da noite. Uma luz ainda estava brilhando. Já passava de uma da manhã, e ele se perguntou sobre as pessoas que moravam ali e por que elas estariam acordadas tão tarde.

Ele se perguntou o que capitão Poldark teria para dizer a ele. Ele o devia muito, mas isso o fazia sentir que ele não deveria aceitar mais nenhum favor. Isto é, supondo sempre que ele conseguisse manter sua saúde. Não seria benefício algum para Jinny se ele fizesse como o seu pai e morresse aos vinte e seis. Jinny fez um escarcéu sobre ele ter que ficar dentro d'água em seu posto no trabalho todo dia, mas ela não se deu conta de que todos eles ficavam molhados e secos alternadamente a maior parte do tempo. Se um homem não conseguisse aguentar isso, ele não era feito para ser minerador. No momento, ele estava livre da poeira da pólvora, e isso era um motivo para se sentir grato.

Um animal se mexeu nos arbustos perto dele. Ele virou sua cabeça e tentou, mas não conseguia vê-lo. A árvore mais além era tortuosa e com um formato curvado. Um carvalho jovem, era o que se presumiria, dadas as folhas mortas em seus galhos. Elas ficavam penduradas ali, balançando com a brisa durante todo o inverno. Um formato circular bem peculiar. E então a forma mudou subitamente.

Jim espremeu seus olhos e encarou. Um homem estava de pé contra a árvore.

Então a visita deles no sábado não havia passado despercebida. Talvez, todas as noites desde então os vigias estivessem lá, esperando pacientemente pela próxima visita. Talvez ele já tivesse sido visto. Não. Mas, se avançasse, ele já estaria praticamente pego. E quanto a Nick, contornando pelo norte? A mente de Jim ficou congelada com a necessidade de fazer uma escolha imediata. Ele começou a se afastar lentamente. Ele não tinha dado dois passos quando ouviu o barulho de um galho quebrado atrás de si. Ele se virou a tempo de desviar de uma mão em seu ombro e saiu correndo na direção dos faisões, deixando sua rede cair enquanto corria. No mesmo segundo, houve um ruído do outro lado e o disparo de um mosquete: de repente o bosque se

encheu de vida, com os gritos dos faisões e o bater de suas asas assustadas enquanto levantavam voo, com a movimentação de um outro bando que também foi perturbado, com as vozes dos homens gritando ordens para capturá-lo.

Ele chegou à mata aberta e correu no chão plano, contornando a beira do córrego e se mantendo nas sombras da escuridão tanto quanto possível. Ele podia ouvir o barulho de passos corridos atrás e sabia que não estava ganhando muita distância deles; seu coração batia forte e seu fôlego ficou mais escasso. Em uma clareira no meio das árvores, ele fez uma curva e correu por entre elas. Agora ele não estava longe da casa e conseguia ver que estava seguindo por um caminho formal. Ali era mais escuro, e a vegetação rasteira embaixo das árvores era tão densa que seria difícil abrir caminho por ali sem dar a eles tempo de alcançá-lo.

Ele chegou até uma pequena clareira; no meio havia um pequeno pavilhão de mármore circular e um relógio de sol. O caminho não se estendia além desse ponto. Ele correu em direção ao pavilhão, depois mudou de ideia e foi até a beirada da clareira onde um grande elmo se inclinava para fora. Ele escalou o tronco, ralando suas mãos e quebrando suas unhas na casca. Ele tinha acabado de alcançar o segundo galho quando dois vigias adentraram a clareira violentamente. Ele ficou imóvel, inalando de maneira bem suave.

Os dois homens hesitaram e espiaram ao redor da clareira, um deles estava com a cabeça inclinada para a frente escutando.

– *Num* foi muito longe... se escondendo... – veio flutuando até a árvore.

Eles andaram furtivamente até a clareira. Um subiu os degraus e tentou abrir a porta do pavilhão. Estava trancada. O outro deu alguns passos para trás e olhou para cima para a redoma no teto. Então eles se dividiram e fizeram um circuito lento do local aberto. Quando um dos homens estava se aproximando da sua árvore, Jim sentiu repentinamente aquele remexer peculiar dentro de seu pulmão, o que ele sabia que significava um ataque de tosse. Suor fresco brotou em sua testa. O vigia passou por ele vagarosamente. Jim viu que ele carregava uma arma. Logo além do

elmo inclinado, o homem parou em uma árvore que parecia mais fácil de escalar do que o restante, e começou a olhar para cima por entre seus galhos. Jim arfou e se engasgou e tomou fôlego e prendeu a respiração. O segundo homem havia terminado a sua volta e estava voltando para se juntar ao seu companheiro.

– Viu algum sinal dele?

– Não. O maldito deve ter escapado.

– Eles *pegaro* o outro?

– Não. Mas achei que a gente fosse pegar este.

– É.

Os pulmões de Jim estavam se expandindo e se contraindo por vontade própria. A coceira aumentou irresistivelmente em sua garganta e ele se engasgou.

– O que é isso? – disse um dos homens.

– *Num* sei. Vem dali.

Eles vieram diretamente até o elmo, mas erraram de direção por uns cinco metros, entrando na vegetação rasteira entremeada.

– Fica aqui – disse um deles. – Vou ver o que consigo encontrar.

Ele forçou o seu caminho através dos arbustos e desapareceu. O outro ficou de pé encostado no tronco de uma árvore com sua arma destravada. Jim agarrou o galho acima de si em um esforço desesperado para prender a sua tosse. Ele estava ensopado de suor agora, e nem mesmo a captura parecia ser tão assustadora quanto esse esforço convulsivo. Sua cabeça estava prestes a explodir. Ele desistiria de todo o descanso em sua vida para poder tossir. Houve um barulho de passos e de galhos se partindo e o segundo vigia voltou, xingando por sua decepção.

– Ele se foi, acho. *Vamo* ver o que o Johnson fez.

– Que tal pegar os cachorros?

– Eles não têm nada para farejar. Talvez a gente pegue *eles* direito semana que vem.

Então os dois seguiram adiante. Mas eles não tinham se afastado por alguns metros quando foram interrompidos por uma explosão violenta de tosse justamente atrás e acima deles. Por um instante, isso os assustou, com o som ecoando pelos espaços entre

as árvores. Depois, um deles se recuperou e correu de volta em direção ao elmo.

– Desça! – ele gritou. – Desça daí agora ou vou atirar até a sua morte.

Capítulo Quatro

1

Ross não soube da prisão até as dez da manhã, quando uma das crianças Martin levou a notícia até a mina. Ele foi para casa imediatamente, selou Darkie e cavalgou até Werry House.

Os Bodrugans eram uma das famílias decadentes da Cornualha. Depois de deixar um rastro completamente sem escrúpulos na história local por quase duzentos anos, a parte principal da família havia desaparecido na metade do século. Os Bodrugans de Werry estavam seguindo o mesmo caminho. Sir Hugh, o baronete atual, tinha cinquenta anos e era solteiro, de pequena estatura, vigoroso e robusto. Ele dizia possuir mais pêlos em seu corpo do que qualquer homem vivo, um motivo de gabação o qual ele estava sempre disposto a pôr à prova por uma aposta de cinquenta guinéus em qualquer noite regada a vinho. Ele vivia com sua madrasta, a viúva Lady Bodrugan, uma mulher de vinte e nove anos difícil de se conviver, que xingava muito, e que mantinha cães por todos os lados da casa assim como o cheiro deles.

Ross conhecia a ambos de vista, mas ele poderia desejar que Jim tivesse encontrado outras vítimas de quem furtar aves. Desejou isso mais ainda quando foi até a casa e viu que os Caçadores de Hunt estavam se reunindo ali. Consciente dos olhares e sussurros das pessoas em seus casacos vermelhos e botas brilhantes, ele desmontou e fez seu percurso através dos cavalos e dos cachorros que latiam, e subiu as escadas da casa.

No topo, um criado barrou o seu caminho.

– O que você quer? – ele perguntou, olhando para as roupas de trabalho desgastadas de Ross.

Ross o encarou de volta. – Sir Hugh Bodrugan, e não quero nada da sua maldita impertinência.

O criado aproveitou ao máximo a situação. – Perdão, senhor. Sir Hugh está na biblioteca. Qual nome eu devo anunciar?

Ross foi levado até uma sala cheia de pessoas bebendo vinho e ponche das ilhas Canárias. As condições não poderiam ser

muito mais difíceis para o que ele tinha a dizer. Ele conhecia muitas das pessoas. O jovem Whitworth estava presente, George Warleggan e Dr. Choake, e Patience Teague e Joan Pascoe. E, ainda, Ruth Teague com John Treneglos, o filho mais velho de Mr. Horace Treneglos. Ross olhou por cima das cabeças da maioria deles e viu a forma diminuta de Sir Hugh perto da lareira, sentado com as pernas bem espaçadas e sua taça erguida. Ele viu o criado se aproximar e sussurrar no ouvido de Sir Hugh, e ouviu a resposta impaciente de Bodrugan: – Quem? O quê? O quê? – Ross conseguiu ouvir porque houve uma diminuição temporária da conversa. Algum dia ele conseguiria aceitar essa condição como um ocorrido natural sempre que ele entrasse em um cômodo. Ele assentiu e sorriu parcialmente para alguns dos convidados enquanto andava pelo meio deles em direção a Sir Hugh. Houve uma algazarra súbita de latidos e ele viu que Constance, lady Bodrugan, estava de joelhos no tapete da lareira atando a pata de um cachorro, enquanto seis *cocker spaniels* a rodeavam e a lambiam.

– Maldito seja, eu achei que fosse Francis – disse Sir Hugh. – Seu criado, senhor. A caçada começa em dez minutos.

– Cinco é tudo de que preciso – Ross disse em um tom agradável. – Mas eu gostaria de usá-los em particular.

– Não há nenhum lugar privado nesta casa nesta manhã, a não ser que seja sobre o Jericó. Fale mais alto, pois há barulho demais para qualquer pessoa escutar os seus assuntos privados.

– O homem que deixou este vidro todo por aqui – disse a madrasta dele. – Eu o chicotearia, por Deus!

Ross aceitou o vinho que lhe foi oferecido e explicou sua missão para o baronete. Um ladrão fora capturado nas terras Bodrugan na noite anterior. Um garoto a quem ele conhecia pessoalmente. Sendo um magistrado, Sir Hugh sem dúvida estaria envolvido na audiência do caso dele. Era a primeira infração do garoto e havia motivos fortes para se acreditar que ele tinha sido influenciado por um malandro mais velho. O próprio Ross se consideraria na obrigação de reparar quaisquer perdas materiais se o garoto pudesse ser solto com uma advertência severa. Além disso, ele seria pessoalmente responsável...

Nesse ponto Sir Hugh soltou uma risada alta. Ross parou.

– Maldição, mas você chegou tarde demais, senhor. Tarde demais mesmo. Eu o tive diante de meus olhos hoje, às oito da manhã. Ele está a caminho de Truro agora. Eu o condenei para o julgamento nas próximas sessões quinzenais.

Ross bebericou seu vinho.

– Você agiu apressadamente, Sir Hugh.

– Bom, eu não queria me demorar lidando com o camarada, já que era o dia da reunião dos caçadores. Eu sabia que a casa ficaria um pandemônio antes das nove.

– O ladrão – disse lady Bodrugan, impressionada com a ideia enquanto liberava o cachorro –, eu suspeito que foi ele quem quebrou o vidro. Eu o mandaria ser chicoteado numa roda de madeira, por Deus! As leis são fracas demais com esses vermes.

– Bom, ele não incomodará meus faisões durante uma ou duas semanas – disse Sir Hugh, rindo com gosto. – Durante uma ou duas semanas. Você precisa concordar, capitão Poldark, é uma desgraça absurda o tanto de aves boas que foram perdidas em um ano.

– Sinto muito tê-lo interrompido em seu momento de caça.

– Sinto muito que sua missão não tenha um final mais feliz. Eu posso emprestá-lo um apito para aves se você quiser se juntar à caçada.

Ross o agradeceu, mas recusou. Depois de um instante, ele deu algumas desculpas e saiu. Enquanto se afastava, ele ouviu lady Bodrugan dizer:

– Você não quis mesmo dizer que teria deixado o verme se livrar dessa, Hughie?

Ele não conseguiu ouvir a resposta do enteado, mas ouve uma onda de risada entre aqueles que o ouviram.

A reação dos Bodrugans quanto à sua ideia de deixar um ladrão ser liberto com uma advertência era a mesma reação que a sociedade inteira teria, ele sabia disso, embora eles pudessem disfarçá-la melhor com frases mais refinadas. Até mesmo a sociedade da Cornualha, que via o contrabandista com tanta tolerância. O contrabandista era um sujeito esperto, que sabia como enganar o governo para não pagar impostos e oferecer a eles o conhaque pela metade do preço. O ladrão não apenas invadia as

terras de alguém no sentido literal, ele invadia metaforicamente todos os direitos inalienáveis à propriedade privada. Ele era um fora-da-lei e um criminoso. O enforcamento quase não era o suficiente.

Ross se deparou com a mesma atitude alguns dias depois quando falou com Dr. Choake. Não era provável que Jim fosse levado ao julgamento antes da última semana de maio. Ele sabia que Choake, em sua capacidade como médico de minas, havia tratado Jim tão recentemente quanto em fevereiro e ele lhe perguntou a sua opinião sobre o rapaz.

Choake disse, bom, o que você poderia esperar com tuberculose na família? Através da ausculta, ele tinha detectado uma espécie de condição mórbida em um pulmão, mas era impossível dizer o quanto a doença havia evoluído. É claro que essa queixa possuía várias formas; a mortificação do pulmão poderia acontecer mais cedo ou mais tarde; ele poderia até mesmo chegar aos quarenta nos, o que era uma idade razoável para um minerador. Não tinha como saber.

Ross sugeriu que a informação poderia ser útil na audiência. A evidência de uma saúde seriamente ruim, juntamente com o seu próprio apelo, possivelmente faria com que retirassem a queixa contra ele. Se Choake desse seu testemunho no julgamento...

Choake franziu suas sobrancelhas com um olhar perplexo. Ele indagou se Ross quis dizer aquilo mesmo. Choake, portanto, balançou sua cabeça de maneira incrédula.

– Meu caro senhor, nós faríamos muito por um amigo, mas não nos peça para testemunhar a favor de um jovem criminoso que foi pego roubando em terras alheias. Nós não poderíamos fazer isso. Não seria natural para nós, assim como dar à luz a uma criança francesa.

Ross pressionou, mas Choake não queria ceder.

– Para dizer a verdade, eu não simpatizo muito com os seus objetivos – ele disse finalmente. – Nada de bom resultará de ser sentimental com essa gente. Mas eu lhe darei um bilhete com o que eu disse a respeito do rapaz. Assinado com a minha própria escrita e selado como um documento. Isso seria tão valioso quanto estar lá e ficar de pé no tribunal como um criminoso. Nós não poderíamos fazer isso.

Ross aceitou de má vontade.

No dia seguinte, Wheal Leisure recebeu a sua primeira visita oficial de Mr. Treneglos. Ele veio caminhando desde Mingoose com uma obra de Tito Lívio[16] sob seu braço e um tricórnio empoeirado em cima de sua peruca. A mineração estava no sangue da família Treneglos.

Ele viu o que tinha para ser visto. Três eixos estavam sendo afundados no solo, mas havia dificuldades. Eles tinham atingido uma camada de ferro quase imediatamente. Em alguns lugares, isso indicaria a necessidade de brocas de aço e depois de implosões com pólvora. A camada ia de leste a oeste e parecia ter um tamanho considerável, tal que as próximas semanas provavelmente seriam tediosas para todos.

Mr. Treneglos disse, bom, isso significaria mais despesas, mas as circunstâncias não eram desencorajadoras. Montantes ricos de cobre eram descobertos frequentemente em solo férreo. – A natureza é precavida – disse ele. – Ela mantém os seus tesouros bem guardados.

Eles foram até a ponta da colina e olharam além da beirada para a plataforma instável de madeira na metade da altura do monte, de onde oito homens divididos em grupos de quatro, em turnos de doze horas, haviam começado a abrir um acesso no rochedo. Eles já tinham desaparecido de vista há algum tempo; tudo que se conseguia ver do topo da colina era um garoto de doze anos que aparecia de vez em quando com um carrinho cujo conteúdo, os restos das quatro aparelhagens para abrir túneis, ele despejava na areia abaixo. Ross disse que eles também tinham atingido o ferro e estavam tentando contorná-lo.

Mr. Treneglos grunhiu e disse que esperava que aquelas mulherzinhas idosas, Choake e Pearce, não começassem a reclamar das despesas na próxima reunião. Quanto tempo eles achavam que levaria para conseguirem fazer o acesso chegar à mina, hein?

– Três meses – disse Ross.

– Vai levar seis inteiros – disse Mr. Treneglos para si mesmo. – Vai levar seis inteiros – ele assegurou para Ross. – Aliás, você soube das notícias?

– Que notícias?

– Meu filho John e Ruth Teague. Eles noivaram. Vão se casar, sabe?

Ross não sabia. Mrs. Teague devia estar extasiada.

– Ela se deu muito bem – o velho disse, como se, pela primeira vez, estivesse falando os pensamentos de Ross em voz alta ao invés dos seus próprios. – Ela se deu muito bem ao conseguir John, apesar de ele ser um tanto exagerado em seus copos. Eu poderia desejar uma dama com algum dinheiro em seu nome, pois nós não estamos tão confortáveis em nossa posição. Mesmo assim, ela encara bem uma disputa e é um partido bom para ele de outras maneiras. Ouvi falar sobre um camarada outro dia que estava se engraçando com sua própria copeira. Não consigo me lembrar de quem era. É algo sério, eu quis dizer, não só por diversão. Tudo depende de como você encara algo assim. Lembro-me muito bem que John jogou uma de nossas criadas contra o feno antes mesmo dela completar dezessete.

– Espero que eles sejam felizes.

– Hein? Ah, sim. Bom, ficarei feliz de vê-lo estabelecido. Eu não durarei para sempre, e não temos um mestre de Mingoose solteiro há oitenta anos.

– Você é um magistrado – Ross disse. – Qual é a pena pela caça ilegal dentro de uma propriedade?

– Hein? Hein? – Mr. Treneglos agarrou seu chapéu antigo bem a tempo de salvá-lo do vento. – Pela caça ilegal em uma propriedade? Isso depende, meu querido rapaz. Tudo depende. Se um homem é pego em posse de um cachorro de caça e de uma rede, e também se for o seu primeiro delito, ele pode ser sentenciado a três ou seis meses. Se ele já foi condenado anteriormente ou se foi pego no flagra, como se diz, então sem dúvida ele será transportado para longe. Temos que ser firmes com os malandros, se não, não teríamos mais nenhum faisão. Como está o seu tio, rapaz?

– Eu ainda não o vi este mês.

– Eu duvido que ele continuará atuando como magistrado. Suponho que ele esteja descansando. Talvez ele dê atenção demais aos homens da profissão médica. Eu mesmo desconfio deles. A

minha cura é o ruibarbo.[17] Quanto aos doutores: *timeo Danaos et dona ferentes*,[18] esse é o meu lema – ele acrescentou para si mesmo. – Deveria ser o de Charles.

2

O julgamento ocorreu no dia treze de maio.

Tinha sido uma primavera fria e inquietante com ventos fortes e dias de chuva gelada, mas, na metade do mês, o tempo começou a melhorar e a última semana tinha sido calma e repentinamente quente. A primavera e os meados do verão se condensaram dentro de uma semana. Em seis dias de sol ardente, todo o interior havia florescido e se vestido com seu verde mais rico. Os botões tardios da primavera brotaram durante a noite, se abriram como em uma estufa e se foram.

O dia do julgamento foi muito quente, e Ross cavalgou cedo até Truro, com as canções dos pássaros durante todo o caminho. O tribunal teria sido sombrio e decrépito nos melhores dias. Hoje, os túneis de raios de sol entrando pelas janelas sujas caíam nos bancos antigos e desgastados, e mostravam as grandes teias de aranha nos cantos do salão e penduradas nas vigas. Os raios mostravam o tabelião emaciado da corte se curvando sobre seus papéis com uma gota pendular brilhando em seu nariz, e caíam em retalhos sobre os espectadores mal vestidos que se amontoavam na parte de trás em meio a sussurros e tosses.

Havia cinco magistrados, e Ross ficou contente ao descobrir que ele era conhecido de dois deles. Um deles, o presidente da mesa, era Mr. Nicholas Warleggan, o pai de George. O outro era o reverendo Dr. Edmund Halse, a quem Ross havia visto pela última vez na carruagem. Ele ainda conhecia um terceiro de vista: um homem gordo e idoso chamado Hick, parte da *gentry* da cidade, e quem se embebedava até a morte. Durante a maior parte da manhã, Dr. Halse manteve o seu lenço fino de cambraia na frente de seu nariz fino e pontudo. Sem dúvida, este estava molhado de extrato de bergamota e alecrim, uma precaução bem sábia com tantas doenças se espalhando por aí.

Dois ou três casos foram concluídos com bastante rapidez naquela atmosfera pesada e abafada, e então Jim Carter foi trazido para o banco dos réus. Do fundo do tribunal, Jinny Carter, que havia caminhado os quinze quilômetros com seu pai, tentou sorrir quando seu marido olhou em sua direção. Durante o período de sua prisão, a pele dele perdera seu bronzeado e manchas profundas embaixo de seus olhos escuros eram visíveis.

Quando o caso começou, o oficial assistente olhou para o relógio grande na parede, e Ross conseguiu vê-lo decidir que havia uma quantidade exata de tempo para este caso antes do intervalo do meio-dia.

Os magistrados compartilhavam dessa opinião. O guarda vigia de Sir Hugh Bodrugan tinha uma tendência a se delongar quando estava dando seu testemunho, e Mr. Warleggan o instruiu diretamente a ater-se ao assunto duas vezes. Isso deu à testemunha um medo de falar em público, e ele chegou até à conclusão murmurando apressadamente. O outro vigia despejou a história toda de uma vez, e isso completou as evidências contra o réu. Mr. Warleggan olhou para cima.

– Há alguma defesa para este caso?

Jim Carter não disse nada.

O tabelião se levantou, limpando uma gota com sua mão. – Não há nenhuma defesa, Vossa Excelência. Não há delitos anteriores. Tenho aqui uma carta de Sir Hugh Bodrugan se queixando de quantos faisões ele perdeu este ano e dizendo que este é o primeiro ladrão que eles conseguiram pegar desde janeiro.

Os magistrados juntaram suas cabeças. Ross xingou Sir Hugh. Mr. Warleggan olhou para Carter: – Você tem algo a dizer antes que a sentença desta corte seja dada?

Jim lambeu seus lábios. – Não, senhor.

– Muito bem, então...

Ross se levantou. – Se eu puder pedir a indulgência desta corte...

Houve um pequeno rebuliço e um murmurinho, e todos se voltaram para ver quem estava remexendo a poeira magistral.

Mr. Warleggan tentou enxergar através dos eixos de raios solares e Ross balançou a cabeça de leve como uma forma de

reconhecimento mútuo.

– Você tem alguma evidência que gostaria de dar em defesa deste homem?

– Eu gostaria de dar um testemunho do seu bom caráter – disse Ross. – Ele foi meu empregado.

Warleggan se virou e teve uma conferência sussurrada com Dr. Halse. Ambos tinham-no reconhecido agora. Ross continuou de pé, enquanto as pessoas mudavam de posição e tentavam olhar por cima dos ombros umas das outras para vê-lo. Dentre aqueles logo à sua esquerda, ele viu um rosto que ele reconhecia, um que era impossível de confundir: a boca molhada e protuberante e os olhos oblíquos de Eli Clemmow. Talvez ele tivesse vindo para se vangloriar na destruição de Carter.

– Você pode ir para o banco das testemunhas, senhor – Warleggan disse em sua voz profunda e cuidadosa. – Então você poderá falar o que tem a dizer.

Ross saiu de seu assento e atravessou a corte até o púlpito das testemunhas. Ele fez o juramento e fingiu beijar a Bíblia velha e engordurada. Então colocou suas mãos sobre as beiradas da tribuna e olhou para os cinco magistrados. Hick suspirava como se estivesse dormindo; Dr. Halse estava se molhando levemente com seu lenço, sem nenhuma pista de reconhecimento em seus olhos; Mr. Warleggan examinava alguns papéis.

– Sem dúvida, cavalheiros, com as testemunhas que ouviram, não verão motivos para procurar por nada de excepcional neste caso. Em sua longa experiência deve haver muitos casos, especialmente em períodos de perturbação como este, quando há circunstâncias – da fome, da pobreza, da doença – que atenuam em parte o delito. Mas, naturalmente, as leis devem ser ministradas, e eu seria o último a pedir de vocês que um ladrão ordinário, que é um problema e um prejuízo para todos nós, fosse liberado sem ser punido. Contudo, eu tenho um conhecimento íntimo deste caso que gostaria de colocar diante dos senhores.

Ross deu-lhes um resumo das reviravoltas da vida de Jim, com uma ênfase particular em sua saúde ruim e no ataque brutal à sua esposa e filho cometido por Reuben Clemmow. – Vivendo dessa forma na pobreza, eu tenho razões para acreditar que o prisioneiro

caiu em má companhia e foi persuadido a abandonar certas promessas que havia feito diretamente a mim. Eu estou pessoalmente convicto da honestidade deste rapaz. Não é ele quem deveria estar na corte, mas o homem que o levou para o mau caminho.

Ele pausou e sentiu que possuía o interesse de seus ouvintes. Ele estava prestes a continuar quando alguém riu em deboche no fundo da corte. Muitos dos magistrados olharam naquela direção, e Dr. Halse franziu a testa de maneira severa. Ross não tinha dúvidas de quem tinha feito isso.

– O homem que o levou para o mau caminho – ele repetiu, tentando reconquistar a atenção desviada de seus ouvintes. – Eu repito que Carter foi levado para o mau caminho por homem muito mais velho do que ele, que escapou da punição até então. É ele quem deveria levar a culpa. Quanto à saúde atual do prisioneiro, vocês só precisam olhar para ele para verem em que estado ela se encontra hoje. Em confirmação do que eu disse, tenho aqui uma declaração do Dr. Thomas Choake, de Sawle, o distinto médico das minas, dizendo que ele examinou James Carter e atesta que ele sofre de uma inflamação crônica e pútrida do pulmão que provavelmente será fatal. Agora, estou preparado para contratá-lo novamente em meu serviço e servir de garantia do bom comportamento dele no futuro. Eu peço a consideração desses fatos pela corte, e que eles sejam levados em conta cuidadosamente antes que qualquer sentença seja dada.

Ross entregou ao tabelião um pedaço de papel no qual, usando uma tinta à base de água, Choake havia rabiscado seu diagnóstico. O tabelião ficou parado hesitantemente segurando-o em sua mão, até que Mr. Warleggan impacientemente o pediu para passá-lo para a banca. O bilhete foi lido e houve uma breve discussão.

– A sua objeção é que o prisioneiro não está em um estado de saúde adequado para ser mandado para a prisão? – Warleggan perguntou.

– Ele está gravemente doente.

– Quando este exame foi realizado? – Dr. Halse perguntou friamente.

– Por volta de três meses atrás.

– Então ele estava neste estado quando foi caçar as aves ilegalmente?

Ross hesitou, ciente da natureza hostil da pergunta. – Ele já está doente há algum tempo.

Dr. Halse espirrou em seu lenço. – Bom, falando por mim mesmo, eu acho que se um homem está – hm – bem o bastante para ir furtar faisões, ele está – hm – bem o bastante para encarar as consequências.

– Sim, é verdade – disse uma voz.

Mr. Warleggan bateu na mesa. – Qualquer outra perturbação... – ele se virou. – Você sabe, Mr. Poldark, eu estou inclinado a concordar com meu amigo, Dr. Halse. Sem dúvida, é um infortúnio para o prisioneiro que ele sofra dessas limitações, mas a lei não nos dá oportunidade de fazer essas distinções tênues. O nível da necessidade de um homem não deveria determinar o nível de sua honestidade. Se não, todos os mendigos seriam ladrões. E se um homem está bem o suficiente para errar, ele certamente também está bem o bastante para ser punido.

– Porém – disse Ross –, levando em conta o fato de que ele já sofreu quase quatro semanas de prisão e mantendo em mente o seu bom caráter e a sua grande pobreza, eu não consigo evitar sentir que, neste caso, a justiça seria melhor servida através da clemência.

Warleggan esticou o seu longo lábio superior para frente. – Você pode se sentir assim, Mr. Poldark, mas a decisão permanece com a banca. Houve um aumento perceptível na criminalidade durante os últimos dois anos. Esta também é uma forma de criminalidade difícil e cara de se detectar, e aqueles que são apreendidos devem estar preparados para aguentar a sua parte total da culpa. Tampouco podemos parcelar a culpa; podemos apenas tomar consciência dos fatos – ele pausou. – Tendo em vista, contudo, o testemunho médico e o seu próprio testemunho quanto ao bom caráter anterior de Carter, nós estamos dispostos a tomar uma posição mais bondosa quanto ao delito do que teríamos feito em outra circunstância. O prisioneiro é sentenciado a dois anos de prisão.

Houve um murmúrio na corte e alguém balbuciou uma palavra de desgosto.

Ross disse: – Eu espero nunca ter a desgraça de ver a bondade da corte ser estendida a mim.

Dr. Halse abaixou seu lenço. – Tome cuidado, Mr. Poldark. Tais comentários não estão completamente fora de nossa jurisdição.

Ross disse: – Só a misericórdia tem esse privilégio.

– Um momento – disse Dr. Halse. Ele se inclinou para frente, juntando as pontas de seus dedos e esticando seus lábios finos. Ele sentia uma antipatia por esse jovem e arrogante senhor de terras todas as vezes em que se encontravam: na escola, na carruagem, na corte. Ele estava particularmente satisfeito por ter-lhe feito aquela perguntinha afiada sobre as datas, que havia convencido os outros magistrados a mudarem de opinião. Mas, mesmo assim, o jovem promissor estava tentando ter a última palavra. As coisas não podiam ficar assim.

– Um momento, senhor. Nós não viemos aqui e administramos a justiça de acordo com os estatutos sem uma noção considerável de nossos privilégios e responsabilidades. Como um membro da Igreja, senhor, eu sinto esta responsabilidade com um peso especial. Deus deu àqueles homens que, dentre os seus ministros, são magistrados a tarefa de temperar a justiça com a clemência. Essa tarefa eu cumpro da melhor forma com minhas poucas habilidades, e acho que ela foi cumprida agora. As suas insinuações quanto ao contrário são ofensivas para mim. Eu não acho que você tenha a menor ideia do que está falando.

– Essas leis selvagens – disse Ross, controlando o seu temperamento com a maior dificuldade, – essas leis selvagens que vocês interpretam sem clareza mandam um homem para a prisão por alimentar seus filhos quando eles estão famintos, por encontrar comida onde ele consegue, quando a possibilidade de trabalhar por ela lhe é negada. O livro do qual você tira os seus ensinamentos, Dr. Halse, diz que não só de pão o homem viverá. Nos dias de hoje você está exigindo que os homens vivam sem ter nem o pão.

Um murmurinho de aprovação no fundo da corte aumentou de volume. Mr. Warleggan bateu seu martelo com raiva.

– O caso está encerrado, Mr. Poldark. Você fará o favor de descer.

– Se não – disse Dr. Halse –, nós o condenaremos por desacato à autoridade.

Ross fez uma reverência parcial. – Eu só posso assegurar-lhe, senhor, que tal condenação seria uma leitura correta dos meus pensamentos mais profundos.

Ele desceu do púlpito e abriu caminho para sair da corte empurrando as pessoas em meio a muito barulho e gritos do oficial auxiliar pedindo silêncio. Na rua estreita do lado de fora, ele respirou fundo no ar quente do verão. A fossa ali estava entupida de lixo e o cheiro não era nada bom, mas parecia até agradável depois do cheiro do tribunal. Ele pegou um lenço e enxugou sua testa. Sua mão não estava muito firme devido à raiva que ele tentava controlar. Ele se sentia enjoado devido ao desgosto e decepção.

Um longo grupo de mulas enfileiradas estava descendo a rua com as ancas pesadas cheias de estanho penduradas em ambos os lados dos animais e com vários mineradores sujos da viagem caminhando lentamente ao lado delas. Eles haviam caminhado por milhas desde o nascer do sol vindos de algum distrito distante com o estanho para a casa de fundição, e iriam voltar para casa nas costas das mulas cansadas.

Ross esperou até que eles tivessem passado e estava prestes a atravessar a rua estreita, quando uma mão encostou-se no seu braço. Era Jinny, com seu pai, Zacky Martin atrás. Havia manchas rosadas em suas bochechas, contrastando com a pele pálida e sardenta.

– Eu queria te agradecer, *sinhô*, pelo que você disse. *Foi mais que bom* da sua parte tentar tanto pelo Jim. E o que você disse...

– Não adiantou nada – disse Ross. – Leve-a para casa, Zacky. Ela ficará melhor estando com você.

– Sim, *sinhô*.

Ele os deixou abruptamente e foi andando rapidamente até a rua da casa de fundição. Ser agradecido pelo seu fracasso foi a gota d’água. O seu desgosto era em parte dirigido a si próprio por ter perdido a cabeça. Seja tão independente quanto quiser quando

estiver negociando a sua própria liberdade; mas no mínimo tenha um controle maior quando for a de outra pessoa. A sua atitude inteira, ele disse a si mesmo, tinha sido errada. Um começo bom, e depois fora por água abaixo. Ele seria a última pessoa a obter sucesso em tal tarefa. Ele deveria ter sido mais adulador, ter bajulado a banca. Ele deveria ter reforçado e elogiado a autoridade deles, assim como começou fazendo, e, ao mesmo tempo, deveria tê-los convencido de que uma sentença mais branda poderia ter sido dada pela benevolência em seus corações.

No fundo, ele se perguntava se nem mesmo a voz dourada de Sheridan[19] poderia tê-los afastado de sua presa. Uma abordagem ainda melhor, ele pensou agora, teria sido ver os magistrados antes que a corte fosse aberta e mostrado a eles o quão inconveniente seria para ele perder o seu criado. Esse era o melhor jeito de se libertar um homem, não usando o testemunho de médicos ou apelos sentimentais por clemência.

Ross havia chegado em Prince Street neste momento e fez a curva para entrar na hospedaria Fighting Cock. Lá ele pediu uma garrafa de conhaque e se pôs a bebê-la.

Capítulo Cinco

1

No sol quente da tarde de início de verão, Demelza e Prudie estavam capinando os nabos novos que foram plantados na metade mais baixa de Long Field.

Prudie não era lenta ao verbalizar suas reclamações, mas, se Demelza estava escutando, ela não prestava atenção alguma. Ela acertava e puxava ritmicamente com sua enxada, partindo as raízes mais novas ao mesmo tempo em que abria espaço para o crescimento das plantas. De vez em quando ela parava com as mãos nos quadris para olhar para a praia Hendrawna. O mar estava muito quieto sob o sol quente. Nuvens fracas se mexiam de tempos em tempos, criando sombras escuras gentis sobre ele como fariam na lateral da asa de um pássaro. Onde a água era rasa, a sua superfície formava um padrão em constante mudança de rugas coloridas de malva e verde-escuro.

Às vezes, ela assobiava uma música, pois amava o calor de qualquer tipo, especialmente o calor do sol. Para a grande reprovação de Prudie, Demelza tinha tirado o seu chapéu azul e estava trabalhando com um de seus vestidos de estampa azul, com as mangas arregaçadas e pernas nuas, e sapatos duros com solado de madeira.

Com um grunhido e um apertão de mãos, como se isso fosse um movimento que não deveria ser feito muito frequentemente, Prudie esticou suas costas e se endireitou. Com um dedo sujo ela levantou seu chapéu e colocou uma mecha de cabelo preto atrás da orelha.

– Eu ficarei toda dura amanhã. *Num* consigo fazer mais nada hoje. Meus quadris! *Num vô* ter descanso a noite toda – ela puxou o salto de um de seus sapatos, o qual estava soterrado deixando entrar um pouco de terra. – Melhor você terminar também. Tem bezerros *pra* alimentar e eu *num* posso fazer tudo... Quem é esse agora?

Demelza se virou e franziu a testa em direção ao sol.

– Ora, é... O que é que *ele* pode estar querendo?

Ela deixou sua enxada cair e correu através dos campos em direção à casa.

– Pai! – ela chamou.

Tom Carne a viu e parou. Ela correu até ele. Desde a sua última visita, quando ele tinha anunciado o seu casamento próximo, os sentimentos dela por ele haviam mudado. A memória dos seus maus-tratos havia desaparecido, e agora que não havia mais uma questão em disputa entre eles, ela estava disposta a deixar o passado para trás e oferecê-lo afeição.

Carne ficou parado com seu chapéu circular na parte de trás de sua cabeça, com os pés plantados firmemente a certa distância um do outro, deixou que Demelza beijasse os pelos de sua barba preta. Ela percebeu imediatamente que os olhos dele estavam menos avermelhados e que ele vestia roupas respeitáveis: uma jaqueta de um tecido grosseiro cinza, um colete cinza, com calças grossas elevadas nas pontas por alguns centímetros, mostrando meias de lã marrons e sapatos pesados com fivelas brilhantes de latão. Ela se esquecera de que a viúva Chegwidden tinha uma bolsa grande.

– Bom, *fia* – disse ele – então, *cê* ainda *tá* aqui.

Demelza assentiu. – E *tô* feliz. Espero que você também.

Ele contraiu os lábios. – Tanto quanto possível. Tem algum lugar que a gente *pode* conversar, garota?

– Não há ninguém que possa nos ouvir aqui – ela respondeu. – Exceto os corvos, e eles não *tão* interessados.

Com isso, ele franziu a testa e observou a casa, que estava perto deles e aquecida pelo sol.

– Eu *num* sei se esse é um lugar bom *pr'uma fia* minha – ele disse duramente. – *Num* sei de tudo. Estive muito preocupado com você.

– E que interesse *cê* tem numa *fia* sua? – Demelza riu. – E como estão Luke, Samuel, William, John, Bobbie e Drake?

– Sendo corajosos. *Num* é neles que eu *tô* pensando – Tom Carne mudou sua postura e adotou uma ainda mais firme. A brisa gentil moveu seu bigode levemente.

– Agora, escuta aqui, Demelza, eu andei esse caminho todo *pra* te ver, e vim te pedir *pra* voltar *pra* casa. Vim ver o capitão *pra* explicar *pra* ele o motivo.

Enquanto ele falava, ela teve a sensação de que algo estava congelando dentro de si própria. A afeição filial recém-descoberta seria uma das primeiras coisas a irem embora se tudo isso tivesse que ser discutido novamente. Certamente, não precisaria ser discutido. Mas esse era um pai novo e mais racional do que ela já conhecera. Ele não estava vociferando ou berrando, nem mesmo bêbado da maneira normal. Ela se mexeu para ficar do lado dele, que estava protegido do vento, para ver se conseguia sentir algum cheiro de álcool. Ele poderia ser mais perigoso se não houvesse como mostrar que ele estava errado facilmente.

– Capitão Poldark foi *pra* Truro. Mas eu já te disse. Eu quero ficar aqui. E quanto a... como ela está... a viú... sua...

– Bem-está-bem. É ela, em parte, que se sentiria melhor com a gente se *cê num tivesse* nessa casa exposta a todas as tentações do mundo, da carne e do diabo. *Cê* só tem dezesseis ainda...

– Dezessete.

– *Num* importa. *Cê é* muito nova pra ficar sem orientação – Carne esticou seu lábio inferior. – *Cê vai* pra igreja ou *pros* grupos alguma vez?

– Não muito.

– Talvez se *cê voltasse pra* gente, *cê* seria salva. Batizada pelo Espírito Santo.

Os olhos de Demelza se arregalaram. – Pra quê? Qual é a mudança *no cê*, pai?

Tom Carne encarou os olhos de Demelza de maneira desafiadora.

– Quando *cê* me deixou, eu *tava* na escuridão e na sombra da morte. Eu era um servo do diabo e era perverso e um beberrão. Ano passado eu fui convencido sobre o pecado pelo Mr. Dimmick. Agora sou um homem completamente novo.

– Ah! – disse Demelza. Então a viúva Chegwidden havia tido sucesso afinal. Ela havia subestimado a viúva Chegwidden. Mas talvez, de fato, fosse algo além da viúva. Seria necessário Algo Horrível para transformar o homem que ela conhecia...

– O Senhor – disse Tom Carne, – me tirou de um caminho terrível de lama e barro, e pôs meus pés sobre a rocha e colocou uma canção nova em minha boca. Não há mais bebidas nem viver no pecado, *fia*. Vivemos uma vida boa e *tamos* dispostos a te receber de volta. É o seu lugar natural no mundo.

Demelza encarou a face avermelhada de seu pai por um instante, então olhou para baixo tristemente na direção de seus sapatos.

Tom Carne esperou. – Então, garota?

– É absurdamente bondoso da sua parte, pai. Estou feliz que houve uma mudança. Mas eu estou aqui há tanto tempo que esta é a minha casa agora. Seria como deixar a minha casa se eu voltasse contigo. Eu aprendi tudo sobre a fazenda e tudo o mais. Faço parte da casa. Eles não conseguiriam se virar sem mim. Eles precisam de mim, não você. Um dia eu vou até lá te ver... Você e os garotos todos. Mas vocês não precisam de mim. Vocês *têm ela pra* cuidar de vocês. Não há nada *pra* eu fazer exceto comer a sua comida.

– Ah, tem sim – Carne olhava para o horizonte. – O Senhor abençoou a nossa união. Nellie já *tá* no sexto mês e o bebê vai nascer em agosto. É o seu lugar apropriado e o seu dever vir *pra* casa e cuidar da gente.

Demelza começou a sentir que ela estava presa em uma armadilha que estava apenas começando a mostrar seus dentes.

Houve um silêncio. Um maçarico-real pousara no campo e estava avançando rapidamente, com sua crista e cabeça abaixadas, e emitindo o seu triste som de ‘pii-uit’. Ela olhou através do campo para Prudie, que havia recolhido suas ferramentas e estava andando a passos lentos e desengonçados em direção à casa. Ela olhou para o campo de nabos, capinado pela metade, a outra metade por fazer. Seus olhos passaram pela areia e pelas dunas até a colina onde dois chalés estavam sendo construídos, e os homens se moviam como formigas no horizonte de verão. Wheal Leisure. Ela não poderia deixar isso para trás. Por nada no mundo. Ela havia passado a olhar para tudo isso, rapidamente, para todas as coisas igualmente, como se ela fosse deles e eles dela. Ela tinha se apegado extremamente a tudo isso. E, é claro, a Ross. Se isso fosse algo que a pedissem para fazer por ele, seria diferente, mas,

ao invés disso, esperavam que ela o abandonasse. Ela não tinha uma vida antes, até vir para cá. Embora ela não pensasse isso conscientemente, toda a parte anterior de sua vida era como um pesadelo sombrio pré-natal, algo pensado, imaginado e temido ao invés de algo realmente enfrentado.

– Onde *tá* o capitão Poldark? – Tom Carne perguntou, sua voz se enrijeceu de novo com o silêncio dela. –Eu vim ver ele. Tenho que explicar e ele vai entender. Não terá motivo *pra* briga dessa vez.

Isso era verdade. Ross não a impediria de ir. Talvez ele até esperasse isso dela.

– Ele saiu – ela disse de maneira brusca. – Ele não vai voltar até estar escuro.

Carne se moveu ao redor dela para encontrar o seu olhar, como fazia antigamente quando ele rodeava um oponente para agarrá-lo.

– *Num* tem nada que *cê* possa fazer. *Cê* tem que vir.

Demelza olhou para ele. Ela viu pela primeira vez o quão grosseiro e comum ele era. Suas bochechas eram flácidas e caídas e seu nariz era rabiscado com pequenas veias vermelhas. Mas, realmente, nem todos os cavalheiros eram como aquele que ela servia.

– Você não pode esperar que eu diga 'sim' logo de cara e vá embora, depois de todos esses anos. Eu preciso ver o capitão Ross. Ele me contratou pelo ano todo. Vou ver o que ele diz e te avisarei.

Era isso. Tire-o da fazenda antes que Ross volte, faça-o ir embora e consiga algum tempo para pensar.

Tom Carne, por sua vez, estava observando sua filha atentamente, com um pouco de desconfiança. Ele só havia percebido agora a mudança completa nela, o modo como ela havia evoluído, amadurecido, crescido até ganhar o formato de uma mulher. Ele não era um homem de medir palavras.

– Há algum tipo de pecado entre você e o Poldark? – ele perguntou em uma voz baixa e afiada, na voz do antigo Tom Carne.

– Pecado? – indagou Demelza.

– Isso. Não se faça de tão inocente.

A boca dela se espremeu. O instinto de um medo antigo que ela havia superado o poupou de uma resposta que ele não esperaria dos lábios de uma filha, mesmo que fossem palavras que ela aprendera com ele próprio.

– Não há nada entre nós, exceto o que deve haver entre um mestre e uma criada. Mas você deveria saber que eu sou contratada pelo período de um ano. Eu não posso ir embora sem sua permissão.

– Há rumores sobre você – ele disse. – Rumores que vão tão longe quanto Illugan. Quer seja tudo mentira ou não, *num* é certo uma garota nova ser envolvida nesse tipo de rumor.

– O que as pessoas dizem não tem nada a ver comigo.

– Isso pode até ser. Mas eu *num* quero uma *fia* minha misturada nesses rumores. Quando ele chega em casa?

– Não antes de escurecer, eu disse. Ele foi *pra* Truro.

– Bom, é um caminho longo pra eu andar até aqui de novo. Diz *pra* ele o que eu te disse e depois venha *pra* Illugan. Se *cê* não estiver de volta até o final da semana, eu venho de novo. Se for o capitão Poldark colocando obstáculos, eu *vô* ter uma conversa com ele.

Tom Carne puxou suas calças para cima e colocou os dedos na fivela de seu cinto. Demelza se virou e caminhou lentamente em direção à casa e ele a seguiu.

– Afinal de contas – ele disse em um tom mais paliativo –, eu *num tô* pedindo nada além do que qualquer *fia* faria.

– Não – disse ela. A ponta afivelada de um cinto quando era conveniente para ele; machucados em suas costas, costelas que dava para contar, sujeira e piolhos; nada além do que qualquer filha faria!

Quando chegaram à casa, Jud Paynter saiu com um balde de água. Ele ergueu suas sobrancelhas carecas ao ver o outro homem.

Tom Carne disse: – Onde *tá* o seu mestre?

Jud parou e colocou seu balde no chão, e olhou Carne e cuspiu. – Lá em Truro.

– Quando ele volta *pra* casa?

Demelza prendeu a respiração. Jud sacudiu sua cabeça. – À noite, talvez. Ou amanhã.

Carne grunhiu e seguiu em frente. Na frente da casa, ele se sentou no banco e tirou sua bota. Reclamando de seus calos, ele começou a apertar a bota até conseguir um formato mais confortável. Demelza poderia ter gritado com ele. Jim havia dito a verdade até onde ele sabia. Mas Ross havia dito a ele que esperava estar de volta para o jantar às seis. Agora já passava das cinco.

Tom Carne começou a contar para ela sobre seus irmãos. Os cinco mais velhos estavam todos trabalhando em minas, ou estavam, até serem dispensados quando Wheal Virgin fechou. O mais novo, Drake, seria iniciado como um assistente na oficina de um fabricante de rodas na semana que vem. John e Bobbie foram salvos pelo Senhor e haviam se juntado à sociedade, e até mesmo Drake quase sempre ia às reuniões, embora ele fosse novo demais para ser admitido. Só Samuel estava seguindo o caminho do pecado. A sua convicção tinha se desgastado e o Senhor não vira utilidade em enviar-lhe sua misericórdia. Era esperado que quando ela, Demelza, voltasse para o meio deles, ela recebesse a bênção em breve também.

Em outra época, ela teria encontrado uma diversão silenciosa nesse papo novo, o qual caía tão mal nele quanto um terno dominical. Ela absorveu as notícias de seus irmãos, por quem ela tinha tanta afeição quanto eles a permitiam ter. Mas, acima de tudo, estava a necessidade de vê-lo ir embora. Ela poderia tê-lo chutado para mexer aquele corpo grande e lento, caído em cima dele com suas unhas e desenhado arranhões vermelhos cruzando aquele rosto áspero e cheio de satisfação consigo mesmo. Mesmo quando ele fosse embora, ela não saberia o que deveria ser feito. Mas, pelo menos, ela teria tempo para pensar. Ela teria tempo. Mas, se ele ficasse ali conversando o dia todo até Ross chegar, então Ross saberia disso naquela noite e aí seria o fim. Ross convidaria o pai dela para dormir ali e os daria adeus pela manhã.

Ela ficou parada tremendo e o observou enquanto ele se inclinava para colocar sua bota, se ofereceu para afivelá-la com raiva, deu um puxão para endireitá-la e ficou de pé novamente, observando-o em silêncio enquanto ele pegava sua vara e se preparava para ir embora.

Ela caminhou com ele, dois passos à frente dele, até a ponte, e então ele parou novamente.

– *Cê num* tem nada a dizer – ele observou, olhando para ela novamente. – *Num* é do seu tipo ser tão quieta. Você ainda tem o rancor e a falta de caridade em seu coração?

– Não, pai – ela disse rapidamente. – Não, pai. Não.

Ele engoliu em seco e fungou novamente. Talvez ele também sentisse algo estranho ao usar essa linguagem rebuscada com a filha que ele costumava comandar e atormentar. Nos dias de antes, um grunhido e um xingamento seriam suficientes.

Ele disse lentamente e com esforço: – Eu te perdoo completa e perfeitamente por me abandonar quando *cê* o fez, e peço perdão, o perdão de Deus, por qualquer mal que eu te fiz com o cinto na minha bebedeira. *Num* vai ter mais isso, *fia*. *Cê* é bem-vinda entre nós como a ovelha perdida no rebanho. Nellie também. Nellie será uma mãe *pro cê...* Aquilo que *cê* sentiu falta nesses muitos anos. Ela tem sido uma mãe *pro* meu rebanho, e agora Deus *tá* dando a ela o seu próprio.

Ele se virou e cruzou a ponte mancando. Se apoiando em uma perna e depois na outra, ela o observou na subida dos campos verdes do vale e rezou urgentemente e com raiva – era para o mesmo Deus? – pedindo que ele não encontrasse Ross no caminho.

2

– Os bezerros precisam ser alimentados – disse Prudie. – E meus pobres pés *tão* me dando um incômodo amargo. Às vezes eu queria serrar meus dedinhos, um por um. Eu os serraria sim, com aquela serra velha de jardinagem.

– Aqui – disse Demelza.

– O que é isso?

– A faca de entalhar. Corte-os, e então *cê* ficará curada. Onde *tá* o mingau deles?

– Engraçado *cê* zombar – disse Prudie, limpando seu nariz em sua mão. – A *ignorânça* sempre zomba. *Cê num* zombaria quando a faca estivesse raspando o osso. E eu faria isso mesmo,

se não fosse o fato de que Jud *num* conseguiria viver sem eles. Na cama, ele diz que meus pés são tão bons quanto uma panela quente. Não, *mais melhor ainda*, porque eles não esfriam depois durante a noite.

Se ela fosse embora, Demelza pensou, não havia necessidade de ir tão cedo. Agosto, ele tinha dito. Amanhã era o último dia de maio. Ela não precisaria ficar lá mais de um mês; depois ela voltaria para cá para os seus afazeres antigos. Ela sacudiu sua cabeça. As coisas não se desenrolariam assim. Uma vez em casa, ela permaneceria em casa. E quer a força determinante fosse a cinta de couro ou o zelo religioso, ela tinha a sensação de que o seu trabalho seria o mesmo. Ela tentava se lembrar de como era a aparência da viúva Chegwidden de trás do balcão de sua lojinha. Morena, pequena e gorda, com o cabelo fofo embaixo de um chapéu de renda. Como uma daquelas galinhas pretas pequenas com cristas vermelhas que nunca colocava seus ovos dentro da caixa, mas sempre os escondia, e, antes que você descobrisse onde estavam, ela já estava chocando uma dúzia que já tinham incubado. Ela dava uma boa esposa para Tom Carne; será que ela daria uma boa madrasta? Talvez fosse muito pior assim.

Demelza não queria uma madrasta, nem um pai, nem mesmo uma penca de irmãos de volta. Ela não tinha medo do trabalho, mas lá ela estaria trabalhando em uma casa onde nenhuma gentileza já fora demonstrada para ela. Em Nampara, apesar de todos os seus deveres, ela era livre; e ela trabalhava com pessoas de quem ela havia se acostumado a gostar e para um homem que ela adorava. O modo dela de ver as coisas tinha mudado; tinha pequenas alegrias na vida que ela não compreendia até que essas a alcançaram. A sua alma havia florescido com elas. As habilidades de raciocinar, pensar e falar eram novas para ela – ou elas tinham crescido de tal maneira que era uma novidade, vindas desde os pequenos movimentos de um animalzinho preocupado apenas com o seu próprio alimento, segurança e com algumas necessidades primárias. Tudo isso terminaria. Todas essas luzes novas se apagariam; os apagadores seriam colocados sobre as velas e ela não enxergaria mais.

Sem escutar Prudie, ela despejou o mingau dos bezerros em um balde e levou-o para fora até os seis animaizinhos. Eles a saudaram de maneira barulhenta, empurrando as pernas dela com seus focinhos macios e molhados. Ela ficou parada ali e os observou comendo.

Seu pai, ao perguntar se existia algum pecado entre ela e Ross, certamente quis dizer o mesmo que aquelas mulheres em Grambler e Sawle, que às vezes se viravam e olhavam para ela com olhos curiosos e vorazes. Todos eles pensavam que Ross...

Com o rosto avermelhado, ela deu uma risada parcialmente desdenhosa nas sombras. As pessoas sempre pensavam coisas; era uma pena que elas não pudessem imaginar algo mais provável. Elas pensavam que se ela... que se Ross... então ela continuaria vivendo e respirando como uma criada qualquer? Não. Ela se encheria de tanto orgulho que todos saberiam a verdade sem precisar sussurrar, espiar e se intrometer.

Ross Poldark se deitando com a criança de quem ele tinha se tornado amigo, a quem ele havia encharcado embaixo da boba d'água, repreendido, ensinado e com quem ele deu risada sobre as sardinhas em Sawle! Ele era um homem, e talvez sentisse vontade de certos prazeres como qualquer outro homem, e talvez ele os satisfizesse em suas visitas à cidade. Mas ela seria a última pessoa para quem ele se voltaria, ela, que não tinha elegância, nem vestidos bonitos, nem maquiagem ou pó de rosto, nem segredos tímidos a esconder dele. *Tolas* eram essas pessoas com as suas horríveis, malditas e bobas suposições imaginárias.

Os seis bezerros estavam fazendo bagunça ao redor dela, esfregando suas cabeças contra o seu corpo, chupando seus braços e seu vestido com suas bocas molhadas e desdentadas. Ela os afastava e eles vinham novamente. Eles eram como pensamentos, os de outras pessoas e os seus próprios, pressionando-a, deixando-a preocupada com tudo de uma vez, astutos, sugestivos, incômodos, amigáveis e esperançosos.

Como o pai dela era um tolo! Com a maturidade adulta repentina de uma sabedoria nascente ela enxergou isso pela primeira vez. Se houvesse *qualquer coisa* entre ela e Ross, como ele sugeriu, ela teria escutado o pedido dele de voltar para casa por

um instante sequer? Ela teria dito: – Voltar? Eu não vou voltar! Aqui é onde eu devo ficar!

E talvez aqui fosse o lugar dela mesmo. Talvez Ross se recusasse a deixá-la ir embora. Mas não havia nenhum sentimento real por ela da parte dele, nada além de um interesse bondoso. Ele se acostumaria a não tê-la na sala tão rapidamente quanto se acostumou a tê-la ali. Isso não era o suficiente, nem perto do suficiente...

Um dos bezerros tropeçou no balde e o fez rolar até o fundo da estrebaria. Demelza foi atrás dele, o pegou e, na escuridão do barracão, encontrou o pensamento mais sombrio de sua vida. Isso a assustou tanto que ela deixou o balde cair novamente. Ela ficou parada ali por vários minutos se segurando na divisória, sua mente fria e aterrorizada.

Loucura. Ele acharia que ela estava bêbada e a expulsaria da casa, como ameaçou fazer depois daquela briga dela com Jud.

Mas então ela deveria ir embora; em qualquer uma das possibilidades, ela deveria ir... Não haveria perda alguma. Mas ela teria que aguentar a rejeição dele. Um grande preço a ser pago. Mesmo que tivesse êxito, ela ainda poderia conseguir a rejeição dele depois. Mas *ela não queria ir embora*. Ela pegou o balde novamente e o segurou firmemente com os nós de seus dedos ficando brancos.

Os bezerros vieram novamente, pressionando contra o seu vestido e suas mãos... O humor dela murchou. Não era o correto ou o errado que a incomodavam. Era o medo da rejeição dele. A ideia era ruim. Deixe-a de lado. Se esqueça disso. Enterre-a.

Ela empurrou os bezerros para o lado impacientemente, saiu e caminhou pelos pedregulhos até a cozinha. Prudie ainda estava lá esfregando seus pés chatos e cheios de joanetes com uma toalha suja.

A cozinha fedia a chulé. Ela ainda estava reclamando, talvez não tivesse nem notado que Demelza tinha saído.

– Um dia desses eu *vô* morrer num estalar de dedos. *Aí* as pessoas vão lamentar terem me esgotado. Aí as pessoas vão se arrepender. Mas o que isso vai adiantar *pra* mim depois, hein? O que adianta derramar lágrimas amargas sobre um cadáver frio? É

só um pouco mais de bondade que eu queria agora, enquanto ainda tenho fôlego – ela olhou para cima. – *Num* me diga que *cê* pegou alguma febre. *Num* me diga isso?

– Não tem nada de errado comigo.

– Tem que ter. *Cê* tá suando demais.

– Está calor – disse Demelza.

– E o que *cê* tá fazendo trazendo esse balde escorrendo aqui *pra* dentro?

– Ah! – ela exclamou. – Esqueci. Vou deixá-lo lá fora.

Capítulo Seis

1

Ross não tinha voltado. Demelza não conseguia se decidir se queria que ele retornasse. O relógio mostrava oito horas. Muito em breve Jud e Prudie estariam na cama dormindo. Seria correto ela ficar acordada e preparar o jantar dele. Mas se ele não voltasse logo, certamente passaria a noite em Truro. Zacky e Jinny estavam de volta. Jack Cobbledick os tinha visto e a notícia correu. Todos lamentavam por Jim e sentiam um rancor forte contra Nick Vigus. Todos lamentavam por Jinny e pelas duas crianças. Nenhum homem era o mesmo depois de sair da prisão.

Demelza olhou para o vestido, mordeu seu lábio e olhou para ele novamente. Então ela jogou um lençol sobre ele apressadamente quando ouviu Prudie subindo as escadas com o *flip-flop* de seus passos difíceis.

– *Tô* indo pra cama, querida – disse Prudie, uma garrafa de gin em sua mão.

– Se não, *vô* cair morta. Muitas vezes, quando era menina, eu costumava desmaiar sem dar um aviso. Se minha mãe soubesse o que eu tenho que aguentar agora ela levantaria de seu túmulo. Ela andaria. Muitas vezes eu achei que ela fosse andar. *Cê* pode ver a janta dele, *né*?

– Eu cuido disso.

– Não que seja provável ele vir *pra* casa esta noite. Eu disse isso *pro* Jud, mas a mula velha diz 'não', ele quer esperar mais vinte e cinco minutos, então ele vai esperar.

– Boa noite – disse Demelza.

– Boa noite? Vai ser uma surpresa se eu conseguir pregar os olhos.

Demelza a observou ir até seu quarto, depois tirou o lençol para olhar o vestido novamente. Depois de alguns instantes, ela o cobriu e desceu as escadas.

Na cozinha havia um cheiro delicioso de torta. Jud estava sentado em frente ao fogo entalhando um pedaço de madeira

excedente, transformando-o em um atiçador para mexer a lenha queimada dentro do forno de barro. Enquanto entalhava, ele murmurava baixinho sua cantiga:

– Havia um casal de idosos e eles eram pobres,
Lá-rá, lá-rá, lá lá lá-rá...

– Foi um dia bonito, Jud – ela disse.

Ele olhou para ela desconfiado.

– Quente demais. Tudo errado *pr'essa* época do ano. Vai chover logo. A andorinha *tá voano* baixo.

– Você não deveria se sentar tão perto do forno.

– O quê que o pai disse?

– Ele queria que eu fosse ficar com eles por algumas semanas – Jud grunhiu. – E quem vai fazer o teu trabalho?

– Eu disse que não poderia ir.

– *Num* poderia mesmo, eu diria. Também é o início do verão – ele levantou sua faca. – É um cavalo? Acho que é o Mr. Ross, justo quando eu tinha desistido.

O coração de Demelza deu um salto. Jud colocou a madeira na mesa e saiu para levar Darkie para os estábulos. Depois de alguns segundos, Demelza foi atrás dele pelo corredor.

Ross tinha acabado de desmontar e estava desatando de trás da sela as bolsas e objetos que tinha trazido com ele. Suas roupas estavam cheias de poeira. Ele parecia estar muito cansado, e sua face estava enrubescida. Ele olhou para cima quando ela veio até a porta e sorriu rapidamente, porém, sem interesse. O sol acabara de se pôr na ponta oeste do vale e o horizonte estava radiante com um brilho alaranjado. Ao redor da casa, os pássaros estavam cantando.

–...comida extra – ele estava dizendo. – A refeição que eles lhe deram não era nada. Uff, não tem ar algum esta noite.

Ele tirou seu chapéu.

– Você vai precisar de mim de novo? – Jud perguntou.

– Não. Vá para a cama quando quiser – Ross andou lentamente até a porta e Demelza se moveu para o lado para deixá-lo passar. – Você também. Coloque a minha janta e depois pode ir.

Sim, ele tinha bebido; ela pôde perceber isso. Mas não sabia dizer o quanto. Ele entrou na sala onde a mesa estava posta para sua refeição. Ela o ouviu tendo dificuldade em tirar suas botas, e entrou silenciosamente trazendo os chinelos dele e o ajudou a se livrar delas. Ele olhou para cima e assentiu em agradecimento.

– Eu ainda não sou um idoso, você sabe.

Ela saiu para tirar a torta do forno. Quando voltou, ele estava se servindo de uma bebida. Ela colocou a torta na mesa, cortou uma fatia para ele, colocou-a em seu prato, cortou um pedaço de pão para ele, e esperou sem falar nada enquanto ele se sentava e iniciava a refeição. Todas as janelas estavam abertas. O brilho de uma fornalha sobre a colina havia desbotado. No alto do céu, um amontoado de nuvens era cor de rosa e açafrão. As cores na casa e no vale estavam se exibindo.

– Devo acender as velas?

Ele olhou para cima como se tivesse se esquecido dela.

– Não, ainda temos tempo o suficiente. Farei isso mais tarde.

– Eu vou voltar e acender *elas* – ela disse. – Ainda não vou *pra* cama.

Ela saiu do cômodo, passou pelo corredor de teto rebaixado até a cozinha. Assim, o caminho ficou livre para que ela pudesse voltar. Ela não sabia o que fazer agora. Ela quis rezar pedindo algo que sabia que o Deus da viúva Chegwidden desaprovava. Ela se ajoelhou e acariciou Tabitha Bethia e foi até a janela e olhou para os estábulos. Ela picou alguns restos de comida para Garrick e dessa forma o atraiu até um barracão e o trancou lá. Ela voltou e aumentou o fogo. Pegou o atiçador de madeira de Jud e tirou uma lasca dele com a faca. Seus joelhos estavam fracos e suas mãos frias como gelo. Ela levou um balde até a bomba e pegou água fresca. Um dos bezerros estava chorando. Um bando de gaivotas voava lentamente até o mar.

Desta vez, Jud a seguiu até a cozinha, assobiando por entre seus dois dentes grandes. Darkie recebera comida e água. Ele guardou a faca e o pedaço de madeira.

– *Cê num vai tá* de pé pela manhã.

Ela sabia muito bem quem é que provavelmente não estaria de pé pela manhã, mas, pela primeira vez, ela não o respondeu. Ele

saiu, e ela o ouviu subindo as escadas. Ela foi em seguida. Em seu quarto, ela encarou o vestido novamente. Ela daria qualquer coisa por uma taça de conhaque, mas isso estava barrado. Se ele sentisse o cheiro de qualquer coisa em seu hálito, seria o fim. Não havia nada além disso para se fazer a não ser adotar uma expressão fria e rígida, ou então ela sairia correndo como um texugo de volta para a toca. A cama parecia ótima. Mas o amanhã chegaria. E o amanhã não oferecia esperança alguma.

Ela pegou seu pedaço quebrado de pente e foi até o espelho quadrado que tinha encontrado na biblioteca, e começou a trabalhar em seu cabelo.

2

Ela encontrara o vestido no fundo do segundo baú de metal, e, desde então, ele a seduzira assim como a maçã fez com Eva. Ele era feito de um cetim azul-claro, o espartilho com um decote baixo e quadrado. Abaixo da cintura apertada, o vestido se abria em camadas na parte de trás como um repolho azul. Ela achava que fosse um vestido para a noite, mas na verdade era um vestido que Grace Poldark havia comprado para uma tarde formal. Era do comprimento certo para Demelza, e as outras alterações ela tinha dado um jeito de fazer durante tardes úmidas. Havia uma sensação de arrepio na ideia de experimentá-lo, mesmo que ninguém nunca fosse vê-la vestida...

Ela olhou para si mesma na penumbra e tentou enxergar. O cabelo, ela tinha penteado para cima e repartido na lateral, e afastado das orelhas para fazer um coque no alto de sua cabeça. Em qualquer outra ocasião ela teria ficado contente com a sua aparência e se envaidecido, andando para cima e para baixo como um pavão para ouvir o ruído da seda. Mas agora, ela olhava, pensava e olhava. Ela não tinha maquiagem, como uma dama de verdade teria; nenhum *blush*, nenhum perfume. Ela mordeu seus lábios para avermelhá-los. E este espartilho. A mãe de Ross talvez tivesse uma forma diferente, ou talvez ela usasse um lenço de musselina por cima do colo. Ela sabia que se a viúva Chegwidden a visse, ela abriria sua boquinha fina e gritaria a palavra ‘Babilônia!’

Ela se enrijeceu. Ela havia se preparado. Não havia mais o que ser feito, nada de voltar atrás.

A pederneira e o aço estavam desengonçados em suas mãos, e ela teve dificuldades em acender a vela. Finalmente uma chama apareceu, e o azul rico do vestido apareceu mais vividamente. Ela fez ruídos enquanto andava até a porta e o tecido se movia junto. Então, devagar, com o castiçal na mão, ela desceu as escadas.

Na porta da sala, ela parou, engoliu algo desconhecido em sua garganta, lambeu seus lábios, e entrou.

Ele havia terminado sua refeição e estava sentado na penumbra em frente à lareira vazia. Suas mãos estavam em seus bolsos e sua cabeça estava baixa. Ele se mexeu levemente com a entrada dela, mas não olhou para cima.

– Eu trouxe a luz – ela disse, falando em uma voz que não parecia com a dela própria, mas ele não percebeu.

Lentamente, ela deu a volta, consciente do barulho que sua saia estava fazendo, acendeu os dois candelabros. Com cada vela que ela acendia, o cômodo ficava um tom mais iluminado, e os quadrados do vidro das janelas, um tom mais escuro. O céu inteiro sobre a colina tinha uma coloração azul-gelada, brilhante e clara e tão vazia quanto um lago congelado.

Ele se mexeu novamente e sentou com uma postura mais ereta em sua poltrona. A sua voz veio como um choque para os ouvidos dela.

– Você soube que Jim Carter foi mandado para a prisão por dois anos?

Ela acendeu a última vela.

– Sim.

– Duvido que ele irá sobreviver.

– Você fez tudo que pôde.

– Eu me pergunto isso – ele falava como se estivesse conversando consigo mesmo ao invés de com ela.

Ela começou a fechar as cortinas em frente às janelas abertas.

– O que mais você poderia ter feito?

– Não sou um bom argumentador – ele disse –, pois sou infernalmente consciente demais da minha própria dignidade. O tolo digno, Demelza, não chega a lugar algum ao lado do malandro bajulador. Elogios gentis e obsequiosos eram a ordem do dia, e, ao invés disso, eu tentei ensiná-los a fazerem o seu dever. Foi uma lição sobre estratégias, mas Jim Carter pode ter que pagar a conta com a sua própria vida.

Ela fechou a última cortina. Uma mariposa entrou voando, asas batendo contra o tecido verde adamascado.

– Ninguém mais teria feito o que você fez – ela disse. – Nenhum outro proprietário nobre. Não é culpa sua que ele foi caçar ilegalmente e foi pego.

Ross grunhiu. – Para ser franco, eu não acho que a minha interferência alterou muito a situação. Mas isso não importa já que...

Ele parou. Ele a encarou. Este era o momento, agora.

– Eu não trouxe as outras velas – ela conseguiu dizer. – Estávamos com poucas e você disse que traria mais hoje.

– Você andou bebendo de novo?

Ela disse desesperadamente: – Eu nunca mais toquei em nada desde que você me disse. Honestamente. Eu juro por Deus.

– Onde você conseguiu esse vestido?

– Na biblioteca... – as mentiras preparadas dela foram esquecidas.

– Então agora você usa as roupas da minha mãe!

Ela gaguejou: – Você nunca me disse isso. Você me disse que eu não deveria beber, e eu nunca mais toquei em nada daquilo. Você nunca me disse para não tocar nas roupas!

– Pois eu lhe digo agora. Vá e tire essas roupas.

Não poderia ter sido pior. Mas, nos picos de medo e desespero, as pessoas encontram uma nova firmeza. Ela se moveu alguns centímetros mais para dentro do brilho amarelado das velas.

– Bom, você não gostou?

Ele a encarou novamente. – Eu lhe disse o que eu acho.

Ela foi até a ponta da mesa, e a mariposa flutuou perto das velas e atravessou o azul de seu vestido e bateu suas asas audaciosas contra o armário na parede.

– Eu não posso... me sentar e conversar um pouco?

Espantadora a mudança. O cabelo preso dava à face dela um ar diferente, um formato mais oval. Suas feições joviais estavam bem definidas e mais cheias, a aparência dela era adulta. Ele se sentia como alguém que havia adotado um filhote de tigre sem saber no que ele se transformaria. Aquele diabinho do desrespeito teimoso à sua própria posição o tentou a rir.

Mas o incidente não era engraçado. Se fosse, ele teria rido com um pensamento claro. Ele não sabia por que não era engraçado.

Ele disse em uma voz retraída: – Você veio para cá como uma criada e tem sido uma muito boa. Por isso lhe foram permitidas certas liberdades. Mas a liberdade de se vestir com essas roupas não é uma delas.

A poltrona na qual ele estava sentado à mesa ainda estava parcialmente afastada, e ela se agachou na ponta desta. Ela sorria de maneira nervosa, mas com mais esplendor do que ela pensava.

– Por favor, Ross, eu não posso ficar? Ninguém nunca vai saber. Por favor... – as palavras borbulhavam em seus lábios, e transbordavam em sussurros. – Eu não *tô* fazendo mal algum. *Num* é nada além do que já fiz muitas e muitas noites antes. Eu não quis te ofender vestindo essas roupas. Elas *tavam* apodrecendo no baú velho de metal. Seria uma pena deixar todas aquelas coisas bonitas se desfazendo ali. Eu só fiz isso *pra* te agradar. Eu pensei que talvez você fosse gostar. Se eu ficar aqui agora até dar a hora de ir...

Ele disse: – Vá para a cama agora e não falaremos mais disso.

– Eu tenho dezessete anos – ela disse insubordinadamente. – Já tenho dezessete há semanas. Você sempre vai me tratar como criança? Eu *não vou* ser tratada como uma criança! Sou uma mulher agora. Não posso escolher quando irei para a cama?

– Você não pode escolher como se comportar.

– Eu achei que você gostasse de mim.

– Eu gosto. Mas não para deixá-la dar as ordens na casa.

– Eu não quero dar as ordens na casa, Ross. Só quero sentar aqui e conversar com você. Eu só visto roupas velhas *pra* trabalhar. Isso é tão... vestir algo assim é tão...

– Faça o que eu disse, ou você voltará para a casa do seu pai amanhã de manhã.

Desde a primeira tentativa tímida e desesperada, ela havia obtido êxito em desenvolver um sentimento de rancor contra ele; até então, ela realmente acreditava que o problema era apenas questão de serem concedidos certos privilégios a ela.

– Bom, então – ela disse –, me ponha *pra* fora! *Me ponha pra* fora hoje à noite, eu não ligo. *Me bata* se você quiser. Como meu pai costumava fazer. Eu vou ficar bêbada e gritar pela casa inteira, e aí você terá um bom motivo!

Ela se levantou e pegou a taça dele da mesa. Ela serviu um pouco de conhaque e tomou um gole. Então ela esperou para ver qual efeito isso teria nele.

Ele se inclinou para frente rapidamente e pegou o atiçador de madeira e a acertou firmemente nos dedos com este, tal que a taça quebrou e derramou seu conteúdo no vestido em questão.

Por um momento ela parecia estar mais surpresa do que ferida, então ela colocou seus dedos na boca. A garota de dezessete anos madura e rebelde se tornou uma criança devastada e injustamente repreendida. Ela olhou para o vestido onde o conhaque estava sendo absorvido pela saia. Lágrimas vieram aos seus olhos, formando gotículas sobre os seus cílios escuros até ela piscar para tentar dispensá-las, formando gotículas novamente e tremendo na beirada sem cair. A sua tentativa de sedução havia sido um fracasso doloroso, mas a natureza estava vindo em seu socorro.

– Eu não deveria ter feito isso – ele disse.

Ele não sabia por que tinha dito isso ou por que deveria se desculpar por uma repreensão justa e necessária. Areia movediça havia se mexido sob os pés dele.

– O vestido – ela disse. – Você não deveria ter estragado o vestido. Era muito bonito. Eu vou embora amanhã. Vou embora assim que a luz nascer.

Ela se levantou da cadeira, tentou dizer algo a mais, então de repente ela estava ajoelhada na poltrona, sua cabeça nos joelhos dele, soluçando.

Ele olhou para ela, para a cabeça dela com o monte de cabelos escuros começando a se desprenderem, para o brilho no pescoço dela. Ele tocou nos seus cabelos com seus reflexos mais claros e mais escuros.

– Sua pequena... – ele disse. – Fique aqui, se quiser.

Ela tentou enxugar seus olhos, mas eles continuavam se enchendo novamente. Então, pela primeira vez, ele colocou suas mãos nela e a levantou. Ontem, o contato não teria significado nada. Sem uma intenção direta, ela acabou se sentando no joelho dele.

– Aqui – ele pegou seu lenço e enxugou os olhos dela. Então ele a beijou na bochecha e acariciou o seu braço, tentando encarar o gesto como algo paternal. A sua autoridade havia desaparecido. Isso não importava.

– Eu gosto disso – ela disse.

– Talvez. Agora vá, e esqueça que isso aconteceu.

Ela suspirou e engoliu em seco. – Minhas pernas estão molhadas – ela levantou a frente de sua anágua rosa e começou a enxugar seu joelho.

Ele disse com raiva: – Você sabe o que as pessoas dizem sobre você, Demelza?

Ela balançou a cabeça. – O quê?

– Se você agir assim, o que elas dizem vai se tornar realidade.

Ela olhou para ele, sinceramente dessa vez, sem flertes e sem medo.

– Eu vivo apenas por você, Ross.

Uma brisa levantou a cortina em uma das janelas abertas. Os pássaros lá fora estavam finalmente quietos e estava escuro. Ele a beijou novamente, desta vez na boca. Ela sorriu de maneira trêmula em meio aos resquícios de suas lágrimas, e a luz das velas dava um charme dourado e cremoso à pele dela.

Então, por má sorte, ela levantou a mão para colocar seu cabelo para trás e o gesto o lembrou de sua mãe. Ele se levantou, erguendo-a de pé tão bruscamente que ela quase caiu, foi até a janela, ficou parado de costas para ela. Não era o gesto, mas o vestido. Talvez o cheiro dele: algo que havia trazido até ele o gosto,

os sabores de outrora. A sua mãe havia vivido e respirado naquele vestido, naquele cômodo, naquela poltrona. O espírito dela se movia e passava entre eles.

Fantasmas e espectros de outra vida.

– Qual é o problema? – ela perguntou.

Ele se virou. Ela estava de pé ao lado da mesa, se segurando nela, o vidro quebrado aos seus pés. Ele tentou se lembrar dela como uma menina de rua magricela correndo pelos campos com Garrick atrás. Mas isso não adiantava nada. A menina de rua havia ido embora para sempre. Não era a beleza que havia crescido nela da noite para o dia, mas o atrativo da juventude, o que em si já era beleza.

– Demelza – ele disse, e até mesmo o nome dela era estranho. – Eu não a tirei de seu pai... para... para...

– Que diferença faz o porquê de você ter me tirado?

– Você não entende – ele disse. – Saia. Saia.

Ele sentiu a necessidade de suavizar o que tinha dito, a necessidade de se explicar. Mas o menor movimento de sua parte acabaria com o seu autocontrole.

Ele a encarou e ela não disse nada. Talvez ela estivesse admitindo a derrota silenciosamente, mas ele não sabia, ele não conseguia lê-la. Os olhos dela eram os olhos de uma estranha que havia usurpado um território familiar. Eles o encaravam com um desafio que havia se tornado hostil e magoado.

Ele disse: – Estou indo dormir agora. Você também deveria ir para a cama e tentar entender.

Ele pegou uma das velas, assoprou as outras naquele candelabro. Ele olhou para ela rapidamente, forçou um sorriso pela metade.

– Boa noite, minha querida.

Ela ainda não estava falando ou se mexendo. Depois que a porta se fechou atrás dele, então, finalmente, no cômodo silencioso com apenas a mariposa frustrada de companhia, ela se virou, pegou uma vela para si mesma, e uma a uma começou a apagar as outras que ele havia deixado.

Em seu quarto, ele estava tomado por uma onda de cinismo de uma violência bem surpreendente. Que tipo de monge e anacoreta ele estava se tornando? Sombras do seu próprio pai pareciam aparecer e sussurrar: ‘rapaz puritano!’

– Pelos céus! – ele disse a si mesmo. Que código moral ele havia escrito para si mesmo para ter que obedecer a essas distinções refinadas? Você poderia perder uma juventude inteira detalhando as diferenças triviais entre uma obrigação moral e outra. A delicada e refinada Elizabeth, a magra e libertina Margaret, Demelza com sua virgindade florescendo. Uma criança impetuosa rolando na poeira com seu cachorro feio; uma garota guiando o gado; uma mulher... Alguma outra coisa importava? Ele não devia nada a ninguém; certamente não a Elizabeth. Ela não significava mais nada para ele. Isso não era uma busca cega pelas sensações para afogar uma mágoa, como havia sido na noite do baile. Por Deus, ele nunca tinha ficado tão bêbado com tão pouco conhaque antes. Aquele vestido de seda velho e rígido, parte de um amor antigo...

Ele se sentou na cama confuso e tentou pensar. Tentou refletir sobre os incidentes daquele dia. O início foi frustração e o final foi frustração. ‘Francamente, Mr. Poldark, estou disposto a concordar com meu amigo, Dr. Halse. Sem dúvida é um infortúnio para o prisioneiro que ele sofra dessas limitações...’

Quem, além de um pateta, esperaria que os magistrados fizessem qualquer coisa a não ser concordarem uns com os outros? Devem apoiar uns aos outros, espírito de união, pelo bem da comunidade, pelo bem da classe. Isso é o que ele havia ignorado. Ninguém ficava de pé em um púlpito de testemunhas e argumentava contra a sua própria classe, muito menos discursava agressivamente contra eles na frente de uma multidão de espectadores desocupados. Não se fazia isso. Bom, ele tinha os seus próprios parâmetros de comportamento, embora ninguém o desse crédito por isso. Não era nada fora do normal para os membros mais jovens da *gentry* do condado terem casos com suas criadas. Eles não as sequestravam enquanto elas ainda eram menores de idade, só isso. Bom, agora ela já era maior de

idade, tinha idade o bastante para conhecer a sua própria mente e bom senso o bastante para ler a dele antes que ele mesmo se conhecesse. Qual era o problema dele? Nenhum senso de humor para fermentar a vida? Será que todo ato deveria ser extremamente sério, um peso sobre sua cabeça e suas mãos? Amar era um passatempo; todos os poetas cantavam a leveza disso, a leviandade disso; apenas os tolos erguiam barreiras com credos ou com a consciência.

Não havia ar naquela noite. A temperatura não se mantinha alta depois do anoitecer frequentemente.

Pelo menos, de alguma forma, ele ganhara uma gratidão maior de Jinny. Esses anos pareceriam ainda mais longos para ela do que para Jim. Será que ele sobreviveria? 'Um tolo sentimental. Um renegado. Se misturando com os indígenas e lutando contra os brancos. Traidor de sua própria classe na vida...' – 'Então venha beijar-me, bela jovem...'[20] – 'A beleza é apenas uma flor que as rugas devorarão...'[21] – 'Se preocupando com algum trabalhador da fazendo com uma tosse feia. Bem desequilibrado, supõe-se. Afinal, tem de se aceitar as dificuldades com as facilidades. Ano passado, quando minha égua premiada pegou a infecção no sangue...' – 'Todo filho de homem sábio deve saber.'[22]

Ele se levantou e foi até a janela norte para ver se esta estava aberta. Os sofismas dos poetas. Esta noite, ele não conseguia enxergar nada direito. Doces trovadores seriam os melhores conselheiros? Sim, a janela estava completamente aberta. Depois de vinte e sete anos ele havia descoberto uma espécie de filosofia de comportamento; será que deveria jogar isso fora ao primeiro teste? Houve uma batida na porta.

– Entre – ele disse.

Ele se virou. Era Demelza, carregando uma vela. Ela não disse nada. A porta voltou e se fechou atrás dela. Ela não havia trocado de roupa e seus olhos pareciam luzes.

– O que foi? – ele disse.

– Este vestido.

– E?

– O corpete se abre nas costas.

– E?

– Eu não consigo alcançar os ganchos.

Ele franziu a testa para ela por um instante.

Ela se aproximou dele lentamente, colocou a vela sobre uma mesa desajeitadamente. – Me desculpe.

Ele começou a abrir o vestido. Ela sentia a respiração dele em seu pescoço.

Ainda havia uma cicatriz daquelas que ele vira no caminho até em casa depois da feira de Redruth.

As mãos dele tocavam a pele fria das costas dela. Elas escorregaram para dentro do vestido abruptamente e se fecharam ao redor da sua cintura. Ela inclinou sua cabeça para trás contra o ombro dele, e ele a beijou até o quarto escurecer diante dos olhos dela.

Mas agora, neste último momento, quando tudo fora superado, ela precisava confessar sua enganação. Ela não poderia morrer sem fazer a confissão.

– Eu menti – ela sussurrou, chorando novamente. – Eu menti sobre os ganchos. Oh, Ross, não fique comigo se você me... me odiar. Eu menti... eu menti...

Ele não disse nada, pois nada mais importava agora, nem mentiras, nem poetas, nem princípios, nem quaisquer restrições da mente ou do coração.

Ele a soltou e acendeu outra vela.

Capítulo Sete

1

Ela acordou com a aurora. Ela bocejou, ela não havia percebido a mudança inicialmente. Então ela percebeu que as vigas no teto se inclinavam de uma maneira diferente...

O cachimbo e a caixinha de fumo na prateleira, o espelho oval com mofo sobre esta. O quarto dele. Ela se virou e olhou para a cabeça do homem com seu cabelo castanho-acobreado no travesseiro.

Ela ficou deitada completamente imóvel de olhos fechados enquanto sua mente relembrava tudo que havia acontecido naquele quarto, e apenas a sua respiração rápida e esforçada mostrava que ela não estava dormindo.

Os pássaros estavam acordando. Seria outro dia quente e calmo. Embaixo das calhas os passarinhos faziam barulhos como os da água pingando sobre uma poça.

Ela escorregou silenciosamente até a beirada da cama e saiu de fininho, com medo de acordá-lo. Na janela, ela olhou por cima dos alpendres na direção do mar. A maré estava quase cheia. A névoa formava um cachecol cinza ao longo da linha das colinas. As ondas que chegavam rabiscavam manchas escuras no mar cinza-prateado.

O seu vestido – aquele vestido – estava amontoado no chão. Ela o pegou e se enrolou nele, como se, ao fazer isso, ela estivesse se escondendo de si mesma. Foi na ponta dos pés até o seu próprio quarto. Ela se vestiu enquanto os quadradinhos da janela se iluminavam gradualmente.

Nenhum movimento na casa. Ela sempre era a primeira a sair, muitas vezes havia ido até o final do vale para colher flores antes de Jud e Prudie virem a luz do dia resmungando. Hoje ela precisaria ser a primeira a sair da casa.

Descalça, descendo as escadas curtas e atravessando o corredor, ela abriu a porta da frente. O mar velho e cinza podia estar atrás da casa; mas, no vale, ficava todo o calor e a fragrância que a

terra havia estocado durante a noite curta do verão. Ela encheu seus pulmões de ar. Em partes remotas do céu, as nuvens estavam finas e espalhadas, sem movimento e abandonadas, como se uma vassoura descuidada tivesse passado por elas.

A grama úmida não estava fria para os seus pés descalços. Ela caminhou pelo jardim até o córrego, sentou-se na ponte de madeira com suas costas voltadas para o corrimão e molhou seus pés no riozinho. Os arbustos de espinheiros crescendo ao longo das margens estavam florescendo, mas os botões haviam perdido a sua brancura, estavam virando cor-de-rosa e caindo, tal que o córrego estava cheio de pequenas pétalas flutuantes como os vestígios de um casamento.

Seus quadris e suas costas doíam, mas as memórias assustadoras da noite passada desapareciam diante das lembranças de seus triunfos. Ela não tinha dores na consciência quanto à maneira pela qual aquele fim fora atingido, pois viver e alcançar o propósito da vida parecia absolver tudo. Ontem isso não poderia acontecer. Hoje já havia acontecido. Nada poderia mudar isso; nada.

Dentro de alguns minutos, o sol estaria de pé, iluminando as extremidades do vale, atrás das quais ele havia se posto há algumas curtas horas. Ela colocou suas pernas contra seu peito, sentou-se por um instante na ponte, depois se ajoelhou, pegou a água em suas mãos e molhou sua face e pescoço. Então ela se levantou e, com um excesso repentino de sentimentos, pulou e saltitou até a macieira. Um tordo e um melro estavam competindo de galhos vizinhos. Debaixo das árvores algumas folhas tocavam o cabelo dela, salpicando sua orelha e nuca com orvalho. Ela se ajoelhou e começou a apanhar algumas dedaleiras que formavam um tapete multicolor sob as árvores. Mas ela não tinha colhido mais de uma dúzia quando desistiu e se sentou recostada numa árvore cheia de líquens, sua cabeça inclinada para trás, os ramos molhados das dedaleiras agarrados contra seu peito.

Ela estava sentada tão imóvel, seu pescoço curvado com o cansaço, suas pernas nuas em um contato sensual com a grama e as folhas, que um tentilhão pulou para o chão e começou sua

cantoria de ‘piu-piu’ ao lado da mão dela. A sua garganta doía de vontade de se unir a ele, mas ela sabia que só conseguiria coaxar.

Uma mosca grande também desceu e pousou numa folha perto da sua face; ela tinha duas saliências marrons em sua cabeça e nesta proximidade parecia ser enorme, um animal pré-histórico que havia vasculhado as selvas de um mundo esquecido. Primeiro ela ficou de pé em quatro patas dianteiras e esfregou as duas traseiras com uma facilidade sinuosa para cima e para baixo de suas asas; depois ela se apoiou nas patas traseiras e esfregou as duas dianteiras como uma lojista obsequiosa. ‘*Buzz, buzz*!’, disse Demelza. Ela foi embora com um zumbido repentino, mas voltou novamente para a mesma posição quase imediatamente, desta vez esfregando sua cabeça como se estivesse em uma banheira.

A teia de uma aranha estava delineada em contas pequenas de um líquido acima da cabeça dela. O melro que estava cantando interrompeu a sua canção, se sacudiu por um instante com um rabo que parecia o leque de uma dama, voou para longe. Duas últimas pétalas da flor da macieira rosa-amarronzada, perturbadas pelo movimento, flutuaram ociosamente até o solo. O tentilhão começou a bicar uma delas.

Demelza estendeu sua mão e fez um barulho encorajador, mas ele não se deixaria ser enganado e voou de lado para uma distância mais segura. Nos campos, uma vaca mugia. Ainda havia isso naquelas horas do início da manhã que contrastava com os homens. Por trás de toda a conversa dos pássaros havia a quietude de um mundo que ainda não tinha acordado.

Uma gralha voou baixo acima da cabeça dela, sua plumagem desgrenhada pintada de dourado, suas asas fazendo um barulho de ranger quando batiam no ar. O sol estava nascendo e flutuando pelo vale, criando sombras silenciosas e úmidas, e eixos de luz compridos e pálidos em meio às árvores.

Capítulo Oito

1

Ross acordou tarde. Eram sete horas da manhã antes dele se mexer.

Quando acordou, ele sentiu um gosto horrível em sua boca. Aquela foi uma bebida ruim na hospedaria Fighting Cock.

Demelza... a seda enrijecida do vestido velho... os ganchos. O que havia dado nela? Ele estava bêbado, mas era de álcool? 'O exercício do espírito no desperdício da vergonha é a luxúria posta em prática... é odioso além da razão'[23] – como era o poema? Ele não pensara neste soneto noite passada. Os poetas o haviam enganado. Um caso estranho.

Pelo menos houve algum exercício para o espírito...

E as víboras fofoqueiras dos três vilarejos tinham apenas previsto a verdade. Não que isso importasse. O que importava era Demelza e ele. Como ele a encontraria nessa manhã: a trabalhadora amigável do dia, ou a estranha com lábios de seda que ele havia imaginado durante a noite de verão?

Ela tinha conseguido o que queria e, no final das contas, parecia temer isso.

O cúmulo da futilidade era se arrepender de um prazer do passado, e ele não tinha intenção alguma de fazer isso. O ato estava feito. Isso mudaria até o âmago dos seus jeitos pessoais; se intrometeria na amizade nascente entre eles, distorcendo cada ato e imagem, e introduzindo valores falsos.

A sua rejeição a ela na sala fora a única atitude sã. Puritana, talvez, mas até que ponto o resguardo puritano e o autocontrole se confundiam na mente do cínico?

O raciocínio dele era só perguntas e nenhuma resposta naquela manhã.

De qualquer maneira que se olhasse, a lembrança da noite passada trazia algo desagradável: não era culpa de Demelza, nem dele, mas a culpa estava no histórico de sua relação. Isso era

alguma besteira? O que seu pai teria dito? ‘Bobagens elegantes para explicar uma cabeça embriagada’.

Ross se esforçou para vestir suas roupas. Por algum tempo ele permitiu que sua mente visse o resultado de uma maneira borrada. Ele desceu e se banhou avidamente debaixo da bomba, olhando em volta de tempos em tempos para a colina na distância onde se conseguia ver Wheal Leisure. Ele se vestiu novamente e tomou café da manhã, assistido por uma Prudie resmungona e com a coluna torta. Ela era como um pescador se posicionando para conseguir atração com a isca da compaixão. Ela não conseguiu nenhuma fisgada essa manhã. Quando terminou, ele chamou Jud.

– Onde está Demelza?

– *Num* sei. Ela deve *tá* por aí. Vi ela *passano* pela casa uma hora atrás.

– Os Martins já estão aqui?

– No campo de nabos.

– Bom, Prudie e Demelza podem se juntar a eles quando ela estiver pronta. Eu não irei para a mina esta manhã. Irei ajudar a você e ao Jack com o feno. Já estava na hora de começar.

Jud resmungou e cambaleou para fora. Depois de ficar sentado por alguns minutos, Ross foi até a biblioteca e trabalhou por meia hora nos negócios da mina. Depois, ele pegou uma foice do galpão da fazenda e se pôs a afiar a lâmina com a pedra de amolar. O trabalho era um solvente para as aflições da noite. O exercício do espírito no desperdício da vergonha... Noite passada, antes do episódio final, ele tinha refletido que o dia começara em frustração e terminara em frustração. Esta manhã, todas as restrições estavam se erguendo para persuadi-lo de que aquele raciocínio ainda estava correto. A vida parecia ter lhe ensinado que a satisfação da maioria dos apetites trazia consigo as sementes da frustração, e que era a ilusão comum de todos os homens imaginar o contrário.

Os primeiros princípios daquela lição tinham raízes de dez anos de existência. Mas também, naquela época ele não era um voluptuário, então talvez não pudesse julgar. O seu pai fora um voluptuário e um cínico; seu pai tomava o amor pelo seu valor superficial e o tomava conforme ele vinha. A diferença certamente

não era que *ele* fosse frígido por natureza (longe disso), mas era que ele tinha expectativas demais.

A sensação de isolamento dos outros, de solidão, era mais forte nesta manhã. Ele se perguntou se, de fato, havia algum conteúdo verdadeiro na vida, se todos os homens eram tão perturbados quanto ele por uma sensação de desilusão. Não fora sempre assim. A sua infância havia sido feliz o bastante da maneira irracional que as infâncias são. Ele tinha aproveitado, de certa forma, as dificuldades e os perigos do serviço militar ativo. Foi desde que ele voltara para casa que o olho maligno do descontentamento se colocara sobre ele, tornando inúteis as suas tentativas de encontrar a sua própria filosofia, transformando em cinzas tudo que ele tocava.

Ele colocou a foice em seu ombro e andou até o campo de feno, que ficava no lado nordeste do vale, além das macieiras, e se estendendo até Wheal Grace. Um campo vasto, sem ser delimitado por muros ou cercas, e o feno nele daria uma boa colheita, melhor que a do ano passado, amarelado e seco pela última semana de sol. Ele tirou seu casaco e o pendurou em uma pedra no canto do campo. Ross estava com a cabeça exposta e podia sentir o calor do sol sobre seu cabelo e pescoço descobertos. Era bastante natural que antigamente os homens fossem adoradores do sol; especialmente na Inglaterra, onde o sol era esquivo e indeciso e sempre bem-vindo, em uma terra de neblina, nuvens e chuvas passageiras.

Ele começou a cortar, um pouco inclinado para frente, e usando seu corpo como o eixo, girando em um semicírculo amplo. A grama caía relutantemente, feixes longos se curvavam e afundavam lentamente em direção ao solo. Juntamente com a grama, iam também porções de saudades[24] roxas e margaridas, cerefólios e ranúnculos amarelos, brotando ilicitamente e sofrendo o mesmo destino comum.

Jack Cobbledick apareceu, subindo o campo com seus passos altos e demorados, e depois Jud, e eles trabalharam juntos a manhã inteira enquanto o sol subia para o alto e os castigava. De vez em quando, um ou outro parava para afiar sua foice com uma pedra. Eles falavam pouco, todos preferiam manter seus

pensamentos focados e alinhados, sem distrações. Duas cotovias permaneceram com eles pela maior parte da manhã, pontinhos flutuantes no céu alto, cantando e mergulhando, e cantando novamente.

Ao meio-dia eles pararam e se sentaram em grupo no meio da grama cortada e tomaram goles grandes de soro de leite coalhado e comeram pastéis de carne de coelho e bolinhos de cevada, enquanto Jack Cobbledick comentava com sua voz tão lenta e prolongada quanto seus passos, dizendo que o tempo ali te deixava tão seco que você queria tomar mais bebida do que aguentava; e que ele ouviu dizer que o casamento no mês seguinte em Mingoose seria a maior festa que tiveram em anos: todas as melhores pessoas; e que ele tinha visto Joe Triggs na tarde anterior e disse que era uma pena enorme que Jim Carter estava na prisão enquanto Nick Vigus estava absolutamente livre, e que havia muita gente que concordava; e diziam que Carter estava sendo enviado para a prisão de Bodmin, o qual as pessoas diziam ser uma das melhores no Oeste do país, e que a peste lá não era tão comum quanto nas de Launceston ou Plymouth. Aquilo era verdade, o capitão Poldark sabia dizer? Ross disse que sim, aquilo era verdade.

Jack Cobbledick disse que todos acreditavam que, se o capitão Poldark não tivesse ficado de pé na corte e dado um sermão aos magistrados, Carter teria recebido sete anos de confinamento, e as pessoas diziam que os homens da justiça eram loucos por isso. Jud disse que conhecia um homem que foi mandado para a prisão de Bodmin por praticamente nada, e no primeiro dia em que esteve lá ele pegou uma febre, e no segundo, morreu.

Cobbledick disse que as pessoas comentavam que se mais membros da *gentry* fossem como *Aquele Que Todos Sabem Quem* É não haveria toda essa penúria e fechamento de minas e *chororô* por pão. Jud disse que a peste era tão ruim na cadeia de Launceston em ’83 que o carcereiro e a sua esposa ficaram de cama por isso dentro de uma noite, e ambos estavam gelados antes do nascer do dia.

Cobbledick disse que os Greets e os Nanfans eram a favor de reunir uma multidão para expulsar Nick Vigus do distrito, mas

que Zacky Martin disse que eles não deveriam fazer algo do tipo, pois dois atos errados não resultavam em um correto, e nunca o fariam. Jud disse acreditar firmemente que o terceiro filho de Jim Carter nasceria postumamente.

Imediatamente, eles se levantaram e continuaram a trabalhar. Ross logo tomou à frente de seus companheiros, sendo guiado por suas próprias necessidades privadas. Enquanto o sol descia, ele parou novamente por alguns minutos e viu que eles tinham feito quase tudo. Seus antebraços e costas estavam doendo com o exercício, mas ele conseguira tirar um pouco da frustração de dentro de si. A regularidade circular do movimento da foice, o giro pivotal do corpo, o avanço em ritmo constante pelas beiradas do campo adentrando a grama e gradualmente se aproximando do centro o tinham ajudado a colocar de lado os fantasmas incômodos de seu descontentamento. Havia uma leve brisa do norte passando, e o calor escaldante do sol se tornara um calor brando. Ele respirou fundo algumas vezes, enxugou sua testa e observou os outros homens atrás de si. Então ele olhou de relance para a figura anã de uma das crianças dos Martins vindo da casa na sua direção. Era Maggie Martin, de seis anos, uma criança alegre com o cabelo vermelho da família.

– Se *cê puder*, *sinhô* – ela disse em sua voz melodiosa –, tem uma dama *quereno* te ver.

Ele colocou seu dedo indicador debaixo do queixo da criança. – Que tipo de dama, minha querida?

– Senhora Poldark, *sinhô*. Veio de Trenwith.

Fazia meses desde que Verity tinha vindo visitá-lo. Este poderia ser o início da continuação de sua antiga amizade. Ele nunca precisou tanto disso quanto agora.

– Obrigado, Mag. Eu vou para lá agora mesmo.

Ele pegou seu casado, e, com este e a foice pendurados sobre seu ombro, desceu a colina até a casa. Aparentemente, ela viera a cavalo desta vez.

Ross colocou a foice do lado da porta e, trazendo seu casaco para suas mãos, entrou na sala. Uma jovem estava sentada em uma cadeira. Seu coração deu um salto.

Elizabeth usava um vestido longo de montaria marrom-escuro com uma renda fina de Ghent nas mangas e em sua garganta. Ela estava com um tricórnio de feltro que tinha as bordas rendadas que acentuava o formato oval de sua face e coroava o resplendor brilhante de seu cabelo.

Ela estendeu a mão com um sorriso que o machucou com a lembrança de momentos passados. Ela era uma dama e era muito bonita.

– Bom, Ross, eu pensei que nós não o víamos há um mês e já que estava passando por aqui...

– Não dê desculpas por ter vindo agora – ele disse. – Apenas por não ter vindo antes.

Ela enrubesceu e seus olhos demonstravam um pouco de satisfação. A fragilidade e o charme dela não tinham sido alterados pela maternidade. A cada encontro, ele ficava surpreso como se fosse a primeira vez.

– É um dia quente para se cavalgar – ele disse. – Deixe-me lhe trazer algo para beber.

– Não, obrigada, estou bem refrescada – e ela parecia estar mesmo.

– Primeiro, diga-me como você está, o que você tem feito. Nós o vemos tão pouco.

Consciente de sua camisa molhada e de seu cabelo desgrenhado, ele a contou o que esteve fazendo. Ela ficou um pouco desconfortável. Ele percebeu que ela olhou em volta do cômodo uma ou duas vezes, como se pressentisse alguma presença alienígena, ou como se ela estivesse surpresa com a natureza confortável, porém, pobre da mobília. Os olhos dela foram até um vaso com anêmonas e samambaias no assento da janela.

– Verity me contou – ela disse –, que você não conseguiu fazer com que o seu fazendeiro recebesse uma sentença mais leve. Eu sinto muito.

Ross assentiu. – Uma pena, sim. O pai de George Warleggan era o presidente da banca. Nós saímos de lá com uma aversão mútua.

Ela olhou para ele por debaixo de seus cílios. – George lamentará. Talvez se você tivesse ido falar com ele, isso poderia ter

sido decidido. Embora seja verdade, não é, que o rapaz foi pego no flagra?

– Como está o tio? – Ross mudou de assunto, sentindo que suas opiniões sobre a questão Carter poderiam ofendê-la.

– Ele não está melhorando, Ross. Tom Choake faz sangria nele regularmente, mas isso só lhe traz um alívio momentâneo. Todos nós esperávamos que esse tempo bom fosse colocá-lo de pé novamente.

– E Geoffrey Charles?

– Está esplêndido, obrigada. Mês passado nós temíamos que ele tivesse pegado sarampo depois de todos nós termos escapado da epidemia, mas não foi nada além de uma irritação na pele – o tom dela estava bem controlado, mas ainda havia algo nele que o surpreendeu um pouco. Ele ainda não tinha escutado aquela modulação de voz levemente possessiva antes.

Eles conversaram durante alguns minutos com um tipo de sensação agradável e ansiosa. Elizabeth perguntava sobre o progresso da mina, e Ross explicava em detalhes técnicos, o que ele duvidava que ela compreendesse e tinha certeza de que ela não poderia estar tão interessada quanto aparentava. Ela falou sobre o casamento que estava por vir, presumindo que ele tinha sido convidado, e ele não teve coragem de corrigi-la. Francis queria que ela fosse para Londres neste outono, mas ela achava que Geoffrey Charles era novo demais para tal viagem. Francis parecia não entender que Geoffrey Charles não poderia ser deixado para trás. Francis achava que, etc... Francis sentia que...

A face pequena e resguardada dela ficou um tanto nublada neste momento, e ela disse, mexendo em suas luvas: – Eu queria que você visse Francis mais vezes, Ross.

Ross concordou educadamente que era uma pena ele não ter mais tempo livre para poder visitar seu primo.

– Não, eu não quis dizer isso no sentido de uma visita qualquer, Ross. Eu queria que de alguma forma vocês pudessem trabalhar juntos. A sua influência sobre ele...

– Minha influência?

– Isso o colocaria nos eixos. Eu acho que isso o ajudaria a encontrar um equilíbrio – ela olhou para cima dolorosamente, então

desviou o olhar. – Você vai achar estranho eu estar falando dessa forma. Mas, você vê, eu estive preocupada. Nós dois somos muito amigos de George Warleggan, ficamos com ele em Truro e em Cardew. George é muito bondoso. Mas ele é muito rico, e, para ele, apostar é apenas um passatempo agradável. Não é exatamente assim para nós agora, não para o Francis. Quando se aposta mais do que se pode gastar... Isso parece ter dominado Francis. É o ar que ele respira. Ele ganha um pouco e depois perde muito. Charles está doente demais para impedi-lo, e agora ele controla tudo. Nós realmente não podemos continuar dessa forma. Grambler está perdendo dinheiro, como você sabe.

– Não se esqueça – disse Ross –, que eu mesmo perdi dinheiro antes de ir embora. A minha influência pode não ter sido tão boa quanto você pensa.

– Eu não deveria ter falado disso. Eu não tinha a intenção. Não tenho o direito de incomodá-lo com os meus problemas.

– Eu encaro isso como um verdadeiro elogio.

– Mas quando você mencionou Francis... E a nossa amizade de antigamente... Você sempre foi compreensivo.

Ele viu que ela estava realmente aflita, e se virou para a janela para dar a ela tempo de se recuperar. Ele queria fazer jus à fé que ela tinha nele; ele teria dado muito para poder dar alguma sugestão que pudesse aliviar a preocupação do rosto dela. O seu ressentimento pelo casamento dela havia ido embora. Ela tinha vindo procurá-lo.

– Eu me perguntei se deveria contar para Charles – ela disse. – Tenho tanto medo de que isso irá deixá-lo pior e... isso não nos ajudaria de forma alguma.

Ross balançou sua cabeça. – Não faça isso. Deixe-me falar com Francis primeiro. Deus é quem sabe, não é provável que eu obtenha êxito onde... onde outros já falharam. O que eu não consigo nem começar a entender...

– O quê?

Mas ela sentiu um pouco do que ele não havia dito. – Ele é sensato em muitas coisas, mas eu não consigo influenciá-lo nisso. Ele parece encarar os meus conselhos como uma interferência.

– Então ele verá os meus conselhos da mesma forma. Mas eu tentarei.

Ela olhou para ele. – Você tem uma determinação forte, Ross. Eu já soube disso outrora. O que um homem não gosta de ouvir da sua... sua esposa, ele talvez aceite vindo de um primo. Você tem um jeito de formular seu argumento. Acho que você conseguiria influenciar muito o Francis se quisesse.

– Então, eu vou querer.

Ela se levantou. – Me perdoe, eu não pretendia ficar por tanto tempo. Não consigo explicar o quanto eu aprecio a maneira como você me recebeu.

Ross sorriu. – Talvez você irá me prometer vir aqui mais vezes.

– Com prazer. Eu... gostaria de ter vindo antes, mas senti que não tinha esse direito.

– Não sinta isso de novo.

Ouviram-se passos no corredor, e Demelza entrou trazendo um grande maço de dedaleiras recém-colhidas. Ela parou abruptamente quando viu que estava interrompendo algo. Ela usava um vestido de linho azul simples, feito à mão em casa, com um decote aberto e um pouco de bordado para enfeitar o cinto. Ela tinha uma aparência selvagem e malcuidada, pois, durante a tarde toda, negligenciando Prudie e os nabos, ela ficou deitada na grama de outro campo de feno, no planalto a oeste da casa, observando Ross e os homens trabalhando na colina do lado oposto. Ela havia se deitado ali, cheirando o solo e espiando através da grama como um filhote de cachorro, e finalmente se virara e dormira sob o calor gostoso do sol que descia no céu. Seu cabelo estava desgrenhado e havia grama e sujeita em seu vestido.

Ela retribuiu o olhar de Ross e encarou Elizabeth de olhos arregalados. Então balbuciou um pedido de desculpas e se virou para sair.

– Esta é a Demelza de quem você me ouviu falar – disse Ross. – Essa é a senhora Elizabeth Poldark.

Duas mulheres, ele pensou. *Feitas da mesma substância? Barro e porcelana.*

Elizabeth pensou: *oh, por Deus, então existe algo entre eles de fato*!

– Ross me falou muito de você, minha querida – ela disse.

Demelza pensou: *ela chegou tarde demais, um dia atrasada, apenas um dia. Como ela é bonita; como eu a odeio*. Então ela olhou para Ross novamente e, pela primeira vez, como o golpe de uma faca traiçoeira, ocorreu a ela que o desejo de Ross por ela na noite anterior havia sido uma breve chama de paixão vazia. O dia inteiro ela tinha se preocupado demais com os seus próprios sentimentos para dedicar tempo aos dele. Agora ela conseguia ver muita coisa nos olhos dele.

– Obrigada, madame – ela disse, sentindo o horror e o ódio na ponta de seus dedos. – Eu posso lhe servir alguma coisa, *sinhô*?

Ross olhou para Elizabeth: – Reconsidere a sua decisão e tome um chá. Será feito em poucos minutos.

– Eu preciso ir. Obrigada mesmo assim. Que dedaleiras lindas você colheu.

– Você gostaria de ficar com elas? – perguntou Demelza. – Pode ficar com elas, se quiser.

– Isso é muita bondade sua! – os olhos cinzas de Elizabeth percorreram o cômodo só mais uma vez. *Isso tudo é coisa dela*, ela pensou; *essas cortinas*. *Eu imaginei que Prudie não teria a ideia de pendurá-las assim*; *e a manta de veludo no banco, Ross nunca teria pensado nisso*. – Porém, eu vim a cavalo, e infelizmente não poderia carregá-las. Fique com elas, minha querida, mas obrigada pela ideia gentil.

– Eu posso amarrá-las para você e prender na sela – Demelza disse.

– Receio que elas iriam murchar. Veja, já estão murchando. Dedaleiras são assim – Elizabeth pegou suas luvas e seu chicote de montaria. *Eu não posso voltar aqui*, ela pensou. *Depois de todo esse tempo, agora é tarde demais*. *Tarde demais para eu vir aqui*. – Você precisa ir visitar seu tio, Ross. Ele pergunta por você muitas vezes. Quase não se passa um dia sem que ele pergunte.

– Farei uma visita semana que vem – ele disse.

Eles foram até a porta e Ross a ajudou a montar em seu cavalo, o que ela fez com aquela graça peculiar que ela possuía.

Demelza não os seguiu, mas os observou enquanto tentava fazer parecer que ela não estava olhando pela janela. *Ela é mais magra do que eu, mesmo que tenha tido um filho*. *Pele branca feito marfim; nunca trabalhou um dia sequer. Ela é uma dama e Ross é um cavalheiro, e eu sou uma vagabunda*. *Mas não na noite passada, não na noite passada*. (A lembrança disso subiu dentro dela). *Eu não posso ser uma vagabunda*: *sou a mulher do Ross*. *Espero que ela engorde. Espero e rezo para que ela fique gorda e pegue varíola e que o seu nariz enrugue e que os seus dentes caiam.*

– Você estava falando sério sobre o Francis? – Elizabeth perguntou a Ross.

– É claro. Eu farei qualquer coisa que eu puder, mesmo sendo pouco provável que tenha efeito.

– Venha ver o Charles. Na hora do jantar, isso seria ideal. Qualquer dia. Adeus.

– Adeus – ele disse.

Era a primeira reconciliação completa deles desde o seu retorno; e ambos estavam cientes, apesar de um não saber que o outro sabia, de que a reconciliação havia acontecido tarde demais para contribuir para o potencial que poderia ter tido.

Ele a observou subir o vale cavalgando lentamente. Num instante, ele viu o brilho do cabelo dela capturar a luz inclinada do sol que descia. Naquele vale cheio de sombras, os pássaros estavam iniciando suas canções noturnas.

Ele estava cansado, muito cansado, e queria descansar. Mas sua paz de espírito, obtida com dificuldade durante o dia, fora dissipada pela visita dela.

Ele deu meia volta, entrou na casa com passos pesados, e foi até a cozinha. Prudie estava preparando a refeição noturna. Ele grunhiu para alguma reclamação que ela fez e foi até os estábulos. Durante alguns minutos, ele se ocupou com as pequenas tarefas da fazenda; tendo as feito, ele voltou para a casa e foi para a sala de estar.

Demelza ainda estava lá, de pé em frente à janela. Ela segurava as dedaleiras em seus braços. Ele pareceu não reparar nela, mas atravessou o cômodo lentamente até a sua poltrona favorita, tirou seu casaco e ficou sentado por algum tempo,

encarando a parede à sua frente com o rosto franzido. Então ele se recostou.

– Estou cansado – ele disse.

Ela se virou da janela e, movendo-se silenciosamente, como se ele estivesse dormindo, foi até a poltrona dele. Aos pés dele no carpete, ela se sentou. Ela começou de maneira ociosa, mas em parte estava satisfeita, arrumando e rearrumando as dedaleiras em montes no chão.

LIVRO 3

Junho – Dezembro 1787

Capítulo Um

1

Ross e Demelza se casaram no dia vinte e quatro de junho de 1787. O reverendo Mr. Odgers oficiou a cerimônia, a qual ocorreu de maneira bem simples na presença apenas dos números necessários de testemunhas. O registro mostra que a noiva afirmou sua idade como sendo dezoito, o que foi uma antecipação desse fato por três-quartos de um ano. Ross tinha vinte e sete anos.

A decisão dele de se casar com ela foi tomada dois dias após a primeira vez em que eles dormiram juntos. Não era que ele a amasse, mas tal atitude era a saída óbvia. Se as origens dela fossem ignoradas, Demelza não era um partido inadequado para um proprietário de terras pobre. Ela já tinha provado o seu valor na casa e na fazenda, não havia ninguém melhor nisso, e ela havia penetrado em sua vida de uma maneira que ele mal tinha percebido.

Com seu nome tradicional, é claro que ele teria entrado na sociedade elegante, cortejado violentamente a filha de algum homem recém-enriquecido, e se acomodado com uma vida de tédio confortável devido ao dote do casamento. Mas Ross não conseguia levar tal aventura a sério. Ele percebeu com uma sensação de entretenimento parcialmente amarga que seu casamento finalmente o condenaria aos olhos de sua própria classe. Pois, enquanto o homem que dormia com sua criada só gerava rumores ardilosos, o que se casava com ela se tornava pessoalmente inaceitável na visão deles.

Ross não foi jantar em Trenwith como havia prometido. Ele encontrou Francis intencionalmente em Grambler na semana anterior ao casamento e o contou a notícia. Francis pareceu ficar aliviado, ao invés de chocado: talvez ele sentisse um medo constante de que um dia seu primo se despojasse da pele de civilizado e fosse buscar Elizabeth à força. Ross, por outro lado, ficou satisfeito com esse recebimento não hostil da notícia e se esqueceu, quase até o momento em que se separaram, de sua

promessa feita a Elizabeth. Contudo, ele a cumpriu, e os primos se despediram de uma maneira menos amigável do que teriam feito.

Devido à sua amizade antiga com Verity, Ross gostaria muito que ela estivesse no casamento, mas ele descobriu através de Francis que o médico lhe tinha recomendado uma semana de cama. Então, Ross segurou sua carta-convite e, ao invés desta, enviou-lhe uma mais longa, explicando as circunstâncias e convidando-a para vir e ficar com eles quando ela estivesse melhor. Verity conhecia Demelza de vista, mas não a via por grande parte de dois anos, e Ross pensou que sua prima não conseguiria imaginar que tipo de insanidade senil havia tomado conta do seu cérebro.

Se esse era o caso, ela não o mencionou em sua carta de resposta.

Querido Ross,

Obrigada por me escrever tão detalhadamente e por explicar o seu casamento. Eu sou a última pessoa capaz de criticar a sua afeição. Mas eu gostaria de ser a primeira a lhe desejar a felicidade que eu rezo para que você encontre. Quando eu estiver melhor e papai estiver melhor, irei visitar ambos vocês.

Com amor,

Verity.

A visita à igreja de Sawle mudou mais do que o nome de uma antiga copeira. Jud e Prudie estavam dispostos a encarar isso de maneira muito ruim. O ressentimento tinha tomado conta deles até onde eles ousavam demonstrar, o fato de que a criança abandonada que havia chegado como uma mendiga, infinitamente inferior a eles mesmos, agora seria capaz de se denominar sua chefe. Eles poderiam ter ficado amuados por um longo tempo se fosse qualquer outra pessoa além de Demelza. Mas no final, ela os havia convencido, ou os hipnotizado, a aceitarem a ideia de que ela era uma pupila deles, então o seu progresso refletia uma certa glória sobre eles mesmos. E, afinal de contas, como Prudie comentou em privado com Jud, era melhor do que receber ordens de alguma dama de reputação com cara de creme de leite e cachos artificiais.

Demelza não viu o seu pai novamente naquele ano. Alguns dias após o matrimônio ser anunciado publicamente, ela persuadiu Ross a enviar Jud até Illugan com uma mensagem verbal de que eles se casariam dentro de duas semanas. Carne estava na mina quando Jud chegou, então ele só pôde entregar a mensagem para uma mulherzinha gorda vestida de preto. Dali em diante, fez-se silêncio. Demelza estava nervosa com a possibilidade de que seu pai pudesse aparecer e fazer uma cena no casamento, mas tudo ocorreu tranquilamente. Tom Carne aceitara sua derrota.

No dia dez de julho, um homem chamado Jope Ishbel, um dos mineradores mais velhos e mais astutos no distrito, encontrou um veio de cobre vermelho em Wheal Leisure. Uma quantidade grande de água veio junto com a descoberta, e todos os trabalhos foram paralisados enquanto o equipamento de bombear era trazido. O acesso da cabeça da colina estava progredindo bem, mas levaria algum tempo até que este pudesse drenar os trabalhos. Toda essa água era vista como um bom sinal por aqueles que professavam saber muito.

Quando a notícia da descoberta foi trazida até Ross, ele abriu uma garrafa de conhaque e pediu que canecos grandes e cheios fossem levados até a mina. Havia muita animação, e da mina eles conseguiam ver pessoas subindo os morros atrás dos chalés de Mellin a uma milha de distância, observando e tentando entender o motivo do barulho.

A descoberta não poderia ser mais oportuna, pois a segunda reunião dos investidores seria dentro de uma semana, e Ross sabia que ele precisaria pedir mais cinquenta libras de cada um deles. O acerto de Jope Ishbel o tinha com resultados palpáveis, pois mesmo com a qualidade ruim do minério que Ishbel trouxera à superfície, eles poderiam esperar receber muitas libras a mais por tonelada do que com um minério de cobre qualquer. A margem de lucro havia se expandido. Se o veio fosse razoavelmente grande, isso significaria a certeza de um bom retorno.

Ele não falhou em indicar isso quando a reunião ocorreu nos escritórios quentes de Mr. Pearce, em Truro, e o efeito geral foi tal que os próximos investimentos foram postos em votação sem mais delongas. Esta foi a primeira vez em que Ross viu Mr. Treneglos

desde o grande dia em Mingoose, quando o filho dele se casou com Ruth Teague, e o homem idoso fez um esforço incomum para ser agradável e cortês. Durante o jantar, eles se sentaram juntos, e Ross estava com receio de que um pedido de desculpas fosse iminente pela quebra de boas maneiras entre antigos vizinhos no que se referia a ele próprio não ter sido convidado para o casamento. Ele sabia que a culpa não era de Treneglos, e dirigiu a conversa para longe daquele assunto.

Mr. Renfrew causou um momento constrangedor ao beber mais do que devia em suas taças, seguindo um brinde ao casal feliz com a proposta de que eles não se esquecessem do recém-casado entre eles.

Houve um silêncio constrangido, e então Mr. Pearce disse:

– Sim, de fato. Certamente não deveríamos nos esquecer disso – e o Dr. Choake disse: – Isso seria muito negligente.

E Mr. Treneglos, que felizmente entendera a conversa, ficou de pé imediatamente e disse: – Privilégio meu, cavalheiros. Meu prazer e privilégio. Nosso bom amigo, ora, embarcou no matrimônio recentemente. Eu lhes dou o brinde: ao capitão Poldark e à sua jovem noiva. Que sejam muito felizes!

Todos se levantaram e beberam.

– Pareceria muito ruim se ninguém mencionasse isso – Mr. Treneglos falou enquanto eles se sentavam, não exatamente só para si mesmo. Ross aparentava ser o menos constrangido de todos.

2

Ela já tinha se tornado parte de sua vida. Isso era o que ele pensava. O que ele queria dizer era que ela tinha crescido dentro da vida da casa, atendendo às necessidades dele prontamente, mas sem rebuliço, uma boa criada e uma companheira agradável.

Dentro da nova condição, isso não mudou muito. Embora legalmente igual a ele, na prática, ela permanecia sua inferior. Fazia o que ele dizia, com disposição, sem questionar, e com uma boa vontade radiante que iluminava a tudo. Se Ross não quisesse se casar com ela, ela não teria feito nenhum escândalo, mas a decisão

dele de tornar a união legal e permanente, o fato de tê-la honrado com seu nome era uma espécie de coroa dourada colocada sobre a felicidade dela. Aqueles poucos momentos ruins quando Elizabeth fez sua visita foram quase esquecidos e completamente deixados de lado.

E agora ela estava crescendo dentro da vida dele de uma maneira diferente. Para ele, não havia como voltar atrás, mesmo que ele o quisesse, o que ele descobriu que não queria. Agora não tinha como esconder o fato de que ele a achava atraente: os acontecimentos haviam provado que aquilo não fora a ilusão de uma única noite de verão. Mas ele ainda não estava de todo certo do quanto ela era individualmente atraente para ele, ou do quanto eram apenas as necessidades naturais de um homem que ela, como mulher, saciava. Ela, entretanto, não parecia estar incomodada com nenhuma pesquisa de seu próprio coração. Se ela havia crescido e se desenvolvido rapidamente antes, agora a sua personalidade desabrochava da noite para o dia.

Quando uma pessoa fica tão feliz quanto ela naquele verão, é difícil para os outros não serem afetados, e, depois de um tempo, a atmosfera que ela criou passou a ter efeito na casa toda.

As liberdades adicionais do casamento chegaram até ela lentamente. A sua primeira tentativa nesta direção foi uma sugestão moderada de que seria bom se o escritório da mina fosse removido da biblioteca, pois os homens pisavam sobre os seus arranjos de flores no chão com suas botas grandes. Ninguém ficou mais surpreso do que ela quando, uma semana depois, ela viu uma fileira de homens carregando os papéis da mina para um dos alpendres na colina.

Mesmo assim, semanas se passaram antes que ela conseguisse se forçar a ir à biblioteca sem a sensação antiga de culpa. E foi preciso toda a coragem do mundo para se sentar ali e tentar extrair músicas da espineta abandonada quando alguém poderia escutar.

Mas a sua vitalidade era tão abundante que ela gradualmente superou as barreiras que o hábito e a servidão haviam erguido. Ela começou a tocar mais abertamente e a cantar em voz baixa cantigas de sua própria composição. Um dia, ela cavalgou com

Ross e trouxe de volta algumas partituras de versos que ela aprendera de ouvido, e depois os cantarolou com as suas próprias melodias na espineta, tentando encaixar os sons onde eles pareciam estar corretos.

Como se fosse para colaborar com a felicidade de Demelza, aquele verão foi o mais quente em vários anos, com semanas longas de tempo calmo, claro e raros dias cheios de chuva. Depois das epidemias do inverno, o tempo bom e aberto era bem-vindo para todos, e as circunstâncias pelas quais muitas famílias passaram o verão pareceram uma abundância comparado ao que acontecera antes.

Os trabalhos em Wheal Leisure iam devagar, mas bem. Com o acesso fazendo progresso, todas as tentativas eram feitas para evitar o custo pesado de um motor de bombeamento. Aparelhos movidos à tração animal eram arquitetados um atrás do outro, e, assim, a água retirada era engenhosamente represada em um côncavo, e despejada em uma calha para movimentar uma roda d'água, a qual gerava energia para uma bomba que retirava mais água. O cobre estava sendo extraído agora. Logo haveria o bastante para enviar uma parcela do mesmo até Truro para um dos leilões.

3

...Ela já tinha se tornado parte de sua vida, ele pensou.

Agora, ele frequentemente desejava conseguir separar as duas Demelzas que tinham se tornado parte dele. Havia uma Demelza metódica, diurna, com quem ele trabalhava e com quem durante um ano ou mais ele havia encontrado certos prazeres definitivos do companheirismo. Ross se acostumara a gostar dela e confiar nesta primeira versão – a ser querido por ela e ter a confiança dela. Meio criada, meio irmã, companheira e obediente, a descendente direta e previsível do ano passado e do ano anterior. Demelza aprendendo a ler, Demelza trazendo lenha para a lareira, Demelza fazendo compras com ele e cavando no jardim e nunca ociosa em suas tarefas.

Mas a segunda versão ainda era uma estranha. Embora ele fosse o marido e mestre de ambas, esta era incalculável com o enigma de seu rosto bonito iluminado pelas velas e seu corpo jovem e novo – tudo para a sua satisfação carnal e seu prazer crescente. Nos primeiros dias, ele sentia um pouco de desdém dessa versão. Mas os acontecimentos tinham ido além disso. O desdém foi embora, mas a estranha ainda permanecia.

Duas pessoas não tão distintas, a estranha e a amiga. Era desconcertante durante o dia, em momentos da rotina e encontros casuais, encontrar algum indício dessa jovem mulher que, de alguma forma, conseguia se transformar de acordo com sua própria vontade. Aquela que ele pegava e dominava, mas que ele nunca possuía completamente. Ainda mais estranho era, às vezes, durante a noite, se ver olhando através dos olhos cansados desta estranha, a garota amiga e desgrenhada que o ajudara a cuidar dos cavalos ou que pusera o seu jantar. Nesses momentos, ele ficava perturbado e não muito feliz, pois se descobria alterando algo que era bom do seu próprio jeito.

Ele queria poder separar essas duas pessoas. Ele sentia que seria mais feliz se conseguisse separá-las completamente. Mas conforme as semanas passavam, parecia que o reverso do que ele queria estava ocorrendo. As duas mulheres se tornavam menos diferentes.

Não foi antes da primeira semana de agosto que as duas se tornaram uma só.

Capítulo Dois

As sardinhas haviam chegado até a costa tarde naquele ano. O atraso causara ansiedade, pois não era apenas a renda de muitas pessoas que dependia da chegada dos peixes, mas, naqueles tempos, era praticamente a sua existência também. Nas Ilhas Scilly e no extremo sul, o comércio já estava a todo o vapor, e havia sempre os pedantes e pessimistas que estavam prontos para prever que os cardumes passariam direto pelas costas ao norte do condado neste ano e, ao invés disso, iriam direto para a Irlanda.

Um suspiro aliviado recebeu a notícia de que uma pesca foi feita em St Ives, mas o cardume não foi avistado em Sawle até a tarde do dia seis de agosto. Olhando atentamente da colina, como fizera durante semanas, um pescador no posto de sentinela avistou a mancha vermelha-escura familiar ao longe no mar, e o barulho que ele emitiu com seu trompete velho de estanho despertou o vilarejo. Os barcos com as redes de pesca foram lançados imediatamente, sete homens em cada um dos barcos principais, quatro no segundo. Aproximando-se a noite, já se sabia que ambas as embarcações haviam pescado quantidades muito acima da média, e a notícia se espalhou com muita rapidez. Os homens trabalhando na colheita largaram suas ferramentas imediatamente, e correram para o vilarejo, seguidos por todas as pessoas despedidas de Grambler e por muitos dos mineradores que saíam de seus turnos subterrâneos.

Jud fora para Grambler naquela tarde e voltou com a notícia para Demelza, que a contou para Ross durante a refeição da noite.

– Estou muito contente – disse ela. – Toda a Sawle esteve cabisbaixa, será um alívio raro! E ouvi dizer que foi uma pesca grande.

Os olhos de Ross a seguiram enquanto ela saía da mesa para ajustar os pavios das velas antes que elas fossem acesas. Ele tinha passado o dia todo na mina e desfrutara de sua refeição na sala escura com a noite penetrando no cômodo. Não havia nenhuma diferença real entre esta noite e aquela outra dois meses atrás, quando ele chegou em casa derrotado e tudo começou. Jim

Carter ainda estava na prisão. Não havia nenhuma mudança real na futilidade de sua vida e de seus esforços.

– Demelza – ele disse.

– Hum?

– A maré fica baixa às onze horas – ele disse. – E a lua está no céu. E se nós fôssemos remando até Sawle e os assistíssemos descendo as redes de pesca?

– Ross, isso seria maravilhoso!

– Deveríamos levar Jud para nos ajudar a remar? – isto foi para provocá-la.

– Não, não, vamos nós dois, só nós dois! Vamos sozinhos. Você e eu, Ross – ela estava quase dançando em frente à cadeira dele. – Eu vou remar. Eu sou tão forte quanto Jud em qualquer dia. Nós iremos assistir, só nós dois, sozinhos.

Ele riu. – Parece que foi para um baile que eu te convidei. Você acha que eu não consigo te levar até lá remando sozinho?

– Quando deveríamos sair?

– Dentro de uma hora.

– Bom, bom, bom. Eu vou preparar algo para comer... E levar um frasco de conhaque, para não ficarmos com frio sentados lá, e... e uma manta para mim, e uma cesta para alguns peixes – ela praticamente saiu correndo da sala.

Eles saíram para a enseada de Nampara pouco depois das nove horas. Era uma noite quente e plácida com a lua crescente já no alto do céu. Na enseada de Nampara, eles arrastaram seu pequeno barco da caverna onde ele ficava, através da areia pálida e firme até a beira do mar. Demelza entrou, e Ross empurrou o barco pelos restos sussurrantes das ondas pequenas e pulou para dentro quando ele flutuou.

O mar estava muito calmo naquela noite, e o exercício leve prosseguiu com regularidade enquanto ele remava em direção ao mar aberto. Demelza estava sentada na popa e observava Ross, olhava ao seu redor e mergulhava uma mão por sobre a borda do barco para sentir a água passando entre seus dedos. Ela usava um lenço escarlate em seu cabelo e um casaco de pele bem quente, que pertencera a Ross quando era menino, e que agora cabia perfeitamente nela.

Eles rodearam as colinas altas e escuras entre a enseada de Nampara e a baía de Sawle, e os rochedos pontudos formavam uma silhueta afiada contra o céu iluminado pelo luar. A água puxava e se arrastava perto da base das colinas. Eles passaram por duas enseadas pequenas que eram inacessíveis, a não ser de barco, em qualquer tipo de maré, pois eram rodeadas por montanhas íngremes. Tudo isso era tão familiar para Ross quanto o formato de sua própria mão, mas Demelza nunca o vira antes. Ela só havia saído de barco uma vez. Eles passaram pelo Rochedo da Rainha, onde um grande número de navios bons tinham encontrado a tristeza, e depois rodearam uma pequena península até a Baía de Sawle e encontraram os primeiros pescadores.

Eles haviam descido as redes – um entremeado bom e bonito de um comprimento enorme, com rolhas no lado mais alto e chumbo no mais baixo – um pouco ao longe depois da península e por volta de uma milha de distância da costa. Com esta grande rede, os pescadores haviam cercado perto de dois acres de água e, pelo que esperavam, muitos peixes. Havia sempre a possibilidade, é claro, de que eles tivessem sido guiados erroneamente pelo homem nas colinas, o único que conseguia ver o movimento do cardume, ou que algum imprevisto no mar impedisse que a rede caísse firmemente e permitisse que os peixes escapassem. Mas tirando tais acidentes, havia muita esperança por uma boa pesca. E embora no tempo calmo fosse possível manter a rede em posição através de pequenas âncoras, ninguém tinha a menor intenção de confiar no tempo firme por um minuto além do necessário.

E, nesta noite, havia lua.

Conforme a maré baixa se aproximava, o barco conhecido como *o seguidor,* que carregava a rede para coletar os peixes, foi remado cuidadosamente até a área cercada, demarcada pelas rolhas flutuantes segurando a rede grande. Remaram o barco ao redor da área enquanto a segunda rede era descida e presa em vários locais. Feito isso, eles começaram a puxar a segunda rede para dentro.

Foi nesse estágio crucial que Ross e Demelza se aproximaram da cena. Eles não eram os únicos espectadores. Todo barco que flutuava e todo ser humano que podia se sentar em um

tinha vindo de Sawle para assistir. E aqueles que não possuíam barcos ou estavam enfermos demais ficaram na praia, gritavam conselhos ou palavras encorajadoras. Havia luzes e lampiões nos chalés de Sawle, ao longo dos cascalhos e se movendo para cima e para baixo nas águas azul-esbranquiçadas da enseada. A lua iluminava a cena com um crepúsculo surreal.

Gaivotas batiam suas asas e grasnavam voando baixo acima de suas cabeças. Ninguém deu muita atenção aos recém-chegados. Um ou dois deram saudações amigáveis. A chegada de Ross na cena não os constrangeu como a chegada de outros membros da *gentry* poderia ter feito.

Ele remou seu bote mais para perto de onde o pescador principal estava de pé em seu barco dando ordens rápidas aos homens que estavam dentro do círculo puxando a rede. Quando ficou claro que a rede estava pesada, um silêncio breve se fez. Dentro de alguns instantes eles saberiam se a pesca foi boa ou ruim, se eles haviam prendido uma boa parte do cardume ou alguma parte com peixes pequenos demais para serem salgados e vendidos, se por alguma falta de sorte eles poderiam ter pegado um cardume de espadilhas ao invés de sardinhas, como havia acontecido há alguns anos atrás. A prosperidade de metade do vilarejo dependia dos resultados dos próximos minutos.

O único barulho agora era o ondular e o respingar da água contra cinquenta tonéis e o coro forte de: 'Yoy... ho! Hoy... ho!' dos homens se esforçando para puxar as redes para dentro do barco. A rede subia e subia. O pescador principal tinha se esquecido de seus conselhos e estava parado ali mordendo suas unhas e observando as águas dentro da segunda rede procurando o primeiro sinal de vida. Não demorou a vir. Primeiro, um dos espectadores disse alguma coisa, depois, outro exclamou. Então, um murmurinho se espalhou pelos barcos e aumentou até algo que parecia mais um grito de alívio do que de alegria.

A água estava começando a borbulhar, como se estivesse em uma panela gigante; ela fervia e fazia espuma, e então, de repente, ela desapareceu e se transformou em peixes. Era o milagre da Galiléia encenado novamente sob a luz de uma lua da Cornualha. Não havia mais água: apenas peixes, grandes como

arenques, embolados juntos aos milhares, pulando, se sacudindo, brilhando, lutando e se contorcendo para escaparem.

A rede se mexia e balançava, os barcos grandes se inclinavam conforme os homens se inclinavam para pegar a pesca. Pessoas falando e gritando, o *splash* dos remos, os gritos animados dos pescadores; o barulho anterior não era nada comparado a isso.

A segunda rede estava presa firmemente agora, e os pescadores já estavam mergulhando cestos dentro da rede e as derramando cheias de peixes no fundo do barco. Parecia que todos estavam cientes da pressa necessária para aproveitar completamente a vantagem dessa boa sorte. Era como se uma tempestade estivesse à espera logo ali, acima do cume da colina mais próxima. Outros barcos pequenos cercaram a rede rapidamente para pegar a pesca.

Às vezes, o luar parecia converter os peixes para montanhas de moedas, e, para Ross, os homens pareciam sessenta ou oitenta pigmeus sub-humanos de faces escuras pegando em uma bolsa de moedas de prata inesgotáveis. Logo os homens estavam com sardinhas até os seus tornozelos, logo estavam até os seus joelhos. Os barcos se afastaram e foram levados cuidadosamente até a costa. As bordas dos barcos não estavam mais do que alguns centímetros acima da água ondulante. Na costa, a atividade não foi menor; lampiões estavam em todo lugar enquanto os peixes eram jogados em barris e levados apressadamente até celeiros de salgamento para serem remexidos e inspecionados. E, ainda assim, o trabalho ao redor da rede continuava em meio aos peixes saltitantes e reluzentes.

No outro lado da baía, uma pesca menor estava sendo trazida. Ross e Demelza comiam seus bolinhos, tomavam um gole de conhaque do mesmo frasco e conversavam em voz baixa sobre o que viam.

– Para casa agora? – Ross disse naquele momento.

– Um pouquinho mais – Demelza sugeriu. – A noite está tão quente. É incrível estar aqui.

Ele mergulhou seus remos gentilmente e alinhou a proa com as subidas e descidas gentis do mar. Eles haviam flutuado para

longe das multidões de barcos, e, na verdade, o agradava muito ter essa vista à distância.

Para a sua grande surpresa, ele descobriu que estava feliz. Não apenas feliz pela felicidade de Demelza, mas feliz por si mesmo. Ele não conseguia pensar no motivo. Essa condição só existia dentro dele.

Eles esperaram e observaram até que a segunda rede estivesse quase vazia e os pescadores fossem descê-la novamente. Então, eles esperaram para ver se a segunda pesca seria tão grande quanto a primeira. Sempre que estavam prestes a sair, algum interesse novo os prendia. O tempo passou despercebido enquanto a lua se aproximava da linha da costa em seu caminho descendente e formava um ponto de linha prateado na água. Ross finalmente exerceu sua força sobre os remos e o barco começou a se mover. Enquanto passavam perto dos outros, Pally Rogers os reconheceu e disse: – Boa noite!

Alguns dos outros pararam, suados devido aos seus esforços, e também o saudaram.

– Boa pesca, hein, Pally? – Ross disse.

– Linda. Mais *d'um* quarto *d'um* milhão de peixes, acho, *depois da gente* terminar.

– Estou muito contente. Isso fará a diferença no próximo inverno.

– Boa noite, *sinhô*.

– Boa noite.

– Boa noite, *sinhô*.

– Boa noite...

Eles remaram, e, conforme se afastavam, o barulho de todas as outras vozes e atividades humanas desapareceu gradualmente até ocupar um espaço menor, até virar um murmurinho confinado dentro da grande noite. Eles remaram em direção ao mar aberto, aos penhascos íngremes e aos rochedos escuros.

– Todos estão felizes hoje à noite – disse Ross, em parte para si mesmo. A face de Demelza brilhava na popa. – Eles gostam de você – ela disse em voz baixa. – Todos gostam de você.

Ele grunhiu. – Bobinha.

– Não, pois é a verdade. Eu sei, pois sou um deles. Você e seu pai eram diferentes dos outros. Mas principalmente você. Você é... você é...– ela gaguejou. – Você é metade cavalheiro e metade um deles. E, então, quando você tentou ajudar Jim Carter e deu comida *pras* pessoas...

– E me casei com você.

Eles chegaram às sombras dos penhascos. – Não, isso não – ela disse seriamente. – Talvez eles não gostem disso. Mas ainda gostam de você do mesmo jeito.

– Você está sonolenta demais para falar coisas que façam sentido – ele disse. – Cubra sua cabeça e descanse até chegarmos em casa.

Ela não o obedeceu, mas ficou sentada observando a linha escura onde a sombra da terra terminava e as águas brilhantes começavam. Ela preferiria ficar lá fora. A sombra se estendera muito desde que eles tinham saído, e ela preferiria fazer um circuito mais amplo para permanecerem dentro da luz amigável do luar. Ela prendeu seu olhar na escuridão profunda de uma das enseadas desertas por onde eles passavam. Nenhum homem ia naqueles lugares. Eles eram desertos e frios. Ela conseguia imaginar coisas ímpias ali, espíritos dos mortos, coisas vindas do mar. Ela estremeceu e se virou para o outro lado.

Ross disse: – Tome outro gole de conhaque.

– Não – ela balançou sua cabeça. – Não. Não tá frio, Ross.

Dentro de alguns minutos, eles estavam entrando na enseada de Nampara. O barco deslizou pelas ondulações na margem e atracou na areia. Ele saiu e, quando ela se preparou para fazer o mesmo, ele a pegou pela cintura e a carregou até a terra seca. Ele a beijou antes de colocá-la no chão.

Quando o barco fora arrastado até a sua caverna e os remos escondidos onde um vagabundo qualquer não pudesse encontrá-los, ele se reuniu a ela onde ela havia ficado esperando logo acima da marca da água. Durante algum tempo nenhum dos dois se mexeu e eles assistiram à lua descendo. Conforme se aproximava da água, ela ganhava um formato mais irregular e desbotado, como uma laranja-de-sangue madura demais espremida entre o mar e o céu. A espada prateada atravessando o mar ficou manchada e

encolheu até desaparecer, e apenas a lua permaneceu, inchada e escura, afundando em meio à neblina.

Então, sem nenhuma palavra eles se viraram, caminharam pela areia e pelo cascalho, atravessaram o córrego pelas pedras, e andaram juntos de mãos dadas na meia milha até a casa. Ela estava muito quieta. Ele nunca fizera o que tinha feito hoje à noite. Ele nunca a tinha beijado antes a não ser no meio da paixão. Isto era algo diferente. Ela sabia que ele estava mais próximo dela naquela noite do que já estivera antes. Pela primeira vez, eles estavam no mesmo nível. Não era mais Ross Poldark, cavalheiro e fazendeiro, dono de Nampara, e sua criada, com quem ele havia se casado, pois era melhor do que ficar sozinho. Eles eram um homem e uma mulher, sem qualquer desigualdade entre eles. Ela era mais velha do que a sua idade real e ele era mais novo; e eles caminharam para casa de mãos dadas pelas sombras inclinadas da nova escuridão.

Eu estou feliz, ele pensou novamente. Algo está acontecendo comigo, conosco, transformando o nosso pequeno caso de amor desalinhado. Faça esse clima durar, segure firme nele. Sem voltar atrás.

O único som durante o caminho inteiro até a casa era o borbulhar do córrego ao lado do caminho deles. A casa os recebeu com sua cor pálida. Mariposas flutuavam em direção às estrelas e as árvores faziam sombras, silenciosas e escuras.

A porta da frente rangeu enquanto eles a fechavam, e eles subiram as escadas com o ar de conspiradores. Quando chegaram ao seu quarto, eles estavam sem fôlego de tanto rir com a ideia de acordarem Jud e Prudie com tais barulhos suaves. Ela acendeu as velas e fechou as janelas para manter as mariposas lá fora, tirou o casaco pesado e sacudiu seu cabelo para soltá-lo. *Ah, sim, ela estava linda naquela noite*. Ele colocou seus braços ao redor dela, sua própria face ainda meio juvenil com a risada, e ela riu de volta para ele, a boca e os dentes dela brilhando à luz das velas.

Assim o sorriso dele desapareceu e ele a beijou.

– Ross – ela disse. – Ross querido.

– Eu te amo – Ross disse –, e sou seu servo. Demelza, olhe para mim. Se eu errei no passado, me permita consertar as coisas.

E assim, ele descobriu que o que ele em parte desprezara não era algo desprezível, que o que fora para ele a satisfação de um apetite, uma aventura agradável e ao mesmo tempo decepcionante, possuía uma profundidade estranha e indescritível que ele não conhecera antes, e trazia beleza em seu coração.

Capítulo Três

1

O setembro daquele ano foi encoberto pela morte de Charles. O velho havia reclamado miseravelmente durante todo o verão e o médico tinha desistido dele meia dúzia de vezes. Então, um dia, de maneira perversa, ele teve um colapso logo depois de Choake ter dado o seu relatório mais promissor do ano, e morreu antes que pudessem chamá-lo de volta.

Ross foi ao funeral, mas nem Elizabeth, nem Verity estavam lá, já que ambas estavam doentes. O funeral atraiu um grande número de pessoas, tanto do vilarejo quanto das minas e da *gentry* local, pois Charles era considerado uma personalidade antiga do distrito, e, normalmente, era muito querido dentro dos limites de seus conhecidos.

O primo William-Alfred celebrou o funeral e, como ele mesmo estava afetado pelo luto, deu um sermão que foi amplamente reconhecido como sendo de uma qualidade notável. O tema foi ‘Um Homem de Deus’. O que essa expressão queria dizer, ele perguntou? Significava cultivar aquelas qualidades pelas quais o próprio Cristo era tão conhecido: a verdade e a honestidade, a pureza de coração, a graça e o amor. Quantos de nós possuíamos tais qualidades? Um momento como este, quando sofremos com a partida de um grande e bom homem, era um momento de autoinspeção e de dedicação renovada. Era verdade dizer que, com a perda de nosso querido amigo Charles Poldark, nós testemunhamos a partida de um homem de Deus. As maneiras dele eram corretas; ele nunca dissera uma palavra ruim. Você se acostumava a esperar dele apenas gentileza e cortesia de um verdadeiro cavalheiro, que não conhecia o mal e não o procurava nos outros. A liderança firme e altruísta de um homem cuja existência era um exemplo para todos.

Depois de William-Alfred falar neste tom por cinco minutos, ele ouviu uma fungada no banco atrás de si e viu Mrs. Henshawe enxugando seu nariz sem constrangimento. Capitão Henshawe

também estava piscando seus olhos azuis, e vários outros estavam chorando silenciosamente. Sim, fora um ‘belo’ sermão, cutucando as emoções e invocando imagens de grandeza e paz. Mas eles estavam falando do velho decente, temperamental e comum que eles conheciam, ou o assunto fora desviado para a história de algum santo do passado? Ou havia dois homens sendo enterrados com o mesmo nome? Talvez um deles tivesse sido apresentado a Ross, enquanto o outro fora reservado para a visão de um homem de intelecto profundo como William-Alfred. Ross tentou lembrar-se de Charles antes dele adoecer, Charles com seu amor por brigas de galos e seu apetite enorme, com sua flatulência perpétua e paixão por gin, com suas generosidades ocasionais, mesquinharias, falhas e virtudes, como a maioria dos homens. Havia algo de errado em algum lugar. Bom, esta era uma ocasião especial... Mas o próprio Charles certamente estaria achando graça. Ou ele teria derramado uma lágrima junto com o restante pela personalidade do homem que havia partido?

William-Alfred estava chegando ao fim.

– Meus amigos, talvez nós não consigamos chegar perto do exemplo que é colocado diante de nós dessa forma. Mas na casa de meu Pai há muitas moradas, e haverá espaço para todos que acreditarem. As igualdades de vida e de oportunidades não são para este mundo. Bem-aventurados os humildes e os mansos, pois eles verão a Deus. E Ele, em Sua infinita sabedoria, julgará a todos nós. Bem-aventurados os pobres, pois eles entrarão no céu pela sua pobreza. Bem-aventurados os ricos, pois eles entrarão no céu pela sua caridade. E assim, na vida que virá a seguir, haverá uma junção enorme de pessoas, todas atendidas em suas diversas necessidades, todas recompensadas de acordo com suas virtudes, e todas unidas em um privilégio sublime de louvar e glorificar a Deus. Amém.

Houve um ranger de violinos enquanto os três músicos no coro se preparavam para tocar, o coral limpou suas gargantas e o som acordou Mr. Treneglos.

Ross aceitou o convite de voltar para Trenwith na esperança de poder ver Verity; mas nem ela, nem Elizabeth desceram. Ele não ficou mais tempo do que o suficiente para beber algumas taças de

vinho das Canárias, depois deu algumas desculpas para Francis e caminhou para casa. Ele se arrependeu de não ter voltado direto para casa. O comportamento de alguns dos enlutados tinha certa frieza dolorosa para com ele. Apesar de seus próprios pensamentos na época de seu casamento, ele não estava preparado para isto, e poderia ter rido de si mesmo e deles.

Ruth Treneglos, antigamente de sobrenome Teague. Mrs. Teague, Mrs. Chynoweth e Polly Choake. Gansas grasnando, com suas distinções sociais fúteis e suas farsas de código de ética! Até mesmo William-Alfred e sua esposa estavam um pouco desconfortáveis com ele. Sem dúvida, para eles, o seu casamento parecia muito ser uma mera admissão da verdade de um escândalo antigo. William-Alfred, é claro, de sua maneira bem intencionada, levava ‘a família’ muito a sério. Joshua fazia bem em chamá-lo de sua consciência. Ele gostava de ser consultado, sem dúvida.

O velho Mr. Warleggan esteve muito distante, mas aquilo era mais compreensível. O episódio do tribunal de justiça ainda não tinha cicatrizado. Assim como a recusa de Ross de colocar os negócios da mina nas mãos deles, talvez. George Warleggan era cuidadoso demais com seu comportamento para demonstrar o que sentia.

Ora, ora. Toda a desaprovação deles não valia nada. Que ficassem emburrados. Conforme se aproximava de suas próprias terras, a irritação de Ross começou a ir embora com a expectativa de ver Demelza novamente.

2

Na verdade, ele ficou decepcionado, pois quando chegou em casa, Demelza tinha ido até os chalés de Mellin levar alguma comida a mais para Jinny e um casaquinho que ela fizera para o bebê nascido há uma semana. Benjamin Ross também estava tendo problemas com sua dentição, e teve uma convulsão na semana anterior. Ross vira seu homônimo de dois anos e meio recentemente, e ficou espantado com a coincidência de que a faca de Reuben havia deixado uma cicatriz no rosto da criança um tanto semelhante à sua própria. Ele imaginou se isso seria comentado

quando o menino crescesse. Decidiu caminhar até Mellin na esperança de encontrar Demelza voltando.

Ele encontrou sua esposa a duzentos metros dos chalés. Como sempre, foi um prazer peculiar ver a face dela se iluminar, e ela veio encontrá-lo correndo e saltitando.

– Ross! Que bom. Eu não esperava que você já tivesse voltado.

– Foi um entretenimento indiferente – ele disse, entrelaçando seu braço com o dela. – Tenho certeza que Charles estaria entediado.

– Ssh! – ela balançou sua cabeça para ele em sinal de repreensão. – Dá má sorte brincar com essas coisas. Quem estava lá? *Me conte* quem estava lá.

Ele lhe contou fingindo impaciência, mas, na verdade, aproveitando o interesse dela. – Foi isso. Era um grupo bem sério. Minha esposa deveria ter estado lá para animá-los.

– Ah... A Elizabeth não estava lá? – ela perguntou.

– Não. Nem Verity. Ambas estão doentes. O luto, eu imagino. Francis teve que fazer as honras sozinho. E os seus inválidos?

– Meus inválidos?

– Jinny e o bebê.

– Ah, eles estão bem. Uma menininha bonita. Jinny está bem, mas muito triste. Ela fica inquieta, e sente falta do pobre do Jim.

– E o pequeno Benjy Ross e seus dentes? Qual é o problema do menino?

– Ele está muito melhor, meu amor. Eu peguei um pouco de óleo de valeriana e disse a Jinny... disse a Jinny... Qual é a palavra?

– Instruiu?

– Não.

– Prescreveu?

– Sim. Eu prescrevi isso para ele como um boticário. Tantas gotas, tantas vezes ao dia. E Jinny arregalou seus olhos azuis e disse: ‘sim, senhora, e não, senhora’, como se eu realmente fosse uma dama.

– E você é – disse Ross.

Ela apertou o braço dele. – E eu sou. Eu me esqueci, Ross. Qualquer mulher que você amasse, você a transformaria numa

dama.

– Besteira – disse Ross. – A culpa é toda sua. Eles tiveram notícias de Jim este mês?

– Este mês, não. Você ouviu o que eles diziam mês passado?

– Que ele estava bem, sim. De minha parte, eu duvido; mas é ótimo se isso os tranquiliza.

– *Cê* acha que poderia pedir a alguém que fosse lá *ver ele*?

– Eu já fiz isso. Mas ainda não recebi relatório algum. É verdade que Bodmin é a melhor dentre um grupo ruim, se isso serve de alguma consolação.

– Ross, eu estive pensando...

– O quê?

– Você me disse que eu deveria ter mais alguém para ajudar na casa, tipo para me dar mais tempo livre. Bom, eu pensei em chamar Jinny Carter.

– O quê? E ter três crianças engatinhando pela casa?

– Não, não. Mrs. Zacky poderia tomar conta de Benjy e Mary; eles podem brincar com os filhos dela. Jinny poderia trazer sua bebezinha e deixá-la numa caixa no sol o dia todo. Ela não incomodaria.

– O que a Jinny acha?

– Eu ainda não lhe perguntei. Pensei em ver o que você achava primeiro.

– Decidam isso entre vocês, minha querida. Eu não tenho objeção alguma.

Eles chegaram ao topo da colina ao lado de Wheal Grace, e Demelza se afastou dele para colher algumas amoras. Ela colocou duas em sua boca e lhe ofereceu para escolher dentre aquelas em sua mão cheia. Ele pegou uma sem prestar muita atenção.

– Eu também estive pensando... O sabor delas está gostoso este ano... Eu também estive pensando, agora que Charles se foi, Verity está precisando muito de um descanso. Me daria muita satisfação tê-la aqui por uma ou duas semanas, para se recuperar depois de ser a enfermeira dele por tanto tempo.

Eles desceram a colina. Ele esperou que ela falasse, mas ela não o fez. Ross olhou para ela. A vivacidade havia deixado o seu rosto, assim como parte da sua coloração.

– Então?

– Ela não viria...

– Por que você diz isso?

– Toda a sua família... Eles me odeiam.

– Ninguém da minha família te odeia. Eles não te conhecem. Eles podem não aprovar. Mas Verity é diferente.

– Como ela pode ser se faz parte da sua família?

– Bom, ela é. Você não a conhece.

Houve um silêncio durante o resto da caminhada para casa. Na porta, eles se separaram, mas ele sabia que a discussão não havia acabado. Ele agora conhecia Demelza bem o bastante para ter certeza de que nada além de uma questão meticulosamente resolvida era o suficiente para ela. E, é claro, quando ele saiu para ir à mina, ela correu atrás dele.

– Ross.

Ele parou. – Bom?

Ela disse: – Eles pensam... sua família pensa que *cê tava* louco quando casou comigo. Não estrague este primeiro verão chamando um deles para ficar aqui. Você me disse agora mesmo que eu era uma dama. Mas eu não sou. Ainda não. *Num* sei falar do jeito certo, *num* sei comer do jeito certo, estou sempre ficando coberta de sujeira, e, quando fico irritada, eu xingo. Talvez eu aprenda. Se você *me aprender*, eu vou aprender. Vou tentar o tempo todo. Talvez no ano que vem.

– Verity não é assim – Ross disse. – Ela enxerga além disso. Eu e ela somos muito parecidos.

– Ah, sim – disse Demelza, quase chorando. – Mas ela é uma mulher. Você acha que eu sou legal porque você é homem. *Num* é que eu *teja* suspeitando dela. Mas ela vai ver todas as minhas falhas e te contar sobre elas, e você nunca mais vai me ver do mesmo jeito.

– Caminhe comigo até ali – Ross disse silenciosamente.

Ela olhou nos olhos dele, tentando ler sua expressão facial. Depois de um instante, ela começou a andar ao seu lado e eles subiram o campo. No portão, ele parou e apoiou seus braços nele.

– Antes de te encontrar – ele disse –, quando voltei para casa da América, as coisas estavam pretas para mim. Você sabe o

porquê, porque eu esperava me casar com Elizabeth e a descobri tendo outros planos. Naquele inverno, foi Verity quem me salvou de... Bom, eu fui um tolo de me deixar afetar tanto por isso; nada vale isso; mas eu não consegui resistir na época, e Verity vinha e me ajudava a seguir em frente. Três ou quatro vezes por semana ela vinha aqui durante todo o inverno. Eu nunca poderei me esquecer disso. Ela me deu algo no que me segurar; isso é difícil de retribuir. Agora faz três anos que eu a negligencio vergonhosamente, talvez quando ela mais precise de mim. Ela preferiu ficar dentro de casa, não ser vista por aí; eu não senti aquela mesma necessidade *dela.* Charles estava doente e ela considerou que fosse o seu primeiro dever cuidar dele. Mas isso não pode continuar agora que Charles morreu. Francis diz que ela está muito doente. Ela precisa sair daquela casa para ter uma mudança de ares. O mínimo que posso fazer é convidá-la para ficar aqui.

Demelza chutava os ramos secos de cevada sob seus pés, emburrada.

– Mas por que ela precisa de *você*? Se ela *tá* doente, ela precisa de um médico, só isso. Ela terá cuidados melhores em... em Trenwith.

– Você se lembra de quando você veio para cá? Um homem costumava fazer visitas. Capitão Blamey.

Ela o olhou com olhos nos quais as pupilas haviam ficado escuras. – Não.

– Verity e ele estavam apaixonados. Mas Charles e Francis descobriram que ele já fora casado antes; havia objeções muito fortes quanto a ele se casar com Verity. A comunicação entre ele e ela foi proibida, então eles costumavam se encontrar aqui secretamente. Até que um dia Charles e Francis os encontraram aqui e houve uma briga violenta, e capitão Blamey foi para casa em Falmouth e Verity não o viu desde então.

– Ah! – disse Demelza, emburrada.

– A doença dela, você entende, é algo do espírito. Ela pode estar doente de outras formas também, mas eu posso negar-lhe a ajuda que ela me deu? Encontrar companhias novas, se afastar da tristeza, isso pode ser metade da batalha. Você poderia ajudá-la muito se tentasse.

– Eu poderia?

– Você poderia. Ela tem tão pouco interesse na vida, e você é cheia disso. Você tem toda a animação pela vida, e ela não tem nenhuma. Nós precisamos ajudá-la juntos, minha querida. E para isto eu quero a sua ajuda voluntária, sem má vontade.

No portão ela colocou sua mão sobre a dele.

– Às vezes – ela disse –, eu me sinto com raiva, e então fico toda mesquinha e chata. Mas é claro que farei isso, Ross. Qualquer coisa que você disser.

Capítulo Quatro

1

Demelza rezava todas as noites para que Verity não viesse.

Quando foi trazida uma resposta e ela descobriu que sua prima por casamento aceitara o convite e esperava estar bem o bastante no próximo fim de semana, seu coração se revirou e subiu pela sua garganta. Ela tentou esconder seu pânico de Ross e aceitar as suas afirmações bem-humoradas. Durante o restante da semana, os medos dela foram canalizados em um frenesi de limpeza de verão, de modo que não sobrou nenhum quarto sem ser revirado, e Prudie reclamava a cada manhã ao vê-la.

Nenhuma quantidade de trabalho conseguiria evitar a aproximação da manhã de sábado, e a de Verity. Ela só podia ter esperanças de que tia Agatha tivesse uma crise ou que ela própria pegasse sarampo a tempo.

Verity chegou logo depois do meio-dia, acompanhada por Bartle trazendo duas malas amarradas atrás de si. Ross, que não via sua prima há alguns meses, ficou chocado com a mudança. As bochechas dela tinham afilado e o bronzeado saudável do ar livre desparecera. Ela aparentava ter quarenta anos ao invés de vinte e nove. O brilho da vitalidade e da inteligência aguçada havia saído de seus olhos. Apenas a sua voz era a mesma, e o seu cabelo desobediente.

Os joelhos de Demelza, que queriam desmoronar mais cedo naquela manhã, agora ficaram tão rígidos e imóveis quanto seus lábios. Ela ficou parada na porta em seu vestido rosa simples, tentando não parecer uma vareta, enquanto Ross ajudava sua prima a descer do cavalo e a beijava.

– Ross, como é bom te ver novamente! É muita bondade sua me receber. E como você está com a aparência boa! A vida está lhe fazendo bem – ela se virou e sorriu para Demelza. – Eu queria muito poder ter estado no seu casamento, minha querida. Foi uma das minhas maiores decepções.

Demelza permitiu que sua bochecha fria fosse beijada e ficou de lado para ver Ross e Verity entrando na casa. Depois de alguns instantes, ela os seguiu até a sala. *Este não é mais o meu cômodo, ela pensava; não é mais meu e do Ross; outra pessoa o tomou de nós. No meio do nosso verão brilhante*.

Verity estava retirando seu casaco. Demelza ficou interessada ao reparar que ela estava vestida de maneira muito simples por baixo deste. Ela não era bela como Elizabeth, mas bastante envelhecida e sem graça. Sua boca era como a de Ross, e às vezes o tom de sua voz também.

–...no final – Verity estava dizendo –, eu não acho que papai se importou muito. Ele estava tão cansado – ela suspirou. – Se ele não tivesse partido tão repentinamente nós teríamos lhe chamado. Bom, agora já passou, agora eu só quero descansar – ela sorriu de leve. – Receio que eu não serei uma convidada muito alegre, mas a última coisa que quero é dar qualquer trabalho a você ou a Demelza. Façam o que vocês sempre fazem e deixem que eu me encaixarei. Isso é o que eu mais quero.

Demelza vasculhou seu cérebro procurando as frases que ela tinha ensaiado naquela manhã. Ela retorceu seus dedos e conseguiu dizer: – Você gostaria de beber algo agora, depois de sua cavalgada?

– Me foi recomendado tomar leite pela manhã e cerveja escura à noite. E eu odeio ambos! Mas tomei meu leite antes de sair, então, não, obrigada.

– Não é do seu tipo adoecer – Ross disse. – O que te aflige, além da fadiga? O que o Choake diz?

– Um mês, ele me faz sangria e, no outro, diz que estou sofrendo de anemia. Depois ele me dá poções que me deixam enjoada e os vômitos melhoram. Eu duvido que ele saiba tanto quanto as mulheres velhas da feira.

– Eu conheço uma velha que... – Demelza começou a falar impulsivamente, e depois parou.

Os dois esperaram para que ela continuasse.

– *Num* importa – ela disse. – Eu vou ver se o seu quarto está pronto.

Ela se perguntou se a besteira que foi aquela desculpa ficou tão clara para eles quanto para ela. Mas, pelo menos, eles não fizeram objeções, então ela escapou com gratidão e foi até o antigo quarto de Joshua, que seria o de Verity. Lá, ela puxou a coberta, virou e encarou as duas malas como se tentasse enxergar os seus conteúdos. Ela se perguntou como faria para sobreviver à semana seguinte.

2

Durante toda a noite e o dia seguinte inteiro, as restrições pesavam sobre eles como uma névoa de outono escondendo pontos de referência familiares. Demelza era a culpada, mas ela não conseguia evitar. Ela tinha se tornado a intrusa: os dois se mantinham em companhia, os três, não. Ross e Verity tinham muito a dizer um para o outro, e ele passava mais tempo dentro de casa do que teria feito normalmente. Sempre que Demelza entrava na sala de estar, a conversa deles se desmanchava. Não era que eles guardassem segredos dela, mas o assunto era fora de seu conhecimento, e continuá-lo significaria ignorá-la.

Durante as refeições, era sempre difícil encontrar um assunto que incluísse Demelza. Havia muita coisa que não a incluiria: os afazeres de Elizabeth e de Francis, o progresso de Geoffrey Charles, as notícias dos amigos em comum de quem Demelza nunca ouvira falar. Ruth Treneglos estava florescendo como a castelã de Mingoose. Mrs. Chynoweth, a mãe de Elizabeth, se queixava de seus olhos e os médicos aconselhavam uma operação. O segundo filho do primo William-Alfred havia morrido de sarampo. O livro novo de Henry Fielding era o assunto do momento. Essas e muitas outras coisas eram assuntos agradáveis de se conversar com Ross, mas não significavam nada para a esposa dele.

Verity, que era tão sensível quanto qualquer um, teria dado algumas desculpas e partido no terceiro dia se ela estivesse certa de que a rigidez de Demelza era fruto de uma aversão ou de ciúmes. Mas Verity achava que isso vinha de outra coisa, e ela detestava a ideia de partir agora sabendo que poderia nunca mais voltar. Ela detestava da mesma forma o pensamento de que ela

estava causando desavenças entre Ross e sua jovem esposa, mas, se ela fosse embora agora, o seu nome sempre seria associado àquela visita, e ela nunca seria mencionada entre eles. Verity lamentava ter vindo.

Então ela permaneceu lá e esperou por alguma melhora sem saber como causá-la. Sua primeira manobra foi ficar na cama durante as manhãs e não se levantar até ter certeza de que Ross já tivesse saído da casa; então ela se deparava com Demelza acidentalmente e conversava com ela, ou a ajudava no trabalho que ela estivesse fazendo. Se isso pudesse ser resolvido de alguma forma, então teria que ser entre elas, enquanto Ross estava fora do caminho. Ela esperava que ela própria e a outra garota entrassem num companheirismo sem que nada fosse dito. Mas depois de algumas manhãs, ela descobriu que o seu próprio comportamento casual estava se tornando obviamente intencional.

Demelza tentava ser gentil, mas ela pensava e falava por detrás de um escudo. Os avanços sobre aquela sensação de inferioridade poderiam facilmente ser confundidos com condescendência. Na quinta-feira de manhã, Demelza tinha ficado fora desde o nascer do sol. Verity comeu seu desjejum na cama e levantou-se às onze horas. O dia estava bonito, porém nublado, e um fogo baixo estava aceso na sala, atraindo como sempre a atenção de Tabitha Bethia. Verity se sentou no banco e tremeu, então começou a mexer na lenha para fazê-la queimar melhor. Ela se sentia velha e cansada, e o espelho em seu quarto mostrava um leve amarelado sobre a sua pele. O problema não era ela se importar se ela parecia velha ou não, mas ela estava sempre tão incomodada, tão cheia de dores, não conseguia fazer mais do que a metade do trabalho que fazia há um ano. Verity se encolheu mais para o canto do banco. A coisa mais agradável de todas era sentar e relaxar como ela estava fazendo agora, a cabeça contra a coberta de veludo, sentir o calor do fogo em seus pés, não ter absolutamente nada para fazer e ninguém em quem pensar.

Depois de ter dormido a noite toda e de ter estado acordada há não mais do que três horas, ela caiu no sono novamente com um pé coberto por um sapato estendido na direção do fogo, uma mão

pendurada sobre o braço do banco de madeira e Tabitha enrolada em seu pé, ronronando suavemente.

Demelza entrou com um braço cheio de folhas de faia e frutos de roseiras silvestres. Verity se levantou.

– Oh, *desculpa*! – Demelza disse, pronta para ir embora.

– Entre – Verity disse confusa. – Eu não deveria estar dormindo a essa hora. Por favor, converse comigo e me ajude a acordar.

Demelza sorriu de maneira reservada, colocou o feixe de ramos em uma cadeira. – Você está sentindo o vento vindo desta janela? Deveria *ter fechado ela*.

– Não, não, por favor. Eu não acredito que o vento da maresia faça mal. Deixe assim.

Demelza fechou a janela e passou uma mão pelo seu cabelo bagunçado.

– Ross nunca me perdoaria se você pegasse um resfriado. Essas malvas *t*ão mortas, as cabeças *t*á caindo – ela pegou o jarro e o levou para fora do cômodo, retornando com ele cheio de água fresca. Demelza começou a arrumar as folhas de faia. Verity a observava.

– Você sempre gostou de flores, não é? Eu me lembro de Ross me contar isso uma vez.

Demelza olhou para cima. – Quando ele te contou isso?

Verity sorriu. – Anos atrás. Logo depois de você ter chegado. Eu admirei as flores que estavam aqui e ele me disse que você colhia flores frescas todos os dias.

Demelza enrubesceu levemente. – Mesmo assim, você precisa ter cuidado – ela disse com uma voz explicativa. – *Num* é toda flor que aceita bem ficar dentro de um cômodo. Algumas delas parecem bonitas, mas fedem de verdade quando você as colhe.

Ela enfiou um ou dois ramos dos frutos de roseira. As folhas de faia estavam começando a adotar uma cor amarela delicada, e elas harmonizavam com o vermelho-alaranjado dos frutos. – Eu invadi uma propriedade hoje *pra* colher essas aqui. Fui até as terras do Bodrugan – ela se afastou para observar o efeito. – E às vezes as flores *num* se dão bem umas com as outras, não importa

como você tente convencê-las, elas *num* querem dividir o mesmo jarro.

Verity se mexeu em seu assento. Ela precisava arriscar um ataque frontal. – Eu preciso lhe agradecer, minha querida, pelo que você fez por Ross.

O corpo da outra garota se esticou um pouco, como um fio ao primeiro sinal de tensão.

– *Tá* mais *pro* que ele fez por mim.

– Sim, talvez você esteja certa – Verity disso, um pouco de sua animação de antigamente entrando em sua voz. – Eu sei que ele... te deu condições melhores... e tudo o mais. Mas você... parece que você fez ele se apaixonar por você, e isso... isso mudou a vida inteira dele...

Os olhos delas se encontraram. Os de Demelza estavam defensivos e hostis, mas também intrigados. Ela achava que havia algum ataque por trás das palavras, mas não sabia dizer onde estava.

– Eu *num* entendi o que você quer dizer.

Este era o problema final entre elas.

– Você deve saber – Verity disse –, que quando ele voltou para casa, ele estava apaixonado por Elizabeth... minha cunhada.

– Eu sei disso. Você *num* precisa me dizer. Eu sei disso tão bem quanto você – Demelza se virou para sair do cômodo.

Verity se levantou. Para isto ela precisava se levantar. – Talvez eu tenha me expressado mal desde que vim para cá. Eu quero que você entenda... Desde que ele voltou... desde que Ross voltou e descobriu que Elizabeth estava prometida ao meu irmão, eu tinha medo de que ele não conseguisse... que ele não conseguisse superar isso como um homem normal faria. Nós temos esse jeito estranho, muitos em nossa família. Nós não conseguimos aceitar os acontecimentos. Afinal de contas, se uma parte de você é... é arrancada para fora, então o resto não é nada. O resto não é nada... – ela conseguiu reencontrar a sua voz e depois de um instante continuou –, eu temia que ele fosse passar o resto de sua vida melancólico, que nunca encontrasse uma felicidade real, como ele poderia ter feito... Nós sempre fomos mais próximos do que primos. Você vê, eu sou muito apegada a ele.

Demelza a encarava.

Verity continuou: – Quando ouvi que ele tinha se casado com você, eu achei que fosse algum substituto. Algo para consolá-lo. Até mesmo um substituto é muito melhor do que uma vida que se passa murcha e seca. Eu fiquei consolada sabendo que ele teria uma companhia, alguém para lhe dar filhos e envelhecer com ele. O resto não importava muito.

Ela parou novamente e Demelza estava prestes a falar, mas mudou de ideia. Uma flor de malva morta estava no chão entre elas.

– Mas desde que vim para cá – Verity disse –, eu percebi que não é um substituto de forma alguma. É real. É por isso que eu quero lhe agradecer. Você tem tanta sorte. Eu não sei como você conseguiu. E ele tem tanta sorte. Ele perdeu a maior coisa em sua vida... e a encontrou em outra pessoa. A melhor coisa do mundo é ter alguém que te ama... e amá-la de volta. As pessoas que nunca tiveram isso... ou que tiveram... não acreditam, mas é a verdade. Desde que a vida não mude isso, vocês estão seguros contra todo o resto...

A voz dela perdera o tom novamente, e ela parou para limpar sua garganta.

– Eu não vim aqui para te odiar – ela disse. – Nem para te tratar como inferior. Houve *tamanha* mudança no Ross, e foi você quem fez isso. Você acha que eu me importo com o lugar de onde você veio ou qual é a sua linhagem ou se você sabe fazer uma reverência? Isso não é tudo.

Demelza estava olhando para as flores novamente.

– Eu... muitas vezes eu quis saber fazer uma reverência – ela disse em voz baixa. – Muitas vezes eu quis saber como. Eu queria que você me ensinasse, Verity.

Verity se sentou novamente, desesperadamente cansada com o esforço do que havia dito. Quase chorando, ela olhava para seus sapatos.

– Minha querida, eu mesma não sou muito boa nisso – ela respondeu com a voz trêmula.

– Eu vou buscar mais flores – Demelza disse, e saiu correndo do cômodo.

3

Ross passara a maior parte do dia na mina, e, quando chegou em casa para a refeição às cinco horas, Demelza tinha ido até Sawle com Prudie para comprar velas de sebo e de cera, e alguns peixes para o jantar de amanhã. Ela voltou atrasada, pois parou para assistir outra pesca de sardinhas, então Ross e Verity comeram sua refeição sozinhos. Não foi feita nenhuma menção a Demelza. Verity disse que Francis ainda passava três ou quatro noites por semana em Truro jogando Uíste e Faraó. Isso era bem ruim durante os meses de inverno, mas durante o verão era injustificável.

– Eu acho – disse Verity – que nós somos uma família peculiar. Francis está próximo de ter tudo o que deseja, e agora age como se não conseguisse dar um jeito em nada e devesse correr para as mesas de apostas para se afundar ainda mais em dívidas. Qual é o nosso problema, Ross, que faz ser tão difícil conviver conosco?

– Você nos maldiz, minha querida. É só que, assim como a maioria das famílias, nós todos nunca estamos felizes ao mesmo tempo.

– Ele tem estado rabugento e irritadiço – Verity reclamou. – Muito pior do que eu. Ele não aceita nenhuma interferência quanto a suas ações e fica com raiva rapidamente. Não faz uma semana que ele e tia Agatha tiveram uma disputa de xingamentos na mesa de jantar, e Mrs. Tabb estava ouvindo boquiaberta.

– Tia Agatha venceu?

– Ah, sem dúvida. Mas é um péssimo exemplo para os criados.

– E Elizabeth?

– Às vezes ela consegue convencê-lo, às vezes não. Acho que eles não se dão muito bem. Talvez eu não devesse dizer isso, mas é a minha impressão.

– Qual seria o motivo disso?

– Eu não sei. Ela é louca pelo menino, e ele gosta dele. Dizem que, de certa forma – ela hesitou –, os filhos são o cimento

de um casamento. Mas me parece que eles não se dão muito bem desde que Geoffrey Charles nasceu.

– E não há mais nenhum bebê a caminho? – Ross perguntou.

– Nenhum, por enquanto. Elizabeth esteve indisposta nesses últimos meses.

Houve um silêncio por algum tempo.

– Ross, eu estive dando uma olhada na antiga biblioteca. Na parte que ainda não foi limpa, há alguns cacarecos que podem ser úteis para vocês. E por que você não tira a espineta de sua mãe dali? Ela ficaria muito bem naquele canto e iria acrescentar ao cômodo.

– Ela precisa de um conserto e não há ninguém aqui que toque.

– Ela poderia ser consertada. E Prudie me disse que Demelza está sempre tocando. Além disso, vocês podem ter filhos.

Ross olhou para cima rapidamente.

– Sim. Talvez eu considere isso.

Demelza chegou às sete horas, carregada com a pesca nova que fora pega.

– O cardume foi trazido *pra* costa com a maré e as pessoas *tava* entrando na água até os joelhos e pegando *eles* em baldes. Depois eles vieram mais *pra* dentro e ficaram se contorcendo na areia. *Num* foi uma pesca tão grande quanto a última. Mesmo assim, eu lamento que não tenha lua hoje, porque se não nós *podia* ficar tentados a ir assistir de novo.

Ela parecia no mínimo menos reservada, Ross pensou, e ele ficou grato pela melhora. O seu desconforto durante os últimos dias fora agudo, e duas vezes ele havia ficado a ponto de dizer algo na frente delas duas, mas agora estava feliz por não ter falado nada. Se elas apenas se resolvessem como dois gatos em um cesto, sem interferência externa, tudo ainda poderia ficar bem.

Havia uma pergunta que ele pretendia fazer a Demelza, mas ele se esqueceu disso até que os dois já estivessem na cama e Demelza, como ele pensava, dormia. Ele fez um lembrete mental para fazer no outro dia, e ele próprio já estava adormecendo quando a garota se mexeu ao seu lado e se sentou. Então ele soube, de fato, que ela não estava dormindo.

– Ross – ela disse em voz baixa –, conte-me sobre Verity, por favor? Sobre Verity e o capitão... capitão Sei-lá-qual-o-nome. O que foi que aconteceu? Eles brigaram, e o que foi que os... os outros os separaram?

– Eu te disse – respondeu Ross. – o pai dela e Francis não aprovavam. Vá dormir, menina.

– Não, não. Por favor. Ross, eu quero saber. Eu estive pensando. Você nunca me contou o que aconteceu de verdade.

Ross esticou um braço e a puxou para perto ao seu lado. – Não tem importância. Eu achei que você não estivesse interessada na minha família.

– Estou interessada nisso. Isso é diferente. *Me conta*.

Ross suspirou e bocejou. – Não me agrada satisfazer aos seus caprichos a essa hora da noite. Você é ainda mais inconsequente do que a maioria das mulheres. Aconteceu assim, amor: Francis conheceu capitão Blamey em Truro e o convidou para o casamento de Elizabeth. Lá ele conheceu a Verity e uma afeição começou...

Ross não gostava de ressuscitar aquela história deprimente. Ela estava acabada e enterrada; ninguém havia terminado bem nela, e contá-la novamente trazia memórias de toda a infelicidade, da raiva e a crítica pessoal daqueles dias. Nunca se falara do episódio desde então. Toda aquela questão idiota do duelo feita sem qualquer sanção civilizada apropriada no calor de uma discussão comum... A festa para a qual ele estava indo na casa de Ruth Teague... Uma coisa se associava à outra; e todo aquele período de infelicidade e mal-entendidos estava junto. Foi o seu casamento que havia cortado as amarras e parecia ter dado a ele um recomeço novo e honesto.

–...então isso acabou com tudo – ele disse. – Capitão Blamey foi embora e não ouvimos falar mais dele desde então.

Houve um longo silêncio e ele pensou que talvez ela tivesse pegado no sono silenciosamente enquanto ele falava.

Mas então ela se mexeu. – Oh, Ross, que vergonha de você – ela falou isso em uma voz perturbada.

– Hum? – ele disse, surpreso. – O que você quer dizer?

Ela se afastou de seu braço e se sentou na cama abruptamente.

– Ross, como você *pôde*!

– Eu não quero enigmas – ele disse. – Você está sonhando ou falando racionalmente?

– Você deixar eles se separarem assim. Verity ter ido para casa, para Trenwith. Isso partiria o coração dela.

Ele começou a ficar com raiva. – Você acha que eu gostei da aventura? Você sabe o que eu sinto por Verity. Não foi nenhum prazer ver a paixão dela se desfazer em pedaços, assim como a minha.

– Não, mas você deveria ter impedido *eles*! *Cê* deveria ter ficado do lado dela ao invés do deles.

– Eu não fiquei do lado de ninguém! Você não sabe do que está falando. Vá dormir.

– Mas não ficar do lado de ninguém *foi* tomar o lado deles. Você não vê? Você deveria ter impedido o duelo e enfrentado *eles* ao invés de deixar *eles* agirem como valentões em tudo. Se você tivesse ajudado Verity, então eles nunca precisariam ter se separado, e... e...

– Sem dúvida – disse Ross –, a questão parece ser simples o bastante para você. Mas já que você não conhece nenhuma das pessoas envolvidas e não estava lá na época, seu julgamento pode estar possivelmente errado.

O sarcasmo da parte dele era algo que ela ainda não sabia como aguentar. Ela procurou a mão dele, encontrou-a e colocou-a em sua bochecha.

– Não seja grosseiro comigo, Ross, eu queria saber. E você vê a questão como um homem e eu como uma mulher. Essa é a diferença. Eu consigo entender o que Verity deve ter sentido. Eu sei o que ela sentiu. Amar alguém e ser amado por alguém. E depois ser deixada tão sozinha...

A mão de Ross, depois de ficar imóvel, começou a acariciar lentamente o rosto dela.

– Eu disse que você era a mais inconsequente das mulheres? Eu a subestimei. E durante metade de uma semana, ou mais, desde que ela veio, você esteve tão rígida quanto um ganso

velho. Agora você escolhe esta hora absurda para tomar o lado de Verity em uma briga enterrada há muito tempo e para me dar um sermão sobre as minhas falhas. Vá dormir antes que eu lhe bata em suas orelhas!

Demelza apertou a mão dele contra a sua boca. – Você nunca me bateu quando eu mereci, então agora que não mereço, eu não tenho medo.

– Essa é a diferença entre lidar com um homem e lidar com uma mulher.

– Mas um homem – disse Demelza –, até mesmo um homem gentil, às vezes pode ser cruel sem perceber.

– E uma mulher – disse Ross, puxando-a para se deitar novamente – nunca sabe quando se deve deixar um assunto de lado.

Ela se deitou ao lado dele silenciosamente, sabendo qual era a última palavra, mas sem dizê-la.

Capítulo Cinco

1

Verity soube naquela noite, devido à vasilha com folhas de aveleira recém-colhidas em seu quarto, que através da sua exposição hesitante de si mesma na manhã, ela finalmente atravessara as defesas de Demelza. Mas ao chegar nesta conclusão tentadora, ela estava subestimando Demelza. A garota podia não ter muita sutileza, mas não havia nenhum ressentimento em suas decisões uma vez que ela as tomava.

Demelza também não tinha medo de admitir quando estava errada, e Verity descobriu que desejava ter sua atenção e afeto. Nada mais foi dito, mas aquela rigidez amadureceu transformando-se em amizade dentro de um dia.

Ross, ignorante das causas, observava e refletia. As refeições, ao invés de serem as maiores provações do dia, estavam florescendo com conversa. A necessidade de encontrar assuntos havia ido embora. Se Verity ou Ross falassem sobre alguém que Demelza não conhecia, ela imediatamente os enchia de perguntas e eles as respondiam prontamente. Se alguém local fosse mencionado, Demelza, sem que a pedissem, explicava para Verity de quem se tratava. Também havia mais risada em Nampara do que houve durante anos. Parecia que o riso não vinha do humor da conversa, mas que nascia de um alívio sentido por todos eles. Eles riam da cabeça careca de Jud, do nariz vermelho e das sandálias feitas de carpete de Prudie, do pelo manchado de Tabitha Bethia e da amizade desajeitada do enorme Garrick. Eles riam uns dos outros e uns com os outros, e às vezes riam sem motivo algum.

Entre as refeições, normalmente quando Ross não estava lá, Demelza e Verity debatiam sobre melhorias na casa, ou vasculhavam a biblioteca e os cômodos inutilizados procurando pedaços abandonados de tecido adamascado ou de belbutina para decorar ou cobrir novamente objetos da mobília. Inicialmente, Verity teve receio de colocar peso sobre a sua nova amizade ao oferecer sugestões, mas quando viu que estas eram solicitadas, ela entrava

no espírito da coisa. No início da segunda semana, Ross voltou para casa e encontrou a espineta de volta no canto que ela havia ocupado na época de sua mãe, e as duas mulheres estavam ocupadas com a parte interior desta tentando consertá-la. Verity olhou para cima, uma leve vermelhidão em suas bochechas caídas, e, tirando uma mecha de cabelo da frente de seu olho, explicou que elas haviam descoberto um ninho de ratos filhotes embaixo das cordas de baixo.

– Nós duas temos corações moles demais para matá-los, então eu os varri para dentro do balde e Demelza os levou para fora para o terreno baldio do outro lado do córrego.

– É igual o que você acha debaixo do arado – disse Demelza, aparecendo atrás dela, ainda mais descabelada. – Pequenos encrenqueiros. Carecas e cor-de-rosa, magricelas e pequenos demais *pra* correrem.

– Encorajando os vermes – disse Ross. – Quem trouxe essa espineta para cá?

– Nós duas – disse Verity. – Demelza a levantou sozinha.

– Como vocês são bobas – disse Ross. – Por que não chamaram Jud e Cobbledick?

– Ah, o Jud! – disse Demelza. – Ele não é tão forte quanto a gente, não é, Verity?

– Não é tão forte quanto você – disse Verity. – A sua esposa tem uma mente própria, Ross.

– Você está gastando saliva me dizendo o óbvio – ele respondeu, mas saiu dali contente. Verity parecia estar muito melhor do que há uma semana. Agora Demelza estava fazendo direito o que ele tinha pedido. Era nisso que ele tinha esperanças.

2

Naquela noite, Ross acordou pouco antes do amanhecer e encontrou Demelza sentada na cama. Era um daqueles raros dias molhados naquele verão e outono esplêndidos, e ele conseguia ouvir a chuva batendo nas janelas e respingando.

– O que foi? – ele perguntou com sono. – Algo de errado?

– Eu não consigo dormir – ela disse. – Só isso.

– Você não vai dormir sentada desse jeito. Está sentindo alguma dor?

– Eu? Não. Estava pensando.

– É um hábito ruim. Tome um gole de conhaque e você vai se acalmar.

– Eu estive pensando, Ross. Onde o capitão Blamey está agora? Ele ainda *tá* em Falmouth?

– Como eu vou saber? Não o vi mais nesses últimos três anos. Por que você precisa me atormentar com essas perguntas no meio da noite?

– Ross – ela se virou para ele ansiosamente na escuridão parcial. – Eu quero que faça algo por mim. Quero que você vá *pra* Falmouth e veja se ele ainda *tá* lá e se ele ainda *tá* apaixonado pela Verity...

Ele levantou sua cabeça de leve com espanto.

– Começar tudo aquilo de novo? Trazer tudo à tona justo quando ela está começando a esquecer. Eu preferiria acordar o diabo!

– Ela não se esqueceu de nada, Ross. Ela não superou. *Tá* lá no fundo do mesmo jeito, como um machucado que não sara.

– Fique fora disso – ele a avisou gravemente. – Isso não lhe diz respeito.

– Me diz respeito sim. Eu me apeguei a Verity.

– Então mostre a sua afeição não se intrometendo. Você entende a dor desnecessária que você causaria?

– Não se isso os unisse, Ross.

– E quanto às objeções que terminaram a relação deles antes? Elas desapareceram completamente?

– Uma delas, sim.

– O que você quer dizer?

– O pai de Verity...

– Ora, por Deus! – Ross relaxou em seu travesseiro e tentou não rir da impertinência dela. – Talvez tenha lhe ocorrido que eu não estava falando das pessoas que tinham objeções.

– É sobre ele beber? Eu sei que é ruim. Mas você disse que ele tinha parado.

– Por enquanto. Sem dúvida ele voltou a beber novamente. Eu não o culparia se ele tivesse.

– Então, por que você não vai ver? Por favor, Ross. Para me deixar feliz.

– Para não deixar ninguém feliz – ele disse irritado. – Verity seria a última pessoa a desejar isso. A relação está melhor rompida. Como eu me sentiria se eles se unissem através da minha ajuda e ele a tratasse como fez com a sua primeira esposa?

– Ele não faria isso se a amasse. E Verity ainda o ama. Não me faria deixar de te amar se você tivesse matado alguém.

– Hum? Bom, acontece que eu já matei vários. E homens tão bons quanto eu mesmo, sem dúvida. Mas não matei uma mulher, ainda mais em um momento de bebedeira.

– Eu não me importaria se você tivesse feito isso, desde que você me amasse. E Verity aceitaria o risco, assim como teria feito três anos atrás se as pessoas *num* tivessem interferido. Eu não consigo aguentar, Ross, sentir que ela está tão infeliz, triste por dentro, quando nós podemos fazer algo para ajudá-la. Você queria ajudá-la. Nós podemos descobrir, Ross, sem contar nada disso *pra* ela. Depois, *tipo*, a gente poderia decidir.

– De uma vez por todas – ele disse, cansado –, eu não terei nada a ver com essa ideia. Você não pode ficar brincando com as vidas das pessoas. Eu gosto demais da Verity para querer trazer-lhe toda aquela dor novamente.

Ela deu um suspiro longo na escuridão e houve um silêncio por alguns minutos. –Você não pode – ela disse –, gostar muito da Verity se tem medo até mesmo de ir para Falmouth e perguntar.

A raiva dele transbordou. – Sua maldita pirralha ignorante! Nós vamos ficar aqui discutindo até a luz do dia. Eu não vou conseguir ter nenhuma paz de você me irritando? – ele a puxou pelos ombros e a colocou de volta no travesseiro. Ela arfou e ficou imóvel.

O silêncio se fez. Os quadrados nas janelas com água escorrendo estavam começando a ficar visíveis. Depois de um tempo, preocupado com o silêncio dela, ele se virou e olhou para o rosto dela na escuridão parcial. Estava pálido e ela estava mordendo seu lábio inferior.

– Qual é o problema? – ele perguntou. – O que foi agora?

– Eu acho – ela disse –, que afinal de contas... eu estou com um pouco de dor.

Ele se sentou. – Por que você não me disse! Ao invés de ficar sentada aí tagarelando. Onde é a dor?

– Nas... minhas entranhas. Eu não sei direito. Me sinto um pouco estranha. *Num* é nada *pra* você se preocupar.

Ele saiu da cama e procurou cegamente por uma garrafa de conhaque. Depois de um instante ele voltou com um caneco.

– Beba isto. Beba de uma vez, agora. Isso vai te aquecer, no mínimo.

– Não estou com frio, Ross – ela disse de maneira cerimoniosa. Ela estremeceu. – Urgh, é mais forte do que eu gostaria. Acho que mais água teria deixado ele mais agradável.

– Você fala demais – ele disse. – É o suficiente para causar dor em qualquer um. Maldito seja eu se não foi por você ter carregado aquela espineta – o medo cresceu dentro dele. – Você não tem nenhum bom senso em sua cabeça?

– Eu não senti nada na hora.

– Você sentirá algo vindo de mim se eu souber que você sequer tocou naquela coisa de novo. Onde é a dor? Deixe-me ver.

– Não, Ross. Não é nada, eu te disse. Não é aí, não é aí. Mais *pra* cima. *Me deixa*. Volta *pra* cama e vamos tentar voltar a dormir.

– Logo vai ser a hora de levantar – ele disse, mas lentamente fez o que ela havia sugerido. Eles ficaram deitados em silêncio por um tempo, observando o quarto se iluminar gradualmente. Depois ela se mexeu para ficar dentro dos braços dele.

– Melhorou? – ele perguntou.

– Sim, melhorou. O conhaque acendeu uma chama dentro de mim. Talvez, logo logo, eu fique bêbada e comece a te atormentar.

– Então isso não seria mudança nenhuma. Eu me pergunto se você comeu algo estragado. Nós mesmos salgamos o bacon, e o...

– Eu acho que foi mesmo a espineta no final das contas. Mas eu estou bem agora. E com sono...

– Não está sonolenta demais para ouvir o que eu tenho a dizer. Eu não espero que você se proteja demais para agradar a ninguém. Mas da próxima vez que você tiver um dos seus temperamentos e quiser fazer alguma loucura, lembre-se de que você tem um homem egoísta, cuja felicidade faz parte da sua própria.

– Sim – ela disse. – Vou me lembrar disso, de verdade, Ross.

– A promessa veio fácil demais. Você vai se esquecer. Você está escutando?

– Sim, Ross.

– Bom, então, *eu* vou prometer algo a *você*. Nós falamos sobre punições na outra noite. Pelo meu amor por você, pelo meu próprio e puro egoísmo, eu prometo te bater da próxima vez que você fizer algo tão estúpido.

– Mas eu não vou fazer isso de novo. Eu já disse que não.

– Bom, a minha promessa também se mantém. Pode ser uma garantia extra. Ele a beijou.

Ela abriu os olhos. – Você *quer* que eu durma?

– É claro. E agora.

– Pois bem.

Fez-se silêncio no quarto. A chuva continuava a bater no vidro quadriculado.

3

A quinzena de Verity chegou ao fim, e ela foi convencida a ficar por mais uma semana. Ela parecia ter deixado de lado os deveres de Trenwith e parecia ter encontrado divertimento em Nampara, como Ross esperava. A melhora na saúde dela era óbvia. Mrs. Tabb daria conta por mais uma semana. Trenwith poderia ir se danar. Durante essa semana, Ross passou dois dias em Truro para o primeiro leilão de cobre no qual Wheal Leisure foi representada. O cobre que eles tinham foi dividido em dois lotes, e ambos foram comprados por um agente da Companhia de Fundição de Cobre do Sul de Gales por um preço total de quinhentas libras e dez guinéus.

No dia seguinte, Verity disse a ele: – Esse dinheiro, quando ele for pago, Ross. Eu sou muito ignorante, mas alguma parte dele

será sua? Você vai ter algum dinheiro de sobra, então? Talvez dez ou vinte guinéus?

Ele a encarou. – Você quer comprar bilhetes da loteria?

A loteria é o seu próprio lar – ela disse. – Você fez maravilhas desde que voltou, com partes da biblioteca, pedaços antigos de tecido por aí, mas, além dessas cortinas, eu vejo pouca coisa que você *comprou* de verdade.

Ele olhou ao redor da sala. Ela tinha um ar esfarrapado estrategicamente disfarçado.

– Não pense que eu estou criticando – disse Verity. – Eu sei como você esteve apertado com o dinheiro. Eu só estava me perguntando se você poderia separar um pouco para reformar as coisas agora. Não seria um gasto ruim.

A companhia de cobre pagaria a sua dívida ao final do mês; a reunião dos investidores se seguiria; o lucro certamente seria dividido: era o jeito como tais negócios funcionavam.

– Sim – ele disse. – Pessoalmente, eu não gosto de coisas chiques, mas talvez nós pudéssemos cavalgar até Truro enquanto você está aqui, e você poderia nos aconselhar em nossas compras. Isto é, se você estiver bem o suficiente para encarar a distância.

Verity olhou para fora da janela.

– Eu tinha pensado, Ross, que Demelza e eu poderíamos cavalgar sozinhas. Desse jeito nós não tomaríamos o seu tempo.

– O quê? Cavalgar até Truro sem escolta! – ele exclamou. – Eu não ficaria tranquilo um instante sequer.

– Ah, Jud poderia nos escoltar até a cidade, se você puder ficar sem ele. Depois ele poderia nos esperar por algum lugar e voltar conosco.

Houve uma pausa. Ross veio e ficou de pé ao lado dela na janela. A chuva dos últimos dias havia renovado o vale. Algumas das árvores estavam se transformando, mas mal havia um sinal de amarelo nos elmos.

– O jardim também precisa de algumas renovações em seu estoque – ele disse. – Apesar dos esforços de Demelza.

– Os jardins sempre ficam descuidados no outono – Verity disse. – Mas você deveria comprar algumas roseiras-bravas e

atanásias. E eu lhe darei um maço de arrudas. São agradáveis de se cultivar.

Ross colocou sua mão no ombro dela. – Quanto você quer para a sua expedição?

Capítulo Seis

1

Dessa forma, na primeira quarta-feira de outubro, Demelza e Verity cavalgaram até Truro para fazer algumas compras escoltadas, ou melhor, seguidas – não por motivos de etiqueta, mas porque a estrada era estreita demais para que três pessoas cavalgassem lado a lado – por um Jud interessado, porém, rabugento.

Ele ficou feliz por ter um dia de folga, mas havia ficado um pouco ofendido com as ameças de Ross quanto ao que aconteceria se as duas damas voltassem para encontrá-lo e o descobrissem incapacitado de tão bêbado. Ele achava que havia sido grosseiro e inútil ameaçar a pele em suas costas por um crime que ele não tinha qualquer intenção de cometer.

Esta era a quarta vez que Demelza ia a Truro. Por dentro ela estava muito animada, mas uma vez que a jornada havia começado ela tentou manter uma aparência exterior de calma. Já que ela não tinha nada além das suas roupas de trabalho, Verity havia lhe emprestado um vestido de montar cinza, que coube nela bem o bastante. Mais do que qualquer outra coisa, isso a ajudou a se ver como uma dama e a se comportar com a dignidade de uma. Quando eles saíram, ela observou Verity e tentou copiar sua postura na sela e a retidão de suas costas.

Era o dia do mercado de gado na cidade e, enquanto elas entravam, um comboio de bois jovens estava bloqueando a rua estreita e Demelza teve dificuldade em segurar Darkie, cuja aversão aos bovinos era muito profunda. Jud estava longe demais para poder ajudar, mas Verity colocou seu cavalo na frente do outro animal. As pessoas pararam para olhar, mas Darkie imediatamente se acalmou e eles seguiram em frente.

– Coisa velha e tolinha – disse Demelza sem fôlego. – Ela ainda vai me jogar no ar por cima de seu rabo algum dia desses.

Eles atravessaram a ponte. – Uuh, que tumulto de gente; é como uma feira. Para qual lado nós vamos? – perguntou Demelza.

A época de uma das cunhagens de moedas de estanho estava se aproximando, e, no final da rua principal, grandes pilhas de blocos de estanho tinham sido erguidas em preparação para o dia em que o selo do governo seria colocado. Pesando até cento e cinquenta quilogramas cada, esses blocos enormes eram largados por ali sem nenhuma vigilância, e tinham um brilho escuro sob o sol. As pessoas estavam amontoadas ao redor deles; os mendigos estavam de pé sobre os esgotos; o mercado aberto da Alameda Média possuía um comércio que prosperava com as massas; homens e mulheres estavam em pé reunidos em grupos nas ruas e discutiam os negócios do dia.

– Onde ficam os estábulos? – perguntou Demelza. – Não podemos deixar os cavalos aqui no meio de toda essa gente.

– Na parte de trás – disse Verity. – Jud os levará até lá. Nós o encontraremos aqui às quatro horas, Jud.

A chuva forte dos últimos dias havia secado a poeira sem deixar lama demais em seu lugar, de modo que não era desagradável caminhar pelas ruas, e os ribeirinhos ao lado borbulhavam com uma alegria jovial ao se unirem aos seus pais córregos. Verity parou para gastar uma libra e seis centavos em uma dúzia de laranjas doces, e então elas entraram na Rua Kenwyn, onde as melhores lojas ficavam. Esta também estava lotada de lojistas e vendedores ambulantes, embora a multidão não fosse tão densa quanto era perto dos mercados.

Verity viu uma ou duas pessoas que ela conhecia, mas para o alívio de Demelza, ela não parou para conversar. Logo a seguir, ela guiou o caminho até uma pequena loja escura, com pilhas altas de mobília antiga, carpetes e pinturas a óleo e objetos decorativos de latão que iam quase até o teto. De dentro da penumbra, um homem pequeno com marcas de pústulas e com uma peruca cacheada, apareceu para saudar suas clientes. Um de seus olhos sofria de má formação devido a algum acidente ou doença, o que o dava um ar de duplicidade, como se uma parte dele ficasse escondida do restante e se ocupasse com coisas que os clientes não podiam ver. Demelza o encarou, fascinada.

Verity perguntou sobre uma mesa pequena, e elas foram levadas até um quarto nos fundos onde um grande número de

mesas novas e de segunda mão estavam empilhadas. Outras coisas foram compradas. O pequeno lojista desceu as escadas correndo à procura de uma divisória de ambientes indiana que ele tinha para vender.

– Quanto ele nos deu para gastar? – Demelza perguntou em voz baixa enquanto elas esperavam.

– Quarenta guinéus – Verity sacudiu sua bolsa.

– Quarenta? *Uau*! Somos ricas! Somos... Não se esqueça do carpete.

– Aqui não. Se encontrarmos algum feito localmente nós teremos certeza dos preços – Verity olhou para um canto escuro. – Eu não consigo entender como vocês contam as horas em Nampara. Vocês precisam de um relógio.

– Ah, nós nos orientamos pelo sol e pela luz do dia. Isso nunca falha. E Ross tem o relógio de bolso de seu pai... quando ele se lembra de dar corda.

O lojista apareceu novamente.

– Vocês têm dois relógios que parecem muito bons ali – Verity disse. – Acenda outra vela para que possamos vê-los. Quais são os preços deles?

2

Do lado de fora, na rua, as duas garotas espremeram seus olhos um pouco com a luz do sol. Era difícil dizer qual das duas estava gostando mais daquilo.

Verity disse: – Bom, agora você ainda precisa de jogos de cama, cortinas para dois quartos e algumas panelas e taças novas.

– Eu escolhi aquele relógio – disse Demelza – porque ele era muito alegre. Ele ticava bem solene que nem o outro, mas quando badalou, eu gostei do modo como ele soou. Whirrrr: bong, bong, bong, como um velho amigo te dando bom dia. Onde eles vendem lençóis, Verity?

Verity olhou-a cuidadosamente por um instante.

– Antes disso, eu acho – disse ela –, vamos comprar um vestido para você. Só estamos a alguns passos da minha própria modista.

Demelza ergueu suas sobrancelhas. – Isso não é mobília.

– É parte da decoração. Você acha que a casa estaria decorada sem a sua senhora?

– Seria correto gastar o dinheiro dele assim sem o seu consentimento?

– Acho que podemos assumir o consentimento dele.

Demelza passou a ponta de uma língua vermelha pelos seus lábios, mas não disse nada.

Elas tinham chegado até uma porta e uma janela inclinada de quarenta centímetros quadrados coberta com renda.

– Este é o lugar – disse Verity.

A garota mais nova olhou para ela incerta. – Você poderia escolher para mim?

Lá dentro havia uma mulherzinha robusta com óculos de aço. – Ora, Senhora Poldark! Que honra, depois de tanto tempo. Deve fazer cinco anos. Não, não, talvez não seja tudo isso, mas de fato, um bom tempo.

Verity enrubesceu e mencionou a doença de seu pai.

– Sim – disse a costureira, ela tinha ouvido dizer que Mr. Poldark estava gravemente doente. Ela esperava que... – Nossa! – disse a costureira. Não, ela não tinha ouvido falar; muito triste! Mas era bom ver uma cliente antiga novamente.

– Não estou aqui por mim mesma, mas vim pela minha prima, a Senhora Poldark, de Nampara. Ela veio até você para um ou dois modelitos novos, e tenho certeza que você lhe dará o mesmo serviço que sempre me deu.

A lojista piscou e sorriu para Demelza, depois ajustou seus óculos e fez uma reverência. Demelza resistiu ao impulso de fazer uma reverência de volta.

– Como vai você? – ela disse.

– O que nós gostaríamos – Verity disse – é de ver alguns de seus materiais novos e depois nós poderíamos negociar um vestido matinal simples e um de montaria que seja um tanto parecido com o que ela está vestindo agora.

– De fato, sim. Por favor, sente-se, madame. E você também, madame. Aqui, a cadeira está limpa. Vou chamar a minha filha.

O tempo passou.

– Sim – disse Verity –, vamos levar quatro jardas do tecido de algodão para as camisas bufantes e para o vestido de montaria.

– Aquele por duas libras e seis centavos a jarda, madame?

– Não, o de três libras e seis centavos. E também iremos precisar de meia jarda de musselina canelada para as pregas. E um par daquelas luvas curtas. Agora, qual chapéu vai ser, prima? Aquele com a pena?

– Aquele é muito caro – disse Demelza.

– Aquele com a pena. Ele é elegante e não é ostentoso. Agora, temos meias a serem consideradas...

O tempo passou.

– E para uma tarde – disse Verity – eu pensei neste estilo. É nobre e não é exagerado demais. A creolina não deve ser grande. O vestido, eu pensei naquela seda de cor lavanda pálida, com a saia de baixo aparecendo na frente e o corpete na cor maçã verde, com pregas simples. As mangas, o que você acha, terminando logo acima dos cotovelos e abertas depois com uma renda na cor creme. Um... um lenço branco para o colo, é claro, e umas flores pequenas no decote.

– Sim, Senhora Poldark, isso cairá muito bem. E um chapéu?

– Oh, eu *num* vou precisar disso – disse Demelza.

– É certo que alguma hora você vai precisar – disse Verity. – Quanto ao chapéu, eu diria um preto pequeno de palha, talvez com um toque de escarlate. Você pode nos fazer algo nesse estilo?

– Ah, certamente. Justamente o que eu mesma sugeriria. Minha filha começará a trabalhar nele amanhã mesmo. Obrigada. Estamos muito honradas, e esperamos manter nossas clientes. Um bom dia, madame. Um bom dia, madame.

Quase duas horas inteiras tinham se passado antes delas saírem da loja, ambas parecendo bastante envergonhadas e se sentindo culpadas como se tivessem desfrutado de algum prazer não muito respeitável.

O sol saíra da rua estreita e agora brilhava em seu reflexo vermelho das janelas do andar superior do outro lado da rua. As multidões não diminuíram, e podia se ouvir uma cantiga bêbada vinda de uma loja de gin próxima.

Verity estava um pouco pensativa enquanto elas faziam seu caminho cuidadosamente em meio a um pouco de lixo para atravessarem a rua.

– Concluir os negócios antes das quatro horas vai tomar todo o nosso tempo. E nós não queremos pegar a escuridão em nosso retorno. Eu acho que faríamos bem em deixar os espelhos e os lençóis de lado por hoje e ir direto para comprarmos os carpetes.

Demelza olhou para ela. – Você já gastou guinéus demais em mim?

– Não gastei demais, minha querida... E além disso, Ross nunca vai perceber se os lençóis são novos ou...

3

Elas encontraram Jud gloriosamente bêbado.

Alguma parte das ameaças de Ross permanecera com ele durante a sua bebedeira, e ele não estava caído de costas no chão, mas dentro daqueles limites ele tinha aproveitado bastante.

Um lacaio o trouxera até a frente da hospedaria Red Lion. Os três cavalos estavam amarrados esperando e ele discutia amigavelmente com o homem que havia tomado conta dele até então.

Quando avistou as damas vindo, ele fez uma reverência baixa como um nobre espanhol, segurando-se com uma mão na pilastra externa da hospedaria. Mas a reverência foi extravagante, e seu chapéu caiu e foi voando até o ribeirinho que corria por entre o cascalho. Ele xingou, assustando os cavalos com seu tom de voz, e foi atrás dele; mas seu pé escorregou e ele se sentou de maneira pesada na rua. Um garoto novo devolveu o chapéu e recebeu um sermão por ter se dado ao trabalho. O lacaio ajudou as damas a montarem e então foi ao auxílio de Jud.

Até então, um monte de pessoas havia se reunido para observá-los partindo. O lacaio conseguiu colocar Jud de pé e cobriu sua tonsura e sua franja com o chapéu molhado.

– Pronto, querido velhaco; prenda-o na sua cabeça. *Cê* vai precisar das duas mãos *pra* se segurar no cavalo, vai sim.

Jud imediatamente tirou o chapéu novamente, sendo mais rápido.

– Talvez *cê* ache – ele disse – que porque assim eu tive o azar de um escorregão acidental no cocô de uma vaca eu é tão incapaz quanto um bebê que *num* nasceu, que é o que *cê* pensa e *num* esconde, que *cê* acha que eu *tô pra* ser vestido e despido, *chapelado* e *deschapelado* que nem um espantalho num campo de batata, porque eu tive o azar de um escorregão no cocô de uma vaca. Seria muito *mais* superior *d'ocê* se *cê* descesse de joelhos com uma vassoura e uma pá. *Num* é certo deixar a rua na frente da sua própria porta desgraçada por cocô de vaca. *Num* é certo. *Num* é arrumado. *Num* é justo. *Num* é limpo. *Num* é bom o bastante.

– Pronto, pronto – disse o lacaio.

– Na sua própria porta da frente – disse Jud para a multidão. – É só a porta dele. Cada um de vocês *diviria* limpar a frente da sua própria porta, todas ficariam livres de cocô de vaca. A maldita da cidade *inteira*. Lembrem-se do que o Bom Livro diz: 'não moverás o marco de divisa do terreno do teu próximo'.[25] Pensem nisso, amigos. 'Não moverás o marco de divisa do terreno do teu próximo'. Pensem nisso e apliquem às pobres bestas estúpidas. Nunca...

– Te ajudar a subir no cavalo, posso? – disse o lacaio.

– Nunca em toda a minha vida eu fiquei tão *ofensivo* – disse Jud. – O chapéu me foi colocado na cabeça como se eu fosse um bebê que *num* nasceu. E molhado, ainda por cima! Molhado com a bosta de toda a Rua cheia de poeira: pingando na minha cabeça. O bastante *pra* me trazer a morte: *cê* pega um resfriado, e *phift*! *Tá* morto. Limpem as suas próprias portas, amigos, é isso que eu digo. Cuidem de si mesmos, e então nunca vão ficar no lugar desse pobre rato que tem que agredir os próprios fregueses que escorregam no cocô de vaca colocando o maldito chapéu molhado na sua cabeça direto do rio nojento que passa pela própria porta que nunca *diviria* acontecer, nunca *diviria* acontecer, queridos amigos, *se* lembrem disso.

Agora Jud estava com o braço em volta do pescoço do lacaio.

– Vamos logo, nós iremos sem ele – Verity disse a Demelza, que estava com uma mão em frente à sua boca e ria sem conseguir

se conter.

Outro criado saiu da hospedaria, e, juntos, eles conseguiram levar Jud até seu cavalo.

– Pobre alma perdida – disse Jud, acariciando a bochecha do lacaio. – Pobre alma perdida e vagando. *Olha pra* ele, amigos. *Cês* sabem que ele *tá* perdido? *Cês* sabem que ele vai *pro* fogo. *Cês* sabem que a pele dele vai cair que nem a de um ganso? E por quê? Pois eu vou dizer por quê. Porque ele vendeu sua alma *pro* próprio Velho Incômodo. E vocês todos também. Todos vocês aqueles que *num* fazem o que o Bom Livro diz pra fazer. Pelos céus! Pelos céus! 'Não moverás o marco de divisa do terreno do teu próximo. Não moverás...'

Neste momento, os dois homens colocaram suas mãos embaixo dele e o levantaram até a sela. Então o lacaio correu para o outro lado quando ele começou a cair. Um empurrão na hora certa e mais um puxão e ele ficou preso firmemente, um homem de cada lado. O velho e cego Ramoth aguentou tudo sem se mexer. Depois, eles enfiaram cada um dos pés de Jud bem para dentro de cada estribo e deram um tapa em Ramoth para dizê-lo que ele deveria ir.

Atravessando a ponte e o caminho todo subindo a colina empoeirada para fora da cidade, Jud ficou na sela como se estivesse grudado a ela, tagarelando para os que passavam por ele, dizendo-lhes para se arrependerem antes que fosse tarde demais.

4

As garotas cavalgaram até a casa bem devagar, encharcadas por um pôr do sol de fogo, com alguns momentos ocasionais de cantigas ou um xingamento prolongado para informá-las de que Jud ainda não havia caído do cavalo.

Elas conversavam pouco no início, cada mulher absorta em seus próprios pensamentos e contente com as animações do dia. O passeio dera a elas uma compreensão muito mais íntima uma da outra.

Enquanto o sol descia atrás da colina de St Ann, o céu inteiro estava em chamas com cores vívidas de amarelo e laranja. As nuvens haviam subido e estavam presas no fogo, perdiam seus

formatos e eram cobertas por cores selvagens. Era como uma promessa da Segunda Vinda[26], a qual Jud estava justamente prevendo em voz alta naquele instante ao longe.

– Verity – disse Demelza. – Sobre aquelas roupas.

– Sim?

– Uma libra, onze guinéus e seis centavos parecem um absurdo por um par de espartilhos.

– Eles são de boa qualidade. Vão durar por muito tempo.

– Eu nunca tive um espartilho bom antes. Eu *tava* com medo que elas fossem querer que eu tirasse minhas roupas. As minhas roupas de baixo são horríveis.

– Vou te emprestar algumas das minhas quando você for lá para tirar medidas.

– Você virá comigo?

– Sim. Podemos nos encontrar em algum lugar no caminho.

– Por que não ficar em Nampara até lá? São só mais duas semanas.

– Minha querida, estou muito lisonjeada com o seu convite, e agradeço por ele. Mas eles vão precisar de mim em Trenwith. Talvez eu possa visitá-la novamente na primavera.

Elas cavalgaram em silêncio.

– E vinte e nove xelins por aquele chapéu de montaria. E aquela seda linda para o vestido verde e roxo. Eu sinto que não deveríamos ter gastado o dinheiro nisso.

– A sua consciência está muito inquieta.

– Bom, é por um motivo. Eu deveria ter te contado antes.

– Me contado o quê?

Demelza hesitou. – Que talvez as minhas medidas não sejam as mesmas por muito tempo. Então eu não vou mais poder vestir as roupas e elas serão um desperdício.

Levou um momento para que isso fosse compreendido, pois ela falou rapidamente. Naquele percurso, a estrada se tornava estreita e irregular, e os cavalos entraram em fila única. Quando elas puderam cavalgar lado a lado novamente, Verity disse: – Minha querida, você quer dizer que...

– Sim.

– Oh, estou verdadeiramente contente por você – Verity gaguejou com as palavras. – Como você deve estar feliz.

– Preste atenção – disse Demelza. – Eu não tenho certeza absoluta. Mas as coisas pararam comigo e elas são regulares como um relógio, e no último domingo à noite eu fiquei acordada a noite inteira e me senti um pouco estranha. E então de novo nesta manhã eu fiquei tão enjoada quanto o Garrick quando come minhocas.

Verity riu.

– E você se preocupa com alguns vestidos! Ross... Ross vai ficar maravilhado.

– Ah, eu não posso contar para ele ainda. Ele é... estranho desse jeito. Se ele pensasse que eu não estou bem, ele me faria ficar sentada o dia todo esticando meus dedos dos pés.

A luz mais forte havia escoara para fora do céu, deixando as nuvens enrubescidas com um brilho posterior de uma cor ameixa luxuosa. Os rostos das garotas eram iluminados por ela e os focinhos dos cavalos reluziam. Todo o interior vasto estava visível com essa luz quente: as cabras pastando em rebanhos no brejo, os montes escassos de milho colhidos, os alpendres de madeira das minas e os chalés cinzas de ardósia e argamassa.

A brisa havia diminuído e a noite estava silenciosa, exceto pelo som do próprio movimento delas: o clicar dos dentes dos cavalos contra o freio, o ranger do couro da sela, o *clop, clop* das ferraduras. Parte de uma lua crescente estava no céu, e Demelza se inclinou naquela direção. Verity se virou e olhou para trás. Jud estava a uns quatrocentos metros de distância, e Ramoth havia parado para comer uma cerca-viva. Jud cantava: – E *pra* trazer o verão *pra* casa, o verão e maio inteiro – ô.

Eles chegaram até Bargus. Ali, neste canto do brejo escuro e deserto, assassinos e suicidas eram enterrados. A corda da forca balançava vazia e estivera assim há vários meses, mas aquele terreno não era consagrado e elas ficaram felizes por terem passado por ele antes que começasse a escurecer.

Agora que estavam em terras conhecidas, os cavalos queriam começar a trotar, mas as garotas os seguraram para que Jud não ficasse muito para trás.

– Estou com um pouco de medo – disse Demelza, que parecia ter falado em parte consigo mesma, mas em voz alta.

Verity olhou para ela e soube que não era em fantasmas ou em bandidos que ela estava pensando.

– Eu te entendo, minha querida. Mas logo logo isso vai acabar e...

– Ah, isso não – Demelza disse. – Não é por minha causa que estou com medo, mas por Ross. Você vê, ele não gosta de mim há tanto tempo. Agora eu ficarei feia por meses e meses. Talvez, quando ele me vir andando torta pela casa como uma pata velha, ele vai se esquecer de que já gostou de mim.

– Você não precisa ter medo disso. Ross nunca se esquece de nada. Eu acho... – Verity olhou para o entardecer que se formava –, eu acho que é uma característica da nossa família.

Os últimos cinco quilômetros foram percorridos em silêncio. A jovem lua estava seguindo o sol que descia. Logo ela desapareceu, deixando uma mancha fantasmagórica de si mesma no céu. Demelza observou os morcegos pequenos voarem e darem saltos em seus trajetos.

Havia uma sensação de conforto ao passar pelo bosque perto de Wheal Maiden e fazer a curva em direção ao vale que pertencia a eles. À direita e à esquerda havia pilhas da sua própria colheita, duas de trigo, uma de aveia; elas tinham ficado coloridas com um dourado forte e um mais pálido sob o sol daquela manhã. Ao final do vale, as luzes de Nampara brilhavam. Ross estava parado na entrada para descê-las e recebê-las.

– Onde está Jud? – ele perguntou. –

– Logo ali – disse Demelza. – Está logo ali. Ele está lavando o rosto no córrego.

Capítulo Sete

1

O outono se prolongava como se gostasse de sua própria perfeição. As ventanias de novembro não se desenvolveram e as folhas dos elmos altos caíam pairando pelo córrego, amarelas e marrons, e de uma cor de vinho desbotada até o Natal. E a vida em Nampara flutuava pelo córrego com a mesma calma sem perturbações. Eles conviviam juntos, aqueles apaixonados tão diferentes, em harmonia e boa vontade, trabalhando, dormindo e comendo; amando, rindo e concordando; criando ao redor de si mesmos uma bolha fina livre de preocupações, a qual o mundo exterior não faria nenhuma tentativa séria de atravessar. A rotina de suas vidas fazia parte do seu contentamento diário.

Jinny Carter veio para a casa com um bebê de olhos azuis e cabelos ruivos em um carregador pendurado em seu ombro. Ela trabalhava bem, quase silenciosamente, e a criança não dava trabalho. Elas chegavam toda manhã, às sete horas, e às sete da noite Jinny poderia ser vista com seu pacotinho caminhando firmemente sobre a colina de volta para Mellin. As notícias de Jim eram escassas. Um dia, Jinny mostrou a Ross uma mensagem com ortografia ruim que ela recebera, escrita por alguém na mesma cela que Jim, dizendo-lhe que Jim estava bem o bastante e que a enviava o seu amor. Ross sabia que Jinny estava morando com sua mãe e mandando sua renda para Jim sempre que encontrava algum meio de fazê-lo. Nunca se sabia o quanto o carcereiro pegava para si mesmo; e foi preciso toda a persuasão de Mrs. Zacky e as demandas da maternidade para impedir Jinny de caminhar os quarenta e dois quilômetros até Bodmin, dormir embaixo de uma cerca, e caminhar de volta no dia seguinte.

Ross pensava que depois do Natal ele mesmo faria tal viagem.

Demelza, livre do trabalho pesado, mas ainda eternamente ocupada, encontrou mais tempo para tocar a espineta. Ela já conseguia tirar alguns sons agradáveis do instrumento agora, e

descobriu que também conseguia tocar algumas músicas simples que ela sabia bem o bastante para cantar. Ross disse que, no ano seguinte, a espineta seria afinada e ela receberia aulas.

Houve uma surpresa para os habitantes de Nampara no dia vinte e um de dezembro, quando o menino Bartle chegou com um bilhete de Francis, convidando a Ross e a Demelza para passarem o Natal em Trenwith.

– Não haverá mais ninguém além de nós – Francis escreveu; – isto quer dizer, os nossos habitantes. Primo W. A. está em Oxford, e Mr. e Mrs. Chynoweth estão passando o Natal com seu primo, o Reitor de Bodmin. Sinto que é uma pena que nossas duas casas não reconheçam sua relação de sangue de uma maneira semelhante. Além disso, ouvimos muito de Verity sobre a sua esposa (nossa nova prima) e gostaríamos de conhecê-la. Venha na tarde da véspera de Natal e fique por alguns dias.

Ross pensou muito sobre a mensagem antes de passá-la adiante. As palavras do bilhete eram amigáveis e não davam a impressão de terem sido ditadas por outra pessoa, quer fosse Verity ou Elizabeth. Ele não queria piorar qualquer afastamento que já existisse, e parecia uma pena rejeitar uma ação de amizade que era feita de modo genuíno, especialmente do homem que fora seu amigo de infância.

As opiniões de Demelza eram naturalmente diferentes. Elizabeth estava por trás disto; Elizabeth os tinha convidado para poder examiná-la, para ver como ela tinha se desenvolvido como a esposa de Ross, para levar Ross para um ambiente onde ele veria o erro que tinha cometido ao se casar com uma garota de classe baixa e humilhá-la com uma exibição de modos elegantes.

Contudo, até este momento, Ross já tinha começado a ver vantagens reais em ir. Ele não tinha o mínimo de vergonha de Demelza. Os Poldarks de Trenwith nunca haviam sido seguidores fiéis dos reconhecimentos formais, e Demelza possuía um charme curioso que nem toda a educação do mundo poderia dar. Conhecendo Elizabeth melhor do que ela, ele não pensou que ela pudesse se rebaixar a um ato de inimizade tão trivial, e queria que ela visse como ele estava contente com uma substituta fora do comum.

Demelza não achou isso muito reconfortante.

– Não, Ross – ela balançou sua cabeça. – Vá você, se for necessário. Eu, não. Eu *num* sou do tipo deles. Ficarei bem aqui.

– Naturalmente – disse Ross –, ou nós dois ficamos, ou nós dois vamos. Bartle ainda está esperando e eu preciso dar a ele um presente de casamento. Enquanto eu subo para procurar minha sacola, tome a decisão de ser uma prima complacente.

Demelza tinha um ar de insubordinação em sua expressão. – Eu não quero ser uma prima complacente.

– Uma esposa obediente, então.

– Mas seria algo horrível, Ross. Aqui eu sou a Senhora Poldark. Posso dar corda no relógio quando eu quiser. Posso te provocar e puxar o seu cabelo, e gritar e cantar se eu quiser, e brincar com a espineta velha. Eu divido a sua cama, e quando acordo nas manhãs eu estufo meu peito e penso em coisas grandes. Mas lá... eles não são todos como Verity, você mesmo me disse. Eles questionariam e diriam: 'nossa, nossa' e me mandariam ir comer com Bartle e com a esposa nova dele.

Ross olhou de lado para ela. – Eles são tão melhores que você, você acha?

– Não, eu não disse isso.

– Você acha que eu deveria ter vergonha de você?

Nas discussões, Ross sempre trazia armas grandes demais para ela combater. Demelza via e sentia, mas não conseguia argumentar logicamente para provar que ele estava errado.

– Ah, Ross, eles são do seu próprio tipo – ela disse. – Eu não sou.

– A sua mãe lhe deu à luz do mesmo jeito que as deles – Ross disse. – Todos nós temos movimentos, apetites e vontades semelhantes. A minha vontade atual é de te levar para Trenwith para o Natal. Faz pouco mais do que seis meses desde que você fez um voto solene de me obedecer. O que você tem a dizer quanto a isso?

– Nada, Ross. Exceto que eu não quero ir para Trenwith.

Ele riu. As brigas entre eles normalmente terminavam em risadas naqueles dias; era uma graça característica que fermentava o companheirismo deles.

Ele foi até a mesa. – Eu vou escrever um bilhete curto agradecendo-lhes e dizendo que iremos responder amanhã.

No dia seguinte, Demelza cedeu relutantemente, como ela normalmente fazia em assuntos importantes. Ross escreveu dizendo que eles chegariam à véspera e passariam o dia de Natal em Trenwith. Mas, infelizmente, os negócios na mina o forçariam a voltar naquele dia.

O convite foi aceito, então não se podia tomar ofensa alguma; mas se houvesse algo que não fosse de todo sincero ali, então eles não estariam ficando por mais tempo do que eram bem-vindos. Demelza teria a oportunidade de encontrá-los como uma igual, mas o esforço do melhor comportamento possível não seria demasiadamente prolongado.

Demelza havia concordado porque, apesar dos argumentos de Ross não conseguirem convencê-la, ela não conseguia resistir a suas persuasões. Mas ela preferiria muito mais ter ido ao barbeiro da mina para arrancar seis dentes.

Ela não estava com medo de Francis ou da velha tia. Sempre uma aprendiz rápida, ela estivera ganhando confiança durante todo o outono. Mas era a assombração chamada Elizabeth que a preocupava: Elizabeth, Elizabeth, Elizabeth. Na véspera de Natal, os passos deles tinham o som deste nome conforme eles atravessavam os campos atrás da casa e seguiam pelo caminho ao longo das colinas.

Demelza olhou de lado para seu marido rapidamente, que caminhava ao lado dela com seus passos longos e fáceis, os quais o último rastro de uma coxeadura havia desaparecido há tempo. Ela nunca sabia de verdade quais eram os pensamentos dele; as suas reflexões mais profundas ficavam mascaradas por trás da face estranha e inquieta, com sua cicatriz clara e desbotada em uma face, como a marca de um ferimento espiritual que ele recebera. Ela só sabia que, no momento atual, ele estava feliz, e que ela era a condição de sua felicidade. Mas ela não sabia por quanto tempo essa felicidade duraria, e sentia em seu coração que estar na companhia da mulher que outrora ele amara tão profundamente era se jogar na frente do destino.

O pensamento terrível era que tanta coisa dependeria do comportamento dela durante os próximos dois dias.

Foi um dia claro com um vento frio vindo do interior. O mar estava plácido e verde com um volume pesado. A beirada comprida e regular de uma onda se movia para dentro vagarosamente, e depois, quando encontrava a brisa rígida do sudeste, sua crista comprida começava a estremecer como as penas curtas de um pato êider, ficando mais e mais trêmula até que a crista inteira desabasse lentamente e o sol de inverno criasse uma dúzia de arco-íris no *spray* de água que jorrava para cima.

Durante todo o caminho até a enseada de Sawle, eles foram atrasados por Garrick, que pensou que Demelza não poderia estar saindo sem ele e se convenceu de que, se insistisse por tempo o bastante, a natureza generosa dela passaria a ver as coisas à sua maneira. De poucos em poucos metros, uma palavra firme de comando fazia com que seu corpo grande e robusto se prostrasse ao chão, onde ele ficava deitado num colapso completo e submisso, e apenas um olho avermelhado de reprovação provava que sua vida ainda permanecia nele. Porém, mais algumas dúzias de passos mostravam que ele já estava de pé, seguindo-os com seu caminhar torto e deselegante. Felizmente eles encontraram Mark Daniel, que estava retornando pelo caminho que eles haviam feito. Mark Daniel não tolerava besteiras e foi visto pela última vez marchando na direção de Nampara segurando Garrick por uma de suas orelhas tortas.

Eles atravessaram a areia e os cascalhos da enseada de Sawle, encontrando uma ou duas pessoas que os desejaram um bom-dia afável, e subiram a colina pelo outro lado. Antes de adentrarem o interior, eles pausaram para tomar fôlego e observar um bando de aves marinhas mergulhando atrás de peixes logo além da costa. As aves manobravam por cima das cristas das ondas, sua grande expansão de asas brancas com pontas marrons as equilibrando contra a pressão do vento. Então, elas mergulhavam como se despencassem, desaparecendo com um *splash*, para depois voltar para cima novamente dez ou vinte vezes com pequenos peixinhos prateados se debatendo em seus bicos compridos e curvados.

– Se eu fosse uma enguia de areia – disse Demelza –, eu francamente odiaria ver um desses pássaros. Veja, eles dobram suas asas quando vão mergulhar. Quando eles sobem sem nada, eles parecem tão inocentes, como se não tivessem essa intenção.

– Nós gostaríamos de um pouco de chuva agora – disse Ross, observando o céu. – As águas estão baixas.

– Algum dia antes de morrer, Ross, eu gostaria muito de fazer uma viagem de navio. Para a França, Cherburgo e Madrid, e talvez para a América. Eu imagino que exista todo tipo de pássaros engraçados no mar que são maiores que esses. Por que você nunca fala sobre a América, Ross?

– O passado não faz bem a ninguém. São apenas o presente e o futuro que importam.

– Meu pai conhecia um homem que tinha ido a América. Mas ele nunca falava de outra coisa. Metade daquilo era invenção, creio eu.

– Francis teve sorte – Ross disse. – Ele passou um verão inteiro viajando pela Itália e pelo continente Europeu. Eu achei que eu fosse gostar de viajar. Depois veio a guerra e eu fui para a América. Quando voltei, eu só queria o meu próprio canto da Inglaterra. É estranho.

– Algum dia, eu gostaria de visitar a França.

– Nós podemos fazer uma visita à Roscoff ou Cherburgo a qualquer hora em um dos veleiros de St Ann. Eu fiz isso quando era garoto.

– Eu preferiria ir em um navio grande – disse Demelza. – E sem medo de receber tiros dos homens da alfândega.

Eles seguiram em seu caminho.

Verity estava na porta de Trenwith esperando para recebê-los. Ela avançou correndo para beijar Ross e depois a Demelza. Demelza a abraçou forte por um instante, depois tomou fôlego e entrou.

2

Os primeiros minutos foram uma provação para todos eles, mas a dificuldade passou. Felizmente, tanto Demelza quanto os

habitantes de Trenwith estavam em seus melhores comportamentos. Francis tinha um charme natural quando ele escolhia exercitá-lo, e tia Agatha, aquecida com um gole de rum jamaicano e coroada com a sua segunda melhor peruca, foi afável e modesta. Elizabeth sorriu, sua face como uma flor estava ainda mais bonita com a sua vermelhidão delicada. Geoffrey Charles, com três anos, veio batendo os pés em seu terninho de veludo para depois ficar encarando os estranhos com o dedo na boca.

Tia Agatha causou problemas extras logo de início ao negar que já haviam lhe contado sobre o casamento de Ross e exigindo uma explicação completa. Depois, ela quis saber o nome de solteira de Demelza.

– O quê? – ela disse. – Carkeek? Cardew? Carne, você disse? De onde ela é? De onde você é, menina?

– Illugan – disse Demelza.

– Onde? Ah, é perto da casa dos Bassetts, não é? Você deve conhecer Sir Francis. Um rapaz jovem e inteligente, eles dizem, mas preocupado demais com questões sociais – tia Agatha acariciava os pelos em seu queixo. – Venha aqui, flor. Eu não mordo. Quantos anos você tem?

Demelza permitiu que ela pegasse a sua mão. – Dezoito – ela olhou para Ross rapidamente.

– Hum. Boa idade. Boa e doce nessa idade – tia Agatha também olhou para Ross, seus olhos pequenos maliciosos em meio ao feixe de rugas. – Sabe quantos anos eu tenho?

Demelza balançou sua cabeça.

– Tenho noventa e um. Na última quinta-feira.

– Eu não sabia que você tinha tudo isso – disse Francis.

– Você não sabe de tudo, meu garoto. Fiz noventa e um na última quinta-feira. O que você diz quanto a isso, Ross?

– Você é doce em qualquer idade – Ross disse em seu ouvido.

Tia Agatha riu com prazer. – Você sempre foi um menino mau. Como o seu pai. Cinco gerações de Poldarks eu vi. Não, seis. Havia a velha vovó Trenwith. Me lembro bem dela. Ela era uma Rowe. Grandes presbiterianos, eles eram. O pai dela, Owen, era um amigo de Oliver Cromwell. Dizem que ele foi um dos cinquenta e

nove que assinaram a sentença de morte do Rei Charles. Eles todos perderam suas terras depois da Restauração da Monarquia. Lembro-me bem dela. Ela morreu quando eu tinha dez anos. Costumava me contar histórias sobre a peste. Não que ela já a tivesse pegado.

– Nós pegamos a peste em Illugan uma vez, madame – Demelza disse.

– Depois veio Anna-Maria, minha mãe, que se tornou uma Poldark. Ela era filha única. Eu era velha quando ela morreu. Charles Vivian Poldark, com quem ela se casou. Ele era um viajante. Um inválido que saiu da Marinha depois da Batalha de La Hogue antes de conhecer mamãe, e ele só tinha vinte e cinco. Aquele é o retrato dele, flor. Aquele com a barba pequena.

Demelza olhou.

– Depois veio Claude Henry, meu irmão, que se casou com Matilda Ellen Peter de Treviles. Ele morreu dez anos antes de sua mãe. O problema dele era vômitos e intestinos soltos. Esse foi o seu avô, Ross. Você e Francis são a quinta, e Geoffrey a sexta. Seis gerações, eu mal estive viva por muito tempo.

Demelza finalmente foi permitida ter a sua mão de volta para si própria e seguiu em frente para cumprimentar a criança que a encarava. Greoffrey Charles era um menino gordinho, sua face tão suave que não se conseguia imaginá-la sendo enrugada por um sorriso duradouro. Uma criança bonita, como se poderia esperar com tais pais.

A visão que o próprio Ross teve de Elizabeth depois de seis meses não foi tão casual ou sem emoções quanto ele quisera e esperara. Ele esperava descobrir-se imune, como se o seu casamento e seu amor por Demelza fossem a vacina de alguma febre do sangue e este fosse um contato deliberado da parte dele para comprovar a cura. Mas Demelza, ele descobriu, não era uma vacina, embora ela pudesse ser uma febre por si só. Logo naquele primeiro encontro ele já estava se perguntando se, afinal de contas, todo o instinto de Demelza de recusar o convite não havia sido mais sábio do que os seus próprios instintos.

O encontro delas, de Elizabeth e Demelza, o deixou com uma sensação de insatisfação: os comportamentos delas uma para com

a outra eram tão amigáveis por fora e tão desconfiados por dentro. Ele não sabia se o cumprimento delas enganara a alguém, mas certamente não o enganou. Simplesmente não havia naturalidade ali.

Mas Demelza e Verity tinham levado dias para desenvolverem uma relação amigável. As mulheres eram assim: não obstante o quão charmosas eram sozinhas, um primeiro encontro com outra pessoa do seu sexo era um teste e uma investigação intuitivas.

Elizabeth lhes dera um dos melhores quartos, com vista para o sudoeste na direção dos bosques.

– É uma casa linda – disse Demelza, tirando seu casado de seus ombros. Depois do primeiro problema ter passado, ela já se sentia melhor. – Nunca vi nada do tipo. É como uma igreja, aquele salão. E este quarto. Olhe os pássaros nas cortinas; parecem tordos, só que as manchas são da cor errada. Mas todos aqueles retratos pendurados no andar debaixo. Eu sentiria medo deles no escuro. Eles são todos da sua família, Ross?

– Me disseram que sim.

– É mais do que eu consigo entender, as pessoas quererem ter tantos mortos ao seu redor. Quando eu morrer, não quero ficar pendurada daquele jeito como os lençóis da semana passada. Eu não quero ficar olhando para baixo para sempre sobre um monte de pessoas que eu não conheço, tataranetos e *tatara-tataranetos*. Eu preferiria muito mais ser deixada de lado e ser esquecida.

Esta é a segunda vez hoje que você fala sobre morrer – disse Ross. – Você não está se sentindo bem?

– Não, não. Sou bem forte.

– Então, permita-me manter algum assunto mais agradável. O que é esta caixa?

– Isso? – disse Demelza. – Isso é uma coisa. Eu pedi a Jud que trouxesse com nossas camisas de dormir.

– O que tem dentro dela?

– Um vestido.

– Para você?

– Sim, Ross.

– O vestido de montaria que você comprou em Truro?

– Não, Ross, outro. Você não gostaria que eu estivesse desleixada na frente de todas as suas tataravós, não é?

Ele riu. – É algum vestido da biblioteca que você adaptou?

– Não... Verity e eu o compramos em Truro no mesmo dia...

– Ela pagou por ele?

– Não, Ross. Saiu do dinheiro que você nos deu para a decoração.

– Enganação, flor. E você parecendo tão inocente e ingênua.

– Você *tá* roubando o apelido que tia Agatha me deu.

Acho que gostei dele. Mas acabo de encontrar a larva na flor. Enganação e duplicidade. Mesmo assim, estou feliz que Verity não tenha pagado. Deixe-me vê-lo.

– Não, Ross. *Não*, Ross! *Não*, Ross! – a voz dela se elevou até virar um grito estridente conforme ela tentava impedi-lo de alcançar a caixa. Ele colocou uma mão sobre esta, mas ela pôs seus braços em volta do pescoço dele e o abraçou para parar qualquer outro movimento. Ele a levantou pelos seus cotovelos e a beijou, depois a deu dois tapas no traseiro e a colocou no chão.

– Onde está o seu bom comportamento, flor? Eles vão pensar que eu estou te batendo.

– O que é verdade. O que é verdade – ela se afastou dele e dançou para trás, segurando a caixa atrás de si.

– Desça agora, por favor, Ross! Não era para você saber nada disso! Talvez eu não o vista, mas eu quero experimentá-lo e o jantar é em uma hora. Desça e converse com tia Agatha e conte os pelos no queixo dela.

– Nós não vamos a um baile – ele disse. – Isto é só uma festa de família; não precisa se arrumar toda para isso.

– É a véspera de Natal. Eu perguntei a Verity. Ela disse que seria certo eu trocar de roupa.

– Ah, faça como quiser. Mas certifique-se de estar pronta até as cinco horas. E – ele acrescentou como um pensamento posterior –, não amarre seu espartilho apertado demais ou você sentirá um incômodo. Eles servem muita comida, e eu conheço o seu apetite.

Assim, ele saiu e ela foi deixada para fazer seus preparativos sozinha.

Ela não achou que precisaria levar em conta o aviso final de Ross nesta noite de qualquer forma. O dia inteiro ela teve episódios recorrentes de náusea. O jantar de Trenwith estava a salvo de toda a sua gula: tudo que não estava a salvo era o pouco que ela poderia se forçar a comer. Seria terrível se ela fizesse uma cena nesta noite. Seria trágico, ela imaginou, caso ela tivesse que sair da mesa com pressa, onde o banheiro mais próximo ficaria.

Ela tirou seu vestido por cima de sua cabeça, retirou sua saia de baixo e ficou parada por um instante vestindo apenas as roupas de baixo que Verity lhe havia emprestado, observando o seu reflexo no adorável espelho plano da penteadeira. Ela nunca tinha se visto antes tão claramente e tão completamente. O reflexo não era muito vergonhoso, mas ela se perguntou como tinha tido a audácia de se movimentar e se vestir com Ross no quarto quando estava usando as roupas de baixo que ela mesma e Prudie haviam costurado. Ela nunca mais as usaria novamente.

Ela tinha ouvido falar que muitas mulheres de boa classe da cidade usavam meias brancas e não vestiam calções por baixo. Mas com saias de creolina isso era nojento, e elas mereciam ficar doentes fatalmente.

Ela estremeceu. Em breve ela não estaria mais bonita para ser vista, não importava como estivesse vestida. Pelo menos era o que ela esperava. Era uma surpresa para ela que até então não havia mudanças. Toda manhã ela pegava um pedaço de corda com um nó amarrado e se media. Mas, de maneira inacreditável, parecia que até então ela tinha perdido alguns centímetros. Talvez o nó tivesse se mexido.

Ser criada no vilarejo significava que havia poucas coisas que ela não tinha aprendido em termos de conceber e gerar; porém, quando se tratava de si mesma, ela encontrou brechas em seu conhecimento. Sua mãe tiver seis outros filhos, mas ela se lembrava muito pouco do que havia acontecido antes de completar oito anos. Ela precisava perguntar a Verity. Agora este era o recurso típico para todos os problemas que a deixavam perplexa. Ela deveria perguntar a Verity. Não ocorreu a ela que havia questões sobre as quais Verity poderia saber menos do que ela própria.

Capítulo Oito

1

Na sala de estar do andar de baixo, Ross só encontrou Elizabeth e Geoffrey Charles. Eles estavam sentados em frente ao fogo. Geoffrey Charles estava no joelho de sua mãe, e ela lia uma história para ele.

Ross escutava à sua voz leve e culta; havia algum prazer nisto para ele. Mas ela olhou para cima, viu quem era, e parou.

– De novo, mamãe. Conta de novo.

– Daqui a pouco, querido. Eu preciso descansar. Aqui está o seu tio Ross, ele veio me contar uma história para variar.

– Eu não conheço nenhuma história, exceto as verdadeiras – disse Ross. – E elas são todas tristes.

– Nem todas, certamente – disse Elizabeth. – A sua própria deve ser feliz agora com uma esposa tão charmosa.

Ross hesitou, incerto se queria conversar sobre Demelza até mesmo com Elizabeth.

– Estou muito contente que você goste dela.

– Ela mudou muito desde que a vi pela última vez, e não faz nem sete meses, e acho que ela mudará ainda mais. Você precisa levá-la para a sociedade e sair com ela.

– E arriscar o desprezo de mulheres como Mrs. Teague? Muito obrigado, mas estou bem o bastante deste jeito.

– Você é sensível demais. Além disso, ela mesma pode querer sair. As mulheres têm coragem para esse tipo de coisa, e ela ainda é tão nova.

Foi com a maior dificuldade que eu a persuadi a vir para cá.

Elizabeth sorriu para a cabeça cacheada de seu filho. – Isso é compreensível.

– Por quê?

– Oh…o problema foi conhecer a família, não foi? E ela ainda é um pouco acanhada. Talvez ela esperasse encontrar conflitos.

– Mamãe, de novo. De novo, mamãe.

– Ainda não. Daqui a pouco.

– O homem tem uma marca no rosto, mamãe.

– Silêncio, querido. Você não deve dizer essas coisas.

– Mas ele tem. Ele *tem*, mamãe.

– E eu lavei e lavei, mas ela não quer sair – Ross o assegurou.

Ao ser respondido dessa forma, Geoffrey Charles ficou em silêncio completamente.

– Verity se apegou muito a ela – Elizabeth disse. – Nós precisamos vê-los mais agora, Ross, agora que o gelo se quebrou.

– E como vão os seus afazeres? – perguntou Ross. – O bebê Geoffrey está crescendo bem, eu posso ver.

Elizabeth esticou seus pés pequenos cobertos por sapatos e permitiu que seu filho escorregasse de seu colo até o chão. Ele ficou parado ali por um segundo, como se estivesse prestes a sair correndo, mas ao ver que os olhos de Ross ainda estavam nele, ficou tomado por uma timidez nova e escondeu seu rosto na saia de sua mãe.

– Vamos, querido, não seja bobo. Este é o seu tio Ross; como o tio Warleggan, só que mais ainda. Ele é o seu único e verdadeiro tio e você não deve ficar envergonhado. Levante, levante, e diga como vai você.

Mas Geoffrey Charles não queria mexer sua cabeça.

Ela disse: – Eu não estive muito bem de saúde, mas todos nós estamos preocupados com a minha pobre mãe. Ela está se queixando muito de seus olhos. O cirurgião Park, de Exeter, está vindo para examiná-la no ano novo. Dr. Choake e Dr. Pryce têm uma opinião muito grave da doença.

– Sinto muito.

– Dizem que é um problema recorrente do olho. O tratamento é muito doloroso. Eles amarram um lenço de seda em sua garganta e o apertam até que ela seja quase estrangulada e todo o sangue seja forçado a ir para a cabeça. Depois eles fazem sangria nela atrás das orelhas. Agora ela foi descansar com seu primo em Bodmin. Estou muito preocupada.

Ross fez cara feia. – Meu pai não confiava nos médicos. Espero que você receba boas notícias.

Houve um silêncio. Elizabeth se inclinou e sussurrou no ouvido de Geoffrey. Não houve reação por alguns instantes, então dando um olhar repentino, e peculiarmente arteiro para Ross, ele se virou e saiu correndo do cômodo.

Os olhos de Elizabeth o seguiram. – Geoffrey está em uma idade constrangedora – ela disse. – Ele precisa ser curado de seus pequenos caprichos – mas ela falou com um tom de voz indulgente.

– E o Francis?

Uma expressão que ele nunca vira antes atravessou a face dela.

– Francis? Ah, nós nos damos bem, obrigada, Ross.

– O verão passou tão rapidamente e eu tinha a intenção de vir vê-los. Francis talvez tenha lhe dito que eu falei com ele uma vez.

– Você tem as suas próprias questões para se preocupar agora.

– Não de maneira a excluir as outras.

– Bom, conseguimos manter nossas cabeças para fora da água durante o verão – ela disse isto num tom que caía bem com a sua expressão. O pronome pessoal poderia se referir às finanças da casa ou às necessidades do próprio espírito dela.

– Não consigo entendê-lo – disse Ross.

– Nós todos somos do jeito que nascemos. Francis nasceu um apostador, ao que parece. Se não tomar cuidado, ele perderá em apostas tudo o que recebeu e morrerá um plebeu.

Toda família, pensou Ross, tinha os seus promíscuos e seus pródigos; o sangue desses era passado adiante juntamente com o resto, manchas estranhas de impulsos e perversidades. Era a única explicação. Contudo, Joshua, até mesmo Joshua, que fora bastante excêntrico e perambulava com seu olhar para as mulheres, havia tido o bom senso de se aquietar quando encontrou a mulher que queria e de permanecer quieto assim até a que a natureza a tirasse dele.

– Onde ele passa a maior parte de seu tempo?

– Ainda é na casa dos Warleggans. Nós costumávamos nos divertir muito até que as apostas ficaram altas demais. Eu só fui lá

duas vezes depois de Geoffrey nascer. Agora não sou mais convidada.

– Mas certamente...

– Ah, sim, é claro, se eu pedisse a Francis que me levasse. Mas ele me diz que eles estão se tornando um grupo mais exclusivamente masculino. Eu não gostaria deles, ele diz.

Ela estava olhando para baixo para as dobras de seu vestido azul. Esta era uma nova Elizabeth que falava tão diretamente, em tal tom objetivo, como se experiências dolorosas a tivessem ensinado a lição de se manter distante da vida.

– Ross.

– Sim?

– Eu acho que há uma maneira que você poderia me ajudar, se você quisesse...

– Prossiga.

– Há algumas histórias sobre Francis. Eu não tenho meios de descobrir quão verdadeiras elas são. Eu poderia perguntar a George Warleggan, mas por um motivo especial não quero fazer isso. Não posso exigir nada de você, você sabe; mas eu apreciaria demasiadamente se você pudesse descobrir a verdade.

Ross a encarou. Ele não tinha sido prudente ao vir. Ele não conseguia ficar em uma intimidade calma com esta mulher sem que sensações antigas retornassem.

– Eu farei tudo o que eu puder. Ficarei contente em fazê-lo. Infelizmente, não participo dos mesmos grupos que Francis. Os meus interesses...

Isso poderia ser organizado.

Ross olhou para ela rapidamente. – Como?

– Eu poderia conseguir que George Warleggan te convidasse para uma de suas festas. George gosta de você.

– Qual é o conteúdo dos rumores?

– Dizem que Francis está com outra mulher. Eu não sei o quanto de verdade há nisto, mas está claro que eu não posso escolher ir às festas de repente. Eu não posso... espioná-lo.

Ross hesitou. Ela percebia o que estava pedindo? É claro que ela estava relutante em espionar por si mesma, mas essa seria a tarefa dele na realidade, mesmo que não fosse isso

nominalmente. E para qual fim? Como a intervenção dele poderia resgatar um casamento se as bases desse casamento já haviam sido destruídas?

– Não se decida agora, Ross – ela disse em voz baixa. – Deixe para lá. Reflita sobre isso. Eu sei que estou pedindo bastante.

O tom dela o fez olhar em volta, e Francis entrou. Sentado nesta sala grande e agradável, Ross pensou, você logo reconheceria os passos de todos na casa quando se aproximassem da porta.

– Um *tête-à-tête*? – Francis disse, erguendo uma sobrancelha. – E sem beber, Ross? Que hospitalidade ruim nós oferecemos. Deixe-me preparar para você uma batida quente com ovo para afastar a friagem do inverno.

Ross estava me contando como a mina dele está indo, Francis – Elizabeth disse.

– Deus nos livre, tal conversa na véspera de Natal – Francis se ocupou.

– Venha para cá em janeiro... ou talvez em fevereiro... e então nos conte sobre isso, Ross. Mas agora não, eu te imploro. Seria tedioso passar esta noite comparando relatórios sobre análises de cobre.

Ross viu que ele tinha bebido, embora os indícios fossem muito sutis.

Elizabeth se levantou. – Quando primos passam tanto tempo separados – ela disse agradavelmente –, é difícil encontrar algo sobre o que se conversar. Não nos faria mal algum, Francis, se pensássemos em Grambler um pouco mais. Eu preciso colocar Geoffrey na cama – disse ela e os deixou.

Francis atravessou a sala trazendo a bebida. Ele vestia um terno verde-escuro e a renda nos punhos estava suja. Algo incomum no Francis imaculado. Nenhum outro sinal do progresso do promíscuo. O cabelo tão cuidadosamente penteado quanto antes, meias tão alinhadas e presas, modos de uma elegância ainda maior. Havia algo mais cheio em sua face, o que o fazia parecer mais velho, e algo superficial em seu olhar.

– Elizabeth torna a vida uma questão mortalmente séria – ele comentou. – Aarf! Como meu velho pai diria.

– A elegância de expressão é algo que eu sempre admirei em você – disse Ross.

Francis olhou para cima e sorriu. – Sem ofensa. Nós ficamos afastados por tempo demais. Para que servem as cóleras deste mundo? Se nós pensássemos em todas as tristezas, nós apenas criaríamos mais sangue ruim para as sanguessugas retirarem. Beba um pouco.

Ross bebeu um pouco. – Eu não tenho mais tristeza alguma. O passado é passado, e estou bem contente.

– E você deveria estar – Francis disse por cima da borda de seu caneco. – Eu gosto da sua esposa. Pelo que ouvi de Verity, achei que fosse gostar dela. Ela anda como uma potra intrometida. E, afinal de contas, desde que o espírito dela seja bom, o que importa se ela veio do Castelo de Windsor ou da ruela Stippy-Stappy?

– Você e eu temos muito em comum – disse Ross.

– Eu costumava achar que sim – Francis parou. – Nos sentimentos ou nas circunstâncias, você quis dizer?

– Quis dizer nos sentimentos. Claramente, nas circunstâncias você tem vantagem sobre mim. A casa e os interesses de nossos ancestrais em comum; a esposa, por se assim dizer, de nossa escolha em comum; dinheiro para esbanjar na mesa de cartas e no ringue de galos, um filho e herdeiro...

– Pare – disse Francis –, ou você me fará chorar com inveja da minha própria boa sorte.

– Nunca pensei que isso fosse um perigo visível no seu caso, Francis.

A testa de Francis se contorceu e se franziu. Ele colocou seu caneco de lado.

– Não, nem em qualquer outro caso. É o costume da humanidade julgar os outros quando eles mesmos são ignorantes. Eles acham que...

– Então corrija a minha ignorância.

Francis olhou para ele por um instante ou dois.

– Colocar para fora meus descontentamentos na véspera de Natal? Deus me livre! Você achará tudo isso muito tedioso, eu lhe

asseguro. Como a tia Agatha falando de seus rins. Termine a sua bebida, homem, e tome outra.

– Obrigado – disse Ross. – Na verdade, Francis...

– Na verdade, Ross – Francis o zombou das sombras do aparador. – Tudo é exatamente como você disse, não é? Uma esposa adorável, bela como um anjo... de fato, talvez seja mais um anjo do que uma esposa... a casa de nossos ancestrais, pendurados nas paredes com suas faces curiosas... ah sim, eu vi Demelza os admirando com a boca aberta... um filho lindo criado da maneira que deveria ser: honrarás a teu pai e serás adorado por tua mãe para que teus dias sejam numerosos na terra que o Senhor teu Deus lhe deu. E, finalmente, dinheiro para esbanjar na mesa de cartas e no ringue de galos. Esbanjar. Eu gosto desta palavra. Ela tem um som agradável e expansivo. Faz você se lembrar do Príncipe de Gales despejando alguns milhares de guinéus no cassino de White.

– É uma palavra relativa – disse Ross num tom calmo. – Assim como muitas outras. Se você é um proprietário no interior e vive nas terras do oeste, você poderia esbanjar com cinquenta guinéus efetivamente da mesma forma que George faria com dois mil.

Francis riu enquanto se aproximava novamente. – Você está falando por experiência própria. Eu tinha me esquecido. Você tem sido o fazendeiro modelo por tanto tempo que eu já havia me esquecido.

– De fato – disse Ross –, eu diria que no nosso caso há um risco muito maior, não só na proporção, mas porque nós não temos um parlamento benevolente para votar por pagar nossas dívidas com £160.000, nem temos £10.000 por ano para gastar na amante do momento.

– Você está bem informado sobre os assuntos da corte.

– Todas as notícias correm, quer sejam sobre um príncipe ou sobre um proprietário local.

Francis enrubesceu. – O que você quer dizer com isso?

Ross ergueu seu caneco. – Que esta bebida realmente aquece meus órgãos vitais.

– Talvez o desaponte saber – disse Francis –, que eu não estou interessado no que um grupo de vovós idosas causadoras de

alarde e com marcas de pústulas está sussurrando por cima de suas lareiras. Eu sigo o meu próprio caminho e as deixo cheirando quaisquer gases venenosos que elas quiserem. Nenhum de nós é imune à tagarelice delas. Olhe para a sua própria casa, Ross.

– Você me entendeu mal – disse Ross. – Eu não estou preocupado com as histórias de mulheres desocupadas. Mas o interior de uma prisão de devedores é úmido e fedorento. Não faria mal a ninguém se você levasse isso em conta antes que seja tarde demais.

Francis acendeu seu cachimbo longo e fumou durante alguns segundos antes de dizer mais qualquer outra coisa. Ele colocou um pedaço de lenha que soltava fumaça de volta no fogo e pôs os atiçadores de lado.

– Elizabeth deve ter te contado uma bela história.

– Eu não preciso das confidências dela para ouvir uma bela história que é conhecida por todo o distrito.

– O distrito conhece as minhas preocupações melhor do que eu mesmo. Talvez você me aconselhasse sobre uma solução. Eu deveria me unir aos Metodistas e ser salvo?

– Meu caro – disse Ross –, eu gosto de você e tenho interesse no seu bem-estar. Mas apesar do quanto isso me afetaria, você pode ir e tomar o atalho mais rápido até o diabo. A sorte pode garantir terras e famílias, mas ela não confere o bom senso. Se você deseja jogar fora aquilo que possui, então jogue fora e que se dane.

Francis o olhou de maneira cínica por um instante, depois colocou seu cachimbo de lado e colocou a mão no ombro dele.

– Falou como um Poldark. Nós nunca fomos uma família agradável. Que nós continuemos xingando e brigando dentro da amizade. Assim, nós podemos ficar bêbados em companhia. Você e eu juntos, que se danem os credores!

Ross pegou seu caneco vazio e olhou para o fundo deste de maneira grave. O bom temperamento de Francis em reação ao questionamento o tocou de maneira compassiva. A decepção, de onde quer que ela tenha vindo, havia enrijecido seu primo: ela não mudara em essência o indivíduo que ele conhecia e de quem gostava.

Naquele momento, Bartle entrou trazendo duas velas interligadas na ponta. As chamas amarelas fraquejavam com a corrente de ar, e era como se a luz da lareira tivesse crescido subitamente até preencher o cômodo. A roca de fiar de Elizabeth se destacou no canto, com seus carretéis brilhando. Uma boneca de pano estava deitada de barriga para cima no sofá, com o enchimento pendurado para fora de seu estômago. Em uma cadeira, estavam um cesto de vime com costuras e um bastidor de madeira com uma amostra de bordado inacabado. A luz das velas era quente e amigável; com as cortinas fechadas, havia uma sensação de aconchego e riqueza serena.

No cômodo havia todos os sinais de ocupação feminina, e durante esses poucos minutos de conversa, houve uma masculinidade implícita que aproximou os homens através do elo de seus discernimentos maiores, mais amplos e mais tolerantes. Entre eles havia a maçonaria de seu sexo, uma união de sangue e a memória de antigas amizades.

Ocorreu a Ross naquele momento que metade da preocupação de Elizabeth poderia ser o eterno fantasma feminino da insegurança. Fracis bebia. Francis apostava e perdia dinheiro. Francis fora visto por aí com outra mulher. Não era uma história que agradasse. Mas não era algo incomum. Era inconcebível para Ross naquele caso, e para Elizabeth tinha as proporções de uma tragédia. Mas não era sábio perder a noção da perspectiva. Outros homens bebiam e apostavam. Dívidas eram algo elegante. Outros homens tinham olhos para admirar a beleza que não era deles pelo direito do casamento e ignoravam a beleza familiar que realmente era deles. Não era uma consequência necessariamente lógica que Francis estava tomando o caminho mais rápido para a perdição.

De qualquer forma, era Natal, e o dia tinha o propósito de simbolizar uma nova reunião familiar, e não de iniciar um novo afastamento.

Não dava para ir mais longe. Deixe isto para lá. Ross pensou em Demelza no andar de cima se arrumando da melhor maneira e cheia de juventude e de boa disposição. Ele esperava que ela não fosse exagerar. Era uma sorte que Verity havia encomendado o

vestido. Pensar em Demelza aqueceu sua mente e a iluminou, assim como a chegada das velas havia feito com o cômodo.

Que essas preocupações compadecidas fossem para o diabo! O Natal não era hora para isso. Elas poderiam ser ressuscitadas em janeiro, se ainda tivessem o poder de consternar e perturbar.

Capítulo Nove

1

O jantar começou às cinco da tarde e prosseguiu até às sete e quarenta. Foi uma refeição digna da época, da casa, e da temporada. Sopa de ervilha para começar, seguida por um cisne assado com molho adocicado; miúdos de aves, filés de cordeiro, uma torta de perdiz com molho de conhaque, tortas salgadas, tortinhas de frutas cristalizadas, cremes doces e bolos; todos levados garganta abaixo por vinho do Porto, clarete, vinho da Ilha da Madeira e cerveja artesanal caseira.

Ross sentia que faltava apenas uma coisa: Charles. O grande pançudo, os arrotos mais ou menos reprimidos, o bom humor pesado. Naquele instante, os restos mortais daquela alma enorme, medíocre, mas que não deixava de ser gentil estavam apodrecendo e se unindo ao solo que lhe dera vida e sustento; as substâncias orgânicas da qual ele era composto logo ajudariam a nutrir a grama espessa que cobria as terras da igreja. Mas nesta casa, da qual ele havia se afastado por poucas noites durante os seus sessenta e oito anos, nesta casa, ainda permanecia alguma aura de sua presença que não se esgotara, e que era mais perceptível para Ross do que a aura de todos os retratos dos quarenta e seis ancestrais.

Não se sentia tanto a tristeza pela ausência dele, era mais uma sensação do quão inapropriado era que ele não estivesse ali.

Para um grupo tão pequeno, o salão de jantar era aberto e arejado demais. Eles usaram o salão de inverno, que dava para o oeste e era curvado até o teto, e era conveniente para as cozinhas. O acaso dirigiu a chegada de Demelza como se fosse instruções teatrais. Verity tinha vindo para a sala para dizê-los que o jantar estava pronto. Elizabeth estava lá e os quatro saíram da sala sorrindo e conversando juntos. Enquanto o faziam, Demelza descia as escadas.

Ela usava o vestido que fora feito à escolha de Verity, o de seda lavanda-pálida com as mangas de comprimento médio, com saia de creolina levemente volumosa e aberta na frente como uma

letra A para mostrar o corpete florido de cor maçã-verde e a saia debaixo.

O que Ross não conseguia entender direito era a aparência, o comportamento dela. Era natural que ele ficasse contente com isso; ela nunca havia estado tão bonita antes. Do seu próprio jeito diferente, ela rivalizava com Elizabeth naquela noite, com as vantagens de suas feições, ela encobriria quase todas as mulheres. Algum desafio pressentido nesta situação havia trazido à tona o melhor da beleza de Demelza, seus belos olhos escuros, seu cabelo arrumado e preso de maneira alinhada, sua pele muito pálida e suave com um brilho quente por baixo. Verity estava claramente orgulhosa dela.

Durante o jantar, ela não estourou seu espartilho. Na opinião de Ross, ela exagerou em seu bom comportamento ao comer um pouquinho de muitas coisas, sempre deixando a maior parte em seu prato. Ela superou Elizabeth, que sempre comera tão pouco. Uma pessoa com suspeitas poderia ter achado que ela estava ridicularizando a sua anfitriã. Ross achou divertido. Esta noite, ela enfrentava seus desafios com ardor.

Uma garota falante durante as refeições, cheia de perguntas e especulações, nesta refeição participou pouco da conversa, recusou o clarete que os outros bebiam e tomou apenas a cerveja artesanal caseira. Mas ela não parecia estar entediada, e sua postura era sempre a de um interesse inteligente, enquanto Elizabeth falava sobre pessoas que ela não conhecia ou contava alguma anedota sobre Geoffrey Charles. Quando se dirigiam a ela, respondia agradável e naturalmente, e sem artifícios. Os monólogos ocasionais de tia Agatha não pareciam desconcertá-la: ela olhava para Ross, que estava sentado ao lado da idosa, e ele gritava uma resposta. Isso o colocava na obrigação de encontrar a resposta correta.

A conversa se voltou para a questão acerca da veracidade do rumor de que houve outra tentativa de assassinar o rei. O último rumor assim certamente fora verdade, quando Margaret Nicholson tentou esfaqueá-lo durante uma assembleia. Francis fez alguns comentários cínicos sobre o tecido de boa qualidade usado para o

colete real. Elizabeth disse que soube que os criados da residência do rei não eram pagos há doze meses.

Eles falaram sobre a França e a magnificência da corte de lá. Francis disse estar surpreso que alguém não tivesse tentado enfiar uma faca afiada em Louis, que merecia uma, muito mais do que o fazendeiro George. A rainha francesa tentava encontrar uma cura para todas as suas doenças na hipnose animal.

Verity disse que iria tentar isso para seu catarro, pois tinham dito a ela para beber um copo de água marinha todos os dias, e ela não conseguia aguentar. Dr. Choake atribuía a culpa de todos os resfriados à malignidade do ar: carne crua posta sobre uma estaca ficava ruim dentro de trinta minutos, enquanto a mesma carne mantida na água marinha permanecia fresca por muito tempo. Ross comentou que Choake era uma mulher velha. Francis disse que talvez existisse alguma verdade literal naquela afirmação, já que Polly não dava frutos. Elizabeth dirigiu a conversa para o problema dos olhos de sua mãe.

Francis bebeu dez taças de vinho do Porto durante a refeição, mas demonstrou poucas mudanças. Uma grande diferença, Ross pensou, desde os dias de antigamente quando ele era sempre o primeiro a sentir os efeitos do álcool. ‘O garoto não tem cabeça para a bebida’, Charles resmungava. Ross olhou para Elizabeth, mas o olhar dela estava sereno.

Às quinze para as oito, as damas se levantaram e deixaram os dois homens a sós para beberem conhaque e fumarem seus cigarros na mesa bagunçada e abandonada. Eles conversaram sobre negócios entre si, mas a conversa não tivera progresso por muitos minutos, quando Mrs. Tabb apareceu na porta.

– Se não for incomodá-lo, senhor, os visitantes acabaram de chegar.

– O quê?

– Mr. George Warleggan e Mr. e Mrs. John Treneglos, senhor.

Ross sentiu um espasmo de irritação ao ter essa surpresa jogada sobre si. Ele não tinha vontade alguma de ver o extremamente bem sucedido George naquela noite. E ele tinha certeza de que Ruth não teria vindo se não soubesse que ele e Demelza estariam ali.

Mas a surpresa de Francis era sincera.

– Pela vida de um galo, então eles vêm fazer visitas na véspera de Natal, hein? O que você fez com eles, Emily?

– Eles estão na sala grande, senhor. A Senhora Elizabeth disse que você viria logo para ajudar a entretê-los, e eles não pretendem ficar por muito tempo.

– Certamente. Nós iremos em um minuto – Francis acenou com sua taça. – Em um minuto.

Quando Mrs. Tabb saiu, ele acendeu seu cachimbo. – Imagine o velho George vir aqui esta noite. Pensei que ele estaria passando o Natal em Cardew. Uma coincidência, não? E John e Ruth. Você se lembra de quando nós costumávamos brigar com John e Richard, Ross?

Ross se lembrava.

– George Warleggan – disse Francis. – Grande homem. Ele terá posse de metade da Cornualha antes de morrer. Ele e seu primo já possuem metade de mim. – Ele riu. – A outra metade ele quer, mas não pode possuir. Algumas coisas simplesmente não se apostam na mesa.

– O primo dele?

– Cary Warleggan, o banqueiro.

– Um nome bonito. Já ouvi pessoas chamando-o de agiota.

– Eita! Você insultaria a família assim?

– A família está se intrometendo demais para o meu gosto. Eu prefiro uma comunidade estruturada de uma maneira mais simples.

– Eles são as pessoas do futuro, Ross. Não as famílias decadentes como os Chynoweths e os Poldarks.

– Não é o vigor deles que eu questiono, mas como eles o utilizam. Se um homem tem vitalidade, então que ele aumente a sua própria alma, e não se esforce para possuir as das outras pessoas.

– Isso pode ser verdade sobre o primo Cary, mas é um pouco severo demais com o George.

– Termine a sua bebida e vamos – disse Ross, pensando em Demelza com essas pessoas novas para encarar.

– É mais do que só um pouco estranho – disse Francis. – Os filósofos sem dúvida dariam algum nome mais intelectual a isso.

Mas, para nós, só parece ser uma simples perversidade da vida.

– O que parece?

– Ah – o outro hesitou. – Eu não sei. Nós invejamos outra pessoa por algo que ela tem e nós não, quando a verdade pode ser que ela não tenha isso. Estou sendo claro? Não, acho que não. Vamos ver o George.

Eles se levantaram das ruínas do banquete e caminharam pelo corredor. Enquanto o atravessavam, eles ouviram gritos de risada vindos da sala grande.

– Fazendo um carnaval em minha casa – disse Francis. – Este poderia ser realmente George, O Elegante.

– Há grandes chances – disse Ross – de que seja John, O Mestre dos Cachorros de Caça.

Eles entraram e descobriram que o palpite dele foi bom. John Treneglos estava sentado à roca de fiar manual de Elizabeth. Ele tentava fazê-la funcionar. Parecia uma ação bem simples, mas na verdade precisava de prática, o que John Treneglos não tinha. Ele conseguia fazer a roda girar bem durante alguns instantes, mas então a pressão de seu pé no pedal não ficava estável o bastante, e o braço inclinado da máquina, de repente, virava ao contrário e parava. Enquanto ela funcionava direito havia silêncio no cômodo, interrompido apenas por uma conversa entre Treneglos e Warleggan. Mas a cada vez que John errava, havia um rugir de risadas.

Treneglos era um homem poderoso e desajeitado de trinta anos, com cabelo loiro-escuro, olhos afundados e feições sardentas. Ele era conhecido por ser bom em montaria, um atirador de primeira classe, o melhor lutador amador de dois condados, um ignorante em qualquer jogo que precisasse de esforço mental e um valentão. Esta noite, apesar de estar em uma visita social, ele vestia um casaco de montaria de veludo-marrom e calções espessos de veludo canelado. Ele se gabava de nunca vestir nada além de calções de montaria, até mesmo na cama.

Ross ficou surpreso ao ver que Demelza não estava na sala.

– Você perdeu – disse George Warleggan. – Você perdeu. Cinco guinéus são meus. Ho, Francis.

– Mais uma tentativa, ora. A primeira foi um teste. Eu não serei derrotado por uma geringonça deste tipo.

– Onde está Demelza? – perguntou Ross a Verity, que estava de pé ao lado da porta.

– No andar de cima. Ela quis ficar sozinha por alguns instantes, então eu desci.

– Você irá quebrá-la, John – disse Elizabeth, sorrindo. – Você tem pés pesados demais.

– John! – disse sua esposa. – Levante-se agora!

Mas John se divertira com conhaque de qualidade e não deu ouvidos. Mais uma vez ele fez a roda girar, e parecia que, desta vez, ele tinha pegado o jeito. Mas ele tentou aumentar a velocidade no momento errado, e o braço inclinado virou ao contrário e o movimento todo parou. George deu um grito triunfal e John Treneglos se levantou com desgosto.

– Mais três vezes e eu teria dominado a coisinha teimosa. Você precisa me dar uma aula, Elizabeth. Aqui, homem, leve o seu dinheiro. Foi obtido de maneira suja e irá prender em sua vara de montaria.

– John fica irritado facilmente – disse sua esposa. – Eu estava com medo pela sua roca. Acho que todos nós somos um pouco levados e o espírito de Natal fez o restante.

Se John Treneglos não dava um exemplo de moda e elegância, o mesmo não poderia ser dito da nova Mrs. Treneglos. Ruth Teague, a garota pequena e monótona do baile de caridade da Páscoa, tinha dado um salto à frente. Um instinto de Ross tinha percebido no baile que havia mais nela do que os olhos conseguiam enxergar. Ela usava um vestido rosa-claro de saia sem creolina, feito de seda de Spitalfields com lantejoulas prateadas na cintura e ombros. Um vestido inadequado para se viajar pelo interior, mas sem dúvida o seu guarda-roupa tinha um estoque abundante. Agora, John teria outras despesas em seu bolso além de seus caçadores. E John não teria mais todas as coisas feitas à sua própria maneira.

– Ora, ora, capitão Poldark – disse Treneglos ironicamente. – Somos vizinhos, mas é assim que nos conhecemos. Dado o quanto nós te vemos, você poderia ser o Robinson Crusoé.

– Ah, mas ele tem o seu criado, Sexta-feira[27], querido – disse Ruth gentilmente.

– Quem? Ah, você se referiu a Jud – disse Treneglos, aliviando o impacto do comentário de sua esposa. – Um gorila careca, aquele homem. Ele me provocou uma vez. Se não fosse seu criado, eu teria dado uma surra nele. E como vai a mina? Meu velho pai está ficando caduco e só fala em escavar o cobre.

– Nada muito ambicioso – disse Ross –, mas gratificante até então.

– Ora – disse George. – Precisamos falar de negócios? Elizabeth, traga a sua harpa. Vamos ouvir uma música.

– Eu não tenho voz – disse Elizabeth, com seu amável sorriso lento. – Se você estiver disposto a me acompanhar...

– Todos nós te acompanharemos – George foi gentil. – Seria admiravelmente perfeito para esta noite.

George não tinha os modos grosseiros e autoconfiantes de John Treneglos, que contava seus ancestrais até Robert, o conde de Mortain. Mal se conseguia acreditar que uma única geração dividia um velho rude e enrugado que ficava sentado em um chalé vestindo apenas seu camisão, que mascava tabaco e mal sabia escrever o seu nome, deste jovem culto que vestia um casaco rosa de caimento justo com as lapelas castanho-amareladas. Apenas alguns vestígios do neto do ferreiro eram aparentes no tamanho de feições, nos lábios cheios, apertados e possessivos, no pescoço curto sobre os ombros pesados.

Demelza vai descer? – Ross perguntou a Verity em voz baixa. – Ela não ficou intimidada por essas pessoas, não é?

– Não, não acho que ela saiba que eles estão aqui.

– Vamos jogar uma rodada de Faraó – disse Francis. – Eu tive uma maldita má sorte no sábado. A sorte não pode ficar ranzinza para sempre.

Mas fizeram com que ele se calasse. Elizabeth deveria tocar a harpa. Eles tinham vindo especialmente para ouvir Elizabeth tocar. George já estava trazendo o instrumento do canto e John trazia a cadeira que ela usaria. Elizabeth, protestando e sorrindo, estava sendo persuadida. Naquele momento, Demelza entrou.

Ela estava se sentindo melhor. Acabara de perder o jantar que tinha comido e a cerveja que havia bebido. O ocorrido em si não fora agradável, mas, como os velhos senadores romanos, ela estava se sentindo melhor depois disso. O demônio da náusea fora embora com a comida e tudo estava bem.

Houve um minuto de silêncio depois que ela entrou. Era perceptível que os convidados haviam sido responsáveis pela maior parte do barulho. Então, Elizabeth disse: – Esta é a nossa nova prima, Demelza. A esposa de Ross.

Demelza ficou surpresa com esta nova leva de pessoas que ela deveria cumprimentar agora. Ela se lembrou de Ruth Teague por tê-la visto uma vez em uma visita a Ross, e tinha visto o esposo dela caçando duas vezes: o filho mais velho do proprietário Treneglos, um dos grandes homens da vizinhança. Quando os viu pela última vez, ela era uma criada da cozinha, desarrumada e de pernas compridas, para quem nenhum dos dois teria olhado uma segunda vez. Ou Ruth não o faria. Ela ficou intimidada por eles e por George Warleggan, que ela imaginou que fosse no mínimo o filho de um lorde, dadas às suas vestes. Mas ela estava aprendendo rapidamente que as pessoas, mesmo as bem-criadas como estas, tinham uma tendência surpreendente de julgá-lo pelo valor que você mesmo se dava.

– Maldição, Ross – Treneglos disse. – Onde você estava escondendo este pequeno botão de flor? Foi ingratidão sua ser tão sigiloso quanto a isso. Seu servo, madame.

Já que responder ‘sua serva, senhor’ seria claramente errado, além de ser perto demais da verdade, Demelza se contentou com um sorriso agradável. Ela se permitiu ser apresentada aos outros dois, então aceitou uma taça de vinho do Porto de Verity e engoliu metade deste quando eles olharam em outra direção.

– Então, esta é a sua esposa, Ross – disse Ruth docemente. – Venha e sente-se ao meu lado, minha querida. Conte-me tudo sobre você. O condado inteiro falava de você em junho.

– Sim – disse Demelza. – As pessoas gostam muito de uma fofoca, não é mesmo, madame?

John riu alto e bateu em sua coxa.

– Muito bem, senhora. Vamos fazer um brinde: um feliz Natal a todos, e que se danem as fofocas!

– Você está bêbado, John – disse Ruth severamente. – Você não conseguirá ficar em cima do seu cavalo se não formos embora imediatamente.

Primeiro devemos ouvir Elizabeth tocar – disse George, que estivera trocando confidências íntimas com Elizabeth.

– Você canta, Senhora Poldark?

– Eu? – disse Demelza surpresa. – Não. Apenas quando estou feliz.

Não estamos todos felizes agora? – perguntou John. – Época do Natal. Você deve cantar para nós, madame.

Ross olhou para Demelza, que sacudiu sua cabeça vigorosamente.

– Não – disse Ross.

Esta recusa pareceu não ter peso algum. Alguém deveria cantar para eles, e parecia que iria ser Demelza.

A garota esvaziou sua taça de vinho rapidamente, e alguém a encheu novamente.

– Eu só canto *pra* mim mesma – ela disse. – Quer dizer, eu *num* conheço nenhuma música certinha. A Senhora... erm... Elizabeth deveria tocar primeiro. Talvez, depois...

Elizabeth percorria seus dedos muito gentilmente para cima e para baixo da harpa. O leve som em ondas era um acompanhamento líquido para a conversa.

– Se você cantar algumas notas para mim – ela disse –, acho que consigo pegar a música.

– Não, não – disse Demelza, se afastando. – Você primeiro. *Toca* você primeiro.

Então, Elizabeth começou a tocar imediatamente, e o grupo ficou em silêncio no mesmo instante, até o John embriagado e o Francis que havia bebido bastante. Todos eram da Cornualha, e a música tinha significado para eles. Primeiro ela tocou uma melodia de Handel e depois uma sonatina de Krumpholz. Os tons dedilhados vibrantes preencheram o cômodo e o único outro barulho era o murmurinho da lenha queimando no fogo. A luz das velas caía sobre a cabeça jovem de Elizabeth e em suas mãos finas se movendo

sobre as cordas. A luz criou um halo sobre o seu cabelo. Atrás dela, George Warleggan estava de pé, baixo e forte, educado e obstinado, suas mãos atrás das costas, seus olhos fixos na artista sem piscar.

Verity se sentou em um banco, uma bandeja com taças no chão ao seu lado. Contra um fundo de cortinas azuis de tecido canelado, ela estava sentada com as mãos segurando seus joelhos, sua cabeça para cima e mostrando a linha de sua garganta acima do seu lenço de renda cobrindo o colo. Sua face em repouso lembrava a da Verity mais jovem de quatro anos atrás. Ao seu lado, Francis estava relaxado em uma cadeira, seus olhos semiabertos, mas estava escutando; e ao lado dele, tia Agatha mastigava em meditação, uma gotícula de saliva no canto de sua boca. Ela também escutava, mas não ouvia nada. Vestindo suas roupas drasticamente diferentes das da idosa, mas com algo estranhamente em comum com esta na vitalidade de seu comportamento, estava Ruth Treneglos. Pensava-se que ela poderia não ser uma beldade agora, mas que ela também ficaria desgastada quando o tempo viesse.

Ao lado dela estava Demelza, que acabara de terminar sua terceira taça de vinho do Porto e se sentia melhor a cada minuto; e ao lado dela estava Ross, de pé, um pouco reservado, olhando de vez em quando de um membro do grupo para outro com seus olhos inquietos. John Treneglos estava em parte escutando a música, e em parte devorando Demelza com seus olhos, que parecia exercer uma fascinação peculiar sobre ele.

A música parou e Elizabeth recostou, sorrindo para Ross. O aplauso foi um pouco mais quieto do que ele teria esperado dez minutos atrás. A música da harpa tocara em algo mais fundamental do que a animação deles. Ela havia falado sobre amor e tristeza, sobre a vida humana, seu início estranho e seu fim inevitável.

– Sensacional! – declarou George. – Nós fomos mais do que recompensados por uma jornada que poderia ter sido vinte vezes mais longa. Elizabeth, você toca as cordas do meu coração.

– Elizabeth – disse Verity. – Toque para mim uma reprise daquela *canzonetta*, por favor. Eu a amo.

– Não é boa a não ser que seja cantada.

– Sim, sim, ela é. Toque-a como você fez na última noite de domingo.

O silêncio se formou novamente. Elizabeth tocou uma melodia muito curta de Mozart e depois uma *canzonetta* de Haydn.

Fez-se o silêncio quando esta acabou antes de qualquer um falar algo.

– É a minha favorita – disse Verity. – Eu não posso ouvir ela vezes demais.

– Todas são minhas favoritas – disse George. – E tocadas como que por um anjo. Mais uma, eu lhe imploro.

– Não – disse Elizabeth, sorrindo. – É a vez de Demelza. Ela cantará para nós agora.

– Depois disso eu não poderia – disse Demelza, a quem a última melodia e o vinho forte tinham afetado muito. – Eu estava pedindo a Deus que vocês tivessem me esquecido.

Todos riram.

– Nós precisamos ouvir isso e depois iremos embora – disse Ruth com um olho em seu marido. – Por favor, Senhora Poldark, supere a sua modéstia e nos satisfaça com as suas prendas. Estamos todos curiosos.

Os olhos de Demelza encontraram os da outra garota e viram nele um desafio. Ela a encarou. O vinho tinha dado a ela a coragem dos holandeses.

– Bom...

Com sentimentos conflitantes, Ross a observou atravessar a sala até a harpa e se sentar no assento que Elizabeth havia deixado. Ela não sabia tocar uma única nota no instrumento, mas o instinto que a persuadiu a tomar esta posição era forte: os outros se ajeitaram ao redor deste e ela foi salva do constrangimento de ficar em pé sem ter nada o que fazer com suas mãos. Mas o momento em que ela deveria ter cantado foi há dez minutos atrás, quando todos estavam alegres e preparados para acompanhá-la. As músicas delicadas e cultas de Elizabeth tinham mudado o clima do ambiente. O anticlímax seria certo.

Demelza se sentou confortavelmente, endireitando suas costas e puxou uma corda com seu dedo. A nota que esta emitiu foi agradável e reconfortante. Contraste com Elizabeth: o halo

desaparecera, e em seu lugar havia uma coroa escura de humanidade.

Ela olhou para Ross; em seus olhos havia um diabinho da travessura. Ela começou a cantar.

Sua voz levemente rouca, quase um contralto, errou a nota por uma fração imperceptível. E com um tom doce, não fez esforço para impressionar com o volume, mas ao invés disso, pareceu emitir uma mensagem pessoal com o que ela tinha a dizer.

‘Eu colheria uma bela rosa para o meu amor;
Colheria uma rosa vermelha ao vento balançando.
O amor em meu coração tenta provar
O que teu coração já está sabendo.
Eu cortaria o dedo em um espinho,
Cortaria um dedo sangrando.
Vermelho é meu coração, abandonado e ferido
E do teu coração precisando.
Eu seguraria um dedo aos meus lábios
Seguraria um dedo esperando.
Meu coração está ferido até se encontrar na canção
Com o teu coração, se unindo.’

Houve um momento de pausa, e Demelza tossiu para mostrar que havia terminado. Vieram elogios murmurados, alguns meramente educados, mas alguns espontâneos.

– Muito charmosa – disse Francis, através de olhos semicerrados.

– Que surpresa – disse John Treneglos com um suspiro. – Eu gostei disso.

– Que surpresa – disse Demelza, rindo para ele. – Eu tive medo de que não gostassem.

– Uma resposta afiada, madame – disse Treneglos. Ele estava apenas começando a entender por que Ross havia cometido o erro de se casar com sua copeira. – Você tem mais desse mesmo tipo?

– Músicas ou respostas, senhor? – perguntou Demelza.

– Eu não tinha ouvido essa canção antes – disse Elizabeth. – Fiquei muito tocada por ela.

– Músicas, foi o que eu quis dizer, garota – disse Treneglos, colocando seus pés para cima. – Eu sei que você tem as respostas.

– John – disse sua esposa. – Está na hora de irmos embora.

– Estou confortável aqui. Obrigado, Verity. Este vinho tem uma textura boa, Francis. Quando você o comprou?

– Na firma de Trencrom. Os produtos deles não têm sido muito bons ultimamente. Preciso trocar.

– Eu comprei um vinho do Porto aceitável outro dia – disse George. –

– Infelizmente ele havia sido cobrado impostos, então me custou quase três guinéus por treze garrafas.

Francis ergueu uma sobrancelha irônica. George era um bom amigo e um credor indulgente, mas ele não conseguia evitar mencionar em uma conversa o preço que tinha pagado pelas coisas. Era quase o único sinal que restava de suas origens.

– Como você arruma criados hoje em dia, Elizabeth? – Ruth perguntou, sua voz com um tom significativo. – Eu tenho a maior dificuldade. Mamãe estava dizendo esta manhã que realmente não há como satisfazê-los. A geração mais nova, ela estava dizendo, tem cada *ideia*, sempre querendo subir acima de sua classe.

– Mais uma canção, Demelza, por favor – Verity se intrometeu. – Qual era aquela que você estava tentando tocar quando eu fiquei com vocês? Você se lembra, a canção do pescador.

– Eu gosto de todas – disse John. – Maldição, eu não fazia ideia que estávamos na companhia de tanto talento.

Demelza esvaziou mais uma taça. Seus dedos percorreram as cordas da harpa e produziram um som surpreendente.

– Eu tenho outra – ela disse gentilmente. Ela olhou para Ross por um instante, depois para Treneglos por debaixo de seus cílios. O vinho que tinha bebido acendera os olhos dela. Ela começou a cantar, em um volume baixo, porém, bem claro.

‘Suspeitei que ela fosse bonita
Suspeitei que ela fosse casada,

Meu pai me disse que era uma fora da lei.
Vi que ela era convencida,
Que não amaria um substituto qualquer,
A travessura mais linda que já vi.
Sem nenhuma intenção maliciosa
Fui visitá-la à luz de velas.
Vale tudo no amor e na guerra, eles dizem.
Minhas boas intenções me abandonaram,
As advertências de nenhum pai me pararam,
A travessura mais linda que já vi.'

Aqui ela pausou, então abriu seus olhos por um segundo para John Treneglos antes de cantar o último verso.

'O ninho estava aquecido ao redor de nós,
Nenhum marido chegou em casa e nos encontrou,
Nossa juventude foi tão doce quanto imatura.
E agora o cuco volta para sua casa
Cansado de tanto passear.
A travessura mais linda que já vi.'

John Treneglos deu um grito de alegria e bateu em suas coxas. Demelza se serviu de outra taça de vinho.

– Bravo! – disse George. – Eu gostei dessa canção. Ela tem uma melodia pausada. De fato, foi muito bem cantada!

Ruth se levantou. – Vamos, John. Já será o dia de amanhã antes de chegarmos em casa.

– Besteira, minha querida – John puxou a corrente presa ao seu cronômetro, mas o relógio não queria sair de seu bolso profundo. – Alguém tem as horas? Não podem ser nem dez horas ainda.

Você não gostou da minha canção, madame? – Demelza perguntou, dirigindo-se a Ruth.

Os lábios de Ruth se mexeram quase imperceptivelmente. – De fato, gostei. Achei-a muito esclarecedora.

– São nove e meia da noite – disse Warleggan.

– De fato, madame – disse Demelza. – Estou surpresa por você precisar de esclarecimento em tal assunto.

As narinas de Ruth ficaram brancas. Pode-se duvidar se Demelza compreendeu as implicações completas do seu próprio comentário. Mas com cinco taças grandes de vinho do Porto dentro de si, ela não estava avaliando os prós e os contras de um comentário antes de fazê-lo. Ela sentiu Ross se aproximando por trás; a mão dele tocou o seu braço.

– Eu não estava falando sobre o assunto – o olhar de Ruth foi além dela.

– Posso parabenizá-lo, Ross, por uma esposa tão habilidosa em todas as artes do entretenimento.

– Habilidosa, não – disse Ross, apertando o braço de Demelza –, mas ela aprende bem rápido.

– A escolha do professor faz muita diferença, não é mesmo?

– Ah, sim – Demelza concordou. – Ross é tão gentil que poderia cativar até os mais amargos de nós, até nos fazer apresentar boas maneiras.

Ruth deu tapinhas no braço dela. Era a brecha que ela queria. – Eu não acho que você já poderia ser a melhor jurada quanto a isso, minha querida.

Demelza olhou para ela e assentiu. – Não. Talvez eu devesse ter dito todos, exceto os mais amargos.

Antes que a conversa se tornasse ainda mais fatal, Verity interveio. As visitas estavam indo embora. Até mesmo John fora finalmente levantado de sua cadeira. Todos eles se encaminharam para o corredor.

Em meio a muita risada e conversas de última hora, os casacos foram vestidos e Ruth trocou seus sapatos delicados por sapatos afivelados de montaria. A capa de montaria dela, à última moda, precisou ser admirada. Uma meia hora inteira se passou enquanto despedidas afetuosas e felicitações da temporada eram dadas e recebidas, piadas eram feitas e respondidas. Finalmente, ao som de ferraduras, o grupo desceu a estrada da entrada e as grandes portas se fecharam. Os Poldarks estavam sozinhos novamente.

Capítulo Dez

Levando-se tudo em conta, esta havia sido a noite de Demelza. Ela tinha sobrevivido a um teste interrogatório com um sucesso notável. O fato de que este sucesso fora em parte devido às náuseas na mesa do jantar, e em parte às cinco taças de vinho do Porto em um momento crucial da noite, era algo que somente ela sabia, e ela guardou isso para si mesma.

Quando eles deram boa noite aos seus novos familiares duas horas mais tarde e subiram as escadas largas cheias com retratos pendurados ao redor, Ross estava consciente deste novo lado da natureza dela, uma nova faceta que sua esposa havia demonstrado. Durante a noite toda, a surpresa havia se misturado com o seu divertimento interior. O charme de Demelza, que era quase beleza, em seu vestido novo e elegante; a impressão que ela havia deixado; sua dignidade silenciosa e nada pretensiosa durante o jantar, quando ele esperava que ela fosse ficar nervosa e rígida, ou tagarela e esfomeada. Demelza, em meio aos visitantes inesperados, rebatendo comentários com igual destreza, cantando aquelas canções populares com sua voz baixa e rouca, e seu sotaque nativo suave. Demelza flertando com John Treneglos debaixo do nariz da própria Ruth, debaixo do nariz do próprio Ross para dizer a verdade.

Demelza sendo mantida longe do vinho com dificuldade e bom tato quando as visitas haviam ido embora. (E também quando eles estavam jogando um jogo de cartas, o qual a garota não sabia jogar, ele a tinha visto circulando pelo cômodo e se servindo de algumas taças sutilmente). Demelza subindo os degraus largos agora, quase sedada ao lado dele, ereta, e sem estar desalinhada em suas sedas cor de lavanda e maçã verde, das quais emergia o seu pescoço e ombros esguios, com o coração branco e seu interior de flor.

Demelza mais desapegada dele do que ele já havia visto. Aquela noite, ele havia se afastado dela, havia a visto com novos olhos. Ali, contra um fundo que era estranho para ela, mas que para ele trazia lembranças e padrões definitivos, ela havia se provado sendo ela mesma e não deixou a desejar. Agora, ele não

lamentava mais por ter vindo. Ele se lembrou das palavras de Elizabeth: ‘Você precisa levá-la à sociedade e sair com ela.’ Talvez nem isso fosse impossível se ela o quisesse. Uma vida nova poderia estar se abrindo para os dois. Ele se sentia contente, animado e orgulhoso do caráter em desenvolvimento de sua jovem esposa.

Sua jovem esposa deu um soluço quando eles chegaram ao seu quarto. Ela também estava se sentindo diferente do que já sentira antes. Ela se sentia como uma jarra de cidra fermentando, cheia de bolhas e ar, com a cabeça meio leve, enjoada, e tão pouco interessada no sono quanto Ross. Ela olhou em volta do quarto bonito, com seu papel de parede creme e cor de rosa, e suas cortinas de tecido em alto-relevo.

–Ross – ela disse. – Eu queria que esses pássaros não fossem tão manchados. Os tordos nunca tiveram tantas manchas quanto eles. Se quiserem pintar manchas nos pássaros nas cortinas, por que eles não pintam manchas da cor certa? Nenhum pássaro nunca teve manchas cor de rosa. E nenhum pássaro tem tantas manchas quanto eles.

Ela se inclinou em Ross, que se inclinou contra a porta que ele acabara de fechar e acariciou a face dela.

– Você está levemente bêbada, menina.

– De verdade, eu não estou – ela conquistou o equilíbrio novamente e caminhou através do quarto com uma dignidade tranquila. Ela se sentou pesadamente numa cadeira em frente ao fogo e chutou seus sapatos para fora de seus pés. Ross acendeu o restante das velas além da que ele mesmo trazia, e depois de um pequeno intervalo, as chamas se intensificaram, iluminando o quarto.

Demelza ficou sentada ali, seus braços atrás de sua cabeça, seus dedos dos pés esticados em direção ao fogo enquanto Ross se despia lentamente. Eles trocavam algumas palavras casuais de vez em quando, rindo juntos sobre o relato de Ross sobre as tentativas de Treneglos com a roca de fiar; Demelza o perguntava sobre Ruth, sobre os Teagues, sobre George Warleggan. As vozes deles eram baixas, calorosas e confidenciais. Esta era a intimidade do puro companheirismo.

A casa ficara silenciosa ao redor deles. Embora não estivessem com sono, o calor agradável e o conforto viraram seus sentidos imperceptivelmente na direção do sono. Ross teve um momento de satisfação imaculada. Ele recebia amor e dava amor em porções iguais e generosas. O relacionamento deles não tinha falha alguma naquele momento.

Usando o camisão de dormir de Francis, ele se sentou no banco ao lado da cadeira dela e estendeu suas mãos em direção ao fogo.

Fez-se silêncio.

Naquele momento, vindo da fonte do contentamento de Demelza, surgiu uma determinação antiga.

– Eu me comportei bem esta noite, Ross? – ela perguntou. – Eu me comportei como a Senhora Poldark deveria se comportar?

– Você se comportou de maneira monstruosa – ele disse –, e foi um triunfo.

– Não me provoque. Você acha que eu tenho sido uma boa esposa?

– De moderada a boa. Eu diria de moderada a boa.

– Eu cantei bem?

– Você estava inspirada.

Fez-se silêncio novamente.

– Ross.

– Sim, flor?

– Flor de novo? – ela disse. – Esta noite eu fui chamava tanto de Flor quanto de Botão de Flor. Espero que daqui a alguns anos eles não comecem a me chamar de Casulo.

Ele riu, silenciosamente, mas por bastante tempo.

– Ross – ela disse novamente, quando ele havia parado.

– Sim?

– Se eu tenho sido uma boa esposa, então você tem que me prometer uma coisa.

– Muito bem – ele disse.

– Você tem que me prometer que em algum momento antes... antes da Páscoa, você irá até Falmouth procurar o capitão Blamey e ver se ele ainda ama a Verity.

Houve uma pausa por um instante.

– Como é que eu vou descobrir a quem ele ama? – Ross perguntou ironicamente. Ele estava contente demais para discutir com ela.

– Pergunte a ele. *Cê* era amigo dele. Ele *num* vai mentir sobre uma coisa assim.

– E depois?

– Se ele ainda amá-la, então podemos planejar que eles se encontrem.

– E depois?

– Aí *num* vamos precisar fazer mais nada.

– Você é muito persistente, não é?

– Só porque você é tão teimoso quanto eu.

– Não podemos arrumar as vidas das outras pessoas por elas.

Demelza soluçou.

– Você não tem coração – ela disse. – Isso é o que eu não consigo entender. Você me ama, mas não tem coração.

– Eu tenho um carinho enorme por Verity, mas...

– Ah, os seus 'mas'! Você *num* tem fé, Ross. Vocês, homens, não entendem. Você não sabe o mínimo sobre Verity! Isso você *num* sabe.

– E você sabe?

– Eu não preciso. Eu conheço a mim mesma.

– Cogite o fato de que talvez haja mulheres diferentes de você.

– Ba... da... bum! – disse Demelza. – Você não me assusta com as suas palavras grandes. Eu sei que Verity não nasceu para ser solteirona, murchando e encolhendo enquanto cuida da casa e dos filhos dos outros. Ela preferiria aceitar o risco de ser casada com um homem que não consegue controlar sua bebida – ela se inclinou para frente e começou a tirar suas meias.

Ele a observou. – Você parece ter desenvolvido toda uma filosofia desde que se casou comigo, amor.

– *Num* fiz nada... não fiz isso – disse Demelza. – Mas eu sei o que é o amor.

O comentário pareceu colocar o debate em um plano diferente.

– Sim – ele concordou gravemente. – Eu também sei.

Fez-se um silêncio mais demorado.

– Se você ama alguém – disse Demelza –, *num* são alguns machucados nas costas que fazem diferença. É o fato de se a outra pessoa também te ama. Se ela te ama, então só pode machucar o seu corpo. Não pode machucar o seu coração.

Ela enrolou suas meias até formar uma bola e reclinou na poltrona novamente, mexendo seus dedos do pé na direção do fogo. Ross pegou o atiçador e remexeu as cinzas e as brasas até elas aumentarem formando uma chama.

– Então, você irá *pra* Falmouth ver ele? – ela perguntou.

– Eu vou considerar – disse Ross. – Vou considerar.

Depois de ter chegado tão longe, ela era sábia demais para insistir mais ainda. Uma outra e menos nobre lição que ela havia aprendido com a vida conjugal era que, se ela insistisse por tempo o bastante e discretamente, no final das contas ela conseguiria o que queria na maioria das vezes.

Com as orelhas acostumadas aos menores sons, para eles parecia que o silêncio da casa era menos completo do que havia sido algum tempo atrás. Tinha se tornado o silêncio com um ruído suave das madeiras velhas e da ardósia, velhas na história dos Poldarks e dos Trenwiths, pessoas cujas faces estavam penduradas no corredor deserto, cujos amores e esperanças esquecidos haviam respirado e crescido ali. Jeffrey Trenwith, construindo esta casa com fé e fogo; Claude, profundamente envolvido com a Revolta do Livro de Oração Comum;[28] Humphrey usando seu rufo Elizabetano;[29] Charles Vivian Poldark, ferido e vindo para casa depois de trabalhar no mar; Anna-Maria de cabelos vermelhos; Joan Presbiteriana; políticas e credos religiosos misturados; gerações de crianças, com a alegria da vida no presente, crescendo e aprendendo e decaindo. O silêncio completo da casa antiga era mais potente do que o silêncio vazio da juventude de agora. Os painéis das paredes ainda sentiam o encostar da seda mofada, as tábuas ainda rangiam sob a pressão do pé esquecido. Durante um tempo, alguma coisa se pôs entre o homem e a garota sentados perto do fogo. Eles a sentiram e esta os deixou afastados um do outro, sozinhos com seus pensamentos.

Mas até mesmo a força do passado não conseguiu quebrar o companheirismo deles naquele momento por muito tempo. De alguma forma, e por causa da natureza de cada um, o silêncio antigo e peculiar deixou de ser uma barreira e se tornou um meio. Eles haviam ficado intimidados pelo tempo. Então, o tempo se tornou amigo deles novamente.

– Você está dormindo?

– Não – disse Demelza.

Então ela se mexeu e colocou seu dedo no braço dele.

Ele se levantou lentamente e se inclinou sobre ela, pegou a face dela em suas mãos e beijou-a nos olhos, na boca, e na testa. Com a moleza estranha de um tigre, ela o permitiu fazer o que ele queria. E, imediatamente, o coração branco do interior da flor ficou livre de suas pétalas. Foi só então que ela ergueu suas mãos até a face dele e retribuiu o seu beijo.

Capítulo Onze

Eles foram para casa no dia seguinte depois de um jantar mais cedo, caminhando assim como tinham vindo, através do caminho pela colina, pelo vilarejo de Sawle e pela enseada de Nampara. Eles haviam se despedido de seus familiares, e estavam sozinhos novamente, andando em passos largos pelo brejo coberto de matagal.

Durante algum tempo, eles conversaram, assim como fizeram na noite anterior, de maneira inconstante, confidencial, rindo juntos e em silêncio. Houve chuva naquela manhã, carregada e sem vento, mas ela cessou enquanto eles jantavam, e o céu se abrira. Agora, as nuvens se agrupavam novamente. A maré estava muito cheia.

Demelza estava tão feliz que a sua provação havia acabado, e acabado de um jeito decente e até mesmo triunfante, que ela pegou o braço dele e começou a cantar. Ela dava passos largos e masculinos para acompanhá-lo, mas de vez em quando dava um pulinho para compensar a distância perdida. Ela os encaixou em sua canção, de modo que sua voz dava um salto de elevação juntamente com os seus pés.

Antes de o sol se pôr, o dia escuro apareceu no horizonte, e o mar e a terra se encheram de luz. Com o calor repentino sob as nuvens que desciam, todas as ondas ficaram desordenadas e corriam em uma confusão irregular com suas cristas se jogando e brilhando no sol.

Demelza pensou: estou mais segura nele do que já estive antes. Como eu era ignorante naquela primeira manhã de junho, pensando que tudo estava certo. Mesmo naquela noite de agosto quando as sardinhas chegaram, mesmo naquele momento não havia nada que eu tivesse para comparar. Durante o último verão inteiro, eu disse a mim mesma que isto era tão certo quanto qualquer coisa poderia ser. Eu tinha certeza. Mas ontem à noite foi diferente. Depois de sete horas inteiras na companhia de Elizabeth, ele ainda me quis no final. Depois de uma conversa só entre eles dois, quando ela estava dando olhares para ele como uma gata, ele ainda voltou para mim. Talvez ela não seja tão ruim assim. Talvez ela não seja como uma gata. Talvez eu sinta pena ela. Por que o

Francis parece estar tão entediado? Talvez eu sinta pena dela afinal de contas.

A querida Verity me ajudou. Espero que o meu bebê não tenha olhos de bacalhau como Geoffrey Charles. Acho que estou ficando mais magra, não mais gorda. Espero que não haja nada de errado. Eu queria não me sentir tão enjoada. Ruth Treneglos é pior do que a Elizabeth. Ela não gostou que eu fiquei instigando o seu marido que só gosta de cães de caça e lebres. Como se eu me importasse com ele. Mas eu não gostaria de encontrá-lo em um beco escuro sem ninguém por perto. Acho que ela sentiu inveja de mim de outro jeito. Talvez ela quisesse que Ross tivesse se casado com ela. De qualquer jeito, agora estou indo para a *minha* casa, para o Jud careca e a Prudie gorda e a Jinny ruiva e o Cobbledick de pernas longas, estou indo para casa para que eu mesma fique gorda e feia. E eu não ligo. Verity estava certa. Ele vai continuar comigo. Não porque ele me deve isso, mas porque ele quer. Não posso me esquecer de Verity. Vou tramar tudo como uma serpente. Eu adoraria ir em uma das festas de jogatina de George Warleggan. Será que irei algum dia? Será que Prudie se lembrou de alimentar os bezerros? Será que ela queimou o bolo? Será que vai chover? Ai meu Deus, será que eu vou vomitar?

Eles chegaram a Sawle, cruzaram a barreira de cascalhos, e subiram a colina até o outro lado.

– Você está cansada? – Ross perguntou, pois ela parecia estar ficando para trás.

– Não, não – era a primeira vez que ele tinha perguntado isso.

O sol havia desaparecido agora e as beiradas do céu estavam escuras. Depois de um breve carnaval, as ondas haviam se reagrupado e adentravam a enseada, revelando grutas submarinas verdes e compridas quando se retraíam para se quebrarem em seguida.

E Ross soube novamente que ele estava feliz, de uma maneira nova e menos efêmera do que antes. Ele estava cheio de uma sensação estranha de esclarecimento. Para ele, era como se toda a sua vida tivesse se movido em direção a este único momento, depois das várias linhas difusas durante vinte anos.

Desde a sua velha infância correndo descalço e sem pensar, sob o sol das areias de Hendrawna, desde o nascimento de Demelza na miséria de um chalé de mineradores, desde as planícies da Virgínia e os locais abertos da feira em Redruth, desde os impulsos complexos que controlaram a escolha de Elizabeth por Francis e desde as filosofias simples da própria fé de Demelza, tudo fora puxado em direção a um fim comum – e aquele fim era um momento de esclarecimento, compreensão e plenitude. Alguém – um poeta latim – havia definido a eternidade como nada além disso: segurar e possuir a completude inteira da vida dentro de um instante, no aqui e no agora, passado e presente e o que está por vir.[30]

Ele pensou: se nós pudéssemos apenas *parar* a vida por um instante, eu a pararia aqui. Não quando eu chegar em casa, não ao sair de Trenwith, mas aqui, aqui chegando ao topo da colina nos arredores de Sawle, o entardecer limpando as beiradas da terra e Demelza caminhando e cantarolando ao meu lado.

Ele sabia das coisas que pediam a sua atenção. A existência inteira era um ciclo de dificuldades a serem enfrentadas e obstáculos a serem superados. Mas neste momento, ao entardecer do dia de Natal de 1787, ele não estava preocupado com o futuro, apenas com o presente. Ele pensou: não sinto fome, nem sede, nem luxúria, nem inveja; não me sinto confuso, nem fatigado, nem ambicioso, nem rancoroso. Logo à frente, no futuro imediato, há uma porta aberta à espera e uma casa aquecida, cadeiras confortáveis, quietude e companheirismo. Que eu me agarre a isso.

No entardecer gradual, eles contornaram a enseada de Nampara e começaram a última subida rápida ao lado do córrego em direção à casa.

Demelza começou a cantar, de maneira atrevida e com uma voz profunda:

‘Havia um casal de idosos e eles eram pobres,
*L*á-rá*, lá-rá,* lá *lá lá-rá.’*

FIM

Copyright © 1945 by Winston Graham.
Copyright © 2018 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.
Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Bianca Costa Sales
Revisão: Vera Lúcia Gusson Said
Capa: Imagem de Aidan Turner: Fotografia Robert Viglasky © Mammoth Screen Limited 2014.
Todos os direitos reservados.

G738r Graham, Winston, 1908 - 2003.
Ross Poldark / Winston Graham . – Domingos Martins, ES : Pedrazul Editora, 2018.
ISBN 978-85-665-4954-6

Título original: Ross Poldark

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título. II. Costa Sales, Bianca.

CDD – 810

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
Rua Professora Zilda Andrade, 260 B, Bairro de Lourdes
Vitória – ES – Cep: 29042-751
www.pedrazuleditora.com.br

contato@pedrazuleditora.com.br

---

[1] - Nome popular da planta *Leonurus cardiaca*; é usada tradicionalmente na forma de extratos, chás e infusões para melhorar a fertilidade feminina.

[2] - *D*eus pagão adorado pelos amonitas (um dos grupos étnicos da região de Canaã) através de sacrifícios de crianças, mencionado na passagem bíblica 1 Reis 11:5.

[3] - Referência à decisiva Batalha de Cartago entre 149 e 148 d.C., ao final da Terceira Guerra Púnica, na qual a tomada da cidade pelos exércitos da República romana os deu uma importante vitória que culminou na destruição tanto da cidade, quanto do império de Cartago.

[4] - *Quid… Tutum* – passagem de uma das epístolas do autor romano Ovídio, traduzido livremente do Latim: “o que quer que o amor ordene, não deverá ser ignorado”.

[5] - Refere-se a espécie de árvore *Syringa vulgaris*, popularmente conhecida como Lilás devido à cor marcante de suas flores azul-arroxeadas.

[6] - Bebida alcoólica popular neste período feita de água e mel fermentado.

[7] - *Stippy-Stappy* – o autor faz referência a um local real na Cornualha, a pitoresca Stippy Stappy Lane, uma ruazinha estreita que é conhecida pelos chalés tradicionais que rodeiam.

[8] - Antolhos – acessório de montaria colocado em volta dos olhos do equino para reduzir sua visão lateral; também é conhecido popularmente como viseira, ou “tapa”.

[9] - *Dr. Burns* – acredita-se que aqui o autor se refere à obra *Justice of the Peace*, publicada em 1755, de autoria de Richard Burns, até o momento sem tradução no Brasil.

[10] - *Metodisa* – Demelza quis dizer Metodista, referindo-se a uma denominação específica dentro do Cristianismo protestante, grupo este que teve sua origem em um movimento de renovação dentro da igreja Anglicana no século XVIII.

[11] - Torta de sardinhas – tradução livre de *starry-gazey pie*, nome dado à tradicional torta de sardinhas da Cornualha, tipicamente decorada com os rabos ou cabeças dos peixes aparecendo para fora da massa.

[12] - Áries *odeia aqueles que demoram* – tradução aproximada do grego antigo. Mr. Treneglos faz referência à conhecida expressão do verso 722 da tragédia de Euripides, *Os Heráclidas*.

[13] - *Rendimentos... 1756* – Acredita-se que o autor se referiu à recessão econômica enfrentada pela Inglaterra durante o período e as consequências disso sobre a Companhia das Índias Orientais, na qual muitos ingleses investiam seu capital privado. Houve uma queda considerável nos rendimentos da companhia nesse ano, devido às dificuldades para manter sua autoridade na Índia em meio a várias revoltas; a recessão que se sucedeu, portanto, refletiu diretamente sobre investimentos tanto públicos quanto privados.

[14] - *Livre* – moeda francesa também conhecida em português como libra francesa.

[15] - Carrinhos de mão – durante as grandes epidemias da idade moderna na Inglaterra, a exemplo da peste negra de 1665, os grandes números de cadáveres eram tipicamente trazidos em pilhas para as paróquias em carrinhos-de-mão ou carroças.

[16] - *Tito Lívio* – um dos principais historiadores contemporâneos de Roma antiga, famoso na literatura europeia por sua obra-prima que relata a história da cidade desde a sua fundação, *Ab Urda condita libri*, cujos primeiros cinco volumes foram publicados entre 27 e 25 a.C.

[17] - *Ruibarbo* – planta típica da Eurásia, cujo fruto pode ser consumido após o cozimento e cujas folhas são tradicionalmente para fazer chá.

[18] - *Timeo… ferentes* – citação direta da célebre obra épica de Virgílio, *Eneida* (livro II, verso 49), cuja tradução do latim é: ‘eu temo os Gregos mesmo quando trazem presentes’.

[19] - *Sheridan* – refere-se ao poeta e dramaturgo irlandês Richard Brinsley Sheridan (1751-1816).

[20] - *Então… jovem* – citação direta da peça *Noite de Reis* (ato 2, cena 3, verso 49), de William Shakespeare. Tradução livre.

[21] - *A beleza…devorá-la-ão* – livre tradução da citação direta do poema *Em Tempos de Peste* (versos 15-16), de composição de Thomas Nashe em 1593.

[22] - *Todo… saber* – livre tradução da citação direta da peça *Noite de Reis* (ato 2, cena 3, verso 42), de William Shakespeare.

[23] - *O exercício… razão* – livre tradução da citação direta de alguns fragmentos do soneto 129 de William Shakespeare.

[24] - *Saudades* – nome popular dado à flor silvestre *Scabiosa atropurpurea*.

[25] - *Bom Livro... próximo* – referência à passagem Biblíca: Deuteronômio 19:14.

[26] - Segunda Vinda – refere-se à profecia bíblica do retorno de Jesus Cristo no fim dos tempos.

[27] - *Sexta-feira* – refere-se a um dos personagens do romance de 1719 *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe. Resgatado de uma tribo canibal pelo protagonista, Crusoé, a gratidão de Sexta-feira o levou a se tornar seu criado e companheiro na ilha semideserta onde ambos se encontravam. Sexta-feira é descrito como um indígena norte-americano de religião pagã e é convertido ao cristianismo por Crusoé, que lhe dá este nome peculiar.

[28] - *Revolta do Livro de Oração Comum* – em 1549, durante o reinado de Eduardo VI (sucessor de Henrique VIII), foi introduzido na Inglaterra o polêmico Livro de Oração Comum (*Book of Common Prayer*). Este buscava cimentar a recente transição do Catolicismo para o Anglicanismo no país ao introduzir uma nova liturgia e abolir o caráter sacrificial da missa, dentre outros fatores particulares à Reforma Protestante na Inglaterra. A revolta subsequente foi uma rebelião popular nos condados de Devon e da Cornualha, onde a população católica resistia fortemente às reformas.

[29] - *Rufo Elizabetano* – refere-se ao colarinho de renda engomado bastante proeminente que se usava em volta do pescoço como acessório de moda típico da era Elizabetana na Inglaterra.

[30] - Referência à definição da eternidade pelo poeta, filósofo e senador romano, Boécio, tal que consta em sua obra de considerável influência na filosofia ocidental, *A Consolação da Filosofia* (*De consolatione philosophiae*): ‘A eternidade é a posse completa, perfeita, e simultânea da vida sem fim. [...] Portanto, apenas

aquilo que compreende e possui a plenitude completa da vida sem fim ao mesmo tempo, na qual nada do futuro ou do passado pode estar ausente, deve ser chamado corretamente de eterno' (livro V, capítulo 6, tradução livre).